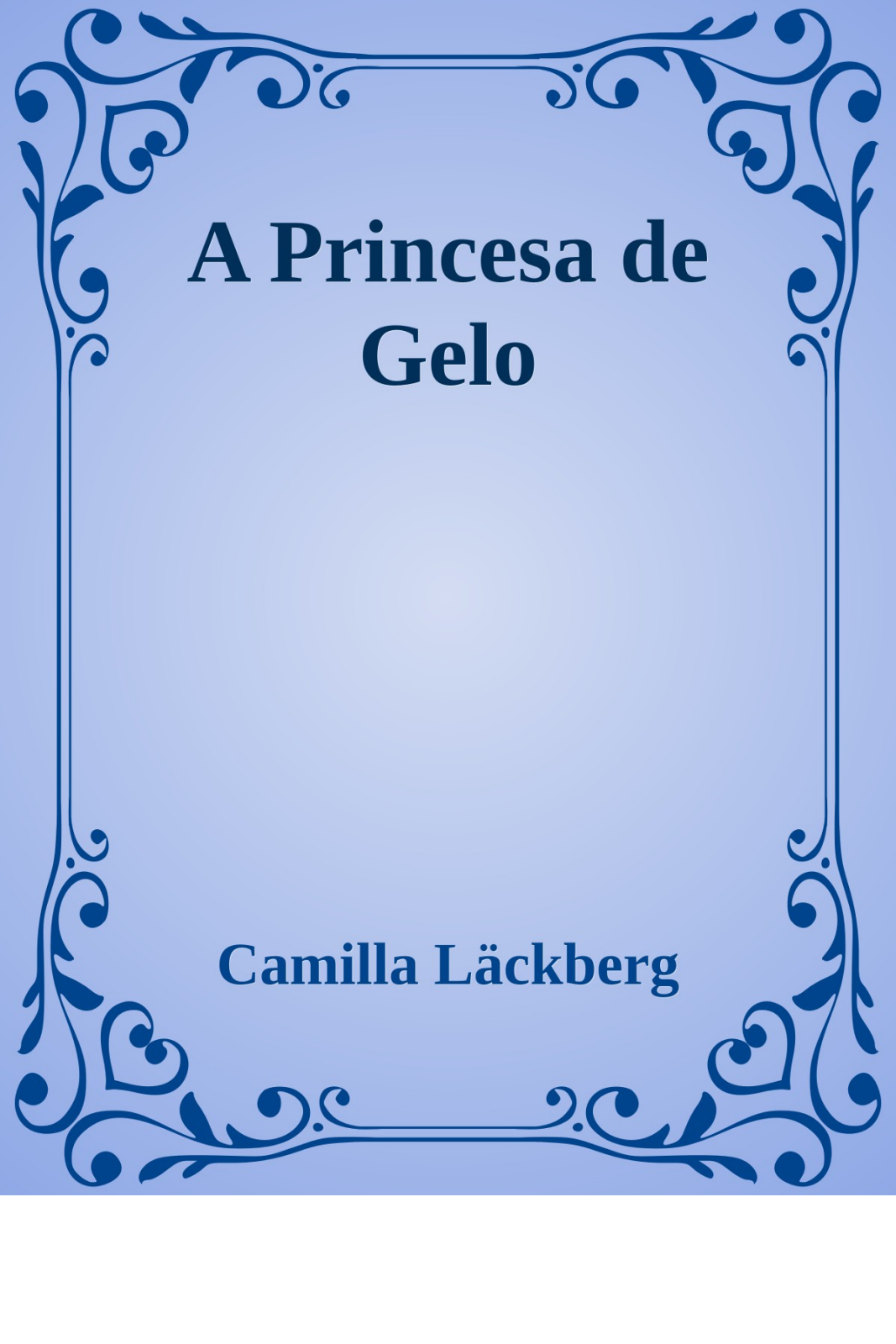


A decorative border in a dark blue color, featuring intricate floral and scrollwork patterns that frame the central text.

A Princesa de Gelo

Camilla Läckberg

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A PRINCESA DE GELO

A NOVA AGATHA CHRISTIE QUE VEM DO FRIO

CAMILLA LÄCKBERG



Ficha Técnica

Título original: Isprinsessan

Título original: A Princesa de Gelo

Autor: Camilla Läckberg

Tradução do inglês por Ricardo Gonçalves

Revisão: Sofia Graça Moura

ISBN: 9789722058117

Publicações Dom Quixote uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+ 351) 21 427 22 00

Fax. (+ 351) 21 427 22 01

© 2003, Camilla Läckberg

Publicado originalmente por Warne, Suécia.

Publicado em Portugal por acordo com Nordin Agency, Suécia.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

Camilla Läckberg

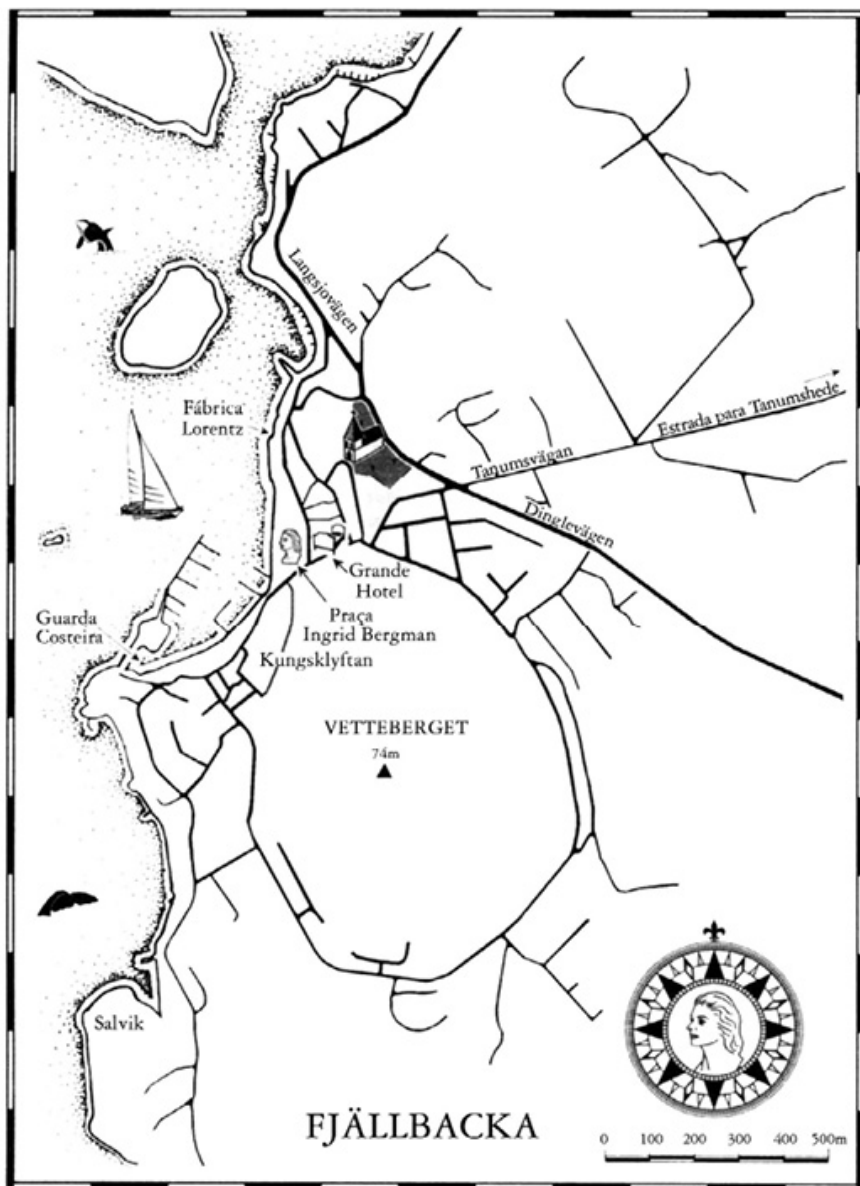
A Princesa

de Gelo

Tradução do inglês

Ricardo Gonçalves

Para Wille



1

A CASA ESTAVA ABANDONADA E VAZIA. O FRIO INVADIA TODOS OS

RECANTOS. NA BANHEIRA TINHA-SE FORMADO UMA FINA PELÍCULA DE

GELO. ELA TINHA COMEÇADO A ADQUIRIR UMA LIGEIRA
TONALIDADE

AZULADA.

ELE PENSOU QUE, ALI DEITADA, ELA PARECIA UMA PRINCESA.
UMA PRINCESA DE GELO.

O CHÃO ONDE ELE SE SENTAVA ESTAVA GELADO, MAS O FRIO
NÃO O

INCOMODAVA. ESTENDEU O BRAÇO E TOCOU-LHE.

O SANGUE NOS PULSOS DELA CONGELARA HÁ MUITO.

O AMOR QUE SENTIA POR ELA NUNCA FORA TÃO INTENSO.
ACARICIOU-LHE

O BRAÇO COMO SE ACARICIASSE A ALMA QUE TINHA AGORA
ABANDONADO

AQUELE CORPO.

NÃO OLHOU PARA TRÁS QUANDO SAIU. NÃO LHE DIZIA «ADEUS»,
APENAS

«ATÉ BREVE».

EILERT BERG não era um homem feliz. Respirava com esforço e o ar saía-lhe da boca em pequenos bafores brancos, mas Eilert não considerava que a saúde fosse o seu maior problema.

Svea era tão bonita quando era jovem que Eilert mal tinha conseguido esperar até poder levá-la para o leito nupcial. Parecera-lhe terna, afectuosa e um pouco tímida. A sua verdadeira natureza viera ao de cima após um período de desejo juvenil demasiado breve. Svea batera o pé e mantivera-o com rédea curta durante quase cinquenta anos. Mas Eilert tinha um segredo.

Vislumbrou pela primeira vez a oportunidade de alguma liberdade no outono da sua vida, e não tencionava desperdiçá-la.

Labutara esforçadamente como pescador a vida toda, mas os proventos apenas tinham chegado para sustentar Svea e as crianças. Depois de Eilert se reformar, só podiam contar com as suas escassas pensões para subsistir.

Sem dinheiro nos bolsos, não havia hipótese de recomeçar a vida sozinho noutro lado qualquer. Agora aparecera aquela oportunidade, como uma dádiva dos céus e, além disso, era tão fácil que dava vontade de rir. Mas, se alguém estava disposto a pagar-lhe uma quantia escandalosa por umas escassas horas de trabalho semanais, o problema não era dele. Não se ia queixar. Num ano apenas, a pilha de notas na caixa de madeira por detrás do monte de adubo tinha aumentado de forma impressionante, e em breve teria o suficiente para se mudar para climas mais amenos.

No último lanço íngreme do caminho de acesso à casa, parou para recuperar o fôlego e massajou as mãos artríticas. A Espanha, ou talvez a Grécia, derreteriam o gelo que parecia emanar das profundezas do seu ser.

Eilert calculava que lhe restavam pelo menos dez anos até ir desta para melhor, e tencionava aproveitá-los o melhor possível; maldito fosse se os ia passar em casa com aquela cabra velha.

A sua caminhada diária às primeiras horas da manhã era o único momento que passava em paz e sossego; além de também lhe permitir fazer algum do exercício de que tanto precisava. Tomava sempre o mesmo caminho, e as pessoas que lhe conheciam os hábitos costumavam sair das suas casas para conversar com ele. Gostava sobretudo de falar com a bonita

rapariga da casa mais distante, no cimo da colina, junto da escola de Håckebacken. Só estava lá aos fins-de-semana, sempre sozinha, mas parecia feliz por poder ficar uns momentos a falar do tempo. A menina Alexandra interessava-se igualmente pela Fjällbacka dos velhos tempos, e este era um assunto sobre o qual Eilert gostava de conversar. E também era bonita de se ver. Isso era algo que ele ainda apreciava, apesar de agora já ser velho. Claro que houvera bastante coscuvilhice a respeito dela, mas quando se começava a prestar atenção à tagarelice das mulheres, quase não sobrava tempo para mais nada.

Há cerca de um ano, a jovem perguntara-lhe se ele não queria ir a casa dela, quando passasse por lá, às sextas-feiras de manhã. A casa era velha, e a caldeira e a canalização não eram de confiança. Alexandra não gostava de encontrar a casa fria aos fins-de-semana. Dar-lhe-ia uma chave, para que Eilert fosse dar uma vista de olhos e se certificasse de que estava tudo em condições. Houvera também uma série de assaltos na zona; por isso, Eilert deveria igualmente certificar-se de que não havia sinais de tentativas de forçar portas e janelas.

A tarefa não parecia demasiado fatigante e, uma vez por mês, havia um envelope com o seu nome à espera na caixa de correio dela, contendo o que, para Eilert, era uma quantia principesca. Pensou igualmente que era agradável sentir-se útil. Era tão difícil andar por ali sem nada para fazer depois de ter trabalhado a vida inteira.

O portão pendia empenado e chiou quando Eilert o empurrou na direcção do caminho de acesso ao jardim, do qual a neve ainda não tinha sido removida. Perguntou-se se deveria pedir a um dos rapazes para o ajudarem nessa tarefa. Não era trabalho para uma mulher.

Procurou a chave com cuidado para não a deixar cair na espessa camada de neve. Se tivesse de se pôr de joelhos, nunca conseguiria levantar-se novamente. Os degraus que conduziam ao alpendre estavam congelados e escorregadios, e Eilert teve de se agarrar ao corrimão. Estava prestes a introduzir a chave na fechadura quando reparou que a porta estava entreaberta. Espantado, abriu-a e entrou.

– Olá! Está alguém em casa?

Talvez a rapariga tivesse chegado um pouco mais cedo nesse dia. Não houve resposta. Reparou no bafo que lhe saía da boca e apercebeu-se de que a casa estava gelada. De repente, ficou sem saber o que fazer. Havia algo

que não estava nada bem, e não lhe parecia que fosse apenas uma caldeira avariada.

Percorreu as divisões. Nada parecia ter sido remexido. A casa estava limpa e arrumada como era habitual. O vídeo e o televisor estavam no seu lugar. Depois de ter procurado por todo o rés-do-chão, Eilert subiu ao primeiro andar. A escadaria era íngreme e teve de se agarrar com força ao corrimão. Quando alcançou o andar de cima, dirigiu-se primeiro ao quarto.

Era feminino, estava mobilado com gosto, e tão limpo e arrumado como as outras divisões da casa. A cama estava feita e, aos seus pés, havia uma mala da qual nada parecia ter sido retirado. De repente, sentiu-se um pouco tolo.

Talvez ela tivesse chegado mais cedo do que o costume, descoberto que a caldeira não estava a funcionar e tivesse ido procurar alguém para a reparar.

Mas, na verdade, Eilert não acreditava nessa explicação. Havia algo de errado. Consequia senti-lo nas articulações, da mesma forma que às

vezes adivinhava que se aproximava uma tempestade. Continuou cuidadosamente a verificar o interior da casa. A divisão seguinte era um sótão amplo, com um tecto inclinado e vigas de madeira. Havia dois sofás, frente a frente, de ambos os lados de uma lareira e, exceptuando algumas revistas espalhadas na mesa de apoio, tudo o mais estava no seu lugar. Voltou a descer ao rés-do-chão. Também ali tudo parecia estar como devia. Nem a cozinha nem a sala de estar pareciam diferentes do habitual. A única divisão onde ainda não tinha entrado era a casa de banho. Algo fez com que se detivesse antes de abrir a porta. A casa permanecia num silêncio absoluto. Deixou-se ali ficar momentaneamente hesitante, mas apercebeu-se de que estava a agir de forma ridícula e abriu a porta com firmeza.

Segundos depois, Eilert corria para a rua tão depressa quanto a sua idade permitia. Lembrou-se mesmo a tempo de que os degraus estavam escorregadios, e agarrou-se ao corrimão para não cair pelas escadas abaixo.

Arrastou-se penosamente sobre a neve no caminho para o jardim e praguejou quando o portão bateu. Deteve-se no passeio sem saber o que fazer. Pouco depois, quando descia a rua, avistou alguém que se aproximava apressadamente e reconheceu a filha de Tore, Erica. Gritou-lhe que parasse.

Estava cansada. Terrivelmente cansada. Erica Falck desligou o computador e dirigiu-se à cozinha para voltar a encher a chávena de café.

Sentia-se pressionada por toda a gente. A editora queria um primeiro esboço do livro em Agosto, e Erica mal o tinha começado. O livro sobre Selma [Lagerlöf](#)² – a sua quinta biografia sobre escritoras suecas – deveria ser o melhor de todos, mas Erica não sentia a mínima vontade de escrever.

Passara mais de um mês desde a morte dos pais, mas a sua dor era igual à que sentira quando recebera a notícia. Limpar a casa dos pais também não tinha sido tão rápido como esperara. Tudo lhe trazia recordações. Levou horas a encher cada caixa de cartão, pois todos os objectos a mergulhavam em imagens de uma vida que por vezes lhe parecia muito próxima, outras, muitíssimo distante. Mas esta tarefa tinha de levar o seu tempo. O

apartamento de Erica em Estocolmo fora entretanto subalugado, e ela achou que podia ficar ali a escrever, em casa dos pais, em Fjällbacka. A casa ficava um pouco afastada da vila, em Sälvik, e o ambiente era

calmo e pacífico.

Erica sentou-se na varanda fechada a contemplar as ilhas e os rochedos. A vista deixava-a sempre sem respiração. Cada nova estação trazia o seu próprio cenário espectacular, e naquele dia a ilha estava banhada por um sol brilhante que derramava cascatas de luz cintilante sobre a espessa camada de gelo que se formara sobre o mar. O pai teria adorado um dia como aquele.

Sentiu um nó na garganta e, subitamente, o ar da casa pareceu-lhe sufocante. Decidiu sair para dar um passeio. O termómetro indicava quinze graus abaixo de zero, por isso vestiu várias camadas de roupa. Ainda sentia frio quando saiu de casa, mas não tardou muito que o seu passo apressado a aquecesse.

Lá fora estava tudo gloriosamente sossegado. Não havia ninguém por perto. O único som que ouvia era o da sua própria respiração. Era um contraste absoluto com os meses de Verão, quando a vila fervilhava de vida.

Erica preferia estar longe de Fjällbacka no Verão. Apesar de saber que a sobrevivência da vila dependia do turismo, tinha a sensação de que no Verão era invadida por uma praga de gafanhotos.

Um monstro com muitas cabeças que, lentamente, ano após ano, engolia a velha aldeia piscatória comprando as casas junto ao mar, fazendo com que durante nove meses por ano se tornasse numa vila-fantasma.

A pesca fora o modo de vida de Fjällbacka durante séculos. O meio ambiente inclemente e a luta constante pela sobrevivência, quando tudo

dependia da maior ou menor abundância de arenque, tinham tornado as pessoas da vila fortes e austeras. Depois, Fjällbacka tornou-se pitoresca e começou a atrair turistas de carteiras recheadas. Ao mesmo tempo, a pesca perdeu importância como fonte de rendimento, e Erica julgava conseguir ver a cabeça dos residentes permanentes mais inclinada a cada ano que passava. Os jovens iam-se embora, e os habitantes mais idosos sonhavam com tempos passados. Erica também se encontrava entre os que escolheram deixar a vila.

Apressou ainda mais o passo e virou à esquerda na direcção da colina que conduzia à escola de Håckebacken. Quando estava quase no cimo da colina, ouviu Eilert Berg a gritar qualquer coisa que não conseguiu compreender.

Estava a agitar os braços e vinha na sua direcção.

– Ela está morta.

Eilert respirava com dificuldade, arfava, e um desagradável som sibilante saía-lhe dos pulmões.

– Acalme-se, Eilert. Que aconteceu?

– Está ali prostrada! Morta.

Eilert apontou para a grande casa de madeira azul-clara no cume da colina, ao mesmo tempo que lhe dirigia um olhar suplicante.

Erica levou alguns segundos a compreender o que o homem lhe estava a dizer, mas, quando as palavras fizeram sentido, empurrou o portão renitente e, com dificuldade, abriu caminho até à entrada. Eilert tinha deixado a porta entreaberta e Erica subiu cuidadosamente para a soleira, sem saber ao certo o que poderia encontrar. Por qualquer motivo, nem se lembrou de perguntar.

Eilert seguiu-a cautelosamente e, em silêncio, apontou para a casa de banho do rés-do-chão. Erica não tinha pressa. Virou-se e dirigiu a Eilert um breve olhar interrogativo. Ele estava pálido, e a voz soou fraca:

– Ali.

Há muito que Erica não ia àquela casa, mas em tempos conhecera-a bem, e sabia onde era a casa de banho. Estremeceu de frio, apesar das suas roupas quentes. Abriu lentamente a porta da casa de banho e entrou.

Não sabia ao certo o que esperar depois das breves palavras de Eilert, mas nada a tinha preparado para o sangue. A casa de banho estava totalmente revestida de azulejos brancos, por isso o efeito do sangue na banheira e em torno dela era ainda mais impressionante. Por um segundo chegou a pensar que o contraste era bonito, até se aperceber de que uma pessoa de carne e

osso jazia na banheira.

Apesar do estranho efeito entre o branco e o azul no corpo, Erica reconheceu-a imediatamente. Era Alexandra Wijkner, Carlgren em solteira, filha dos proprietários daquela casa. Tinham sido as melhores amigas enquanto crianças, mas isso parecia a uma vida inteira de

distância. Agora, a mulher que estava na banheira parecia-lhe uma estranha.

Felizmente, os olhos do cadáver estavam fechados, mas os lábios eram de um azul reluzente. Em redor do busto formara-se uma fina película de gelo, escondendo completamente a parte inferior do corpo. O braço direito, raiado de sangue, pendia inerte sobre a borda da banheira, com os dedos mergulhados no charco de sangue congelado no chão. Havia uma lâmina de barbear na borda da banheira. O outro braço apenas era visível acima do cotovelo; a outra parte estava oculta sob o gelo. Os joelhos também sobressaíam da superfície gelada. A comprida cabeleira loura de Alex abria-se como um leque sobre a extremidade da banheira, mas parecia quebradiça e congelada pelo frio.

Erica ficou muito tempo a olhar para Alexandra. Estava a tremer por causa do frio e da solidão que o quadro macabro mostrava. Então, recuou silenciosamente para fora da divisão.

Depois, tudo parecia ter acontecido numa névoa indistinta. Pegou no telemóvel, ligou ao médico de serviço e esperou com Eilert até o médico e a ambulância aparecerem. Reconheceu os mesmos sinais de choque de quando recebera a notícia da morte dos pais e, assim que chegou a casa, serviu-se de uma generosa dose de conhaque. Talvez não fosse o que o médico receitaria, mas fez com que as suas mãos parassem de tremer.

Ver Alex levava-a de volta à infância. Há mais de vinte e cinco anos que tinham sido as melhores amigas, mas, apesar de muitas pessoas terem entrado e saído da sua vida depois disso, ainda trazia Alex no coração.

Naquela altura eram apenas crianças. Em adultas não se tinham relacionado uma com a outra mas, mesmo assim, era difícil para Erica aceitar a ideia de que Alex tinha posto fim à vida – a interpretação inevitável daquilo que vira. A Alexandra que conhecera era uma das pessoas mais confiantes e cheias de vida que Erica conseguia imaginar. Uma mulher atraente e autoconfiante, com um brilho que fazia com que as pessoas se virassem para olhar para ela. Segundo o que conseguira apurar através dos

mexericos, a vida tinha sido fácil para Alex, tal como Erica calculara que seria. Dirigia uma galeria de arte em Gotemburgo, era casada com um homem bem-sucedido e simpático, e vivia num solar na ilha de Säre. Mas era óbvio que algo tinha corrido mal.

Erica sentiu que precisava de se distrair, por isso marcou o número de telefone da irmã.

– Estavas a dormir?

– Estás a gozar? O Adrian acordou-me às três da manhã e, quando finalmente adormeceu, às seis, acordou-me a Emma porque queria brincar.

– E, para variar, não podia ser o Lucas a levantar-se?

Fez-se um silêncio gelado no outro extremo da linha, e Erica mordeu a língua.

– Lucas tem uma reunião importante hoje, por isso precisava de dormir.

Além disso, o trabalho dele está a passar por um período de instabilidade. A empresa está numa fase estratégica decisiva.

A voz de Anna estava a subir de tom, e Erica conseguia sentir a histeria.

Lucas tinha sempre uma desculpa preparada, e Anna estava provavelmente a citá-lo. Se não fosse uma reunião importante, era o *stress* por causa da quantidade de decisões de peso que tinha de tomar, ou eram os nervos à flor da pele por causa da pressão de ser, como ele dizia, um empresário de sucesso. Por isso, toda a responsabilidade com as crianças recaía sobre Anna. Com uma filha de três anos irrequieta e um bebé de quatro meses, Anna parecia dez anos mais velha do que os seus trinta anos, quando as irmãs se encontraram no funeral dos pais.

– Querida, não mexas nisso! – gritou Anna em inglês.

– A sério, não achas que está na altura de começares a falar em sueco com a Emma?

– Lucas acha que devemos falar inglês em casa. Diz que, de qualquer maneira, vamos mudar-nos para Londres antes de a Emma entrar na escola.

Erica estava farta de ouvir as frases «Lucas pensa, Lucas diz, Lucas acha que...» Para Erica, o cunhado era um exemplo gritante de um sacana de primeira classe.

Anna conhecera-o quando trabalhava como ama em Londres e ficara logo encantada com as atenções do corretor de sucesso Lucas Maxwell, dez anos mais velho do que ela. Desistira de todos os planos de começar a universidade e, em vez disso, dedicou-se a ser a mulher perfeita e ideal. O

único problema é que Lucas é um homem permanentemente insatisfeito, e Anna, que desde criança sempre fizera exactamente o que queria, abdicara totalmente da sua personalidade depois de se casar com ele. Antes de os sobrinhos nascerem, Erica ainda teve esperança de que a irmã caísse em si, que deixasse Lucas e começasse a viver a sua própria vida. Mas, quando Emma, e depois Adrian, nasceram, teve de admitir que, infelizmente, o cunhado estava ali para ficar.

– É melhor esquecermos o assunto *Lucas e as suas opiniões sobre a educação de crianças*. Que malandrices é que os queridinhos da tia têm andado a fazer?

– Bem, apenas o costume, tu sabes... Ontem, a Emma teve uma explosão de raiva e conseguiu retalar uma pequena fortuna em roupa de bebé antes de a ter conseguido apanhar, e há três dias que o Adrian tem estado alternadamente a vomitar ou a gritar sem parar.

– Parece que precisas de mudar de cenário. Não podes vir cá passar uma semana e trazê-los contigo? Dava-me mesmo jeito a tua ajuda para resolver uma série de assuntos. E, não tarda nada, também vamos ter de tratar de toda a papelada.

– Bem, sabes... estávamos a pensar falar contigo sobre isso.

Como sempre, quando tinha de lidar com qualquer coisa desagradável, a voz de Anna começava a tremer. Instintivamente, Erica ficou na defensiva.

Aquele «nós» soou ameaçador. Quando Lucas metia o nariz no assunto era, em geral, para fazer algo que o beneficiava a ele e prejudicava todos os demais.

Erica esperou que Anna prosseguisse.

– Assim que a sucursal sueca estiver a funcionar, Lucas e eu estamos a pensar mudar-nos para Londres. Não estávamos realmente a pensar manter aqui uma casa. E para ti também não tem interesse, preocupares-te com um casarão no campo. Quer dizer, sem família nem nada...

O silêncio era palpável.

– O que estás a querer dizer?

Erica enrolou uma madeixa de cabelo encaracolado no indicador, um hábito que tinha desde a infância, e que regressava sempre que ficava nervosa.

– Bem... Lucas acha que devíamos vender a casa. Ser-nos-ia difícil mantê-la e conservá-la. Além disso, queremos comprar uma casa em

Kensington quando nos mudarmos para lá e, apesar de Lucas ganhar bem, o dinheiro da venda daria muito jeito. Quer dizer, uma casa na costa ocidental, naquela zona, deverá valer vários milhões de coroas³. Os Alemães são doidos pela vista e pelo ar do mar.

Anna continuou a insistir na sua argumentação, mas Erica sentiu que já ouvira o suficiente e desligou suavemente o telefone a meio de uma frase.

Anna tinha realmente conseguido desviar-lhe a atenção, como sempre.

Ela sempre fora mais uma mãe para Anna do que uma irmã mais velha.

Desde criança que a protegia e tomava conta dela. Anna fora uma verdadeira força da natureza, um remoinho que seguia os seus próprios impulsos sem pensar nas consequências. Erica tinha sido obrigada a salvá-la de situações complicadas vezes sem conta. Lucas tinha-lhe roubado a espontaneidade e a *joie de vivre*⁴. Mais do que tudo, era isso que Erica nunca lhe perdoaria.

Pela manhã, os acontecimentos do dia anterior assemelhavam-se a um pesadelo. Erica dormira um sono profundo e sem sonhos, mas sentia que mal tinha passado pelas brasas. Estava tão cansada que todo o corpo lhe doía. O estômago estava a dar horas, mas, depois de uma rápida espreitadela ao frigorífico, Erica apercebeu-se de que antes de poder comer alguma coisa era necessária uma ida ao supermercado de Eva.

A vila estava deserta, e na Praça Ingrid Bergman não havia qualquer vestígio do próspero comércio dos meses de Verão. A visibilidade era boa, sem nevoeiro nem chuviscos, e Erica conseguia abarcar com o olhar toda a distância até ao ponto mais afastado da ilha de Valö, cuja silhueta se recortava no horizonte. Juntamente com a de Kråkholmen, a ilha delimitava uma passagem estreita para o arquipélago exterior.

Não viu ninguém até ter subido metade do caminho para Galärbacken.

Nessa altura teve um encontro que teria preferido evitar; por isso, procurou instintivamente uma escapatória.

– Bom dia! – a voz de Elna Persson chilreou com vivacidade descarada. –

Ora se não é a nossa pequena autora a caminhar sob o sol da manhã.

Erica retraiu-se.

– Sim, estava a caminho do supermercado de Eva para fazer umas compras.

– Pobrezinha, deve estar completamente perturbada depois de uma experiência tão horrível.

O duplo queixo de Elna tremeu de excitação, e Erica pensou que a mulher parecia um pequeno pardal gordo. O casaco de lã tinha matizes de verde e cobria-lhe o corpo dos ombros até aos pés, dando a impressão de uma enorme massa informe. As mãos da mulher agarravam firmemente a mala de mão. Um chapéu desproporcionadamente pequeno balançava-lhe na cabeça. Parecia ser de feltro, e também era de uma cor verde-musgo indefinida. Os olhos dela eram pequenos e estavam profundamente encaixados numa camada protectora de gordura. Naquele momento, estavam fixos em Erica. Estava claramente à espera da resposta.

– Sim, bem, não foi muito agradável.

Elna assentiu, solidária:

– Pois, encontrei por acaso a senhora Rosengren, que me contou que ia a passar de carro e a viu a si a à ambulância junto à casa dos Carlgren, e soubemos logo que devia ter acontecido alguma coisa horrível. E mais tarde, quando calhou ligar ao doutor Jacobsson, soube do trágico acontecimento. Contou-me confidencialmente, claro. Os médicos prestam um juramento de confidencialidade e isso é algo que temos de respeitar.

A mulher inclinou a cabeça deliberadamente para demonstrar quanto respeitava o juramento de confidencialidade do Dr. Jacobsson.

– Tão nova, enfim. É natural que nos questionemos sobre o motivo.

Pessoalmente, sempre achei que parecia exausta. Conheci a mãe dela, Birgit, durante anos, e ela sempre foi uma pilha de nervos, e toda a gente sabe que isso é hereditário. Tornou-se uma pessoa toda emproada, também, quer dizer, Birgit, quando Karl-Erik conseguiu aquele excelente emprego como gestor em Gotemburgo. Depois disso, Fjällbacka já não era suficientemente boa para Birgit. Não, para ela tinha de ser a cidade grande.

Mas digo-lhe, o dinheiro não faz a felicidade de ninguém. Se aquela rapariga pudesse ter crescido aqui em vez de ter perdido as raízes e ter ido para a cidade grande, as coisas não teriam acabado desta forma. Julgo que chegaram até a despachar a pobre rapariga para uma escola qualquer na Suíça, e a Erica sabe como são as coisas nesses sítios. Ah, pois, esse tipo de coisas pode deixar marcas na alma de uma pessoa para o resto da vida.

Antes de eles se terem mudado daqui, Alexandra era a rapariga mais feliz e cheia de vida que se possa imaginar. Não brincavam juntas quando eram novas? Bem, na minha opinião...

Elna prosseguiu o monólogo, e Erica, que não conseguia vislumbrar o fim da sua infelicidade, começou febrilmente a procurar uma forma de se furtar à conversa, que estava a começar a tomar um tom cada vez mais desagradável. Quando Elna fez uma pausa para inspirar, Erica aproveitou a oportunidade.

– Foi muito agradável falar consigo, mas infelizmente tenho de ir andando. Estou muito atarefada. Tenho a certeza de que compreende.

Erica fez a sua expressão mais patética, na esperança de desviar Elna do assunto.

– Com certeza, minha querida. Nem pensei nisso. Tudo isto deve ter sido tão difícil para si, tão pouco tempo depois da sua própria tragédia familiar.

Tem de perdoar a falta de tacto de uma velha.

Por essa altura, Elna estava quase à beira das lágrimas; por isso Erica apenas assentiu com bondade e apressou-se a dizer adeus. Com um suspiro de alívio continuou a caminhar na direcção do supermercado de Eva, na esperança de conseguir evitar mais tagarelas.

Mas a sorte não estava do seu lado. Foi impiedosamente interrogada pela maior parte dos excitados habitantes de Fjällbacka, e não se atreveu a respirar de alívio até avistar a sua própria casa. Contudo,

não deixava de pensar num comentário que ouvira. Os pais de Alex tinham chegado a Fjällbacka ao final da noite anterior e estavam agora em casa da tia dela.

Erica colocou os sacos de compras em cima da mesa da cozinha e começou a arrumar a comida. Apesar das suas boas intenções, os sacos não traziam tantos bens essenciais como planeara antes de se dirigir à loja. Mas, se não conseguira abastecer-se num dia tão miserável como aquele, quando o conseguiria fazer? Como se tivesse recebido um sinal, o estômago começou a murmurar. Com um floreado, colocou num prato dois bolos de canela, o equivalente a 12 pontos na tabela do Weight Watchers⁵.

Acompanhou-os com uma chávena de café.

Sabia maravilhosamente bem ficar sentada a olhar a paisagem familiar do lado de fora da janela, mas Erica ainda não conseguia habituar-se ao silêncio da casa. Já tinha estado sozinha em casa muitas outras vezes, claro, mas não era a mesma coisa. Antes sentia uma presença, a consciência de que alguém poderia entrar a qualquer momento. Agora, parecia que a alma da casa tinha partido.

O cachimbo do pai estava pousado junto à janela, à espera de ser enchido

com tabaco. O cheiro ainda se podia sentir na cozinha, mas Erica sentia-o a desvanecer-se de dia para dia.

Sempre adorara o cheiro do cachimbo. Quando era pequena, costumava sentar-se ao colo do pai, fechando os olhos quando se aninhava no seu peito. Toda a roupa dele cheirava a cachimbo, e aquele odor era sinónimo de segurança no mundo da sua infância.

A relação de Erica com a mãe era infinitamente mais complicada. Não conseguia recordar um único momento durante a infância em que tivesse recebido um gesto de ternura da mãe; nem um abraço, uma carícia ou uma palavra de conforto. Elsy Falck era uma mulher dura e inflexível, que mantinha a casa de forma exemplar, mas que nunca se permitia ser feliz em relação a nada na vida. Era profundamente religiosa e, como muitas pessoas das comunidades costeiras de Bohuslän⁶, crescera numa vila ainda marcada pelos ensinamentos do pastor Schartau⁷. Ainda em criança, fora-lhe transmitido que a vida era um sofrimento interminável; a recompensa viria na existência seguinte. Erica questionara-se frequentemente o que tinha o pai, com o seu bom carácter e boa disposição, visto em Elsy e, uma vez, quando

era adolescente, perguntara-lho abruptamente, num momento de fúria. O pai não se zangara. Limitara-se a sentar-se e envolvera Erica com os braços. Então, dissera-lhe para não julgar a mãe com tanta severidade.

Algumas pessoas têm mais dificuldade em mostrar os seus sentimentos do que outras, explicara, enquanto lhe acariciava a face ainda corada de raiva.

Naquele tempo recusara-se a ouvi-lo, e continuara convencida de que o pai estava apenas a tentar encobrir o que para Erica era tão óbvio: a mãe nunca gostara dela, e isso era algo que teria de carregar consigo para o resto da vida.

Num impulso, Erica decidiu visitar os pais de Alexandra. Perder um pai ou uma mãe era doloroso, mas fazia parte da ordem natural das coisas.

Perder um filho devia ser horrível. Além disso, em tempos, Erica e Alexandra tinham sido tão chegadas como só as melhores amigas o conseguem ser. Claro que isso fora quase há vinte e cinco anos, mas muitas das memórias mais felizes da sua infância estavam intimamente ligadas a Alex e à sua família.

A casa parecia deserta. Os tios maternos de Alex viviam na Tallgatan, uma rua a meio caminho entre o centro de Fjällbacka e o parque de

campismo de Sälvik. Todas as casas se situavam no cimo de uma colina, e os seus relvados inclinavam-se abruptamente em direcção à estrada, do lado que dava para o mar. A porta principal ficava na parte de trás da casa, e Erica não hesitou em tocar à campainha. O toque reverberou e depois sumiu-se. Não se ouviu nenhum som vindo do interior e Erica estava prestes a ir-se embora quando a porta se abriu lentamente

– Sim?

– Olá. Sou Erica Falck. Fui eu que...

Deixou o resto da frase pairar no ar. Sentiu-se tola ao apresentar-se de maneira tão formal. A tia de Alex, Ulla Persson, sabia muito bem quem ela era. A mãe de Erica e Ulla tinham participado activamente no grupo da igreja durante muitos anos e, por vezes, Ulla aparecia aos domingos para tomar café.

Ulla desviou-se para que Erica entrasse para o vestíbulo. Não havia

uma única luz acesa em toda a casa. Claro que só anoiteceria daí a algumas horas, mas o crepúsculo já despontava e as sombras não tardavam a instalar-se. Ouviam-se soluços abafados vindos da sala ao fundo do corredor. Erica descalçou-se e tirou o casaco. Deu por si a mover-se de forma extremamente silenciosa e cautelosa, pois o estado de espírito naquela casa não permitia outro comportamento. Ulla foi para a cozinha e deixou que Erica encontrasse por si própria o caminho. Quando entrou na sala de estar, o choro parou. Num sofá composto por vários módulos, junto a uma enorme janela panorâmica, estavam sentados Birgit e Karl-Erik Carlgren, desesperadamente abraçados. Ambos tinham lágrimas a escorrer-lhes pela face, e Erica sentiu que estava a intrometer-se num círculo restrito e privado. Talvez não devesse fazê-lo. Mas agora era tarde de mais para se preocupar com isso.

Sentou-se discretamente no sofá em frente deles e cruzou as mãos no colo. Ninguém proferira ainda qualquer palavra desde que entrara na sala.

– Como é que ela estava?

A princípio, Erica não percebeu o que Birgit dissera. A sua voz era fraca, como a de uma criança. Erica não sabia que resposta dar.

– Solitária – foi o que acabou por lhe sair, e lamentou-o de imediato. –

Não quis dizer... – a frase desvaneceu-se e foi absorvida pelo silêncio.

– Alexandra não se matou!

Subitamente, a voz de Birgit soou forte e determinada.

Karl-Erik apertou a mão da mulher e assentiu em concordância.

Repararam provavelmente na expressão céptica de Erica, pois Birgit repetiu:

– Alexandra não se matou! Conheço-a melhor que ninguém e sei que nunca seria capaz de tirar a sua própria vida. Nunca teria tido coragem para o fazer! Tens de perceber isso. Também a conhecias!

A voz de Birgit aumentava um pouco mais a cada sílaba, e Erica vislumbrou uma centelha a acender-se nos olhos dela. Estava a abrir e a fechar as mãos convulsivamente, sem parar, e fixou Erica directamente nos olhos até que uma delas se viu forçada a desviar o olhar. Foi Erica quem primeiro capitulou. Percorreu a sala com os

olhos. Tudo para evitar fixar o olhar na dor da mãe de Alexandra.

A sala era acolhedora, mas talvez excessivamente decorada para o gosto de Erica. As cortinas tinham sido habilmente penduradas com enormes folhos a combinar com as almofadas do sofá, do mesmo tecido florido.

Bugigangas cobriam todas as superfícies. Taças de madeira esculpidas à mão, decoradas com fitas bordadas a ponto de cruz, partilhavam a sala com cães de porcelana de eternos olhos húmidos. O que salvava a sala era a janela panorâmica. A vista era maravilhosa. Erica desejou poder congelar o momento e continuar a olhar através dela em vez de ser arrastada para o sofrimento daquelas pessoas. Em vez disso, voltou o seu olhar na direcção dos Carlgren.

– Birgit, realmente não tenho a certeza. Eu e a Alexandra fomos amigas há vinte e cinco anos. Não sei absolutamente nada sobre ela. Às vezes não conhecemos uma pessoa tão bem como julgamos conhecê-la...

Até Erica conseguia perceber quão pouco convincente aquilo soava. As palavras pareciam ricochetear nas paredes. Desta vez foi Karl-Erik quem falou. Libertou-se do abraço convulsivo de Birgit e inclinou-se para a frente como que a querer certificar-se de que Erica não perderia uma única palavra do que tencionava dizer.

– Sei que parece estarmos a negar o que aconteceu, e talvez não estejamos a dar uma impressão muito coerente neste momento. Mas, mesmo que Alex tenha posto fim à vida, por qualquer motivo, ela nunca, e repito *nunca*, o teria feito desta forma! Provavelmente recordas-te de que Alex ficava sempre histérica com o sangue. Se fizesse o mais pequeno corte, ficava completamente descontrolada até que alguém lhe pusesse um

penso. Às vezes chegava mesmo a desmaiar quando via sangue. É por isso que tenho a certeza de que teria escolhido outro método qualquer, como comprimidos para dormir, por exemplo. Que um raio me fulmine se Alex conseguia pegar numa lâmina de barbear e cortar-se a si própria, primeiro num braço e depois no outro. E, além disso, é como diz a minha mulher: Alex era frágil. Não era uma pessoa corajosa. É necessária força interior para alguém decidir acabar com a própria vida. Alex não tinha esse tipo de força.

A sua voz era convincente. Apesar de Erica ainda estar persuadida de estar perante a última esperança de duas pessoas desesperadas, não

conseguia deixar de sentir uma sombra de dúvida. Quando pensava nisso sentia que quando entrou naquela casa de banho na manhã anterior, havia algo que não batia certo. Não que alguma vez pudesse bater certo descobrir um cadáver, mas havia algo em relação à atmosfera do local que realmente não encaixava. Uma presença, uma sombra. Era a melhor descrição que conseguia encontrar. Ainda acreditava que algo havia levado Alexandra Wijkner ao suicídio, mas não podia negar que a insistência obstinada dos Carlgren a tinha impressionado.

De repente apercebeu-se de que, em adulta, Alex se parecia com a mãe.

Birgit Carlgren era pequena e esbelta, com o mesmo cabelo louro claro da filha, mas, em vez da longa cabeleira de Alex, Birgit usava o cabelo curto como o de um pajem. Estava completamente vestida de luto e, apesar da sua dor, parecia consciente da sua aparência deslumbrante, graças ao contraste entre o claro e o escuro. Pequenos gestos traíam a sua vaidade. Uma mão que ajeitava cuidadosamente o penteado, um colarinho engomado na perfeição. Erica recordava que o guarda-fatos de Birgit parecera uma verdadeira Meca para meninas de oito anos que gostavam de se disfarçar, e o seu guarda-jóias fora a coisa mais próxima do céu que conseguiam imaginar naqueles tempos.

Perto de Birgit, o marido parecia vulgar. Não é que não fosse atraente, era apenas incaracterístico. Karl-Erik Carlgren tinha um rosto longo e estreito com finas linhas gravadas. E o cabelo recuara quase até ao topo do crânio.

Também estava completamente vestido de luto, mas, ao contrário da mulher, a cor tornava-o ainda mais cinzento. Erica sentiu que estava na altura de partir. Perguntava a si própria o que esperara realmente conseguir ao visitá-los. Levantou-se e os Carlgren imitaram-na. Birgit olhou ansiosa

para o marido, como que a exortá-lo a dizer alguma coisa. Aparentemente, era algo sobre o que tinham conversado antes de Erica chegar.

– Gostávamos que escrevesse um panegírico sobre Alex. Para ser publicado no *Bohusläningen*⁸. Sobre a sua vida, os seus sonhos e a sua morte. Um tributo à vida dela. Seria muito importante para Birgit e para mim.

– Mas, não prefeririam que saísse qualquer coisa no *Göteborgs-*

Quer dizer, afinal era lá que Alex vivia. E, na verdade, vocês também.

– Fjällbacka foi sempre o nosso lar e sempre o será. E Alex sentia o mesmo. Podes começar por falar com o marido dela, Henrik. Conversámos com ele e está disposto a ajudar. Claro que serás compensada por todas as despesas que tiveres.

Dito isto, pareciam considerar o assunto encerrado. Sem ter realmente aceite a tarefa, Erica deu por si no exterior da casa, nos degraus, com o número de telefone e a morada de Henrik Wijkner na mão, enquanto a porta se fechava nas suas costas. Apesar de não desejar realmente levar a cabo aquela tarefa, em abono da verdade, uma ideia começou a germinar no seu cérebro de escritora. Erica afastou o pensamento e sentiu-se uma pessoa má só por tê-lo tido, mas ele persistia e recusava-se a partir. Uma ideia para um livro seu; a ideia que há muito procurava estava mesmo à sua frente. O

relato do percurso de uma mulher para cumprir o seu destino. Uma explicação sobre o que levava uma mulher jovem, bonita e obviamente privilegiada a uma morte auto-infligida. Claro que não mencionaria o nome de Alex, mas seria uma história sobre o que conseguisse desvendar acerca do percurso que a conduzira à morte. Até à data, Erica publicara quatro livros, mas eram todos biografias sobre outras autoras femininas de renome.

Ainda não tivera coragem para criar as suas próprias histórias, mas sabia que havia no seu interior livros que apenas estavam à espera de ser passados para o papel. E aquele poderia dar-lhe o empurrão de que precisava, a inspiração por que tinha estado à espera. O facto de outrora ter conhecido Alex era, à partida, uma vantagem.

Como ser humano, Erica contorceu-se com repugnância perante o pensamento, mas como escritora estava radiante.

O pincel espalhava amplas faixas de vermelho por toda a tela. Estava a pintar desde o nascer do Sol e, pela primeira vez em muitas horas, deu um

passo atrás para observar o que tinha criado. Para olhos pouco treinados eram apenas grandes manchas de vermelho, laranja e amarelo pintadas aleatoriamente sobre a grande tela. Para ele, era humilhação e resignação, recriadas nas cores da paixão.

Pintava sempre com as mesmas cores. O passado bradava e escarnecia

dele do interior da tela, e voltou a aproximar-se para pintar com um frenesim crescente.

Uma hora depois, apercebeu-se de que tinha ganho a primeira cerveja da manhã. Pegou na lata, ignorando que a dada altura na noite anterior tinha para lá atirado cinza de cigarro. Fragmentos de cinza pegaram-se-lhe aos lábios, mas engoliu a cerveja morta e, depois de ter emborcado a última gota, atirou a lata para o chão.

A roupa interior, que era tudo o que vestia, estava amarelecida à frente por causa da cerveja ou da urina seca, não conseguia destrinchá-las. Talvez uma mistura das duas. O cabelo grisalho pendia-lhe sobre os ombros, e o peito era pálido e encovado. O aspecto geral de Anders Nilsson era desastroso, mas a pintura apoiada no seu cavalete testemunhava um talento que contrastava de forma gritante com a decadência do próprio artista.

Deixou-se cair para o chão e encostou-se à parede para olhar a pintura.

Junto dele estava uma lata de cerveja por abrir e experimentou uma sensação de prazer ao ouvir o estalo que emitiu quando puxou a anilha. As cores gritavam-lhe estridentemente, recordando-lhe algo que passara a maior parte da vida a tentar esquecer. Por que raio ia ela estragar tudo agora?! Porque não se limitava a deixar as coisas como estavam? Aquela puta egoísta. Só pensava nela própria. Doce e inocente como uma maldita princesa. Mas Anders sabia o que estava sob a superfície. Tinham sido feitos no mesmo molde. Anos de dor mútua tinham-lhes dado forma, tinham-nos fundido num só, mas, de repente, ela pensou que podia alterar unilateralmente a ordem das coisas.

– Merda.

Rugiu e arremessou a lata meio cheia de cerveja na direcção da tela. Não se rasgou, o que o enfureceu ainda mais. A tela limitou-se a ficar enrugada e a lata deslizou para o chão. O líquido borrifou toda a tela e o vermelho, laranja e amarelo começaram a fluir juntos, misturando-se em novos matizes. Observou o efeito com satisfação.

Ainda não estava sóbrio depois da enorme bebedeira da noite anterior e a

cerveja fez efeito rapidamente, apesar dos muitos anos de bebedeiras e da sua elevada tolerância ao álcool. Deixou-se afundar lentamente nessa névoa familiar, com o cheiro a vomitado antigo a pairar-lhe nas

narinas.

Ela tinha a sua própria chave do apartamento. No vestíbulo limpou cuidadosamente os sapatos, apesar de saber que era uma completa perda de tempo. Lá fora estava tudo mais limpo. Pousou os sacos de compras e pendurou impecavelmente o casaco num cabide. Não era boa ideia anunciar a sua chegada. Por esta altura, era provável que já tivesse perdido a consciência.

A cozinha, à esquerda da entrada, estava no estado miserável do costume.

Pratos sujos, de várias semanas, empilhavam-se não só no lava-louças, mas também na mesa e nas cadeiras, e até no chão. Havia pontas de cigarro, latas de cerveja e garrafas vazias por todo o lado.

Abriu a porta do frigorífico para arrumar as compras e reparou que chegara mesmo a tempo. Estava completamente vazio. Levou alguns minutos a deitar coisas fora, mas o frigorífico não tardou a ficar novamente cheio. Permaneceu imóvel por um momento, para recuperar as forças.

O apartamento era um pequeno estúdio. Fora ela que comprara o escasso mobiliário, mas pouco mais podia fazer. O quarto era dominado pelo grande cavalete junto à janela. Um colchão muito usado fora atirado para um canto.

Nunca tivera dinheiro para lhe comprar uma cama.

A princípio, tentara ajudá-lo a manter tudo limpo e arrumado; o apartamento e o próprio Anders. Limpava, apanhava as coisas que ele ia espalhando, lavava-lhe a roupa e até lhe dava banho. Naquela altura ainda tinha esperança de que tudo se compusesse. Que tudo passasse por si. Mas isso fora há muitos anos. A determinada altura da sua vida deixara de conseguir aguentar aquilo. Agora, contentava-se em saber que, pelo menos, Anders tinha comida.

Muitas vezes, desejara ainda ter energia. A culpa pesava-lhe fortemente nos ombros e no peito. Por vezes, antigamente, quando se ajoelhava para lhe limpar o vomitado, sentia que estava a pagar parte dessa culpa. Mas agora carregava-a sem esperança.

Olhou-o, encostado à parede. Um destroço malcheiroso, mas com um talento incrível escondido por detrás daquele aspecto nojento. Questionara-se vezes sem conta como teriam sido as coisas se tivesse feito uma escolha

diferente naquele dia. Todos os dias, durante vinte e cinco anos, se questionara como teria sido a sua vida se tivesse agido de outra forma.

Vinte e cinco anos eram muitos anos a matutar.

Às vezes limitava-se a deixá-lo ficar deitado no chão quando saía. O frio do exterior infiltrava-se no estúdio, e sentia nos pés, através dos finos *collants*, o chão gelado. Puxou-lhe o braço, que pendia inerte e sem vida a seu lado. Não reagiu. Agarrou-o pelo pulso e arrastou-o para o colchão.

Tentou empurrá-lo para cima do colchão e estremeceu ligeiramente quando as mãos pressionaram a pele flácida da cintura dele. Depois de algumas manobras, conseguiu colocar a maior parte do corpo dele sobre o colchão.

Como não havia nenhum cobertor, foi buscar o casaco dele à entrada e tapou-o. O esforço deixou-a a arquejar, e sentou-se. Com a idade que tinha, sem a força dos seus braços, conseguida à custa de muitos anos de limpezas, nunca teria conseguido isto. Preocupava-se com o que aconteceria no dia em que, fisicamente, não lhe fosse possível esforçar-se.

Uma madeixa de cabelo grisalho caía-lhe sobre o rosto, e afastou-a docemente com o indicador. A vida não tinha corrido como imaginara para ambos, mas devotaria o resto dos seus dias a preservar o pouco que lhes restava.

As pessoas desviavam o olhar quando ela as encontrava na rua, mas não eram suficientemente rápidas para que não notasse a expressão piedosa.

Anders era conhecido em toda a vila, e um membro permanente dos AA10

local. Às vezes, quando estava bêbedo, cambaleava pela vila gritando a quem quer que encontrasse. Anders era alvo de repugnância e ela de piedade. Na verdade, deveria ser ao contrário. Ela é que era a repugnante e Anders o merecedor de piedade. Fora a sua fraqueza que condicionara a vida dele. Mas não voltaria a fraquejar.

Sentou-se ali durante várias horas, a acariciar-lhe a testa.

Às vezes ficava agitado durante o sono, mas o toque dela acalmava-o. Lá fora, a vida decorria como era habitual, mas no interior daquele quarto o tempo parara.

Segunda-feira amanheceu com temperaturas abaixo de zero e nuvens carregadas de chuva. Erica sempre fora uma condutora cautelosa, mas agora guiava um pouco mais devagar para poder ter algum espaço de manobra no caso de derrapar. A condução não era o seu forte, mas preferia a solidão de

um carro a viajar comprimida no autocarro expresso E6 ou no comboio.

Quando virou à direita, em direcção à auto-estrada, o estado da via melhorou e Erica permitiu-se aumentar um pouco a velocidade. Iria encontrar-se com Henrik Wijkner ao meio-dia, mas saiu cedo de Fjällbacka e dispunha de bastante tempo para a viagem até Gotemburgo.

Pela primeira vez desde que vira Alex naquela gelada casa de banho, pensou na conversa que tivera com Anna ao telefone. Ainda lhe era difícil imaginar que Anna iria realmente para a frente com a venda da casa. Afinal, era o lar da sua infância, e os pais teriam ficado angustiados se soubessem.

Mas tudo era possível quando Lucas estava envolvido. E era por conhecer a falta de escrúpulos de Lucas, que levava a sério aquela probabilidade. Lucas continuava a descer cada vez mais baixo, mas aquilo estava muito para além de quase tudo o que tinha feito antes.

Mas, antes de começar a preocupar-se a sério com a casa, deveria descobrir qual era a sua posição de um ponto de vista puramente jurídico.

Até lá, recusava-se a deixar que a tramóia mais recente de Lucas a abatesse.

Naquele momento, tinha de se concentrar na conversa iminente com o marido de Alex.

Henrik Wijkner parecera-lhe simpático ao telefone, e já sabia do que se tratava quando Erica ligou. Claro que podia aparecer e fazer-lhe perguntas sobre Alexandra, uma vez que um artigo em memória de Alex era tão importante para os pais dela.

Seria interessante saber como era a casa de Alex, apesar de Erica não estar ansiosa por enfrentar a dor de mais uma pessoa. O encontro com os pais de Alex tinha sido de partir o coração. Como escritora, preferia observar a realidade à distância. Estudá-la de longe, de forma segura e objectiva. Seria ao mesmo tempo uma oportunidade para recolher as

primeiras impressões de como fora Alex em adulta.

Desde o primeiro dia de escola que Erica e Alex se tinham tornado inseparáveis. Erica ficara tremendamente orgulhosa por Alex a ter escolhido para amiga. Alex era como um íman para todos aqueles que se aproximavam dela. Todos queriam estar com Alex, mas ela ignorava completamente a sua popularidade. Era reservada revelando uma autoconfiança que agora, como adulta, Erica percebia ser muito pouco comum numa criança. E, contudo, Alex era aberta e generosa, e não mostrava sinais de timidez, apesar da sua conduta reservada. Fora Alex

quem escolhera Erica como amiga. Erica nunca se teria atrevido a aproximar-se de Alex por iniciativa própria. Foram inseparáveis até Alex se ter mudado, e depois ter desaparecido de vez da sua vida. Alex começara a afastar-se cada vez mais, e Erica passou horas, sozinha no seu quarto, a lamentar a amizade perdida. Então, um dia, tocou à campainha da casa de Alex, mas ninguém respondeu. Vinte e cinco anos mais tarde, Erica ainda conseguia recordar pormenorizadamente a dor que sentiu quando percebeu que Alex se mudara sem sequer a ter avisado, sem se ter despedido.

Continuava a não fazer ideia do que acontecera. Como era uma criança, deitara todas as culpas para cima de si própria e assumira simplesmente que Alex se tinha cansado dela.

Erica teve dificuldade em atravessar Gotemburgo em direcção a Säro.

Sabia deslocar-se pela cidade depois de aí ter estudado durante quatro anos, mas na altura não tinha carro, portanto, quanto à condução, Gotemburgo era apenas um espaço em branco no mapa. Se tivesse podido conduzir pelas pistas para bicicletas as coisas teriam sido muito mais fáceis. Gotemburgo era um pesadelo para um condutor inseguro, com muitas ruas de sentido único, rotundas congestionadas e a campainha enervante dos eléctricos que vinham de todas as direcções. Parecia igualmente que todas as estradas conduziam a Hisingen, a noroeste da cidade. Se apanhasse a saída errada, acabava por ir lá parar.

As indicações que Henrik lhe dera eram claras, e Erica encontrou a morada à primeira tentativa, conseguindo desta vez evitar Hisingen.

A casa excedeu todas as suas expectativas. Era uma moradia branca, enorme, do final do século XIX, com vista para o mar, e um pequeno pavilhão que continha a promessa das vindouras noites quentes de

Verão. O

jardim, agora escondido sob um espesso manto branco de neve, fora cuidadosamente planeado. Pela sua enorme dimensão, devia exigir a dedicação de um jardineiro habilidoso.

Erica conduziu por uma avenida de salgueiros e atravessou um portão alto de ferro forjado até ao pátio de gravilha fronteiro à casa.

Degraus de pedra conduziam a uma robusta porta de carvalho. Não havia qualquer campainha moderna e, à falta dela, Erica bateu com força com uma aldraba maciça. A porta abriu-se imediatamente. Quase esperou ser recebida por uma governanta envergando um avental e uma touca engomados mas, em vez disso, foi acolhida por um homem que, percebeu

logo, só podia ser Henrik Wijkner. Era terrivelmente atraente, e Erica congratulou-se por ter dedicado um pouco mais de tempo a cuidar da aparência antes de sair de casa.

Entrou para um vestíbulo enorme e percebeu imediatamente que era maior do que todo o seu apartamento em Estocolmo.

– Erica Falck.

– Henrik Wijkner. Conhecemo-nos no Verão passado, julgo eu. Naquele restaurante ao fundo da Praça Ingrid Bergman.

– Sim, tem razão. No Café Bryggan. Parece que o Verão foi há uma eternidade. Sobretudo tendo em conta este tempo que persiste.

Henrik murmurou qualquer coisa simpática em resposta. Ajudou-a a livrar-se do casaco e mostrou-lhe o caminho para um salão afastado do vestíbulo. Sentou-se cuidadosamente num sofá. Mesmo não sendo grande conhecedora de antiguidades, conseguia perceber que o sofá era antigo e provavelmente muito valioso. Aceitou o café oferecido por Henrik.

Enquanto ele se passeava com a chávena de café e trocavam comentários sobre o tempo miserável, Erica observou-o subrepticiamente e concluiu que Henrik não parecia particularmente desolado. Mas Erica também sabia que isso podia não significar nada. Pessoas diferentes expressavam o seu pesar de maneiras diferentes.

Henrik estava vestido de modo informal, envergando umas calças de algodão perfeitamente engomadas e uma camisa azul-celeste *Ralph*

Lauren.

O cabelo era escuro, quase negro, e estava cortado num estilo elegante mas não demasiado meticuloso. Os olhos eram castanho-escuros e davam-lhe um leve ar de europeu do Sul. Erica preferia homens de aparência mais selvagem, mas não conseguiu resistir ao poder de atracção daquele homem que parecia ter saído directamente de uma revista de moda. Henrik e Alex devem ter formado um casal incrivelmente atraente.

– Que casa maravilhosa!

– Obrigado. Eu pertenço à quarta geração dos Wijkner a viver aqui. O meu bisavô paterno mandou-a construir no início do século XX, e a casa pertence à família desde então. Se estas paredes pudessem falar...
– fez um gesto abrangente e sorriu a Erica.

– Bem, deve ser estranho viver rodeado de tanta história de antepassados.

– Sim, e não. Mas é uma responsabilidade enorme. Seguir as passadas dos meus antepassados e isso tudo.

Henrik deu uma pequena gargalhada e Erica pensou que ele não parecia particularmente sobrecarregado com a responsabilidade. Erica, contudo, sentia-se irremediavelmente deslocada naquela sala elegante e lutou em vão para conseguir encontrar uma posição confortável para se sentar naquele adorável sofá, apesar de espartano. Por fim, empoleirou-se na borda e bebericou o café, que foi servido em pequenas chávenas. O dedo mindinho contorceu-se um pouco, mas Erica conseguiu resistir ao impulso. As chávenas eram perfeitas para se esticar o dedo mindinho, mas Erica desconfiou que isso pareceria mais uma caricatura que um sinal de sofisticação. Também se debateu brevemente quando confrontada com o prato de bolos sobre a mesa, mas perdeu o duelo contra uma fina fatia de pão-de-ló. Calculou que deveria valer uns dez pontos Weight Watchers.

– Alex adorava esta casa.

Erica estivera a pensar na forma de abordar o verdadeiro motivo pelo qual se encontrava ali. Ficou grata quando foi o próprio Henrik que começou a falar de Alex.

– Quanto tempo viveram aqui juntos?

– Desde que casámos, durante quinze anos. Conhecemo-nos quando estudávamos ambos em Paris. Alex estava a estudar História da Arte e eu a tentar adquirir conhecimentos suficientes sobre o mundo dos negócios para gerir o império da família. E consegui, embora apenas em parte.

Erica tinha fortes suspeitas de que Henrik Wijkner nunca fizera nada «apenas em parte».

– Logo a seguir ao casamento regressámos à Suécia, para esta casa. Os meus pais já tinham falecido, e a casa permanecera desabitada durante uns anos enquanto eu estive no estrangeiro, mas Alex começou imediatamente a renová-la. Queria que ficasse tudo perfeito. Todos os pormenores na casa, o papel de parede, os tapetes e o mobiliário ou já eram do tempo em que a casa foi construída e foram completamente restaurados ou foram adquiridos por Alex. Ela correu, enfim, não sei quantos antiquários para encontrar exactamente as mesmas peças que estavam cá em casa quando o meu bisavô aqui viveu. Tinha pilhas de fotografias antigas para a ajudar, e o resultado é fantástico. Ao mesmo tempo, estava ocupada a montar a sua própria galeria. Ainda não percebo como conseguia tempo para fazer tudo isso.

– Como era Alex como pessoa?

Henrik ponderou antes de responder.

– Linda, calma, uma perfeccionista dos pés à cabeça. Talvez possa ter parecido vaidosa para quem não a conhecia bem, mas isso era porque não deixava qualquer um entrar na sua vida. Alex era o tipo de pessoa que exigia que nos empenhássemos para chegar a conhecê-la.

Erica sabia exactamente o que Henrik queria dizer. O ar de distanciamento de Alex era intrigante e ainda em criança foi rotulada de arrogante. No entanto, as mesmas raparigas que o diziam debatiam-se acaloradamente para se sentarem ao lado dela.

– Como assim?

Henrik olhou pela janela e, pela primeira vez desde que entrara, Erica julgou detectar algum sentimento por detrás daquela aparência encantadora.

– Fazia sempre tudo à maneira dela. Não queria saber da opinião de mais ninguém. Não por maldade, não havia nada de malicioso em

Alex, mas por necessidade. O mais importante para a minha mulher era evitar ser magoada. Tudo o resto, todos os outros sentimentos, estavam depois dessa prioridade. Mas o problema é que, se não deixamos ninguém entrar com medo de que possa ser um inimigo, acabamos igualmente por nos fechar para os nossos amigos.

Henrik calou-se. Depois olhou para Erica.

– Alex falava muito de si.

Erica não conseguiu disfarçar a surpresa. Do modo como a amizade delas terminara, julgava que Alex lhe tinha voltado as costas e que nunca mais pensara nela.

– Recordo-me perfeitamente de uma coisa que Alex me disse. Que a Erica foi a última amiga a sério que teve. «A última amizade pura.» Foi exactamente o que Alex disse. Achei que era uma coisa um pouco estranha, mas Alex não voltou a tocar no assunto e, nessa altura, eu já tinha aprendido a não a questionar. É por isso que lhe estou a revelar pormenores sobre ela que nunca contei a ninguém. Algo me diz que, apesar de todos os anos que passaram, a Erica ainda tinha um lugar no coração da minha mulher.

– Amava-a?

– Mais do que tudo no mundo. Alexandra era tudo na minha vida. Tudo o que fiz, tudo o que disse, girava em torno dela. A ironia é que Alex nunca reparou. Se ao menos me tivesse deixado entrar, não estaria agora morta. A

resposta esteve sempre à frente dela, mas ela recusava-se a vê-la. A minha mulher combinava uma estranha mistura de cobardia e de coragem.

– Birgit e Karl-Erik não acreditam que Alex tenha acabado com a própria vida.

– Eu sei. Eles julgam que eu também não acredito que Alex o tenha feito, mas, para ser franco, não sei realmente o que pensar. Vivi com ela durante mais de quinze anos, mas nunca cheguei realmente a conhecê-la.

A voz dele continuava seca e trivial. A julgar pelo tom, podia ter estado a falar do tempo, mas Erica apercebeu-se de que a primeira impressão que tivera de Henrik não podia ter falhado mais o alvo. O seu sofrimento era profundo. Apenas não o exhibia para todos o verem,

como Birgit e Karl-Erik Carlgren o faziam. Talvez por causa da sua própria experiência de vida, Erica compreendeu instintivamente que Henrik não sofria apenas pela morte de Alexandra, mas também por ter perdido para sempre a oportunidade de conseguir que ela o amasse como ele a amava. Era um sentimento profundamente familiar para Erica.

– De que tinha ela medo?

– Fiz essa pergunta a mim próprio, milhares de vezes. Na verdade, não sei. Sempre que tentava falar-lhe sobre isso, Alex fechava a porta e eu nunca consegui entrar. Era como se tivesse um segredo que não podia partilhar com ninguém. Parece-lhe estranho? Mas é por não saber qual era esse segredo que não consigo dizer se Alex era ou não capaz de se suicidar.

– Como era a relação dela com os pais e com a irmã?

– Bem, como posso descrevê-la? – Henrik pensou durante bastante tempo antes de responder. – Tensa. Como se andassem todos em bicos de pés à volta uns dos outros. A única que dizia sempre o que pensava era a irmã mais nova, Julia, que geralmente é uma pessoa bastante estranha. Parecia sempre que se desenrolava um diálogo completamente diferente sob o que era dito em voz alta. Não sei bem como explicá-lo. Era como se falassem em código, e alguém se tivesse esquecido de me dar a chave.

– Por que é que diz que Julia é estranha?

– Como já deve saber, Birgit deu à luz a Julia muito tarde. Já ultrapassara os quarenta há algum tempo, e a gravidez não foi planeada. Por isso, de alguma forma, Julia foi sempre o patinho feio da família. E não deve ter sido muito fácil ter uma irmã como Alex. Julia não era uma criança bonita.

E não se tornou mais atraente quando chegou a adulta, e a Erica sabe que

Alex era linda. Birgit e Karl-Erik estiveram sempre extremamente concentrados em Alex, e Julia foi simplesmente esquecida. A forma de Julia lidar com isso foi virar-se para dentro. Mas eu gosto dela. Sem dúvida que há mais alguma coisa sob aquela fachada carrancuda. Só espero que, algum dia, alguém se esforce por encontrá-la.

– Como é que Julia reagiu à morte de Alex? Como era o relacionamento delas?

– Provavelmente terá de perguntar isso a Birgit ou a Karl-Erik. Já não vejo Julia há mais de seis meses. Está no Norte, em Umeå, a estudar para ser professora, e não gosta de vir até cá. Nem sequer apareceu no Natal do ano passado. Quanto ao relacionamento com Alex, Julia sempre venerou a irmã mais velha. Alex já tinha ido para o colégio interno quando Julia nasceu, por isso não estava muito tempo em casa, mas sempre que visitávamos a família, Julia andava atrás da irmã como um cachorrinho.

Alex não gostava muito disso, mas deixava-a em paz. Às vezes chegava a zangar-se com Julia e repreendia-a, mas normalmente limitava-se a ignorar a irmã.

Erica sentiu que a conversa estava a aproximar-se do fim. Durante as pausas, o silêncio fora total, e conseguia perceber que, no meio de todo aquele luxo, a casa se tornara um lugar solitário para Henrik Wijkner.

Erica levantou-se e estendeu a mão. Henrik apertou-a entre as suas, segurou-a durante alguns segundos e depois soltou-a. Acompanhou-a à porta.

– Acho que vou até à galeria para dar uma vista de olhos – disse.

– Boa ideia. Alex tinha imenso orgulho nela. Construiu o negócio a partir do nada com uma amiga dos tempos de estudante em Paris, Francine Bijoux. Bem, agora chama-se Sandberg. Convivíamos bastante com Francine e o marido, apesar de isso se ter tornado menos frequente desde que tiveram filhos. Francine deve estar na galeria. Vou telefonar-lhe a explicar quem a Erica é. Tenho a certeza de que terá todo o gosto em ajudá-la e em falar-lhe um pouco sobre Alex.

Henrik abriu a porta. Agradecendo mais uma vez, Erica afastou-se do marido de Alex e encaminhou-se para o carro.

No preciso momento em que saiu do carro, o céu desabou. A galeria ficava na Rua Chalmarsgaten, paralela à principal rua comercial, a Avenyn,

mas depois de meia hora à procura de um lugar para estacionar, Erica resignou-se e estacionou no Hotel Heden. Na verdade não ficava muito longe, mas debaixo de chuva pareceram-lhe dez quilómetros. E a tarifa de estacionamento era de doze coroas por hora. Erica conseguia sentir a sua disposição a afundar-se. Claro que não trouxera um guarda-chuva, e sabia que o seu cabelo encaracolado depressa se iria tornar uma permanente mal-amanhada.

Apressou-se a atravessar a Avenyn e conseguiu esquivar-se à justa do eléctrico número 4 que troava em direcção a Mölndal. Depois de avistar o restaurante Valand, onde passara muitas noites durante os anos de estudante, virou à esquerda para a Chalmarsgaten.

A Galleri Abstract ficava do lado esquerdo, com grandes montras viradas para a rua. Uma campainha por cima da porta soou quando ela entrou, e Erica reparou que o espaço era muito maior do que parecia visto da rua. As paredes, o chão e o tecto estavam pintados de branco para não desviar a atenção das obras de arte penduradas nas paredes.

Ao fundo da galeria, Erica viu uma mulher que era, sem sombra de dúvida, francesa. Ressumava elegância e conversava com um cliente sobre um quadro, gesticulando entusiasticamente enquanto falava.

– Já vou ter consigo, por favor vá dando uma vista de olhos – o sotaque francês dela era encantador.

Erica levou a mulher à letra. Com as mãos cruzadas atrás das costas, caminhou lentamente pela sala enquanto observava as obras de arte. Como o nome da galeria indicava, todas as pinturas eram de estilo abstracto.

Cubos, quadrados, círculos e figuras estranhas. Erica inclinou a cabeça e semicerrou os olhos na tentativa de ver o que os aficionados viam. Mas aquilo escapava-lhe completamente: apenas cubos e quadrados como os que qualquer criança de cinco anos conseguiria fazer, na sua opinião. Teria de aceitar que aquilo estava para lá da sua compreensão.

Estava de frente para uma pintura gigante, vermelha com secções de amarelo dispostas irregularmente, quando ouviu Francine aproximar-se por detrás dela com os saltos a martelar no chão axadrezado.

– Esse é verdadeiramente maravilhoso – disse Francine.

– Sim, é mesmo. Excelente. Mas, para dizer a verdade, não me sinto muito à vontade no mundo da arte. Acho que os girassóis de Van Gogh são fantásticos, mas o meu conhecimento não vai para além disso.

Francine sorriu.

– A senhora deve ser Erica. Henri acabou de ligar e disse-me que estava a caminho.

Estendeu a mão de contornos finos. Erica limpou apressadamente a sua própria mão, ainda molhada da chuva, antes de apertar a de Francine.

A mulher à sua frente era pequena e magra, de uma elegância que as mulheres francesas pareciam ter patenteado. Erica, descalça, media um metro e oitenta, e sentiu-se gigante ao pé dela.

O cabelo de Francine era preto asa-de-corvo. Estava suavemente puxado para trás, desde a testa, e estava apanhado na nuca num entrançado. Usava um vestido preto justo. A cor fora indubitavelmente escolhida por causa da morte da amiga e colega; mas Francine parecia mais o tipo de mulher para se vestir de vermelhos espampanantes, ou talvez de amarelo. A maquilhagem era ligeira e aplicada na perfeição, mas não conseguia ocultar a reveladora vermelhidão dos olhos. Erica esperava que o seu próprio rímel não estivesse a escorrer – sem dúvida uma esperança vã.

– Pensei que seria boa ideia sentarmo-nos a conversar e tomar uma chávena de café. Isto hoje está muito calmo. Vamos até lá atrás.

Conduziu Erica para uma pequena sala nas traseiras da galeria, completamente equipada com um frigorífico, um microondas e uma máquina de café. A mesa era pequena e apenas tinha espaço para duas cadeiras. Erica sentou-se e foi-lhe servida uma chávena de café fumegante.

O seu estômago protestou, depois de todas as chávenas que bebera quando estava de visita a Henrik. Mas Erica sabia por experiência própria, pelas inumeráveis entrevistas que fizera para desenterrar material de fundo para os seus livros, que, por algum motivo, as pessoas falavam mais facilmente com uma chávena de café na mão.

– Pelo que percebi da conversa com Henri, os pais de Alex pediram-lhe que escrevesse um panegírico sobre a vida dela.

– Sim. Nos últimos vinte e cinco anos apenas estive com Alex algumas vezes, e por pouco tempo, por isso preciso de saber mais sobre ela como pessoa antes de poder começar a escrever.

– É jornalista?

– Não, escrevo biografias. Só estou a fazer isto porque Birgit e Karl-Erik me pediram. Além do mais, fui a primeira pessoa a encontrá-la, bem, quase a primeira. E, por qualquer motivo, sinto que é como se precisasse de o

fazer para criar uma imagem diferente de Alex para mim própria, uma imagem viva. Parece-lhe estranho?

– De forma alguma. Julgo que é fabuloso estar a ter tanto trabalho em nome dos pais de Alex, e da própria Alex.

Francine inclinou-se sobre a mesa e colocou uma mão bem tratada sobre a de Erica.

Erica sentiu um rubor morno espalhar-se pelas faces e tentou não pensar no esboço do livro em que estivera a trabalhar durante grande parte do dia anterior.

Francine prosseguiu:

– Henri também me pediu para responder às suas perguntas com a máxima franqueza.

Falava um sueco excelente. Enrolava suavemente os erres, e Erica notou que empregava a forma francesa Henri em vez de Henrik.

– A Francine conheceu Alex em Paris?

– Sim, estudávamos História da Arte juntas. Esbarrámos uma com a outra no primeiro dia. Alex parecia perdida e eu sentia-me perdida. O resto é história, como se costuma dizer.

– Há quanto tempo se conheciam?

– Deixe-me ver, Henri e Alex celebraram o décimo quinto aniversário de casamento no Outono passado, portanto foi há... dezassete anos. Durante quinze desses dezassete anos gerimos juntas a galeria.

Francine fez uma pausa e, para espanto de Erica, acendeu um cigarro.

Sem saber porquê, Erica não imaginara que Francine fosse fumadora. A mão da francesa tremeu um pouco quando acendeu o cigarro, e depois Francine inalou profundamente sem tirar os olhos de Erica.

– Nunca pensou onde estaria Alex? – perguntou Erica. – Devia estar ali há uma semana quando a encontrámos.

Erica reparou que não se lembrara de fazer a mesma pergunta a Henrik.

– Sei que parece estranho, mas não, não pensei nisso. Alex... – Francine hesitou. – Alex costumava fazer sempre o que lhe apetecia.

Podia ser incrivelmente frustrante, mas acho que me habituei a isso ao longo dos anos. E não foi a primeira vez que Alex desapareceu durante algum tempo.

Costumava aparecer de repente mais tarde, como se nada tivesse acontecido. Além disso, Alex fez mais do que o seu dever ao tomar conta da galeria sozinha quando eu estava de licença de parto. Sabe, de certa

forma ainda penso que vai acontecer a mesma coisa. Que Alex vai voltar, como sempre. Mas desta vez sei que isso não vai acontecer – uma lágrima ameaçou precipitar-se dos seus olhos.

– Pois não – Erica olhou para a chávena de café para deixar que Francine secasse discretamente as lágrimas. – Como reagia Henrik quando Alex desaparecia de repente?

– Já o conheceu. Aos olhos dele, Alex era incapaz de fazer mal. Henri passou os últimos quinze anos a venerá-la. Pobre Henri.

– Como assim, pobre Henri?

– Alex não o amava. Mais cedo ou mais tarde, Henri seria obrigado a admiti-lo.

Francine apagou o primeiro cigarro e acendeu outro.

– Deviam conhecer-se muito bem, depois de tantos anos juntas – disse Erica.

– Acho que ninguém conhecia Alex verdadeiramente. Apesar de ser provável que eu a conhecesse melhor que Henri. Ele recusou-se sempre a ver a vida de outra cor que não o rosa.

– Durante a nossa conversa, Henrik deu a entender que em todos os seus anos de casamento Alex parecia estar a esconder-lhe algo. Sabe se isso é verdade? E se for, tem ideia do que se tratava?

– Isso foi de um discernimento pouco comum da parte dele. Talvez tenha subestimado Henri – Francine ergueu uma sobrancelha de contornos perfeitos. – Em relação à sua primeira pergunta, responderei que sim: sempre me apercebi de que Alex carregava uma espécie de segredo. À

segunda pergunta tenho de responder não: não faço a menor ideia do que poderia ser. Apesar da nossa longa amizade, havia sempre um

ponto em que Alex dizia: «Ficamos por aqui.» Eu aceitava isso, mas Henri, não. Mais tarde ou mais cedo isso iria destruí-lo. E provavelmente não faltaria muito para que acontecesse.

– Porque diz isso?

Francine hesitou.

– Vão autopsiar Alex, não vão?

A pergunta apanhou Erica de surpresa.

– Sim, fazem sempre uma autópsia quando há um suicídio. Porque pergunta?

– Porque assim sei que aquilo que estou prestes a dizer-lhe vai acabar por

vir a lume. Pelo menos fico com a consciência tranquila.

A francesa apagou cuidadosamente o cigarro. Tensa de expectativa, Erica conteve a respiração, mas Francine acendeu calmamente um terceiro cigarro. Os dedos dela não tinham a característica coloração amarela dos fumadores, por isso Erica suspeitou que a francesa não costumava fumar cigarros uns atrás dos outros, como fazia naquele momento.

– Sabe certamente que nos últimos seis meses, mais coisa menos coisa, Alex ia a Fjällbacka com muito maior frequência?

– Sim, os mexericos correm depressa nas terras pequenas. Segundo os mexericos locais, Alex ia a Fjällbacka praticamente todos os fins-de-semana. Sozinha.

– Bem, sozinha não corresponde exactamente à verdade.

Francine hesitou novamente. Erica teve de conter o impulso de se inclinar sobre a mesa e abanar a mulher para a fazer deitar cá para fora o que quer que estivesse a reter. O interesse de Erica estava definitivamente desperto.

– Conhecera por lá alguém. Um homem. Bem, não era a primeira vez que Alex tinha um caso, mas não sei porquê, acho que este era diferente. Pela primeira vez, em todos os anos que nos conhecemos, parecia quase feliz. E

eu sei que Alex não poderia ter posto fim à vida. Alguém a deve ter

assassinado, não tenho dúvidas disso.

– Como pode ter tanta certeza? Nem sequer Henrik sabe dizer com segurança se Alex poderia ou não ter-se suicidado.

– Porque Alex estava grávida.

A resposta de Francine apanhou Erica desprevenida.

– Henrik sabe?

– Não sei. De qualquer modo, o filho não era dele. Há muitos anos que não viviam juntos dessa forma. E mesmo quando viviam, Alex recusou-se sempre a ter um filho de Henri. Nem as súplicas dele a demoviam. Não, o pai da criança devia ser o novo homem da vida dela, seja ele quem for.

– Alex nunca disse quem era o homem?

– Não. Como já deve ter percebido, Alex era muito parca em confidências. Tenho de admitir que também fiquei bastante chocada quando me contou sobre a criança, mas esse é também um dos motivos pelos quais tenho a certeza absoluta de que não se matou. Estava literalmente a transbordar de felicidade e não conseguiu guardar a novidade para si.

Adorava aquele bebé e nunca teria feito nada que o magoasse, muito menos

tirar-lhe a vida. Foi a primeira vez que vi uma Alexandra com gosto pela vida. Julgo que viria a gostar muito dela – a voz de Francine era triste. –

Sabe, eu também tinha a impressão de que Alex pretendia resolver o passado dela. Não sei exactamente como, mas uns comentários aqui e ali deram-me essa ideia.

A porta da galeria abriu-se e ouviram alguém a bater com os pés molhados de neve no tapete. Francine levantou-se.

– Deve ser um cliente. Tenho de ir. Espero ter conseguido ajudá-la.

– Oh, sim, estou-vos muito grata, a si e a Henrik, por terem sido tão sinceros. Deram-me uma grande ajuda.

Depois de ter garantido ao cliente que voltaria logo de seguida, Francine acompanhou Erica à porta. Pararam para apertar as mãos em

frente a uma tela enorme com um quadrado sobre um campo azul.

– Só por curiosidade, quanto vale uma pintura destas? Cinco mil, dez mil?

Francine sorriu.

– Diga antes cinquenta.

Erica deu uma assobiadela.

– Pois, lá está. Arte e vinhos requintados. Duas áreas que para mim continuam a ser mistérios absolutos.

– E eu quase não consigo fazer uma lista de compras. Todos temos as nossas especialidades.

Riram-se. Erica aconchegou melhor o casaco, apesar de ainda estar húmido, e saiu para enfrentar a chuva.

A chuva transformara a neve em lama, e Erica conduziu um pouco abaixo do limite de velocidade para jogar pelo seguro. Depois de passar quase meia hora a tentar sair de Hisingen, onde fora parar por engano, estava agora a aproximar-se de Uddevalla. Um ruído entediante no estômago lembrou-a de que se tinha esquecido completamente de comer durante todo o dia. Erica saiu da E6 ao pé do centro comercial Torp, a norte de Uddevalla, e dirigiu-se ao McDonald's. Sentada no parque de estacionamento, engoliu um hambúrguer com queijo e, pouco tempo depois, estava de volta à auto-estrada. O seu pensamento esteve sempre preenchido com as conversas que tivera com Henrik e Francine. O que lhe fora dito criou uma imagem de uma mulher que construía muralhas defensivas muito altas em torno dela.

O que mais despertava a curiosidade de Erica era a identidade do pai do bebé de Alex. Francine não acreditava que fosse Henrik, mas nunca ninguém podia estar absolutamente certo do que acontecia na intimidade dos outros. E Erica ainda considerava Henrik como uma possibilidade.

Senão, a questão era se o pai era o homem com quem Francine pensava que Alex se tinha ido encontrar todos os fins-de-semana em Fjällbacka, ou se ela tinha um amante em Gotemburgo.

Erica ficou com a ideia de que Alex tinha uma espécie de vida paralela.

Fazia o que lhe apetecia, sem se preocupar se isso ia afectar aqueles que lhe eram próximos, e Henrik em particular. Erica sentia que não tinha sido fácil para Francine compreender como Henrik conseguira aceitar um casamento naquelas condições. Pensava também que Francine o desdenhava por esse motivo. No entanto, Erica compreendia bem de mais como este género de coisas acontecia. Há muitos anos que presenciava o casamento de Anna e Lucas.

O que mais deprimia Erica em relação à incapacidade de Anna alterar a sua situação era o facto de não conseguir deixar de pensar se não seria em parte responsável pela falta de auto-estima da irmã. Erica tinha cinco anos quando Anna nasceu. Desde o primeiro momento que viu a irmã mais nova que tentou protegê-la da realidade que a marcava a ela como uma ferida invisível. Anna nunca iria sentir-se só e rejeitada pela falta de afecto da mãe pelas filhas. Erica cobria Anna dos abraços e palavras carinhosas que não teve da mãe. Tomava conta da irmã mais nova com um instinto maternal.

Era fácil gostar de uma criança como Anna. Era completamente imune aos aspectos mais tristes e aproveitava cada momento. Erica, que era muito madura para a idade, e se sentia frequentemente angustiada, ficava fascinada pela energia com que a irmã adorava cada minuto da sua vida.

Anna tolerava a ansiedade da irmã, mas raramente tinha paciência para se sentar no seu colo ou para se deixar afagar durante muito tempo. Cresceu e tornou-se uma adolescente indomável, que fazia o que bem lhe apetecia, uma rapariga imperturbável e egocêntrica. Em momentos de clarividência, Erica reconhecia que a protegera e mimara demasiado. Estava a tentar dar-lhe aquilo que ela própria não tivera.

Quando Anna e Lucas se conheceram, tornou-se presa fácil. Anna ficou fascinada pela sua aparência atraente, mas era incapaz de se aperceber das forças sufocantes que ela escondia. Lentamente, muito lentamente, Lucas

deu cabo da sua *joie de vivre* e autoconfiança, ao jogar com a vaidade de Anna. Agora estava em Östermalm como uma ave adorável numa gaiola e não conseguia aperceber-se do seu erro. Todos os dias, Erica tinha esperança de que Anna, espontaneamente, lhe estendesse a mão e lhe pedisse ajuda. Até chegar esse dia, Erica nada mais podia fazer que esperar e manter-se disponível. Não que Erica tivesse tido muito mais sorte com os seus relacionamentos. Tinha um longo rasto de relações e promessas quebradas atrás dela, e normalmente fora ela

quem as quebrara. A dada altura de uma relação, algo estalava. Uma sensação de pânico tão forte que Erica mal conseguia respirar; tinha de desaparecer, fazer as malas e partir, sem olhar para trás. E, contudo, desde que se conseguia lembrar, Erica desejava paradoxalmente ter filhos e uma família. Tinha agora trinta e cinco anos e o tempo fugia-lhe.

Raios, conseguira reprimir a imagem de Lucas durante o dia inteiro, mas agora ele metera-se novamente debaixo da sua pele, e Erica sabia que ia ter de descobrir quão vulnerável era realmente a sua posição. Estava demasiado cansada para lidar com isso naquele momento. Teria de esperar pelo dia seguinte. Sentiu uma necessidade aguda de descansar durante o resto do dia.

Sem pensar em Lucas nem em Alexandra Wijkner.

Premiu uma tecla de marcação rápida no seu telemóvel.

– Estou? Sou eu, Erica. Estão em casa esta noite? Estava a pensar dar aí um salto.

Dan deu uma gargalhada calorosa.

– Se estamos em casa? Não sabes o que há esta noite?

O silêncio que encontrou do outro lado da linha foi bastante assustador.

Erica concentrou-se, mas não conseguia lembrar-se de nada de especial em relação àquela noite. Fosse uma comemoração ou o aniversário de alguém.

Dan e Pernilla tinham casado naquele Verão, por isso não podia ser o aniversário de casamento deles.

– Não, não faço mesmo ideia. Diz-me tu.

Houve um longo suspiro na linha, e Erica percebeu que o grande acontecimento tinha de estar relacionado com desporto. Dan era grande entusiasta de desporto, o que por vezes causava alguma fricção com a mulher. Erica conseguia descobrir a sua própria forma de se vingar de todas as noites que tivera de passar a olhar para um qualquer evento

desportivo na televisão, completamente desprovido de significado para ela, quando estavam juntos. Dan era um adepto fanático do

Djurgården, o clube de hóquei no gelo, por isso Erica assumira o papel de fã radical do AIK. Na realidade, não tinha qualquer interesse pelo desporto em geral, e pelo hóquei em particular, e isso parecia ter irritado Dan ainda mais. Mas o que realmente o enfureceu foi quando o AIK perdeu e Erica ficou aparentemente indiferente.

– A Suécia vai jogar com a Bielorrússia!

Dan apercebeu-se da incompreensão dela e voltou a suspirar profundamente.

– Os Jogos Olímpicos, Erica, os Jogos. Não sabes que estão a decorrer...?

– Ah, referes-te ao jogo? Sim, claro que sei. Pensei que estavas a dizer que esta noite era especial por qualquer outro motivo *além desse*.

Falou num tom exagerado, mostrando claramente que não fazia ideia de haver um jogo nessa noite. Sorriu porque sabia que Dan estava literalmente a arrancar o cabelo por causa daquela blasfémia. O desporto não era uma brincadeira para Dan.

– Mesmo assim, passo por aí para ver o jogo convosco e poder ver o Salming dar cabo da defesa russa...

– O Salming! Fazes ideia de há quantos anos se reformou? Estás a gozar comigo, só podes! Diz-me que estás a gozar.

– Claro que estou a gozar, Dan, não sou assim tão tapada. Passo aí para ver o Sundin, se preferes assim. Um tipo muito giro, por acaso.

Dan voltou a suspirar pesadamente. Desta vez porque Erica fora suficientemente blasfema para qualificar tal gigante no mundo do hóquei noutros termos que não os puramente desportivos.

– Está bem, aparece. Mas não quero uma repetição da última vez. Nada de bocejar durante o desafio, nada de comentários quanto aos jogadores ficarem *sexy* com as protecções e, acima de tudo, nada de perguntas sobre se eles usam fundas, e se usam cuecas por cima delas. Estamos entendidos?

Erica reprimiu uma gargalhada e disse muito séria:

– Palavra de escuteira, Dan.

Dan resmungou:

– Tu nunca foste escuteira.

– Exactamente.

Depois, Erica desligou o telemóvel.

Dan e Pernilla viviam numa das moradias em banda recentemente construídas em Falkeliden. As habitações estavam dispostas em linhas rectas que subiam o monte Rabekullen e assemelhavam-se tanto entre si que era quase impossível distingui-las. Era uma zona muito procurada pelas famílias com crianças, sobretudo porque as casas não tinham vista para o mar e, por isso, não tinham atingido preços tão astronómicos como as dos bairros mais próximos do oceano.

A noite estava demasiado fria para dar um passeio, mas o carro protestou veementemente quando o tentou forçar pela encosta gelada acima, apenas coberta com uma fina camada de areia. Virou para a rua de Dan e Pernilla com um profundo suspiro de alívio.

Erica tocou à campainha, o que deu de imediato origem a uma correria de pequenos pés vinda do interior. Um segundo depois, a porta foi aberta de rompante por uma rapariguinha vestida com um *babygrow* – Lisen, a filha mais nova de Dan e Pernilla. Malin, a irmã do meio, ficou furiosa porque achou uma injustiça ter sido Lisen a abrir a porta a Erica e a contenda não acalmou antes se ouvir a voz firme de Pernilla vinda da cozinha. Belina, a filha mais velha, tinha treze anos, e Erica vira-a na barraca de cachorros-quentes de Acke, rodeada de rapazes de barbas ralas em motocicletas, quando passou de carro pela praça. Belina ia certamente dar que fazer a Dan e Pernilla.

Depois de Lisen e Malin terem recebido um abraço, desapareceram tão depressa como se tinham materializado, e Erica pôde pendurar o casaco em paz e sossego.

Pernilla estava na cozinha a preparar o jantar, com as faces rosadas e um avental com as palavras «Beija a cozinheira» impressas em letras garrafais.

Parecia estar a meio de uma fase decisiva dos seus cozinhados e limitou-se a acenar um pouco distraidamente a Erica antes de voltar aos seus tachos e panelas, fumegantes e a chiar. Erica prosseguiu até à sala de estar, onde sabia que encontraria Dan, afundado no sofá com os pés apoiados sobre a mesa de apoio em vidro e o telecomando bem agarrado na mão direita.

– Olá! Estou a ver que o porco do macho chauvinista está a descansar

enquanto a fada do lar trabalha como uma moura na cozinha.

– Olá, Erica! Sim, já sabes como é, basta mostrar-lhes quem usa calças na família, gerir a casa com mão de ferro e elas entram na linha.

O sorriso caloroso dele desmentia aquelas palavras, e Erica sabia que quem quer que gerisse o lar dos Karlsson, não era de certeza Dan.

Erica abraçou-o brevemente e instalou-se no sofá de couro negro.

Colocou igualmente os pés sobre a mesa de apoio, sentindo-se em casa.

Assistiram por uns minutos às notícias no canal 4 num silêncio acolhedor e Erica perguntou a si própria, não pela primeira vez, se ela e Dan poderiam ter partilhado uma vida assim.

Dan foi o primeiro namorado e o primeiro grande amor de Erica. Fizeram juntos todo o liceu e foram inseparáveis durante três anos. Mas tinham objectivos de vida diferentes. Dan queria ficar em Fjällbacka e ser pescador, como o pai e o avô, ao passo que Erica mal podia esperar por sair da pequena vila. Sempre sentira que estava ali a asfixiar; para Erica, o futuro estava noutro lado.

Tinham tentado ficar juntos durante algum tempo, com Dan a viver em Fjällbacka e Erica em Gotemburgo, mas as suas vidas tomaram direcções completamente opostas. Depois de um rompimento doloroso, conseguiram lentamente construir uma amizade que, praticamente quinze anos depois, ainda era forte e próxima.

Pernilla entrou na vida de Dan como um abraço carinhoso e reconfortante quando ele começava a habituar-se à ideia de que não tinha futuro com Erica. Pernilla apoiou-o quando ele mais precisou, e adorava-o de uma forma que preenchia parte do vazio que Erica deixara para trás. Para Erica fora uma experiência dolorosa vê-lo com outra pessoa, mas gradualmente foi-se apercebendo de que aquilo estava destinado a acontecer, mais cedo ou mais tarde. E a vida continuou.

Agora, Dan e Pernilla tinham três filhas, e Erica pensou que, ao longo dos anos, tinham construído um amor caloroso um pelo outro, apesar de Erica sentir por vezes um certo desassossego em Dan.

A princípio não tinha sido fácil para Erica e Dan manterem a amizade.

Pernilla era muito ciumenta e olhava Erica com profunda desconfiança. Aos poucos, Erica conseguira convencer Pernilla de que não andava atrás do marido e, apesar de nunca se terem tornado grandes amigas, tinham um relacionamento descontraído e caloroso. Tanto mais que era óbvio que as meninas adoravam Erica, que era madrinha de Lisen.

– O jantar está na mesa.

Dan e Erica deixaram o conforto do sofá e dirigiram-se à cozinha, onde Pernilla colocara uma caçarola fumegante sobre a mesa. Na mesa apenas

estavam postos dois lugares, e Dan ergueu as sobrancelhas inquisitoriamente.

– Eu e as miúdas já comemos. Jantem os dois enquanto as vou deitar.

Erica ficou envergonhada por Pernilla ter tido tanto trabalho por causa dela, mas Dan encolheu os ombros e começou indiferentemente a servir-se de uma enorme porção do que se revelou ser um excelente guisado de peixe.

– Então como tens passado? Já não te víamos há semanas.

O tom dele era preocupado, não acusatório, mas ainda assim Erica sentiu a consciência pesada por ter estado tão afastada nos últimos tempos. Tinha havido tanto mais em que pensar.

– Bem, as coisas estão a melhorar. Mas agora parece que vai haver confusão por causa da casa – disse Erica.

– Que queres dizer? – Dan ergueu os olhos do prato, surpreendido. – Tu e Anna adoram aquela casa; devem ser capazes de chegar a um entendimento.

– Claro que sim. Mas estás a esquecer-te de que Lucas também está envolvido. Lucas fareja dinheiro, e provavelmente não vai perder uma oportunidade destas. Nunca ligou nenhuma à opinião de Anna, e não há razão para agora ser diferente.

– Desgraçado, se eu lhe conseguisse deitar a mão numa noite escura não voltaria a ser um sacana tão arrogante.

Bateu enfaticamente com o punho na mesa, e Erica não duvidou por um momento de que, se quisesse, Dan seria capaz de dar a Lucas uma

tarefa a valer. Já em adolescente Dan era forte, e o trabalho árduo no barco de pesca desenvolveu-lhe ainda mais os músculos, mas a gentileza dos seus olhos desmentia aquela imagem de dureza. Tanto quanto Erica podia saber, nunca tinha levantado a mão a nenhum ser vivo.

– Por enquanto não posso adiantar nada, não sei realmente qual será a situação. Amanhã vou telefonar a Marianne, uma amiga advogada, e saber se tenho possibilidade de impedir uma venda, mas esta noite prefiro não pensar no assunto. Além disso, tenho passado por muita coisa nos últimos dias, e pensar em bens materiais parece-me um pouco mesquinho.

– Pois, eu soube o que aconteceu – Dan fez uma pausa. – Qual foi a sensação de encontrar uma pessoa morta daquela maneira?

Erica ponderou o que dizer.

– Ao mesmo tempo triste e horrível. Espero não voltar a ter de passar por

uma experiência daquelas.

Erica contou-lhe sobre o artigo que estava a escrever e sobre as conversas com o marido e a colega de Alexandra. Dan ouviu em silêncio.

– Não compreendo porque é que Alex se fechou para as pessoas mais importantes da sua vida. Devias ter visto o marido, tinha uma adoração absoluta por ela. Mas é o que acontece à maioria das pessoas, julgo eu.

Riem-se e parecem estar felizes, mas na realidade sentem-se sobrecarregadas com todas as preocupações e problemas do mundo.

Dan interrompeu-a abruptamente.

– Erica, o jogo vai começar daqui a três segundos e eu prefiro uma partida de hóquei no gelo às tuas exegeses semifilosóficas.

– Não te preocupes. Além disso trouxe um livro para o caso de o jogo ser chato.

Dan lançou-lhe um olhar confuso até reparar no brilho provocador nos olhos dela.

Dirigiram-se novamente à sala de estar mesmo a tempo do começo do encontro.

Marianne atendeu ao primeiro toque.

– Marianne Svan.

– Sou eu, Erica.

– Olá, há quanto tempo. Que bom teres telefonado. Como estás? Tenho pensado imenso em ti.

Erica foi novamente lembrada de que ultimamente não estava a dar atenção suficiente aos amigos. Sabia que estavam preocupados com ela, mas no mês anterior nem sequer conseguira manter-se em contacto com Anna. No entanto, sabia que compreendiam.

Marianne era uma boa amiga desde o tempo da faculdade. Estudaram Literatura juntas, mas, após cerca de quatro anos de estudo, Marianne concluiu que ser bibliotecária não era a vocação da sua vida, por isso mudou para Direito. E teve sucesso; era agora a associada mais nova de sempre numa das maiores e mais respeitadas firmas de advogados de Gotemburgo.

– Bem, dadas as circunstâncias, estou bem, acho. Estou a começar outra vez a ter um pouco de ordem na minha vida, mas ainda há uma série de coisas para tratar.

Marianne nunca fora pessoa para perder tempo com conversa fiada e, com a sua intuição infalível, conseguia perceber que Erica não telefonara apenas para conversar.

– Então, que posso fazer por ti, Erica? Percebo que não me ligaste por acaso, por isso podes ir direita ao assunto.

– Estou mesmo envergonhada por não falar contigo há tanto tempo, e por te estar a telefonar por precisar da tua ajuda.

– Não digas disparates. Como é que te posso ajudar? Há algum problema com a propriedade?

– Podes crer que há.

Erica estava sentada à mesa da cozinha, inquieta com a carta que chegara de manhã pelo correio.

– Anna, ou antes, Lucas, quer vender a casa em Fjällbacka.

– Como? – Marianne perdeu a compostura habitual e explodiu: – Quem pensa esse sacana do Lucas que é? Tu adoras essa casa!

Subitamente, Erica sentiu que algo se quebrava no seu interior e desatou a chorar. Marianne acalmou-se instantaneamente e confortou-a.

– Mas afinal como é que tens passado? Queres que vá a tua casa? Posso estar aí hoje à noite.

As lágrimas de Erica correram ainda com mais intensidade, mas depois de uns momentos a soluçar acalmou-se o suficiente para limpar os olhos.

– É mesmo muito simpático da tua parte, mas eu estou bem. A sério. É

que ultimamente tem sido tudo ao mesmo tempo. Foi muito traumatizante escolher as coisas dos meus pais, e agora o meu livro está atrasado e o editor anda atrás de mim, e depois isto tudo da casa... e para acabar em beleza, na sexta-feira passada encontrei a minha melhor amiga de infância morta.

O riso começou a borbulhar dentro dela e, ainda de lágrimas nos olhos, começou a rir histericamente. Demorou algum tempo a recompor-se.

– Disseste «morta» ou ouvi mal?

– Infelizmente, ouviste bem. Desculpa, debes ter achado horrível ter-me rido. É que isto tem sido demasiado. Era a minha melhor amiga quando eu era pequena, Alexandra Wijkner. Suicidou-se na banheira na casa da família, em Fjällbacka. Talvez a conhecesses, não? Alex e o marido, Henrik Wijkner, moviam-se nos melhores círculos de Gotemburgo, e esse é o tipo de pessoas com quem te dás actualmente, não é verdade?

Erica sorriu e sabia que Marianne estava a fazer o mesmo do outro lado da linha. Quando eram ambas jovens estudantes, Marianne vivera no bairro de pescadores de Majorna, em Gotemburgo, e lutara pelos direitos da classe operária. Ambas sabiam que, com o passar dos anos, Marianne fora obrigada a reformular as suas ideias de modo a encaixar-se nos círculos associados ao seu emprego na venerável e antiga firma de advogados.

Agora eram só fatos chiques e blusas com laços. O que contava eram as festas no bairro de Örgryte, mas Erica sabia que, para Marianne,

isso era apenas uma fachada que escondia um temperamento rebelde.

– Henrik Wijkner. Sim, sei realmente de quem se trata. Até temos alguns conhecimentos em comum, mas nunca tive a oportunidade de o conhecer.

Um empresário implacável, dizem. Do tipo de ser capaz de despedir mais de cem funcionários antes do pequeno-almoço sem perder o apetite. A mulher geria uma loja, não era?

– Uma galeria. De arte abstracta.

As palavras de Marianne sobre Henrik chocaram-na. Erica sempre considerara ser capaz de avaliar as pessoas, e Henrik parecia-lhe tudo menos o que imaginava ser «um empresário implacável».

Erica deixou cair o assunto e começou a falar do verdadeiro motivo que a levava a telefonar.

– Recebi hoje uma carta. Do advogado de Lucas. Convocaram-me para uma reunião em Estocolmo, na sexta-feira, relacionada com a venda da casa dos meus pais, e eu em relação a leis sou uma nulidade. Quais são os meus direitos? Será que tenho alguns? Lucas pode mesmo fazer isto?

Conseguia sentir o lábio inferior a começar novamente a tremer e inspirou profundamente para se acalmar. Do lado de fora da janela da cozinha, o gelo na baía cintilava depois dos dois dias de degelo seguidos de temperaturas negativas à noite. Viu um pardal a pousar no peitoril da janela e lembrou-se de comprar uma bola de sebo para os pássaros. O pardal inclinou a cabeça inquisitoriamente e bicou ao de leve a janela. Depois de se certificar de que não lhe iria ser dado nada de comestível, o pássaro levantou voo.

– Como sabes, eu sou uma fiscalista, não uma advogada de Direito da Família; por isso, não posso dar-te uma resposta imediatamente. Mas vamos fazer o seguinte; vou averiguar junto dos especialistas no escritório e telefono-te mais logo. Não estás sozinha, Erica. Prometo-te que te vamos

ajudar nisto.

Era fantástico ouvir as garantias confiantes de Marianne, e quando se despediram a vida parecia mais colorida, apesar de, afinal, Erica não ter ficado a saber mais do que antes de ter telefonado.

O desassossego instalou-se quase de imediato. Erica obrigou-se a voltar ao trabalho na biografia, mas avançava muito pouco. Tinha mais de metade do livro para escrever, e a editora estava cada vez mais impaciente porque ainda não tinha recebido o primeiro esboço. Depois de ter preenchido quase duas páginas, leu o que tinha escrito, viu que não valia nada e apagou rapidamente várias horas de trabalho. A biografia só a deprimia; a alegria de trabalhar desaparecera há muito. Em vez disso, terminou o artigo sobre Alexandra e colocou-o num envelope endereçado ao *Bohusläningen*.

Depois estava na altura de telefonar a Dan para o provocar pelo trauma psicológico quase fatal que parecia ter sofrido após a derrota espectacular da Suécia na noite anterior.

Com um sentimento de felicidade, o superintendente Mellberg bateu ao de leve na enorme barriga e ponderou a hipótese de fazer uma pequena sesta. Continuava a não haver quase nada para fazer e não atribuía grande importância ao pouco que havia.

Decidiu que seria agradável dormir por uns momentos para que o seu almoço substancial pudesse ser digerido em paz e sossego. Mas, mal conseguira fechar os olhos, quando uma batida determinada na porta anunciou que Annika Jansson, a secretária da esquadra, queria falar-lhe.

– Que diabo? Não vê que estou ocupado?

Numa

tentativa

de

parecer

realmente

ocupado,

vasculhou

inconsequentemente por entre os papéis que se acumulavam em pilhas sobre a secretária, mas apenas conseguiu entornar uma chávena de café. O

café correu para cima dos papéis e Mellberg agarrou o pedaço de

pano mais próximo que encontrou para limpar aquela trapalhada: por acaso, a fralda da camisa, pois já raramente estava enfiada nas calças.

– Raios, sou o maldito chefe disto! Não aprendeu a ter respeito pelos seus superiores e a bater antes de entrar?

A secretária achou desnecessário salientar que fora realmente isso que acabara de fazer. Com a sabedoria adquirida com a idade e a experiência, esperou calmamente que a explosão do chefe esmorecesse.

– Presumo que tenha algo a dizer-me – afirmou Mellberg ainda a fervilhar.

Annika respondeu numa voz contida:

– A Medicina Legal de Gotemburgo tem andado à sua procura. O patologista forense Tord Pedersen, para ser exacta. Pode ligar-lhe para este número.

Annika entregou-lhe um papel com o número cuidadosamente dactilografado.

– O tipo disse qual era o assunto?

A curiosidade dava-lhe uma sensação de formigueiro no estômago. Não recebiam notícias da Medicina Legal com muita frequência, ali na parvónia.

Talvez houvesse oportunidade para algum trabalho policial inspirador, para variar.

Dispensou Annika distraidamente e prendeu o auscultador entre a orelha e o ombro. Depois começou ansiosamente a marcar o número.

Annika saiu rapidamente do gabinete e fechou a porta com estrondo atrás de si. Sentou-se à secretária e amaldiçoou, como o fizera tantas vezes, a decisão que enviara Mellberg para a diminuta esquadra de Tanumshede. De acordo com rumores correntes na esquadra, o superintendente tornara-se indesejável em Gotemburgo por ter maltratado um refugiado que estava sob a sua custódia. Esse não fora seguramente o único erro que cometera, mas fora o pior. O superior de Mellberg acabou por se faltar. Uma investigação interna não conseguira provar nada, mas havia preocupações sobre o que Mellberg ainda poderia fazer, por isso foi imediatamente transferido para o

cargo de superintendente em Tanumshede. Cada um dos doze mil cidadãos da comunidade, quase todos cumpridores da lei, lembrava constantemente ao superintendente a sua despromoção. Os seus antigos superiores em Gotemburgo julgavam que ali não podia provocar muitos danos. Até à data essa avaliação estivera correcta. Por outro lado, Mellberg também não estava a fazer grande bem.

Antes, Annika dera-se bem no trabalho, mas agora, com Mellberg como chefe, isso acabara. Não bastava ser constantemente grosseiro; também se via como uma dádiva de Deus às mulheres, e era Annika quem mais sofria com isso. Insinuações maliciosas, beliscões no traseiro e comentários despropositados eram apenas uma parte do que tinha actualmente de aturar no emprego. Contudo, aquilo que achava ser a sua faceta mais repugnante

era o penteado atroz que concebera para cobrir a sua calvície. Deixara crescer os fios de cabelo que lhe restavam – os seus subordinados apenas podiam imaginar o tamanho que teriam – e depois enrolava o cabelo no cimo da cabeça num arranjo que mais parecia um ninho de corvos abandonado.

Annika estremeceu perante a ideia do que aquilo pareceria quando não estivesse penteado para cima. Estava grata por nunca ter de saber.

Interrogava-se sobre o que queria a Medicina Legal. Bem, não tardaria a sabê-lo. A esquadra era tão pequena que bastava uma hora para qualquer informação de interesse se espalhar.

Bertil Mellberg ouviu o telefone tocar enquanto observava Annika a retirar-se do seu gabinete.

Era uma mulher fantástica, aquela. Segura e distinta, mas com as curvas todas nos sítios certos. Cabelo louro comprido, umas belas mamas empinadas e um rabo magnífico. Era pena que vestisse sempre aquelas saias compridas e blusas largas. Talvez devesse sugerir-lhe que roupas mais justas lhe ficavam melhor. Como chefe, tinha o direito de opinar quanto à forma de vestir do seu pessoal. Annika tinha trinta e sete anos – Mellberg sabia-o por ter verificado o registo pessoal dela. Cerca de vinte anos mais nova do que ele, mesmo ao seu gosto. Outros que se ocupassem das velhas.

Ele chegava bem para as jovens – era um homem maduro e experiente, com uma estatura atraente, e de certeza que ninguém diria que perdera algum cabelo com o passar dos anos. Tocou cuidadosamente no topo da cabeça.

Tudo bem, o cabelo estava no devido lugar.

– Tord Pedersen. Como está?

– Olá, como está? Sou o superintendente Bertil Mellberg, da esquadra de Tanumshede. Queria falar comigo?

– Sim, exactamente. É por causa de um cadáver que os senhores nos enviaram. De uma mulher de nome Alexandra Wijkner. Um suicídio, aparentemente.

– A sério? – o interesse de Mellberg estava definitivamente desperto.

– Realizei ontem a análise *post mortem* e concluí, sem margem para dúvidas, que não se tratou de um suicídio. Alguém a assassinou.

– C’os diabos! – Na sua excitação, Mellberg derrubou novamente a chávena de café, e o pouco que nela restava espelhou-se pela secretária.

Utilizou outra vez a fralda da camisa como pano e manchou-a um pouco mais.

– Como sabe isso? Quer dizer, que tipo de prova tem de que foi homicídio?

– Posso enviar-lhe por fax o relatório da autópsia, mas duvido de que isso conseguisse esclarecê-lo. Contudo, deixe-me resumir os pontos principais.

Só um momento, deixe-me pôr os óculos – disse Pedersen.

Mellberg ouviu-o murmurar enquanto percorria o relatório. Esperou avidamente pelas informações.

– Ora bem, vamos ver. Sexo feminino, trinta e cinco anos, em boas condições físicas. Mas tudo isto já o superintendente sabe. A mulher está morta há cerca de uma semana, mas apesar disso o corpo está em muito bom estado, sobretudo graças à baixa temperatura na divisão onde o cadáver foi encontrado. O gelo em torno da parte inferior do corpo ajudou igualmente a preservá-lo.

– Incisões profundas sobre as artérias de ambos os pulsos feitas com uma lâmina de barbear que foi encontrada no local do crime. Foi aqui que comecei a suspeitar. Ambas as incisões têm a mesma profundidade e são muito direitas, o que é muito pouco comum. Até

me aventuraria a dizer que isto nunca acontece num suicídio. Deve-se ao facto de as pessoas serem dextros ou canhotos. A incisão no braço esquerdo será muito mais a direita e mais pronunciada no caso de uma pessoa dextra do que a ferida no outro braço. É o que acontece quando temos de usar a mão «errada», por assim dizer. Examinei então os dedos de ambas as mãos e vi que as minhas suspeitas se confirmavam. O gume de uma lâmina de barbear é tão afiado que, na maior parte dos casos, deixa cortes microscópicos nas mãos.

Alexandra Wijkner não tinha nada que se assemelhasse a tal. Isto demonstra que foi outra pessoa a cortar-lhe os pulsos, provavelmente com o objectivo de fazer com que parecesse um suicídio.

Pedersen fez uma pausa, depois prosseguiu:

– A pergunta que então fiz a mim próprio foi: como poderia alguém fazer aquilo sem que a vítima desse luta? A resposta veio no relatório de toxicologia. A vítima tinha resíduos de um sedativo forte no sangue.

– E que prova isso? Não poderá simplesmente ter tomado um comprimido para dormir?

– Sem dúvida, é uma possibilidade. Mas, felizmente, a ciência moderna

proporcionou à medicina forense uma série de ferramentas e métodos indispensáveis. Uma das ferramentas permite-nos actualmente calcular com extrema precisão as taxas de dissolução de vários medicamentos, e até de venenos. Analisámos o sangue da vítima várias vezes e chegámos sempre à mesma conclusão: teria sido impossível a Alexandra Wijkner cortar os próprios pulsos, pois no momento em que o coração parou devido à perda de sangue já se encontrava inconsciente há algum tempo. Infelizmente, não lhe posso dar informações exactas sobre as horas destas ocorrências; a ciência ainda não avançou assim tanto. Mas não há dúvida absolutamente nenhuma de que se trata de um homicídio. Espero sinceramente que consiga resolver isto. Não costuma haver muitos assassínios na sua área, pois não?

A voz de Pedersen expressava bastantes dúvidas. As quais Mellberg interpretou instantaneamente como uma crítica que lhe era dirigida.

– Tem razão, não temos muita experiência desse género de coisas aqui em Tanumshede. Felizmente, eu fui destacado para aqui apenas temporariamente. O meu verdadeiro local de trabalho é a Divisão, em

Gotemburgo. Os meus longos anos de experiência nesta profissão farão com que não tenhamos quaisquer problemas em dar conta, mesmo aqui, da investigação de um homicídio. Será uma oportunidade das autoridades locais observarem como se faz trabalho de investigação a sério. Não vai demorar muito até o caso ser resolvido. Pode escrever o que lhe digo.

Com aquele comentário pomposo, Mellberg sabia que tinha deixado bem claro ao médico-legista Pedersen que não estava a lidar com um maçarico.

Os médicos gostavam sempre de se dar ares. De qualquer modo, a parte do trabalho de Pedersen estava feita, e agora era tempo de um profissional tomar conta do caso.

– Ah, quase me esquecia – o médico-legista estava estupefacto com a presunção do polícia e por pouco não referiu mais duas descobertas que considerava importantes –, Alexandra Wijkner estava grávida de três meses, e já tinha dado à luz anteriormente. Não sei se isto tem alguma pertinência para a sua investigação, mas antes mais do que menos, não acha? – disse Pedersen.

Mellberg limitou-se a resfolegar em resposta e, depois de algumas palavras obsequiosas em jeito de conclusão, ambos desligaram, Pedersen com uma sensação de dúvida quanto à capacidade daquele homem para encontrar o assassino, e Mellberg com o estado de espírito renovado e uma

nova sensação de entusiasmo. Fora feita uma investigação preliminar à casa de banho imediatamente após a descoberta do corpo, mas agora teria de ordenar que a casa de Alexandra Wijkner fosse esquadrihada milímetro a milímetro.

1 Povoação com cerca de 800 habitantes situada na costa ocidental da Suécia. Local de férias de

eleição para figuras famosas. (*N. do T.*)

2 Selma Lagerlöf (1858-1940), escritora sueca, detentora do primeiro prémio Nobel da Literatura

atribuído a uma mulher. (*N. do T.*)

3 Moeda sueca. 1 coroa equivale a cerca de 0,09 euros. (*N. do T.*)

4 Alegria de viver. Em francês no original. (*N. do T.*)

5 Empresa norte-americana de alimentação dietética que proporciona diversos produtos e serviços

para orientar a perda ou a manutenção de peso. (N. do T.)

6 Província histórica sueca onde se situa Fjällbacka, localizada na Suécia Ocidental, na antiga nação

de «Götaland». As províncias não possuem actualmente funções administrativas, são mantidas para fins históricos e culturais. (N. do T.)

7 Henrik Schartau (1757-1825), clérigo luterano sueco, cujos ensinamentos teológicos influenciaram

um movimento revivalista predominante no Sul e no Sudoeste da Suécia. (N. do T.)

8 Principal diário de Bohuslän. (N. do T.)

9 Jornal diário sueco de maior circulação. (N. do T.)

10 Alcoólicos Anónimos. (N. do T.)

2

AQUECEU UM CARACOL DELA ENTRE AS MÃOS. PEQUENOS
CRISTAIS DE

GELO DERRETERAM E MOLHARAM-LHE AS PALMAS DAS MÃOS.
LAMBEU A ÁGUA CUIDADOSAMENTE.

APOIOU UMA FACE NA BORDA DA BANHEIRA E SENTIU O FRIO
MORDER-LHE

A PELE. ELA ERA TÃO BONITA. ALI A FLUTUAR NA CROSTA DE
GELO.

O LAÇO ENTRE AMBOS AINDA EXISTIA. NADA MUDARA. NADA
ERA DIFERENTE. TINHAM SIDO FEITOS UM PARA O OUTRO.

FOI PRECISO ALGUM ESFORÇO PARA LHE ABRIR A MÃO, DE MODO
A PODER

PÔR A SUA PALMA CONTRA A DELA. ENTRELAÇOOU OS DEDOS NOS
DEDOS

DELA. O SANGUE ESTAVA SECO E SÓLIDO, E PEQUENOS
FRAGMENTOS

AGARRARAM-SE-LHE À PELE.

O TEMPO NUNCA SIGNIFICARA NADA QUANDO ESTAVA COM ELA.
ANOS, DIAS

OU SEMANAS FLUÍAM COMO UM TODO, TORNANDO-SE UMA
ENTIDADE

AMORFA NA QUAL A ÚNICA COISA QUE TINHA VERDADEIRO
SIGNIFICADO ERA ESTA: A MÃO DELA NA SUA. ERA POR ISSO QUE
A TRAIÇÃO TINHA SIDO TÃO

DOLOROSA. ELA FIZERA COM QUE O TEMPO VOLTASSE A TER
SIGNIFICADO.

E, POR ISSO, O SANGUE NUNCA MAIS LHE CORRERIA QUENTE NAS
VEIAS.

ANTES DE PARTIR, COLOCOU A MÃO DELA NA POSIÇÃO EM QUE A
ENCONTRARA.

NÃO OLHOU PARA TRÁS.

DESPERTA APÓS UM SONO profundo e sem sonhos, Erica não
conseguiu logo identificar o som. Quando percebeu que fora o toque
estridente do telefone que a acordara, o aparelho já tinha tocado
várias vezes. Saltou da cama para o atender.

– Erica Falck – a voz não era mais do que um grasnido. Aclarou
sonoramente a garganta, com a mão a tapar o bocal, para se livrar da
rouquidão.

– Oh, perdão, acordei-a? Peço imensa desculpa.

– Não, já estava acordada – a resposta surgiu automaticamente, e
Erica conseguiu ouvir quão transparente soava. Era mais que óbvio
que, na melhor das hipóteses, estava ensonada.

– Bem, de qualquer modo peço desculpa. É o Henrik Wijkner. Acabei
de receber um telefonema de Birgit, que me pediu para contactá-la.
Parece que recebeu esta manhã uma chamada de um superintendente
da polícia bastante mal-educado, da esquadra de Tanumshede. O
homem praticamente ordenou-lhe, em termos pouco simpáticos, que

comparecesse na esquadra.

Claro que também foi pedida a minha presença. Ele não quis dizer qual era o assunto, mas nós calculamos qual seja. Birgit está muito perturbada e, uma vez que nem Karl-Erik nem Julia estão em Fjällbacka por andarem a tratar de vários assuntos, pensei que a Erica pudesse fazer-me o grande favor de ficar um pouco com Birgit. A irmã e o cunhado estão a trabalhar, por isso Birgit está sozinha em casa. Não consigo voltar a Fjällbacka senão daqui a umas duas horas, e não queria que Birgit ficasse sozinha durante tanto tempo. Sei que é pedir muito, e que não nos conhecemos muito bem, mas não tenho mais ninguém a quem recorrer.

– Claro que vou ter com Birgit. Não há problema. Deixe-me só vestir qualquer coisa. Consigo estar lá daqui a quinze minutos.

– Isso é excelente. Fico-lhe eternamente grato. Acredite. Birgit nunca foi uma pessoa muito estável, e prefiro que esteja alguém com ela até eu regressar a Fjällbacka. Vou ligar-lhe a dizer que vai a caminho. Estarei lá por volta do meio-dia, por isso depois voltamos a falar. Mais uma vez, muito obrigado.

Ainda com olhos de sono, Erica correu para a casa de banho para lavar a cara. Vestiu as roupas que usara no dia anterior e, depois de dar uma penteadela e de aplicar um pouco de rímel, em dez minutos estava sentada ao volante. Não demorou mais de cinco minutos de Sälvik até à Rua Tallgatan, por isso estava a tocar à campainha precisamente cerca de um quarto de hora depois de Henrik ter telefonado.

Birgit parecia bastante mais magra desde que Erica a vira pela última vez há alguns dias, e as roupas pendiam-lhe frouxamente do corpo. Desta vez não foram até à sala; em vez disso, Birgit conduziu-a à cozinha.

– Obrigada por teres vindo. Fico tão nervosa, e não conseguia ficar para aqui sentada preocupada até Henrik chegar.

– Henrik disse que recebeu um telefonema da polícia de Tanumshede...

– Sim, às oito da manhã telefonou um tal de superintendente Mellberg e disse-me que Karl-Erik, Henrik e eu deveríamos ir à esquadra imediatamente. Eu expliquei-lhe que Karl-Erik estava fora para tratar de um assunto de trabalho urgente, mas que estaria de volta amanhã. Perguntei-lhe se haveria problema em esperarmos que chegasse. Isso

não era aceitável, afirmou ele, por isso, por enquanto, eu e Henrik teríamos de servir. O

homem foi bastante mal-educado, e é claro que liguei logo a Henrik, que virá assim que puder. Lamento, mas devo ter parecido um pouco preocupada, e foi por isso que Henrik sugeriu fazer-te um telefonema a pedir que me viesses fazer companhia por umas horas. Espero realmente que não penses que estamos a pedir demasiado. É provável que não queiras envolver-te ainda mais na nossa tragédia familiar, mas eu não sabia a quem recorrer. Além disso, tu eras quase como uma filha na nossa casa, há muito tempo, por isso julguei que talvez...

– Não pense mais nisso. Tenho o maior prazer em ajudar. O polícia disse qual era o assunto?

– Não, o superintendente não quis adiantar nem uma palavra. Mas calculo o que seja. Eu não te tinha dito que Alex não se tinha suicidado? Lembras-te?

Impulsivamente, Erica colocou a mão sobre a de Birgit.

– Querida Birgit, não vamos tirar conclusões precipitadas. Pode ter razão, mas até termos a certeza é melhor não especularmos.

Passaram duas horas intermináveis sentadas à mesa da cozinha. A conversa esmoreceu passado pouco tempo, e a única coisa que quebrava o

silêncio era o tiquetaque do relógio de cozinha. Com o indicador, Erica desenhou círculos em torno do padrão na superfície escorregadia da toalha de oleado. Birgit estava impecavelmente vestida e a sua maquilhagem era tão imaculada como da última vez que a vira. Mas agora havia nela um sinal indefinido de cansaço e esgotamento, como uma fotografia cujos cantos tivessem desbotado. Não ficava bem assim tão magra. Da última vez já estava bastante magra, e a perda de peso fizera aparecer novas rugas em torno dos olhos e da boca. Estava a agarrar a chávena de café com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. Se a longa espera era cansativa para Erica, para Birgit devia ser insuportável.

– Não sei quem poderia querer matar Alex – as palavras soaram como um tiro de pistola, após o longo silêncio. – Alex não tinha inimigos. Limitava-se a viver uma vida perfeitamente normal com Henrik.

– Ainda não sabemos do que se trata. Não adianta especularmos antes de sabermos o que a polícia quer – disse novamente Erica. Interpretou

a falta de resposta de Birgit como um acordo tácito.

Pouco depois do meio-dia, o carro de Henrik parou no pequeno espaço de estacionamento à frente da casa. Viram-no pela janela da cozinha, levantaram-se com alívio e vestiram os casacos. Quando Henrik tocou à campainha, já estavam à entrada, preparadas para sair. Birgit e Henrik beijaram-se ao de leve numa das faces e depois na outra. Depois foi a vez de Erica receber o mesmo cumprimento. Não estava habituada àqueles maneirismos e ficou um pouco preocupada por poder cometer uma gafe ao começar pelo lado errado. Mas lidou com o momento sem qualquer problema e, durante um segundo, apreciou o perfume masculino do *aftershave* de Henrik.

– Vem connosco, não vem?

Erica já estava a encaminhar-se para o seu carro.

– Bem, não sei se...

– Ficava-lhe muito grato.

Erica encontrou os olhos de Henrik sobre a cabeça de Birgit e, com um suspiro quase inaudível, entrou para o banco traseiro do *BMW* dele.

Ia ser um dia longo.

A viagem até Tanumshede não levou mais de vinte minutos. Conversaram sobre o tempo e o despovoamento gradual do campo. Falaram de tudo menos do motivo da visita iminente à esquadra da polícia.

Erica ia sentada no banco de trás e perguntava-se o que estava ali a fazer.

Não lhe bastavam os seus vários problemas pessoais, ainda tinha de se envolver num homicídio, se era isso que revelaria ser? Isso também significava que a ideia do livro era praticamente inútil. Erica conseguira delinear um primeiro esboço, e agora bem podia atirar as folhas para o caixote do lixo. Enfim, pelo menos isso obrigá-la-ia a concentrar-se completamente na biografia. Apesar disso, com pequenas alterações, talvez ainda pudesse resultar. Na verdade, até podia ficar melhor. A perspectiva do homicídio podia ser um factor positivo.

Erica apercebeu-se subitamente do que estava a fazer. Alex não era uma personagem inventada num livro, que ela podia manipular a seu

bel-prazer.

Era uma pessoa real amada por pessoas reais. Erica também gostara de Alex. Olhou para Henrik pelo retrovisor. Parecia tão pouco comovido como anteriormente, apesar de, dentro de poucos minutos, poder vir a ser informado de que a mulher fora assassinada. Não era verdade que a maior parte dos homicídios eram cometidos por alguém da família da própria vítima? Uma vez mais envergonhou-se dos seus pensamentos. Com esforço, afastou aquela sequência de ideias e reparou com satisfação que finalmente tinham chegado. Agora, só queria que aquilo acabasse para poder regressar às suas preocupações comparativamente triviais.

As pilhas de papel sobre a secretária tinham crescido até alturas impressionantes. Era surpreendente como uma pequena comunidade como Tanumshede podia dar origem a tantas denúncias. Na maioria, assuntos insignificantes, era certo, mas todas as denúncias tinham de ser investigadas, e era por isso que estava ali sentado, a tratar de serviços administrativos dignos de uma burocracia da Europa de Leste. Não seria tão mau se Mellberg desse uma ajuda, em vez de estar sentado o dia todo sobre o seu rabo gordo. Mas também tinha de fazer o trabalho do chefe. Patrik Hedström suspirou. Sem um certo humor negro nunca teria sobrevivido tanto tempo. Ultimamente, começara a questionar-se se era àquilo que a vida se resumia.

O grande acontecimento do dia seria uma interrupção bem-vinda na rotina diária. Mellberg ordenara-lhe que estivesse presente no interrogatório da mãe e do marido da mulher que fora encontrada assassinada em Fjällbacka. Não é que não visse a tragédia de tudo aquilo, ou que não

sentisse pena da família da vítima. Era apenas o facto de nunca acontecer nada de verdadeiramente excitante no seu emprego, e não conseguir evitar a sensação de expectativa que lhe percorria o corpo.

Na Academia de Polícia tinham sido treinados para situações de interrogatório, mas até então Patrik apenas tivera oportunidade de testar o seu talento em casos relacionados com bicicletas roubadas e violência doméstica. Consultou o relógio. Estava na hora de ir até ao gabinete de Mellberg, onde a conversa teria lugar. Tecnicamente, ainda não era assunto para um interrogatório oficial, mas não era por isso que a reunião era menos importante. Ouvira uns mexericos de que a mãe continuava a alegar que a filha jamais se suicidaria. Estava curioso para ouvir o que estava por detrás desta alegação que agora se revelara correcta.

Pegou no bloco-notas, numa caneta e numa chávena de café e caminhou até ao fundo do corredor. Com as mãos ocupadas, teve de utilizar os cotovelos e os pés para abrir a porta, por isso foi apenas quando pousou os objectos que trazia e se virou para observar a sala que a viu. O coração quase parou. Tinha outra vez dez anos e estava a tentar puxar-lhe as tranças.

Segundos depois, tinha quinze anos e estava a tentar convencê-la a subir para a sua motocicleta para darem uma volta. Agora tinha vinte anos e perdera a esperança depois de Erica se ter mudado para Gotemburgo. Após umas rápidas contas de cabeça, calculou que já não a via há pelo menos seis anos. Erica estava na mesma. Alta e curvilínea, com o cabelo encaracolado até aos ombros em vários matizes de dourado que se fundiam num tom quente. Erica era vaidosa, mesmo em criança, e Patrik reparava que ainda dava muita atenção aos pormenores da aparência. O rosto dela ergueu-se com surpresa quando o viu. Mas Mellberg dirigia-lhe um olhar severo para que se sentasse; por isso, Patrik apenas lhe acenou em silêncio.

Era um grupo de pessoas tenso, aquele ali sentado à sua frente. A mãe de Alexandra Wijkner era pequena e magra, e usava demasiadas jóias de ouro maciço para o seu gosto. Tinha um penteado perfeito e estava extremamente bem vestida, mas parecia extenuada, com círculos escuros sob os olhos. O

genro não mostrava sinais de pesar. Patrik olhou de relance para as informações pessoais dele. Henrik Wijkner, empresário de sucesso em Gotemburgo e herdeiro de uma fortuna considerável que remontava há várias gerações. E notava-se. Não por causa da qualidade evidente das roupas caras ou do perfume do *aftershave* de bom gosto que pairava no ar;

era algo mais difícil de definir. Uma segurança inquestionável de que tinha direito a ocupar um lugar proeminente no mundo, que vinha de nunca lhe ter faltado nada na vida. Apesar de Henrik parecer tenso, Patrik podia adivinhar que ele sempre sentiu que controlava a situação.

Mellberg assomou por detrás da sua secretária. Conseguira enfiar a camisa nas calças, mas nódoas de café manchavam o padrão multicolor da camisa. Enquanto observava cada um dos participantes num silêncio propositado, a mão direita ajeitava o penteado, que tinha escorregado demasiado e descaído de um dos lados. Patrik estava a tentar não olhar para Erica e concentrou-se numa das nódoas de café de Mellberg.

– Bom. Já devem saber por que os chamei aqui – Mellberg fez uma longa pausa, para causar efeito. – Sou o superintendente Bertil Mellberg, chefe da esquadra de Tanumshede, e este é Patrik Hedström, que vai ser o meu assistente durante a investigação.

Acenou com a cabeça na direcção de Patrik, que estava ligeiramente afastado do semicírculo formado por Erica, Henrik e Birgit, em frente à secretária de Mellberg.

– Investigação? Por amor de Deus, Alexandra foi assassinada! – Birgit inclinou-se para a frente na cadeira e Henrik colocou rapidamente um braço protector em torno dos ombros dela.

– Sim, temos a confirmação de que a sua filha não pode ter posto fim à vida. Segundo o relatório do médico-legista, o suicídio pode ser definitivamente posto de parte. Claro que não posso entrar em pormenores sobre a investigação, mas o motivo principal que nos leva a dizer que foi assassinada é o facto de Alexandra não poder estar consciente no momento em que os seus pulsos foram cortados. Encontrámos-lhe uma grande quantidade de sedativos no sangue. Parece que enquanto estava inconsciente, uma ou várias pessoas a colocaram na banheira, encheram a banheira de água e depois lhe cortaram os pulsos com uma lâmina de barbear, para tentar fazer crer que se tratava de um suicídio.

Os cortinados do gabinete estavam fechados para impedir a entrada do intenso sol do meio-dia. O ambiente no gabinete era contraditório. A tristeza misturava-se com o evidente alívio de Birgit por Alex não se ter suicidado.

– Sabe quem foi o autor do crime? – Birgit tirou um lençinho bordado da mala de mão e secou cuidadosamente os cantos dos olhos para não estragar

a maquilhagem.

Mellberg cruzou as mãos sobre a barriga volumosa e fixou os olhos nas pessoas à sua frente. Aclarou a garganta autoritariamente.

– Talvez os senhores me possam dizer.

– Nós? – A surpresa de Henrik parecia genuína. – Como poderíamos sabê-lo? Isto deve ter sido obra de um louco. Alexandra não tinha inimigos.

– Isso é o que o senhor diz.

Por um instante, Patrik pensou que uma sombra passou pelo rosto do marido de Alex. No segundo seguinte tinha desaparecido, e Henrik era outra vez uma pessoa calma e controlada.

Patrik sempre nutrira um cepticismo saudável em relação a pessoas como Henrik Wijkner. Homens que nasciam para ter sucesso. Que tinham tudo o que queriam sem nunca sequer terem de erguer um dedo. Claro que Henrik parecia ao mesmo tempo simpático e atraente, mas, sob a superfície, Patrik conseguia sentir correntes que indiciavam uma personalidade mais complexa. Vislumbrou desumanidade por detrás dos traços agradáveis, e questionou-se quanto à total falta de surpresa no rosto de Henrik quando Mellberg revelou que Alex fora assassinada. Acreditar em algo é uma coisa, mas ouvi-lo ser declarado como um facto é outra bem diferente. Aprendera-o nos dez anos que já passara na Polícia.

– Somos suspeitos? – Birgit parecia tão espantada como se o superintendente se tivesse transformado numa abóbora em frente aos seus olhos.

– As estatísticas falam por si em casos de homicídio. A grande maioria dos homicidas encontra-se habitualmente entre os membros mais próximos da família. Ora bem, não estou a dizer que foi o que aconteceu neste caso, mas tenho a certeza de que compreendem que temos de investigar. Vamos revolver tudo, vou certificar-me disso pessoalmente. Com a minha vasta experiência em casos de homicídio – mais uma pausa dramática –, este vai certamente ser resolvido com celeridade. Mas gostaria que os senhores prestassem um depoimento por escrito das vossas acções nos dias que precederam o momento em que suspeitamos que Alexandra foi morta.

– E quando foi esse momento? – perguntou Henrik. – O último dos dois a falar com Alex foi Birgit, mas nenhum de nós lhe telefonou até domingo, por isso o homicídio até pode ter ocorrido no sábado. Eu telefonei-lhe por volta das nove e meia da noite de sexta-feira, mas Alex dava

frequentemente um passeio à noite antes de se deitar, por isso presumi que estivesse a passear.

– Tudo o que o médico-legista consegue dizer é que ela está morta há cerca de uma semana. É evidente que vamos verificar as vossas declarações sobre a data dos telefonemas, mas há uma informação que indica que Alexandra faleceu por volta das nove da noite de sexta-feira. Às seis da tarde, provavelmente logo depois de ter chegado a

Fjällbacka, Alexandra telefonou a um tal de Lars Thelander a propósito de uma caldeira que não estava a funcionar correctamente. Esse Lars não podia ir logo, mas prometeu estar lá o mais tardar às nove da noite. De acordo com a sua declaração, eram nove da noite em ponto quando bateu à porta. Ninguém veio abri-la e, depois de ter esperado algum tempo, voltou para casa.

Portanto, vamos partir do princípio de que a vítima faleceu nessa noite, depois de ter chegado a Fjällbacka, uma vez que, tendo em conta o frio que estava em casa, parece pouco provável ter-se esquecido de que o homem ia lá verificar a caldeira.

O cabelo dele estava novamente a escorregar, desta vez pelo lado esquerdo. Patrik reparou que Erica mal conseguia desviar os olhos daquele espectáculo. Estava provavelmente a controlar o impulso de ir ajeitar-lhe o cabelo. Todos na esquadra tinham já passado por essa fase.

– A que horas disse ter falado com a sua filha? – Mellberg dirigiu a pergunta a Birgit.

– Bom, não tenho bem a certeza – pensou um instante. – Depois das sete.

Às sete e um quarto ou às sete e meia, julgo. Falámos pouco tempo porque Alex disse que tinha uma visita – Birgit empalideceu. – Será que era...?

Mellberg assentiu solenemente.

– Perfeitamente possível, senhora Carlgren. Mas a nossa função é descobrir, e posso assegurar-lhe que vamos empregar todos os recursos disponíveis neste caso. Na nossa profissão, a eliminação de suspeitos é uma das tarefas principais, por isso escreva um depoimento sobre sexta-feira à noite.

– Também quer que eu forneça um álibi? – perguntou Erica.

– Não creio que seja necessário. Mas gostaríamos que nos contasse tudo o que viu quando estive no interior da casa, no dia em que a encontrou.

Podem deixar as declarações com o assistente Hedström.

Todos se viraram para olhar para Patrik e este assentiu em concordância.

Começaram a levantar-se.

– Um trágico acontecimento, este. Sobretudo pela criança.

Todos voltaram os olhos na direcção de Mellberg.

– A criança? – com olhar inquisidor, Birgit olhou de Mellberg para Henrik e de novo para o superintendente.

– É verdade. Segundo o médico-legista, estava grávida de três meses.

Certamente que isto não foi uma surpresa para os senhores, pois não?

Mellberg fez um esgar e piscou maliciosamente o olho a Henrik. Patrik estava absolutamente horrorizado com a falta de tacto do chefe.

Lentamente, o rosto de Henrik perdeu toda a cor até se assemelhar a mármore branco. Birgit virou-se para o olhar fixamente com espanto. Erica sentiu-se como que petrificada.

– Iam ter um bebé? Porque não me disseram? Oh, meu Deus.

Birgit pressionou o lençinho contra a boca e soluçou incontrolavelmente, sem qualquer preocupação com o rímel que agora lhe escorria pelas faces.

Henrik colocou novamente um braço protector em torno da sogra, e os seus olhos cruzaram-se com o olhar fixo de Patrik. Era óbvio que Henrik não fazia a menor ideia de que Alexandra estava grávida. Contudo, a julgar pela expressão desesperada de Erica, era claro que ela sabia.

– Falamos disto quando chegarmos a casa, Birgit – disse Henrik. Virou-se para Patrik: – Farei com que receba declarações por escrito sobre a noite de sexta-feira. Calculo que nos queiram interrogar mais pormenorizadamente logo que as tenham.

Patrik assentiu afirmativamente. Ergueu as sobrancelhas para dirigir a Erica uma expressão interrogativa.

– Henrik, já vou ter convosco – disse. – Só tenho de dar uma palavra a Patrik. Somos velhos amigos.

Erica demorou-se no corredor, enquanto Henrik conduzia Birgit ao carro.

– Imagina dar de caras contigo aqui. Foi uma surpresa – disse Patrik,

balançando os pés nervosamente.

– Sim, se tivesse pensado nisso, claro que me lembraria de que trabalhas aqui.

Erica torcia a pega da mala de mão entre os dedos e olhava para Patrik com a cabeça um pouco inclinada para um lado. Patrik conhecia tão bem todos os pequenos gestos dela.

– Há quanto tempo. Tenho pena de não ter conseguido ir ao funeral. Estão

a conseguir superar a situação, tu e Anna?

Apesar da sua altura, de repente Erica parecia pequena, e Patrik resistiu ao desejo de lhe acariciar a face.

– Vamos andando. Anna foi logo para casa depois do funeral, mas eu já cá estou há umas semanas, a tentar pôr a casa em ordem. Não é fácil.

– Soube que uma mulher de Fjällbacka tinha descoberto a vítima, mas não fazia ideia de que tinhas sido tu. Deve ter sido horrível. Eram amigas quando eram crianças, não é verdade?

– Sim. Acho que nunca mais vou conseguir apagar aquela visão da minha mente. Bem, tenho de me despachar, estão à minha espera no carro. Talvez possamos encontrar-nos um dia destes. Ainda vou ficar algum tempo em Fjällbacka.

Erica já ia a caminho, ao fundo do corredor.

– Que tal irmos jantar no sábado? – disse Patrik. – Em minha casa às oito? Procura na lista telefónica.

– Ótimo, parece-me bem. Então até sábado – respondeu Erica, e saiu.

Assim que Erica desapareceu, Patrik fez uma pequena dança improvisada no corredor, para grande espanto dos colegas. Mas a alegria de Patrik esfriou um pouco quando se apercebeu da quantidade de trabalho que seria necessária para tornar a casa apresentável. Depois de Karin o ter deixado, não tinha a mínima vontade de arrumar a casa.

Patrik e Erica conheciam-se desde que nasceram. As mães de ambos eram amigas desde crianças e tão chegadas como duas irmãs. Patrik e

Erica brincaram juntos muitas vezes quando eram pequenos, e não era exagero afirmar que Erica foi a sua primeira paixão. Na verdade, Patrik acreditava que tinha nascido apaixonado por Erica. Os seus sentimentos por Erica sempre foram genuínos. Quanto a Erica, limitava-se a aceitar como natural a admiração incondicional que ele lhe dedicava. Só quando Erica se mudou para Gotemburgo é que Patrik percebeu que estava na altura de pôr os seus sonhos na prateleira. Depois disso, apaixonara-se por outras, claro. E

quando casou com Karin estava plenamente convencido de que iriam envelhecer juntos, mas Erica estava sempre no seu subconsciente. Por vezes passavam-se meses sem pensar nela; noutras alturas, pensava nela várias vezes por dia.

As pilhas de papel não se tinham reduzido milagrosamente durante a sua ausência. Com um suspiro profundo, sentou-se à secretária e pegou na

primeira página. O trabalho era tão monótono que conseguia ao mesmo tempo reflectir sobre a ementa para sábado. De qualquer modo, a sobremesa já estava decidida. Erica sempre adorara gelado.

Acordou com um gosto desagradável na boca. O dia anterior tinha sido um verdadeiro estouro. Os amigos apareceram lá em casa à tarde e beberam até altas horas da noite. Uma vaga ideia de a polícia ter passado por lá a dada altura durante a noite pairava sem a conseguir concretizar. Tentou levantar-se, mas todo o quarto girou, por isso decidiu deixar-se ficar mais algum tempo.

A mão direita doía-lhe, por isso ergueu-a em direcção ao tecto para olhar para ela. Os nós dos dedos estavam bastante arranhados e cheios de sangue coagulado. Porra, deve ter havido alguma escaramuça durante a noite, e foi por isso que os polícias apareceram. As recordações iam surgindo pouco a pouco. Tinham sido os tipos a falar na questão do suicídio. Um deles tinha começado a dizer uma série de merdas sobre a Alex. Tinha utilizado palavras como «cabra da alta» e «puta fina» para a descrever. Anders entrara em curto-circuito, e depois apenas recordava uma névoa vermelha de raiva, quando, completamente embriagado, começou a bater furiosamente no tipo. Claro que ele próprio lhe chamara alguns nomes quando estava mais furioso com a traição dela. Mas não era o mesmo. Os outros não a conheciam. Apenas ele tinha o direito de a julgar.

O telefone tocou com um som estridente. Tentou ignorá-lo, mas decidiu que era menos maçador levantar-se e atender do que deixar o

ruído retalhar-lhe o cérebro.

– Estou? Quem fala? – estava a comer as palavras.

– Sou eu, a mamã. Como tens passado?

– Estou de rastos – deslizou pela parede para se sentar no chão. – Que raio de horas são?

– São quase quatro da tarde. Acordei-te?

– Ná! – sentia a cabeça desproporcionalmente grande e a ameaçar cair-lhe entre os joelhos.

– Estive na vila a fazer compras de manhãzinha. Fala-se muito num assunto que eu quero que saibas. Estás a ouvir?

– Sim, porra, estou a ouvir.

– Parece que Alex não se suicidou. Foi assassinada. Só queria que o soubesses.

Silêncio.

– Estou, Anders? Ouviste o que eu disse

– Sim, ouvi. O que é que disseste? Que Alex foi... assassinada?

– Sim. Bem, é o que se diz na vila. Parece que Birgit esteve na esquadra de Tanumshede, onde lhe deram a notícia.

– Oh, merda. Olha, mamã, eu tenho muito que fazer. Falamos mais tarde.

– Anders? Anders?

Já tinha desligado.

Com um esforço enorme, tomou um duche e vestiu-se. Depois de ter tomado dois *Tylenol*, sentiu-se mais humano. A garrafa de vodka na cozinha tentava-o, mas recusou-se a ceder. Naquele momento tinha de estar sóbrio.

Bem, pelo menos relativamente sóbrio.

O telefone tocou novamente. Anders ignorou-o. Em vez de atender,

retirou uma lista telefónica do armário da entrada e encontrou rapidamente o número que procurava. As mãos tremiam-lhe enquanto marcava o número. Parecia ter tocado cem vezes.

– Estou? Sou eu, Anders – disse quando o auscultador foi finalmente levantado do outro lado da linha. – Não, não desligues, porra. Temos de falar... Bem, não tens grande escolha, porra... Passo em tua casa dentro de quinze minutos. E é melhor estares lá, sacana... Quero lá saber quem é que também está na porra da tua casa! Não te esqueças de quem tem mais a perder com isto... Isso são tretas. Vou sair agora. Até daqui a um quarto de hora.

Anders atirou o auscultador para o descanso. Depois de ter inspirado profundamente duas vezes, vestiu o casaco e saiu. Não se preocupou em trancar a porta. O telefone do apartamento começou novamente a tocar furiosamente.

Erica estava exausta quando regressou a casa. Durante a viagem até casa fez-se um silêncio tenso no carro, e Erica percebeu que Henrik enfrentava uma escolha difícil. Deveria dizer a Birgit que não era o pai da criança de Alex ou devia manter-se calado e esperar que não viesse a lume no decurso da investigação? Erica não o invejava e não sabia como agiria na situação dele. Nem sempre a verdade era a melhor solução.

Estava a começar a escurecer, e Erica estava grata ao pai por ter colocado

lâmpadas no exterior que se ligavam automaticamente quando alguém se aproximava da casa. Sempre tivera um medo terrível do escuro. Quando era pequena pensava que o medo lhe ia passar quando crescesse, porque os adultos não podiam ter medo do escuro, claro. Mas tinha trinta e cinco anos e ainda olhava para debaixo da cama para se certificar de que não havia lá nada a espreitar no escuro. Era patético.

Depois de ter ligado todas as luzes da casa, serviu-se de um grande copo de vinho tinto e enroscou-se no cadeirão de vime da varanda. A escuridão era impenetrável, mas Erica ainda olhava fixamente em frente, apesar de não ver nada. Sentiu-se sozinha. Havia tantas pessoas a sofrer por Alex, pessoas a quem a morte dela afectara. Mas a Erica apenas restava Anna. Por vezes questionava-se se esta sentiria a sua falta.

Erica e Alex tinham sido tão chegadas na sua juventude. Quando Alex

começou a afastar-se, e por fim acabou por desaparecer completamente quando se mudou, o mundo parecia ter acabado para Erica. Alex era a única pessoa que Erica sentira como sua e, à excepção do pai, a única que realmente se preocupava com ela.

Erica pousou o copo de vinho tinto sobre a mesa com tanta força que quase partiu a base do copo. Sentia-se demasiado inquieta para conseguir ficar sentada. Tinha de fazer algo. Não adiantava fingir que a morte de Alex não a tinha afectado profundamente. Acima de tudo, o que mais a preocupava era que a imagem que os familiares e amigos tinham de Alex não correspondia em nada à Alex que conhecera. Mesmo que as pessoas mudem no percurso entre a infância e a idade adulta, continua a haver uma série de características que permanecem intactas. A Alex que lhe descreveram era uma perfeita estranha.

Levantou-se e voltou a vestir o casaco. Certificou-se de que tinha as chaves do carro e, no último momento, levou uma pequena lanterna e guardou-a no outro bolso do casaco.

A casa no cimo da colina parecia deserta à luz violácea do candeeiro de rua. Erica estacionou o carro no parque atrás da escola. Não queria que ninguém a visse entrar naquela casa.

Os arbustos da propriedade ofereciam uma protecção bem-vinda enquanto, cuidadosamente, Erica se aproximava furtivamente do alpendre.

Tinha esperança de que os velhos hábitos deles se mantivessem e ergueu o tapete da entrada. Ali estava a chave de reserva da casa, escondida

exactamente no mesmo sítio de há vinte e cinco anos. A porta chiou um pouco quando a abriu, e Erica esperou que nenhum dos vizinhos tivesse ouvido nada.

Era assustador entrar na casa às escuras. O medo do escuro fazia com que respirasse com dificuldade e obrigou-se a respirar fundo algumas vezes para acalmar os nervos. Recordou com agrado a lanterna que trazia no bolso e rezou em silêncio para que as pilhas não estivessem gastas. Não estavam. A luz da lanterna fê-la sentir-se um pouco mais calma.

Percorreu a sala de estar do primeiro andar com o feixe de luz. Não sabia do que estava à procura naquela casa. Esperava que nenhum vizinho ou transeunte visse a luz e chamasse a polícia.

O quarto era adorável e arejado, mas Erica reparou que a mobília castanha e laranja dos anos 70, da qual se recordava da infância, fora substituída por peças leves e de linhas direitas de *design* escandinavo, em bétula. Percebeu que Alex tinha posto a sua marca na casa. Tudo estava perfeitamente ordenado, o que criava uma impressão desoladora. Não havia um único vinco no sofá ou mesmo uma revista sobre a mesa de apoio. Não viu nada que merecesse ser examinado mais de perto.

Erica lembrou-se de que a cozinha ficava um pouco depois da sala de estar. Era grande e espaçosa e estava imaculada, havendo apenas uma chávina de café solitária no corredor de louça. Erica regressou à sala de estar e subiu ao andar de cima. Virou à direita ao cimo das escadas e entrou no quarto principal. Erica recordava-o como o quarto dos pais de Alex, mas agora era obviamente o quarto de Alex e Henrik. Também este estava decorado com bom gosto, apesar de mais exótico. Os tecidos eram cor de chocolate e púrpura, e havia máscaras africanas de madeira nas paredes. O

quarto era espaçoso e tinha um tecto alto, que permitia pendurar convenientemente um grande lustre. Aparentemente, Alexandra resistira à tentação de decorar a casa de cima a baixo com pormenores marinhos, algo que era comum nas casas dos veraneantes. Tudo, desde cortinas adornadas com conchas a pinturas de nós complicados, tinha enorme procura nas pequenas lojas de Fjällbacka durante o Verão.

Contrariamente às outras divisões onde Erica entrou, o quarto parecia ter sido ocupado. Havia pequenos objectos pessoais espalhados por todo o lado. Na mesa-de-cabeceira estavam uns óculos e um livro de poemas de

[Gustaf Fröding](#)¹¹. Uns *collants* tinham sido atirados para o chão, e havia um

fato de treino sobre a colcha. Era a primeira vez que Erica sentia que Alex vivera realmente naquela casa.

Erica começou cautelosamente a mexer nas gavetas e nos armários. Ainda não sabia o que procurava e sentia-se como uma *voyeur* enquanto vasculhava entre a bonita roupa interior de seda de Alex. Mas, assim que decidiu passar à gaveta seguinte, ouviu algo a roçar no fundo da gaveta.

Subitamente, imobilizou-se, com a mão cheia de cuecas e sutiãs com aplicações de renda. No meio do silêncio em que a casa estava

mergulhada, Erica ouviu nitidamente um som vindo do andar de baixo. Uma porta a ser cuidadosamente aberta e fechada. Erica olhou à sua volta em pânico. No quarto, só havia dois locais onde se podia esconder: ou debaixo da cama ou num dos guarda-fatos que tapavam uma parede. De repente sentiu-se claustrofóbica. Não se conseguiu mexer até ouvir passos nas escadas e, instintivamente, enfiou-se no guarda-fatos mais próximo. A porta abriu-se sem um rangido, graças a Deus, e Erica escondeu-se instintivamente por entre as roupas e fechou a porta. Não tinha qualquer possibilidade de ver quem entrara em casa, mas conseguia ouvir nitidamente os passos a aproximarem-se cada vez mais. A pessoa parou por um momento à porta do quarto antes de entrar. De repente, Erica apercebeu-se de que tinha um objecto na mão. Sem pensar, agarrara no que quer que estivesse a roçar no fundo na gaveta. Guardou aquilo cautelosamente no bolso do casaco.

Mal se atrevia a respirar. Começou a sentir comichão no nariz e tentou desesperadamente movê-lo de um lado para o outro para se livrar do incómodo. Estava com sorte; a comichão parou.

O intruso estava a vasculhar o quarto. Parecia que ele ou ela estavam a fazer o mesmo que Erica fizera antes de ter sido interrompida. As gavetas foram abertas, e Erica soube que a seguir era a vez dos guarda-fatos. O

pânico aumentou. Gotas de suor formaram-se na sua fronte. Que fazer? A única solução que encontrou foi apertar-se entre as roupas o mais para trás possível. Foi uma sorte ter entrado num guarda-fatos com vários casacos compridos; apertou-se entre eles e cobriu-se com os casacos. Esperava que os dois calcanhares que despontavam de um par de sapatos no chão não fossem notados.

O estranho demorou-se algum tempo a vasculhar a cómoda. Erica inalou um odor a mofo de bolas antitraças, na esperança sincera de que tivessem cumprido a sua função e que não houvesse insectos a trepar por ela no

escuro. Esperava igualmente que quem quer que estivesse lá fora, apenas a uns metros dela, não fosse o assassino de Alex. Mas quem mais teria motivo para entrar à socapa em casa de Alex?, perguntava-se Erica, apesar de ela própria ter preferido ignorar que também não tinha recebido qualquer convite.

Subitamente, a porta do guarda-fatos abriu-se e Erica sentiu o ar fresco na pele exposta dos calcanhares.

Conteve a respiração.

O guarda-fatos não parecia esconder quaisquer segredos ou valores – pelo menos não para a pessoa que estava a fazer a busca – e a porta foi de novo fechada quase de repente. As outras portas foram abertas e fechadas com igual rapidez e, no instante seguinte, Erica ouviu os passos a saírem do quarto e a descerem as escadas. Não se atreveu a sair do guarda-fatos durante algum tempo depois de ter ouvido a porta de entrada a ser cuidadosamente fechada. Era maravilhoso poder finalmente respirar sem estar completamente consciente de cada movimento.

O quarto parecia estar na mesma desde que Erica entrara. Quem quer que fosse o visitante, tinha feito uma busca cuidadosa e não deixara quaisquer vestígios. Erica estava claramente convencida de que não tinha sido um ladrão. Observou melhor o guarda-fatos onde se escondera. Quando recuara para o canto mais afastado, julgou sentir qualquer coisa dura a pressionar-lhe as barrigas das pernas. Afastou as roupas e viu que se tratava de uma grande tela. A parte de trás estava voltada para fora. Ergueu cuidadosamente a tela e virou-a. Era uma pintura incrivelmente bela. Até mesmo Erica conseguia ver que tinha sido feita por um artista talentoso.

Apresentava um nu de Alexandra, deitada de lado e com a cabeça a repousar numa das mãos. O artista escolhera cores quentes, que conferiam ao rosto de Alex uma sensação de paz. Erica questionou-se sobre o motivo de uma pintura tão bela ter sido guardada ao fundo de um guarda-fatos. A julgar pelo quadro, Alex não tinha nada de que se envergonhar. O seu corpo era tão perfeito como a pintura. Erica não conseguiu afastar a sensação de que havia alguma coisa familiar nela. Era alguma coisa óbvia, que já vira antes. Sabia que nunca tinha visto aquela pintura, por isso tinha de ser outra coisa qualquer. O espaço no canto inferior direito não estava assinado, e quando virou a pintura não havia mais do que a referência «1999», que devia ser o ano em que tinha sido feita. Voltou a colocar cuidadosamente a

tela no seu lugar, ao fundo do guarda-fatos, e fechou a porta.

Olhou em redor do quarto uma última vez. Havia algo que não estava a conseguir apanhar. Faltava qualquer coisa, mas, por mais que tentasse, não conseguia perceber o que era. Bem, era provável que se lembrasse mais tarde. Não se atreveu a permanecer mais tempo naquela casa. Voltou a colocar a chave onde a encontrara. Só se sentiu em segurança quando já estava no carro, com o motor a trabalhar. Tinha sido demasiada excitação para uma só noite. Um conhaque puro

apaziguar-lhe-ia a alma e dissiparia um pouco o seu mal-estar. Por que raio decidira guiar até à casa de Alex para bisbilhotar? Apetecia-lhe bater em si própria por causa da sua estupidez.

Quando estacionou na rampa de acesso para carros da sua casa, Erica reparou que mal tinha decorrido uma hora desde que saíra. Aquilo surpreendeu-a. Parecia ter passado uma eternidade.

O tempo em Estocolmo estava magnífico. Mas Erica sentia como que uma nuvem sombria a pairar-lhe sobre a cabeça. Normalmente ter-se-ia sentido felicíssima com o Sol que brilhava em Riddarfjärden enquanto atravessava de carro a ponte de Västerbron. Mas não naquele dia. A reunião estava agendada para as duas da tarde. Desde Fjällbacka que vinha a remoer tudo, a tentar em vão encontrar uma solução. Infelizmente, Marianne tinha-lhe explicado de forma bem clara a sua situação face à lei. Se Anna e Lucas insistissem em vender a casa, Erica teria de o aceitar. A única alternativa que tinha era comprar a parte deles por metade do valor de mercado e, ao preço a que estavam as casas em Fjällbacka, não tinha nem uma mínima parte dessa quantia. Claro que não ia ficar pelas ruas da amargura se a casa fosse vendida. A sua parte podia render cerca de dois milhões de coroas, mas não queria saber do dinheiro. Não havia dinheiro no mundo que pudesse compensar a perda da casa. Ficava doente só de pensar na ideia de uma pessoa de Estocolmo, que achava que um boné de marinheiro novinho em folha o transformaria num residente local, a arrancar a varanda da frente e a instalar uma janela panorâmica. E ninguém podia acusá-la de exagero.

Já tinha visto isso acontecer vezes sem conta.

Erica virou para o escritório do advogado, situado na Rua Runebergsgatan, na Praça Östermalm. O edifício era magnífico, com a sua fachada em mármore ornada de colunas. Olhou-se uma última vez no

espelho do elevador. O seu traje foi cuidadosamente escolhido para se encaixar naquele meio. Era a primeira vez que ali estava, mas conseguia facilmente imaginar o tipo de advogados que Lucas contrataria. Num gesto de cortesia fingida, Lucas salientara que, evidentemente, Erica poderia fazer-se acompanhar pelo seu próprio advogado. Erica decidira ir sozinha.

Pura e simplesmente, não tinha meios para contratar um advogado.

Na verdade, quisera encontrar-se com Anna e as crianças antes da

reunião, e até comer qualquer coisa com elas. Apesar de estar magoada com as atitudes da irmã, Erica decidira dar o seu melhor para não deixar morrer o seu relacionamento.

Anna não parecia partilhar o ponto de vista de Erica, e desculpou-se afirmando que seria demasiado cansativo. Era preferível encontrarem-se no escritório do advogado. Antes de Erica ter tido tempo de sugerir que poderiam então encontrar-se depois, Anna adiantara-se e dissera-lhe que tinha de se apressar para ir ter com uma amiga depois da reunião. Não parecia coincidência, pensou Erica. Era óbvio que Anna queria evitá-la. A questão era se o fazia por iniciativa própria ou se Lucas se recusava a permitir que Anna se encontrasse com ela enquanto ele estava a trabalhar por não ter assim oportunidade de as supervisionar.

Já estavam todos presentes quando Erica entrou. Observaram-na solenemente enquanto fazia um sorriso forçado e estendia a mão para cumprimentar os dois advogados de Lucas. O marido de Anna limitou-se a acenar um cumprimento, enquanto Anna se aventurou a um breve aceno nas costas de Lucas. Todos tomaram os seus lugares e encetaram as negociações.

E foi tudo bastante rápido. Os advogados explicaram de forma seca e profissional o que Erica já sabia. Que Anna e Lucas tinham todo o direito de exigir a venda da casa. Se Erica conseguisse comprar a parte deles por metade do valor de mercado, então tinha direito a fazê-lo. Se não conseguisse, então a casa seria posta à venda logo que fosse estabelecido um preço por um avaliador independente.

Erica olhou directamente para os olhos de Anna.

– Queres mesmo fazer isto? Será que a casa não significa nada para ti?

Imagina o que a mamã e o papá teriam pensado se soubessem que tu ias vender a casa logo depois de partirem. É mesmo isto que tu queres fazer, Anna?

Pelo canto do olho, viu Lucas franzir a testa quando Erica enfatizou o

«tu».

Anna baixou os olhos e sacudiu partículas de poeira invisíveis do seu vestido elegante. O cabelo louro estava firmemente puxado para trás num rabo-de-cavalo.

– Para que queres a casa? As casas antigas só dão problemas, e pensa

na quantidade de dinheiro que podemos pedir por ela. Tenho a certeza de que a mamã e o papá teriam gostado se uma de nós encarasse o assunto de forma prática. Lucas e eu preferíamos comprar uma casa de veraneio no arquipélago de Estocolmo para estarmos mais perto. E, afinal, que vais tu fazer com a casa?

Lucas sorriu com desdém a Erica enquanto, com preocupação fingida, dava uma palmadinha nas costas de Anna. Esta ainda não se atrevera a encarar o olhar fixo de Erica.

Uma vez mais, Erica ficou surpreendida com a expressão esgotada da irmã mais nova. Estava mais magra do que era habitual, e o vestido preto que usava estava largo no peito e na cintura. Tinha círculos escuros em torno dos olhos, e Erica julgou ver uma mancha azulada na face direita, por baixo do pó-de-arroz. A raiva perante a sua impotência face à situação atingiu-a em cheio e fixou os olhos de Lucas. Este devolveu-lhe o olhar fixo com compostura. Por ter vindo directamente do trabalho, Lucas usava o seu uniforme profissional: um fato cinzento-grafite com uma camisa de um branco ofuscante e uma gravata cinzento-escura brilhante. Parecia elegante e sofisticado. Erica tinha a certeza de que muitas mulheres o julgavam atraente. Mas achava que Lucas tinha um rasgo de crueldade que funcionava como um filtro sobre os seus traços faciais. O rosto era angular, com as maçãs do rosto salientes e maxilares firmes. Estes traços eram ainda mais acentuados porque usava sempre o cabelo penteado para trás a partir da sua testa alta. Não parecia o típico inglês rubicundo; era mais como um norueguês, com cabelo louro claro e olhos de um azul glacial. O lábio superior era arqueado e cheio como o de uma mulher, conferindo-lhe uma expressão indolente, quase decadente. Erica reparou que os olhos dele procuravam o seu decote e instintivamente aconchegou o casaco. Lucas registou o acto dela, o que a irritou. Não queria que reparasse que provocava qualquer efeito nela.

Quando a reunião finalmente terminou, Erica limitou-se a retirar-se, sem

se preocupar em proferir algumas palavras educadas de despedida. Quanto a ela, estava tudo dito. Seria contactada por alguém que iria avaliar a casa, e depois a casa seria colocada à venda o mais depressa possível. A persuasão não adiantara nada. Erica perdera.

Alugara o seu apartamento em Vasastan a um casal simpático que preparava o doutoramento, por isso não podia voltar para lá. Uma vez que, por enquanto, não lhe apetecia iniciar a viagem de cinco horas de regresso a Fjällbacka, estacionou o carro no parque da Praça Stureplan

e foi sentar-se no Humlegårdsparken. Precisava de pôr as ideias em ordem. A tranquilidade do adorável parque, que parecia um oásis no centro de Estocolmo, deu-lhe o ambiente de meditação ideal de que necessitava.

Devia ter nevado recentemente na cidade; a relva ainda estava branca. Em Estocolmo bastavam apenas um ou dois dias para que a neve se tornasse uma lama acinzentada. Colocou as mitenes sobre um banco de jardim e sentou-se em cima delas para se proteger. As infecções urinárias não eram brincadeira; eram a última coisa de que precisava.

Deixou os pensamentos vaguearem enquanto observava a multidão apressada. Estavam em plena agitação da hora de almoço. Erica quase esquecera quão stressante era o ambiente em Estocolmo. As pessoas andavam sempre apressadas, atrás de alguma coisa que, afinal, nunca conseguiam agarrar. De repente sentiu saudades de Fjällbacka.

Provavelmente não se tinha apercebido de como se tinha habituado, em poucas semanas, ao sossego da pequena vila. Claro que tinha muitas coisas para resolver, mas ao mesmo tempo descobrira uma paz interior que nunca encontrara em Estocolmo. Quando se estava só em Estocolmo, estava-se completamente isolado. Em Fjällbacka nunca se estava sozinho, o que tanto podia ser bom como mau. As pessoas preocupavam-se com os vizinhos e observavam-nos de perto. Por vezes, isso podia ir longe de mais; Erica estava-se nas tintas para as coscuvilhices, mas, ali sentada a observar a agitação da cidade, sentiu que nunca poderia voltar àquela vida.

Como tantas vezes nos últimos tempos, os seus pensamentos voltaram-se para Alex. O que a atraía a Fjällbacka todos os fins-de-semana? Com quem se ia lá encontrar? E a pergunta que valia um milhão: quem era o pai da criança que Alex trazia no ventre?

De repente, Erica lembrou-se do papel que colocara no bolso do casaco enquanto estava na escuridão do guarda-fatos. Não percebia como podia tê-

lo esquecido quando regressou a casa dois dias antes. Procurou no bolso direito e retirou uma folha de papel amarrotada. Com os dedos rígidos por não estar de mitenes, desdobrou cuidadosamente o papel e alisou-o.

Era uma cópia de um artigo do *Bohusläningen*. Não tinha data, mas, baseando-se no tipo de letra e numa fotografia a preto e branco, Erica conseguia perceber que não era recente. A julgar pela fotografia,

datava dos anos 70. Reconheceu facilmente as duas pessoas na fotografia e a história relatada no artigo. Porque tinha Alex guardado aquele artigo no fundo da gaveta de uma cómoda?

Erica levantou-se e voltou a guardar o artigo no bolso. A resposta não estava ali. Estava na altura de ir para casa.

O funeral foi elegante e solene. A igreja de Fjällbacka não estava cheia, longe disso. A maioria das pessoas não conhecera Alex; estava lá apenas para satisfazer a curiosidade. Os familiares e amigos sentavam-se nos bancos da frente. Além dos pais de Alex e de Henrik, Erica apenas reconheceu Francine. Estava sentada ao lado de um homem alto e louro, que Erica presumiu ser o marido dela. De resto, não havia muitos amigos.

Preenchiam apenas duas filas de bancos, o que confirmava a imagem que Erica tinha de Alex. Certamente que tivera bastantes conhecidos, mas poucos amigos chegados. De resto, havia apenas alguns curiosos espalhados um pouco por toda a igreja.

Erica sentara-se no coro. Birgit vira-a no exterior da igreja e convidara-a a sentar-se junto deles. Erica escusou-se educadamente. Teria parecido uma hipocrisia sentar-se entre os familiares e amigos, uma vez que, na realidade, Alex era uma estranha para ela.

Erica contorceu-se no banco desconfortável. Durante toda a infância, ela e Anna tinham sido arrastadas para a igreja aos domingos. Para uma criança fora terrivelmente entediante estar sentada até ao fim de longos sermões e hinos, cujas melodias eram irremediavelmente difíceis de aprender. Para se entreter, Erica inventava histórias. Sagas sem conta sobre dragões e princesas tinham sido compostas ali, sem nunca terem sido passadas para o papel. Já durante a adolescência, as suas idas à igreja eram muito menos frequentes devido aos seus protestos veementes. Quando acabava por ir, as sagas eram substituídas por histórias com temas mais românticos. Por isso, era irónico ter de agradecer, ou censurar, o papel que aquelas idas forçadas

à igreja tinham tido na escolha da sua profissão.

Erica ainda não abraçara qualquer tipo de religião; para ela, uma igreja era um belo edifício impregnado de tradições. Os sermões da sua juventude não lhe tinham despertado qualquer desejo de aceitar uma fé. Lidavam frequentemente com o inferno e o pecado; esqueciam a crença fervorosa num Deus que Erica sabia existir, mas que nunca

seguira. Muito havia mudado. Agora era uma mulher que estava em frente ao altar, vestida com trajes de pastor, e, em vez da perdição eterna, falava de luz, esperança e amor. Erica desejou que esta visão de Deus lhe tivesse sido apresentada quando estava a crescer.

Do seu lugar escondido no coro, Erica observou uma jovem mulher sentada ao lado de Birgit no primeiro banco. Birgit segurava a mão da mulher num aperto convulsivo e, de vez em quando, deitava a cabeça no ombro dela. Erica julgou reconhecê-la. A mulher jovem devia ser Julia, a irmã mais nova de Alex. Estava demasiado longe para que Erica conseguisse ver-lhe o rosto, mas reparou que Julia parecia encolher-se ao toque de Birgit. Julia retirava a mão de cada vez que Birgit pegava nela, mas a mãe fingia não reparar ou realmente não tinha consciência da reacção da filha, dado o estado em que se encontrava.

A luz do Sol fluía através das altas janelas com vitrais. Os bancos eram duros e desconfortáveis, e Erica sentiu uma dor aguda começar a instalar-se na região lombar. Estava grata por a cerimónia ter sido relativamente curta.

Quando acabou, sentou-se e olhou para baixo, para as pessoas que se encaminhavam lentamente para fora da igreja.

No exterior, o Sol estava insuportavelmente brilhante num céu sem nuvens. Uma procissão de pessoas descia a pequena colina até ao cemitério junto da igreja e dirigia-se ao buraco recentemente aberto onde o caixão de Alex seria enterrado.

Até à morte dos pais, Erica nunca pensara sobre a forma como os enterros eram feitos no Inverno, quando o solo estava congelado. Sabia agora que a zona era aquecida para que o solo pudesse ser escavado. Só uma área suficiente para poder albergar os caixões a serem enterrados.

A caminho do local onde Alex seria sepultada, Erica passou pela campa dos próprios pais. Era a última da procissão e parou durante algum tempo junto à lápide.

Uma espessa faixa de neve cobria o bordo da lápide, e Erica limpou-a cuidadosamente. Depois de um último olhar para a campa, apressou-se em direcção ao pequeno grupo que estava reunido um pouco mais à frente. Pelo menos, os mirones tinham permanecido afastados; agora só restavam familiares e amigos. Erica tinha-se sentido insegura quanto a aparecer na cerimónia, mas no último momento decidiu que

queria seguir Alex até ao seu último local de descanso.

Henrik permanecia à frente, com as mãos bem enfiadas nos bolsos do casaco, de cabeça inclinada e com os olhos fixos no caixão, que ia sendo lentamente coberto de flores, sobretudo rosas vermelhas.

Erica perguntou a si própria se Henrik também estava a olhar em redor e a pensar se o pai da criança poderia estar entre o grupo reunido junto à sepultura.

Quando o caixão foi descido para a terra, Birgit deixou escapar um suspiro longo e expressivo. Karl-Erik estava determinado e de olhos secos.

Teve de empregar toda a sua força para erguer Birgit, tanto física como emocionalmente. Julia permanecia um pouco afastada deles. Henrik acertara na sua descrição de Julia como o patinho feio da família. Ao contrário da irmã mais velha, Julia tinha o cabelo escuro desajeitadamente cortado em pequenas madeixas, de uma forma que dificilmente se podia chamar um estilo de corte de cabelo. As feições eram grosseiras, com olhos profundamente encovados a espreitarem de uma franja demasiado comprida. Não usava maquilhagem, e a pele mostrava sinais claros de acne grave durante a adolescência. Ao pé de Julia, Birgit parecia ainda mais pequena e mais frágil do que o habitual. A filha mais nova de Birgit era cerca de dez centímetros mais alta do que a mãe, com um corpo amplo, pesado e informe. Fascinada, Erica observou a série de emoções conflituosas que passavam como um turbilhão pelo rosto de Julia. Dor e raiva sucediam-se à velocidade de um relâmpago. Não chorava. Julia fora a única pessoa que não colocara nenhuma flor na urna e, quando a cerimónia terminara, voltou rapidamente as costas ao buraco cavado no chão e regressou à igreja.

Erica perguntou a si própria como teria sido a relação das duas irmãs.

Não devia ter sido fácil para Julia, sempre a ser comparada com Alex, sempre a tirar a palha mais curta. O virar costas de Julia era uma ofensa, enquanto se distanciava mais do resto do grupo. Os ombros dela estavam curvados numa atitude indiferente.

Henrik aproximou-se de Erica.

– Vamos dar uma pequena recepção a seguir. Gostaríamos que nos fizesse companhia.

– Bem, realmente não sei – disse Erica.

– Pelo menos podia aparecer e ficar um bocadinho.

Erica hesitou.

– Sim, está bem. Onde é? Em casa de Ulla?

– Não, pensámos fazê-la lá, mas acabámos por optar pela casa de Birgit e Karl-Erik. Apesar do que lá aconteceu, sei que Alex adorava aquela casa.

Todos temos memórias felizes dela; por isso, que melhor local para a recordar? Mesmo apesar de compreender que possa ser um pouco difícil para si. Quer dizer, a Erica não tem memórias muito felizes da sua última visita.

Erica corou de vergonha ao pensar naquela que fora realmente a sua última visita. Rapidamente, desviou o olhar.

– Por mim não há problema – disse Erica.

Foi no seu próprio carro e estacionou novamente no espaço atrás da escola de Håckebacken. A casa já estava cheia quando entrou, e Erica ponderou se seria melhor voltar a sair e ir para casa. A oportunidade para tal surgiu tão depressa como passou; quando Henrik chegou e lhe tirou o casaco era demasiado tarde para mudar de ideias.

As pessoas aglomeravam-se em torno da mesa da sala de jantar, onde tinha sido servido um sortido de aromáticas tartes. Erica escolheu uma grande fatia de tarte de camarão e dirigiu-se rapidamente para um canto da sala, onde poderia comer e observar o resto do grupo em paz e sossego.

O grupo parecia despropositadamente bem-disposto para a ocasião. O tom das conversas era exageradamente animado. Erica observou as pessoas à sua volta e todas pareciam ostentar expressões tensas enquanto conviviam. O pensamento de que Alex fora assassinada pairava logo debaixo da superfície.

Erica examinou a sala, olhando de um rosto para o outro. Birgit estava sentada na ponta do sofá e limpava os olhos com um lenço. Karl-Erik estava atrás de Birgit, com uma mão desajeitadamente pousada no ombro dela e um prato com comida na outra. Henrik estava a fazer sala como um profissional. Ia de grupo em grupo, distribuía apertos de mão, assentia em

resposta a condolências, lembrava as pessoas de que também havia café e bolo. Era o anfitrião perfeito, não deixava nada ao acaso. Como se estivesse num *cocktail* e não na recepção do funeral da mulher. O único sinal que revelava o esforço que fazia era o longo suspirar e um fugaz momento de hesitação, como que a ganhar forças antes de passar ao próximo grupo.

Só Julia tinha um comportamento que destoava do de todos os presentes.

Sentara-se no peitoril da janela da varanda. Tinha um joelho flectido e o olhar perdia-se no mar. Quem quer que tentasse aproximar-se dela revelando amabilidade ou proferindo palavras de compaixão, era firmemente repellido. Ignorava todas as conversas e continuava de olhar vazio na imensidão branca.

Erica sentiu um leve toque no braço e, num impulso involuntário, entornou um pouco de café no pires.

– Desculpe, não a quis assustar – Francine sorria.

– Não há problema, estava só a pensar.

– Em Julia? – Francine acenou com a cabeça na direcção da figura à janela. – Reparei que a estava a observar.

– Sim, tenho de admitir que Julia me intriga. Está tão profundamente afastada do resto da família. Não consigo perceber se está a sofrer por Alex ou se foi banida por algum motivo que me escapa.

– Talvez ninguém compreenda Julia. Mas isto não deve ter sido fácil para ela. O patinho feio a crescer no meio de belos cisnes. Sempre posta de parte e ignorada pela família. Não que fossem ostensivamente maus para ela, mas Julia era indesejada, tão simples como isso. Alex, por exemplo, nunca falou nela durante o tempo em que vivemos em França. Foi uma grande surpresa para mim quando me mudei para a Suécia e descobri que Alex tinha uma irmã mais nova. Falava mais de si do que de Julia. Deviam ter uma relação muito especial, não era?

– Na verdade, não sei. Éramos crianças. Como todas as miúdas daquela idade éramos irmãs de sangue e nunca queríamos separar-nos, e tudo isso.

Mas, se Alex não se tivesse mudado para longe, ter-nos-ia provavelmente acontecido o mesmo. A mesma coisa que acontece às

outras rapariguinhas que crescem e se tornam adolescentes. Teríamos lutado pelos mesmos namorados, tido gostos diferentes em relação a roupas, acabado em diferentes degraus da escala social, e ter-nos-íamos afastado por causa de amigos diferentes que melhor se adequassem à fase em que estávamos – ou

em que queríamos estar. Mas é claro que Alex teve uma grande influência na minha vida, mesmo em adulta. Julgo que nunca consegui afastar a sensação de ter sido traída. Sempre me questioneei se fui eu quem disse ou fez algo de errado. Alex afastava-se cada vez mais, e um dia tinha partido.

Quando nos voltámos a encontrar em adultas, Alex era uma estranha. É

curioso, parece que estou a começar a conhecê-la outra vez.

Erica pensou nas páginas do livro que se empilhavam em sua casa. Até ali apenas tinha um conjunto de impressões e episódios misturado com os seus próprios pensamentos e reflexões. Nem sequer sabia como ia dar forma ao material; só sabia que era algo que tinha de fazer. O seu instinto de escritora dizia-lhe que era aquela a oportunidade para escrever algo genuíno, mas não fazia ideia de onde ficava a fronteira entre as suas necessidades como escritora e a sua relação pessoal com Alex. O sentimento de curiosidade que era essencial para escrever algo também a impelia a procurar a resposta ao mistério da morte de Alex a um nível muito mais pessoal. Podia ter escolhido descartar Alex e o seu destino, voltar as costas a todo o clã triste que rodeava Alex e dedicar-se aos seus próprios assuntos. Em vez disso estava no meio de uma sala repleta de pessoas que não conhecia de todo.

Subitamente ocorreu-lhe que quase esquecera o quadro que encontrara no guarda-fatos de Alex. Agora percebia porque eram tão familiares os tons quentes utilizados para retratar a nudez de Alex na tela. Virou-se para Francine.

– Sabe, quando a conheci na galeria...

– Sim?

– Havia uma pintura mesmo à entrada. Uma grande tela, toda em cores quentes, amarelos, vermelhos, laranjas...

– Sim, sei a qual se refere. Que tem ela? Não me diga que é colecionadora? – Francine sorriu.

– Não, mas estava a pensar, quem a pintou?

– Bem, isso é uma história muito triste. O nome do pintor é Anders Nilsson. Por acaso é daqui, de Fjällbacka. Foi Alex quem o descobriu.

Anders tem um talento incrível. Infelizmente, é também um alcoólico crónico, que vai de certeza dar cabo das hipóteses que tem como artista.

Hoje em dia não basta entregar as obras a uma galeria e esperar ter sucesso.

Os artistas também têm de saber vender o seu talento. Têm de aparecer nas inaugurações, ir a recepções, e estar à altura da imagem de um artista em

qualquer situação. Anders Nilsson é um beerrão crónico que não se adapta a companhias civilizadas. Vendemos de vez em quando uma pintura a clientes que sabem apreciar o talento quando o vêem, mas Anders nunca será uma grande estrela no firmamento da arte. Posso parecer um pouco cruel, mas acho que o potencial dele seria verdadeiramente valorizado se ele se matasse a beber. Os pintores mortos têm sido sempre um êxito junto do público em geral.

Erica olhou com espanto a criatura delicada que estava à sua frente.

Francine viu a expressão dela e acrescentou:

– Não queria parecer tão cínica, mas fico louca ao ver tanto talento desperdiçado por causa da bebida. É uma verdadeira tragédia. Teve sorte por Alex ter descoberto as pinturas dele. Senão, os únicos a apreciar o seu trabalho teriam sido os beerrões de Fjällbacka. E custa-me muito a acreditar que eles consigam apreciar plenamente a arte.

Fora colocada uma peça do *puzzle*, mas Erica não conseguia ver, por mais que tentasse, como se encaixava no resto do padrão. Porque tinha Alex um nu dela própria pintado por Anders Nilsson escondido no seu guarda-fatos?

Uma explicação possível era que a pintura fosse uma prenda para Henrik, ou talvez para o amante dela, e que Alex tivesse encomendado o retrato a um artista cujo talento admirava. Mas não batia muito certo. O retrato tinha uma sensualidade e uma sexualidade que desmentia uma relação entre estranhos. Havia uma espécie de laço entre Alex e Anders. Por outro lado, Erica sabia bem que não era

perita em arte, e os seus pressentimentos podiam estar completamente errados.

Um murmúrio espalhou-se pela sala. Começou no grupo mais próximo da entrada e alastrou-se aos restantes convidados. Todos os olhares se voltaram na direcção da porta, quando um convidado muito pouco esperado fazia uma entrada grandiosa. Quando Nelly Lorentz entrou, todos prenderam a respiração, completamente surpreendidos. Erica pensou no artigo de jornal que encontrara no quarto de Alex. Podia sentir os factos aparentemente desconexos a girar na sua cabeça sem fazerem qualquer sentido.

Desde o início dos anos 50, que o sustento permanente de Fjällbacka aumentava ou diminuía ao mesmo ritmo da produção da fábrica de conservas Lorentz. Praticamente metade dos residentes activos de Fjällbacka estava empregada nessa fábrica, e a família Lorentz era vista

quase como realeza na pequena vila. E, como Fjällbacka não era exactamente um viveiro da alta sociedade, a família Lorentz formava uma classe à parte. Do alto da enorme moradia no cimo da colina, olhavam para Fjällbacka com superioridade recatada.

A fábrica foi criada em 1952 por Fabian Lorentz, que descendia de uma longa linhagem de pescadores e de quem se esperava que seguisse os passos dos antepassados. Mas as reservas de peixe estavam a acabar, e o jovem Fabian era ambicioso e inteligente, sem qualquer intenção de sobreviver com os magros rendimentos que o pai tivera.

Criou a fábrica de conservas com as próprias mãos, e quando morreu, no final dos anos 70, deixou à sua mulher, Nelly, um negócio sólido e uma fortuna considerável. Ao contrário do marido, que era muito apreciado, Nelly Lorentz tinha reputação de arrogante e fria. Nunca mais aparecera na vila, mas, como uma rainha, concedia audiências a convidados especiais.

Por isso era uma enorme sensação vê-la entrar. Ia fornecer matéria-prima para mexericos durante meses.

A sala estava tão silenciosa que se teria ouvido cair um alfinete. A Sr.^a Lorentz concedeu a Henrik a honra de a ajudar a tirar o casaco de peles, e entrou na sala pelo braço dele. Henrik conduziu-a até ao sofá onde se sentavam Birgit e Karl-Erik, enquanto Nelly acenava um breve cumprimento a uns quantos convidados seleccionados. Quando Nelly chegou junto dos pais de Alex, a conversa recomeçou finalmente.

Conversas fúteis sobre isto e aquilo, enquanto todos se esforçavam por ouvir o que estava a ser dito junto do sofá.

Uma das pessoas a serem agraciadas com um aceno de cabeça foi Erica.

Devido ao seu estatuto de quase celebridade, Erica tinha aparentemente sido tida como merecedora, tendo até justificado um convite de Nelly Lorentz para tomar chá, depois da morte dos pais. Erica recusara educadamente, afirmando que ainda estava de luto.

Observava agora Nelly com curiosidade, enquanto esta apresentava formalmente as sinceras condolências a Birgit e Karl-Erik. Erica duvidava de que ainda houvesse uma réstia de simpatia no seu corpo esquelético. Era muito magra, com pulsos nodosos que sobressaíam do vestido de bom corte. Deve ter-se obrigado a passar fome a vida toda para se manter nos parâmetros de magreza ditados pela moda, sem ter a noção de que aquilo que assenta bem nas curvas naturais da juventude não é assim tão atraente

quando a idade deixou marcas. Tinha um rosto delgado e anguloso, surpreendentemente suave e sem rugas, o que fez com que Erica suspeitasse de que o bisturi ajudara a pôr a natureza no caminho certo. O cabelo era o seu atributo mais elegante. Era farto, cinzento prateado, penteado num elegante entrançado, mas de tal forma puxado para trás que esticava levemente a pele da testa dando-lhe um ar ligeiramente surpreendido. Erica calculou que Nelly devia ter pouco mais de oitenta anos. Dizia-se que fora dançarina quando era jovem e que conhecera Fabian Lorentz quando fazia parte de uma companhia de *ballet* num teatro de Gotemburgo onde nenhuma rapariga da classe alta se atrevia a entrar. Erica julgou captar um vislumbre do seu treino de dançarina no modo gracioso com que ainda se movia. Mas, segundo a história oficial, Nelly nunca tinha sequer chegado perto de uma escola de dança, era sim filha de um cônsul em Estocolmo.

Depois de uns minutos de conversa, Nelly deixou os pais enlutados e foi para a varanda sentar-se ao lado de Julia. Nenhum dos presentes aparentou o mais pequeno sinal de estranheza por aquela atitude. Todos continuaram com as suas conversas, mantendo um olhar vigilante sobre o curioso par.

Erica ficou outra vez sozinha, ao canto da sala, depois de Francine a ter deixado para ir falar com outras pessoas. De onde estava, Erica podia observar Julia e Nelly sem ser perturbada. Pela primeira vez naquele dia, Erica viu um sorriso espalhar-se no rosto de Julia. Saltou

do peitoril da janela e sentou-se ao lado de Nelly no sofá de palhinha, e aí ficaram, com as cabeças perto uma da outra, a sussurrar.

Que podiam ter em comum duas pessoas tão diferentes? Erica lançou um olhar em direcção de Birgit. As lágrimas tinham finalmente parado de lhe escorrer pelas faces. O seu olhar estava fixo na filha e em Nelly Lorentz com uma expressão de puro horror no rosto. Afinal, Erica decidiu aceitar o convite da Sr.a Lorentz. Talvez fosse interessante ter uma conversinha com Nelly em privado.

Com um enorme sentimento de alívio, Erica deixou finalmente a casa na colina, feliz por poder respirar novamente o ar revigorante do Inverno.

Patrik sentiu-se um pouco nervoso. Há muito tempo que não preparava um jantar para uma mulher. Ainda mais, para uma mulher pela qual sentia uma forte atracção. Tudo teria de ser perfeito.

Cantarolava enquanto cortava pepinos para a salada. Depois de muita angústia e reflexão, acabara por decidir-se por lombo de vitela, que estava agora condimentado e no forno, quase pronto. O molho borbulhava no fogão, e Patrik podia sentir o estômago a murmurar por causa do aroma.

Fora uma tarde agitada. Não conseguira sair do trabalho tão cedo como esperara, por isso teve de limpar a casa em tempo recorde. Não se tinha apercebido bem de como tinha deixado a casa deteriorar-se desde que Karin o deixara, mas, quando olhou para ela com os olhos com que a veriam Erica, compreendeu que ia ser um trabalho de peso.

Era um pouco embaraçoso ter sido apanhado na típica armadilha do homem solteiro, com tudo sujo e desarrumado à sua volta e o frigorífico vazio. Não tinha compreendido bem como era pesado o fardo que Karin tinha carregado em casa. Ter uma casa limpa e bem cuidada era um dado adquirido e nem sequer pensara na quantidade de trabalho que era necessária para a manter em ordem. Havia muita coisa que dera como adquirida.

Quando Erica tocou à campainha, Patrik livrou-se do avental e deu uma olhadela ao espelho para ver como estava o cabelo. Apesar de ter posto gel, o cabelo estava desalinhado como era habitual.

Erica estava fantástica, como sempre. As faces estavam rosadas do frio, e os seus caracóis loiros caíam-lhe sobre o colarinho do casaco comprido.

Abraçou-a ao de leve, permitindo-se fechar os olhos por um momento e inalar a fragrância do seu perfume. Depois conduziu-a para o interior da casa aquecida.

A mesa já estava posta, e começaram a comer a entrada enquanto esperavam que o prato principal estivesse pronto. Patrik observou-a sub-repticiamente a provar com prazer o *cocktail* de camarão. Não era um prato sofisticado, mas era difícil fracassar com ele.

– Nunca iria imaginar que conseguias preparar um jantar de três pratos –

disse Erica enquanto comia mais um pouco de *cocktail* de camarão.

– Nem eu próprio consigo acreditar. Mas, *skål* 12, e bem-vinda ao Restaurante Hedström.

Brindaram e bebericaram o vinho branco frio. Depois comeram durante algum tempo num silêncio amigável.

– Como tens passado? – Patrik examinava Erica debaixo do cabelo que lhe pendia para os olhos.

– Acho que já tenho tido semanas melhores.

– Porque foste com eles ao interrogatório? Devem ter passado uns bons anos desde que estiveste pela última vez com Alex ou com a família dela.

– Sim, deve ter sido há uns vinte e cinco anos. Não sei bem porque fui.

Parece que acabo de ser sugada para um remoinho, do qual não sei se posso escapar, ou se quero realmente escapar. Penso que Birgit me vê como uma recordação de melhores dias. Além disso sou uma estranha, por isso talvez represente alguma espécie de segurança – Erica fez uma pausa. – Têm feito progressos?

– Lamento, mas não posso dizer nada relacionado com o caso.

– Tudo bem, eu compreendo. Peço desculpa. Nem pensei nisso.

– Não há problema. Mas achei que talvez me pudesses ajudar.

Ultimamente tens estado muitas vezes com a família, além de já os conheceres antes. Será que me podias falar um pouco das tuas impressões sobre eles e dizeres-me o que sabes sobre Alex?

Erica pousou os talheres e tentou ordenar as suas próprias impressões pela ordem pela qual as queria apresentar a Patrik. Contou-lhe tudo o que descobrira, inclusivamente as impressões sobre as pessoas na vida de Alex.

Patrik ouviu atentamente, mesmo quando se levantou para levar a entrada e trazer o primeiro prato. De vez em quando interpunha uma pergunta. Estava espantado com as informações que Erica tinha revelado em tão curto espaço de tempo. Depois de também lhe ter dito o que sabia da Alex do passado, a mulher que até aí fora uma mera vítima de homicídio transformou-se subitamente em alguém com um rosto e uma personalidade.

– Sei que não podes falar sobre o caso, Patrik, mas podes dizer-me se a polícia tem algumas pistas? Alguma ideia que seja sobre quem a terá assassinado?

– Não, tenho de admitir que não avançámos muito na investigação. Um pequeno progresso, o que quer que fosse, seria extremamente bem-vindo nesta altura – Patrik suspirou e fez circular os dedos pelo rebordo do seu copo de vinho.

Erica disse, hesitante:

– Se calhar tenho algo que pode ter interesse – alcançou a mala de mão e começou a procurar no interior. Retirou um papel que entregou a Patrik por cima da mesa. Patrik pegou nele e desdobrou-o. Leu o que dizia com interesse, mas ergueu as sobrancelhas inquisitoriamente quando terminou.

– Que tem isso a ver com Alex?

– Essa é a pergunta que também faço. Encontrei este artigo na gaveta de uma cómoda, escondido por debaixo da roupa interior de Alex.

– Que queres dizer com «encontrei-o»? Quando é que conseguiste vasculhar as gavetas da cómoda dela?

Patrik viu-a corar e questionou-se sobre o que estaria Erica a esconder.

– Bem, uma noite fui até casa dela e bisbilhotei um pouco.

– Fizeste o quê?

– Sim, eu sei. Não precisas de o dizer. Realmente foi uma estupidez, mas sabes como eu sou. Agir primeiro e pensar depois – estava a falar

depressa para prevenir quaisquer reprimendas adicionais. – Seja como for, encontrei este papel na gaveta de Alex e consegui trazê-lo comigo.

Patrik absteve-se de perguntar como tinha Erica «conseguido» trazer o papel. Era melhor não saber.

– Que achas que poderá significar? – perguntou Erica. – Um artigo sobre um desaparecimento há vinte e cinco anos. Que ligação poderá ter com Alex?

– Que mais sabes sobre isto? – perguntou Patrik, brandindo o artigo.

– Factualmente, nada mais além do que está no artigo. Que Nils Lorentz, filho de Fabian e de Nelly Lorentz, desapareceu sem deixar rasto em Janeiro de 1977. Nunca foi encontrado nenhum corpo. Por outro lado, tem-se especulado bastante ao longo dos anos. Algumas pessoas pensam que se afogou e que o corpo foi arrastado para o mar. Outros rumores dizem que Nils desviou uma grande quantia do pai e depois fugiu do país. O que eu ouvi foi que Nils Lorentz não era uma pessoa simpática; por isso, a maioria das pessoas inclina-se para a segunda alternativa. Era filho único, e parece que Nelly o estragou com mimos. Ficou inconsolável depois de ele ter desaparecido, e Fabian Lorentz nunca recuperou da perda. Morreu um ano depois de ataque cardíaco. O único herdeiro da fortuna é um filho adoptivo que acolheram cerca de um ano antes de Nils ter desaparecido. Nelly adoptou-o uns anos depois da morte do marido. Bem, isto é apenas uma pequena amostra da coscuvilhice local. Continuo sem compreender como é que isto pode ter alguma ligação com a morte de Alex. O único relacionamento que as famílias alguma vez tiveram foi quando Karl-Erik trabalhou no escritório da fábrica de conservas de Lorentz, quando eu e Alex éramos crianças, antes de se terem mudado para Gotemburgo. Mas isso aconteceu há mais de vinte e cinco anos.

Erica lembrou-se de repente de outra ligação. Contou a Patrik como Nelly surgiu inesperadamente na recepção do funeral, e como dedicou praticamente toda a atenção a Julia.

– Não faço ideia de como algum destes factos pode estar relacionado com o artigo. Mas deve haver alguma ligação. Francine, a sócia de Alex na galeria, também referiu que Alex queria de algum modo resolver o seu passado. Francine não sabia mais nada, mas julgo que faz sentido. Chama-lhe intuição feminina ou o que quiseses, mas tenho a sensação de que existe um elo de ligação.

Erica estava um pouco envergonhada por não ter dito a Patrik toda a

verdade. Havia mais uma peça pequena mas muito estranha do *puzzle* que estava a guardar para si. Pelo menos até saber mais.

– Bem, não sou eu quem vai contrariar a intuição de uma mulher. Queres mais um pouco de vinho?

– Sim, obrigada – Erica olhou em redor da cozinha. – A tua casa é simpática. Foi decorada por ti?

– Não, não posso dizer isso. Era a Karin que tinha jeito para a decoração.

– Ah, pois, a tua mulher Karin. Que aconteceu entre os dois, afinal?

– Bem, na verdade foi a história do costume. A rapariga conhece o cantor *pop* vestido à última moda. A rapariga apaixona-se. A rapariga divorcia-se do marido e vai morar com o cantor.

– Estás a gozar!

– Infelizmente, não. Já foi suficientemente mau ter-me dado com os pés.

Mas Karin trocou-me por Leif Larsson, cantor popular e ídolo da Leffes, a banda mais famosa de Bohuslän. O homem que tinha a namorada mais bonita da costa ocidental. Enfim, dificilmente se consegue competir com um homem de *mocassins* com franjas.

Erica olhou-o, atónita.

Patrik sorriu.

– Bem, esta deve ser uma versão um pouco exagerada, mas foi qualquer coisa nestes termos.

– Mas isso deve ter sido terrível. Não deve ter sido fácil para ti.

– Senti-me miserável durante um bom bocado, mas agora já estou melhor.

Ainda não estou óptimo, mas já estou melhor.

Erica mudou de assunto.

– As notícias sobre a gravidez de Alex caíram como uma bomba – olhou

muito fixamente para Patrik, e este sentiu que havia algo mais por detrás daquele comentário aparentemente inocente.

– Em qualquer dos casos, parece que não tinha partilhado a boa notícia com o marido – disse Erica.

Patrik esperou em silêncio que Erica prosseguisse. Passado um momento, Erica parecia ter-se decidido a seguir aquele caminho, mas falou em voz baixa, e ainda parecia hesitante.

– Segundo a melhor amiga dela, Henrik não é o pai da criança.

Patrik ergueu as sobrancelhas e assobiou, mas permaneceu em silêncio à espera de mais informações.

– Francine disse-me que Alex tinha conhecido alguém aqui, em Fjällbacka. E que vinha cá todos os fins-de-semana para se encontrar com essa pessoa. De acordo com Francine, Alex nunca quisera ter filhos de Henrik, mas com este homem era diferente. Estava esfusiante com o bebé, e foi por isso que Francine insistiu com tanta determinação que não se tinha suicidado. Do ponto de vista dela, Alex estava feliz pela primeira vez na vida.

– Ela sabe quem era o homem?

– Não, não sabe. Alex guardou essa informação para si.

– Mas porque aceitaria o marido que Alex viesse sozinha a Fjällbacka todos os fins-de-semana? O marido sabia que vinha cá para se encontrar com alguém?

Patrik bebeu mais um pouco de vinho e sentiu que começava a corar. Mas não conseguia dizer se era por causa do vinho ou da presença de Erica.

– Ao que parece, eles tinham uma relação bastante fora do comum.

Encontrei-me com Henrik em Gotemburgo e fiquei com a sensação de que as vidas deles corriam em faixas separadas que raramente se cruzavam. E é impossível dizer o que Henrik sabe ou não, dada a breve conversa que tivemos. Aquele homem tem um rosto de pedra. Julgo que tem muito cuidado em guardar para si próprio o que quer que saiba.

– Esse tipo de pessoas pode ser como uma panela de pressão. O vapor acumula-se, acumula-se, e um dia explode. Achas que foi isso que

aconteceu? Que um dia o marido rejeitado não aguentou mais e matou a mulher infiel? – perguntou Patrik.

– Não sei, Patrik. Não sei mesmo. Mas agora acho que devíamos beber muito vinho e falar de tudo e mais alguma coisa, desde que não tenha a ver

com homicídios e morte súbita.

Patrik concordou de bom grado e ergueu o copo num brinde. Dirigiram-se para o sofá e passaram o resto da noite a conversar confortavelmente sobre tudo o que acontecia debaixo do Sol. Erica contou-lhe a sua vida, a confusão em torno da casa e a dor pela morte dos pais. Patrik contou-lhe a sua raiva e o sentimento de fracasso após o divórcio, e a frustração de se ver outra vez na estaca zero quando começava a estar preparado para ter filhos e uma família, pronto a acreditar que ele e Karin iriam envelhecer juntos.

Mesmo as breves pausas na conversa eram reconfortantes, e era naqueles momentos que tinha de se conter para não beijar Erica. Mas conteve-se, e a oportunidade passou.

11 [Gustaf Fröding \(1860-1911\)](#), poeta e dramaturgo sueco. (*N. do T.*)

12 Termo utilizado nos países nórdicos para brindar. (*N. do T.*)

3

ELE ESTAVA A OBSERVAR QUANDO A TIRARAM DE CASA. QUERIA CHORÁ-LA E ATIRAR-SE PARA CIMA DO CORPO TAPADO. FICAR COM ELA PARA SEMPRE.

AGORA TINHA MESMO PARTIDO. ESTRANHOS IAM MEXER E REMEXER NO

CORPO DELA, E TECER COMENTÁRIOS SARCÁSTICOS. NINGUÉM VERIA A SUA BELEZA COMO ELE A VIRA.

PARA ELES, ELA SERIA APENAS UMA PEÇA DE CARNE. UM NÚMERO NUM

DOCUMENTO, DESPROVIDO DE VIDA, DE CHAMA.

COM A MÃO ESQUERDA ACARICIOU A PALMA DA SUA PRÓPRIA MÃO DIREITA.

NO DIA ANTERIOR TINHA ACARICIADO O BRAÇO DELA.

PRESSIONOU A PALMA CONTRA A FACE E TENTOU SENTIR A PELE FRIA DELA NO ROSTO.

NÃO SENTIU NADA. ELA TINHA PARTIDO.

LUZES AZUIS FAISCAVAM. AS PESSOAS APRESSAVAM-SE DE UM LADO PARA O

OUTRO, PARA DENTRO E PARA FORA DA CASA. PORQUE ESTAVAM COM TANTA PRESSA? ERA TARDE DE MAIS.

NINGUÉM O VIU. ERA INVISÍVEL. SEMPRE FORA INVISÍVEL.

NÃO IMPORTAVA. ELA VIRA-O. PODIA SEMPRE VÊ-LO.

QUANDO ELA FIXOU OS GRANDES OLHOS AZUIS NELE, SENTIU QUE TINHA SIDO VISTO.

AGORA NÃO RESTAVA NADA. O FOGO TINHA SIDO EXTINTO HÁ MUITO. ELE

PERMANECEU NAS CINZAS E OBSERVOU COMO A SUA VIDA ERA LEVADA, TAPADA POR UM COBERTOR AMARELO DE HOSPITAL. NO FIM DO CAMINHO

NÃO HAVIA ALTERNATIVAS. SEMPRE ESTIVERA CIENTE DISSO, E AGORA CHEGARA FINALMENTE A HORA. DESEJARA AQUELE MOMENTO. E ABRAÇOU-O.

ELA TINHA PARTIDO.

NELLY PARECERA UM POUCO SURPREENDIDA quando Erica telefonou. Por um momento, Erica perguntou-se se não estaria a fazer uma tempestade num copo de água, apesar de ainda não conseguir deixar de pensar que era muito estranho que Nelly tivesse aparecido na recepção do funeral de Alex. Para não falar do facto de Nelly ter conversado quase exclusivamente com Julia.

É verdade que Karl-Erik trabalhara para Fabian Lorentz como gestor do escritório da fábrica até a família se ter mudado para Gotemburgo, mas tanto quanto Erica sabia nunca conviviam. Os Carlgren estavam muito abaixo dos requisitos da família Lorentz no que diz respeito a uma classe social aceitável.

A sala de visitas para onde fora encaminhada era de uma beleza excepcional. A vista estendia-se do porto, numa extremidade, até ao

horizonte aberto para além das ilhas, na outra. Num dia de Inverno como aquele, quando a luz do Sol se reflectia no gelo que cobria a neve, a vista podia competir com a mais ensolarada paisagem de Verão.

Sentaram-se num elegante conjunto de sofás, e foram servidos a Erica pequenos canapés numa bandeja de prata. Estavam magníficos, mas ela tentou controlar o apetite para não parecer rude. Nelly apenas comeu um, receosa de acrescentar um grama de carne àqueles ossos protuberantes.

A conversa decorreu lenta, mas educadamente. Nas longas pausas entre as palavras, apenas se ouvia o tiquetaque de um relógio, assim como os discretos sorvos no chá quente. Mantiveram a conversa em torno de assuntos neutros. A fuga dos jovens de Fjällbacka. A escassez de emprego.

Como era preocupante ver cada vez mais das antigas e adoráveis casas serem compradas por turistas e transformadas em casas de veraneio. Nelly falou um pouco de como as coisas se passavam quando chegou a Fjällbacka, quando era jovem e recém-casada. Erica ouviu atentamente, colocando perguntas aqui e ali.

Parecia que estavam a andar em círculos em torno do assunto que ambas sabiam ter de abordar mais cedo ou mais tarde. Foi Erica quem teve finalmente coragem para o fazer.

– Bem, a última vez que nos vimos foi em circunstâncias particularmente

tristes.

– Sim, que tragédia. Uma mulher tão nova...

– Não sabia que conhecia tão bem os Carlgren.

– Karl-Erik trabalhou para nós durante muitos anos, e é claro que encontrámos a família em diversas ocasiões. Pareceu-me ser mais correcto apresentar-lhes as minhas condolências pessoalmente – Nelly baixou os olhos. Erica reparou que as mãos da mulher se mexiam nervosamente no regaço.

– Fiquei com a impressão de que também conhecia Julia. Ela ainda não tinha nascido quando os Carlgren viveram em Fjällbacka, pois não?

Apenas um endireitar de costas e um ligeiro movimento de cabeça indicaram que Nelly achou a pergunta incómoda. Abanou uma mão coberta de jóias de ouro.

– Não, Julia é um conhecimento recente. Mas acho que é uma rapariga encantadora. Sei que pode não ter a mesma beleza exterior de Alexandra, mas, ao contrário da irmã, tem um carácter inabalável e uma coragem que fazem com que a considere bastante mais interessante que à tola da irmã.

Nelly bateu com a mão na boca. Além do facto de, por um momento, se ter esquecido de estar a falar de uma pessoa morta, durante uma fracção de segundo revelara uma fenda na sua máscara. O que Erica viu naquele breve momento foi ódio puro. Porque odiaria Nelly Lorentz uma mulher que mal podia ter conhecido a não ser em criança?

Antes de Nelly ter tido tempo para corrigir a sua gafe, o telefone tocou.

Com alívio evidente, desculpou-se e foi atender a chamada.

Erica aproveitou a oportunidade para bisbilhotar a sala. Era bela, mas impessoal. A mão invisível de um decorador de interiores pairava sobre toda a divisão. Tudo estava ordenado por cores até ao mais ínfimo pormenor. Não conseguiu evitar a comparação com a simplicidade da decoração da casa dos pais, onde nada fora escolhido por motivos estéticos; todos os objectos tinham sido comprados ao longo de décadas com base na sua utilidade. Erica pensou que a beleza de objectos usados e pessoais suplantava de longe aquela galeria refinada. Os únicos objectos pessoais que conseguiu encontrar eram uma série de fotografias de família por cima da lareira. Inclinou-se para a frente e estudou-as atentamente. Pareciam estar em ordem cronológica, da esquerda para a direita, a começar por um retrato a preto e branco de um casal elegante em traje de casamento. Nelly

estava realmente deslumbrante num vestido branco justo que se moldava à sua silhueta, mas Fabian parecia desconfortável no seu *smoking*.

Na fotografia seguinte, a família aumentara; Nelly segurava um bebé nos braços. A seu lado, Fabian continuava a parecer rígido e sério. Depois, havia uma longa fila de retratos com crianças em idades diferentes, umas vezes sozinhas, outras com Nelly. Na última fotografia da fila, Nils Lorentz parecia ter cerca de vinte e cinco anos. O filho que tinha desaparecido.

Depois do primeiro retrato de toda a família, parecia que Nils e Nelly eram os únicos membros que restavam. Embora talvez Fabian não

apreciasse muito ser fotografado e preferisse ficar atrás da máquina fotográfica. A ausência de fotografias de Jan, o filho adotado, era notória.

Erica voltou a atenção para uma escrivaninha num dos cantos da sala. Era de madeira de cerejeira escura, com belos embutidos que ela acompanhou com o dedo. Estava completamente vazia e parecia não ter outra utilidade que não fosse a decorativa. Sentiu-se tentada a espreitar as gavetas, mas não sabia quanto tempo Nelly se demoraria fora da sala. A conversa telefónica parecia estar a arrastar-se, mas Nelly podia regressar a qualquer momento.

Agora era o cesto de papéis que atraía a atenção de Erica. Havia nele algumas folhas amarrotadas. Retirou a bola de papel que estava no topo e alisou-a cuidadosamente. Leu-a com interesse crescente. Ainda mais espantada do que antes, voltou a colocar a folha no cesto de papéis. Nada naquela história era o que parecia ser.

OuvIU alguém a aclarar a garganta atrás de si. Jan Lorentz estava parado à entrada, as sobranceiras erguidas inquisitoriamente. Erica perguntou-se há quanto tempo estaria ele ali.

– Erica Falck, não é?

– Exactamente. E o senhor deve ser o filho de Nelly, Jan?

– Também acertou. Muito gosto. Tem sido um tema de conversa muito comum aqui na vila, deve sabê-lo.

Dirigiu-lhe um sorriso aberto e encaminhou-se para Erica com a mão estendida; esta apertou-a relutantemente. Alguma coisa nele fazia com que todos os pêlos dos braços se eriçassem. Reteve a mão dela demasiado tempo. Erica resistiu ao impulso de a puxar.

Jan parecia ter vindo directamente de uma reunião de negócios. Usava um fato bem engomado e tinha uma pasta na mão. Erica sabia que era Jan quem administrava o negócio da família. E com muito sucesso.

Usava o cabelo liso puxado para trás, com um pouco de gel a mais. Os lábios eram demasiado cheios e carnudos para um homem, e os olhos eram bonitos, com longas pestanas escuras. Se não fosse por um maxilar quadrado e poderoso, com uma covinha profunda no queixo, pareceria provavelmente bastante feminino. Tal como era, o misto de angulosidade e luxúria dava-lhe uma aparência algo estranha; era impossível dizer se era ou não atraente. Pessoalmente, Erica achava-o repelente, mas esta opinião baseava-se sobretudo numa sensação

estranha no estômago.

– Portanto, a mãe conseguiu finalmente atraí-la até aqui. Devo dizer-lhe que tem estado no topo da lista de preferências desde que escreveu o seu primeiro livro.

– Estou a ver. Bem, acredito que tenha sido recebido como o acontecimento do século, por aqui. A sua mãe já me tinha convidado antes, mas só agora surgiu o momento adequado.

– Soube o que aconteceu aos seus pais. Uma tragédia. Peço-lhe que aceite as minhas mais sinceras condolências.

Jan ensaiou um sorriso de compaixão, mas a emoção nunca lhe chegou aos olhos.

Nelly regressou à sala. Jan inclinou-se para beijar a mãe na face. Esta aceitou o beijo, mas a sua expressão era indiferente.

– Que bom para si, mãe, que Erica tenha finalmente conseguido vir visitá-la. Há algum tempo que ansiava por esta visita.

– Sim, é realmente muito agradável.

Nelly sentou-se no sofá. Um esgar de dor passou-lhe subitamente pelo rosto e agarrou o braço direito.

– Mãe, o que foi? Está com dores? Quer que lhe vá buscar os comprimidos?

Jan inclinou-se e colocou as suas mãos nos ombros da mãe, mas Nelly afastou-as bruscamente.

– Não, estou bem. Apenas as dores e achaques próprios da idade, nada mais. Nada de preocupante. Não devias estar na fábrica?

– Sim, dei um salto a casa para vir buscar alguns documentos. Bem, acho que está na altura de deixar as senhoras a sós. Não se esforce demasiado, mãe, lembre-se do que disse o médico sobre...

Em resposta, Nelly limitou-se a resmungar. O rosto de Jan mostrava uma preocupação e uma compaixão que pareciam genuínos. Mas Erica podia

jurar ter visto um ténue sorriso nas comissuras dos lábios de Jan quando este saiu da sala e se voltou para as olhar por um segundo.

– Nunca envelheça. A cada ano que passa, a velha ideia *viking* de saltar de um penhasco para a morte soa cada vez melhor. A nossa única esperança é ficarmos tão senis que pensemos ter outra vez vinte anos. Seria bom voltar a vivê-los – Nelly fez um sorriso amargo.

Aquele não era um tema de conversa particularmente agradável. Erica murmurou algo em resposta, e depois mudou de assunto.

– De qualquer modo, deve ser reconfortante ter um filho que possa continuar o negócio da família. Ao que sei, Jan e a mulher vivem aqui consigo.

– Reconfortante. Sim. Talvez seja.

Nelly olhou rapidamente de relance para as fotografias por cima da lareira. Não disse mais nada, e Erica não se atreveu a fazer mais perguntas.

– Bem, basta de falarmos de mim e da minha família. Está a trabalhar num novo livro? Tenho de lhe dizer que adorei o seu último, sobre Karin Boye¹³. De alguma forma, a Erica consegue fazer reviver as pessoas. Porque escreve apenas sobre mulheres?

– Julgo que começou um pouco por acaso. A minha dissertação na universidade foi sobre autoras suecas de renome, e fiquei tão fascinada por elas que quis descobrir quem eram como pessoas. Comecei, como talvez saiba, por Anna Maria [Lenngren](#)¹⁴, pois era a que menos conhecia. A partir daí, foi uma bola de neve. Neste momento estou a escrever sobre Selma Lagerlöf, e estou a descobrir uma série de facetas interessantes.

– Nunca pensou em escrever algo, como dizê-lo... não biográfico? Tem tanto talento para a escrita... E seria muito interessante ler uma obra de ficção escrita por si.

– Claro, já pensei em fazê-lo – Erica tentou não parecer culpada. – Mas neste momento estou embrenhada no projecto Lagerlöf. Depois logo se verá o que acontece.

Olhou de relance para o relógio.

– Por falar na minha escrita... infelizmente, tenho mesmo de ir andando.

Apesar de não ter de picar o ponto na minha profissão, é importante manter a disciplina. Tenho de ir para casa escrever o número de

páginas diário que determinei. Muito obrigada pelo chá, e pelos deliciosos canapés.

– O prazer foi todo meu. Muito obrigada por ter vindo.

Nelly ergueu-se graciosamente do sofá. Não havia sinais das suas dores e achaques.

– Acompanho-a à saída. Nos velhos tempos, a nossa criada, Vera, fá-lo-ia, mas os tempos mudam. As criadas já não estão na moda; além disso, quase ninguém tem dinheiro para contratar uma. Gostaria de a ter mantido, uma vez que temos dinheiro para isso, mas Jan recusou. Não quer estranhos cá em casa, diz ele. Apesar disso, Jan aceita que ela venha cá fazer as limpezas uma vez por semana. Enfim, nem sempre é fácil entender-vos, jovens.

Era evidente que tinham agora atingido um novo nível de familiaridade, porque, quando Erica ia apertar-lhe a mão num gesto de despedida, Nelly ignorou-a e, em vez disso, beijou-a ao de leve nas duas faces. Erica sabia agora, intuitivamente, por que lado começar. Começava a sentir-se bastante sofisticada e quase como em casa nas salas de visitas mais refinadas.

Erica apressou-se a chegar a casa. Não quisera revelar a Nelly o verdadeiro motivo da sua pressa. Consultou o relógio. Vinte para as duas.

Às duas, chegaria o agente imobiliário para ver a casa antes de ser posta à venda. Erica rangeu os dentes só de pensar que alguém iria andar pela casa a inspeccioná-la, mas não havia nada mais a fazer senão deixar que as coisas seguissem o seu rumo.

Deixara o carro em casa e apressou o passo para chegar a tempo. Mas ele bem que podia esperar, pensou, abrandando o passo. Para quê apressar-se?

Pensamentos mais felizes vieram-lhe à mente. O jantar de sábado em casa de Patrik excedera em muito as suas expectativas. Para Erica, Patrik fora sempre como um irmão mais novo, simpático mas um pouco maçador, apesar de serem da mesma idade. Ainda pensava que Patrik era o mesmo rapaz maçador, mas encontrou um homem maduro, caloroso e com sentido de humor. Não estava nada mal, tinha de admiti-lo. Questionava-se sobre quando seria decente convidá-lo para jantar, apenas para retribuir o convite, claro.

A última colina que subia até ao parque de campismo de Sälvik

parecia enganadoramente plana, mas revelou-se uma subida longa e lenta. Erica ofegava violentamente quando virou à direita e subiu a última e curta ladeira até casa. Quando chegou ao cimo, estacou. Um grande *Mercedes* estava estacionado à frente da casa e Erica sabia exactamente a quem pertencia. Pensara que o dia já tinha sido suficientemente agitado, mas

enganara-se.

– Olá, Erica – Lucas estava encostado à porta de braços cruzados.

– Que estás aqui a fazer?

– Isso é maneira de receber o teu cunhado? – Apesar da pronúncia, falava um sueco gramaticalmente perfeito.

Lucas abriu os braços zombeteiramente, como que para a abraçar. Erica ignorou o gesto. Conseguia ver que era precisamente aquilo que ele esperava. Nunca cometera o erro de o subestimar. Por isso, era sempre extremamente cautelosa quando estava na presença dele. Acima de tudo apetecia-lhe ir direita a Lucas e esbofetear-lhe a cara sorridente, mas sabia que isso poderia ter consequências que viria a lamentar.

– Responde-me. Que fazes aqui?

– Se não me engano... hum... deixa ver, exactamente um quarto disto pertence-me.

Fez um gesto na direcção da casa, mas bem podia estar a apontar para o mundo inteiro, tão grande era a sua autoconfiança.

– Metade é minha e a outra metade de Anna. Tu não tens nada a ver com esta casa.

– Podes não ser muito versada em legislação sobre co-propriedade, quer dizer, visto não teres conseguido encontrar ninguém suficientemente estúpido para se casar contigo. Mas, de acordo com essa lei, um casal divide tudo em partes iguais. Mesmo a posse de uma casa junto ao mar.

Erica sabia bem que era esse o caso. Durante um breve momento amaldiçoou os pais, que não tinham sido suficientemente providentes para garantir que a casa ficava unicamente na posse das filhas. Sabiam que tipo de homem era Lucas, mas não devem ter contado que lhes restasse tão pouco tempo. Ninguém gosta de ser lembrado da sua

própria condição de mortal e, como tantas outras pessoas, tinham adiado aquele tipo de decisão.

Erica optou por não morder o isco e responder ao comentário de Lucas acerca do seu estado civil. Preferia ser uma solteirona para o resto da vida a cometer o erro de casar com alguém como Lucas.

O cunhado prosseguiu:

– Queria estar aqui quando chegasse o agente imobiliário. Não faz mal nenhum olhar pelo nosso património. Queremos que tudo corra sem problemas, não é verdade?

Lucas sorriu com o seu esgar infernal. Erica destrancou a porta e abriu-a,

passando-lhe à frente. O agente estava atrasado, mas Erica esperava que não demorasse. Não gostava da ideia de ficar sozinha com o cunhado.

Lucas seguiu-a. Erica pendurou o casaco e começou a deambular pela cozinha. A única forma de lidar com Lucas era ignorá-lo. Ouvia-o a andar pela casa, a inspeccioná-la. Não devia ter ali estado mais do que três ou quatro vezes. A beleza da simplicidade não era algo que Lucas apreciasse, nem mostrara nunca qualquer interesse em visitar a família de Anna. O pai não suportava o genro, e o sentimento era mútuo. Quando Anna e as crianças iam visitá-los, iam sozinhas.

Erica não gostava da forma como Lucas estava a passear-se pela casa e a mexer nas coisas – da forma como tocava nas mobílias e nos objectos decorativos. Teve de reprimir o desejo de andar atrás dele com um pano do pó para limpar tudo aquilo em que Lucas tocara. Com alívio, viu um homem de cabelo grisalho ao volante de um grande *Volvo* a virar para a rampa de acesso à casa. Apressou-se a abrir-lhe a porta. Depois, foi para o escritório e fechou a porta. Não queria vê-lo a inspeccionar a casa da sua infância e a avaliar o seu peso em ouro. Ou antes, o preço por metro quadrado.

O computador já estava ligado. O ficheiro estava aberto, à espera que Erica voltasse ao trabalho. Acordara cedo para fazer uma alteração, e tinha avançado bastante. Escrevera quatro páginas do esboço do livro sobre Alex durante a manhã e agora estava a relê-las. Ainda tinha uma série de dúvidas em relação ao tipo de livro que ia escrever. A princípio, quando pensara que Alex se suicidara, considerara escrever um livro para responder à pergunta

«porquê». Teria sido mais uma espécie de biografia. Agora, o material que reunira parecia mais adequado a uma novela policial, um gênero que nunca a atraía muito. Eram as pessoas, os seus relacionamentos e motivações psicológicas, que a interessavam; e isso era o que a maior parte das novelas policiais tinha de abolir em detrimento de homicídios sangrentos e arrepios na coluna. Detestava todos os clichés que utilizavam; queria escrever sobre algo que fosse genuíno. Alguma coisa que tentasse descrever porque era uma pessoa capaz de cometer o pior dos pecados, tirar a vida a outro ser humano. Até ali, escrevera tudo por ordem cronológica, reproduzindo palavra por palavra o que lhe fora dito e incorporando as suas próprias observações e conclusões. Mas teria de cortar texto. Resumi-lo até ficar o mais próximo possível da verdade. A reacção das pessoas mais próximas e

que mais amavam Alex era algo em que, por enquanto, Erica ainda não tinha querido pensar.

Erica lamentou não ter contado a Patrik tudo sobre a visita à casa onde Alex tinha morrido. Devia ter-lhe contado sobre o visitante misterioso e acerca da pintura que encontrara escondida no guarda-fatos. E sobre a sensação que teve de que faltava alguma coisa, algo que estivera no quarto quando entrou. Não se atrevia a telefonar-lhe agora a admitir que havia mais a dizer. Mas prometeu a si própria que, se a ocasião se proporcionasse, lhe contaria o resto.

Conseguia ouvir Lucas e o agente imobiliário a passearem pela casa. O

homem deve ter pensado que Erica estava a comportar-se de uma forma bastante estranha, mal o cumprimentou foi a correr fechar-se no escritório.

O agente não tinha culpa da situação em que Erica se encontrava, por isso decidiu ranger os dentes e mostrar algumas das boas maneiras que lhe tinham ensinado.

Quando entrou na sala de estar, Lucas estava a descrever efusivamente a luz magnífica que as grandes janelas divididas por pinázios deixavam entrar. Estranho, Erica não sabia que as criaturas que rastejavam debaixo das rochas apreciavam a luz do Sol. Teve uma visão de Lucas como um enorme escaravelho reluzente; só gostava de poder dar-lhe uma simples pisadela com o salto da sua bota e fazê-lo desaparecer da sua vida.

– Peço que me perdoe a atitude de há pouco. Tive de tratar de um assunto urgente.

Erica fez um sorriso rasgado e estendeu a mão ao agente, que se apresentou como Kjell Ekh. Este assegurou-lhe que não ficara minimamente ofendido. A venda de propriedades era um assunto bastante emocional. Se soubesse as histórias que lhe poderia contar... Erica sorriu ainda mais e até se permitiu um semicerrar de olhos travesso. Lucas olhou-a com desconfiança. Erica ignorou-o.

– Bem, não quero interromper. Onde é que iam?

– O seu cunhado estava a mostrar-me a vossa encantadora sala de estar.

Tenho de dizer-lhe que está decorada com muito bom gosto. É muito bonita, com a luz a entrar pelas janelas.

– Sim, é encantadora, não é? Pior são as correntes de ar.

– As correntes de ar?

– Sim, infelizmente as janelas não estão muito bem isoladas; por isso, mesmo quando o vento é fraco, temos de nos certificar de que vestimos as nossas meias de lã mais quentes. Mas não é nada que a substituição de todas as janelas não resolva.

Lucas olhou furiosamente para Erica, que fingiu não reparar. Em vez disso, levou Kjell pelo braço; se fosse um cão, o agente estaria agora a abanar a cauda entusiasticamente.

– Calculo que já tenham visto o andar de cima, por isso talvez devamos ir até à cave. E não se preocupe com o cheiro a mofo. Desde que não se seja alérgico, não há perigo. Eu praticamente vivi lá, e não me fez mal nenhum.

Os médicos asseguraram-me que a minha asma não tem qualquer ligação com o bafio.

Como toque final, Erica irrompeu num ataque de tosse tão violento que teve de se dobrar ao meio. Pelo canto do olho, viu o rosto de Lucas a adquirir um tom muito mais avermelhado. Sabia que as suas afirmações exageradas seriam desmentidas numa inspecção mais cuidadosa da casa.

Mas, até lá, era um pequeno consolo poder irritar Lucas.

Kjell parecia bastante aliviado quando saiu e se viu de novo a respirar

ar fresco, depois de Erica lhe ter mostrado entusiasticamente os aspectos positivos da cave. Lucas permaneceu silencioso e passivo durante o resto da visita. Sentindo-se pouco à vontade, Erica perguntou a si própria se não teria levado o seu logro infantil um pouco longe de mais. Lucas sabia que uma verdadeira avaliação mostraria que nenhum dos «contras»

apresentados por Erica tinha qualquer fundamento, mas ela tentara fazer dele objecto de chacota. E isso era algo que Lucas Maxwell não tolerava.

Com uma ligeira sensação de temor, Erica viu o agente a afastar-se no seu carro e a acenar alegremente, depois de ter prometido que um avaliador certificado os contactaria para examinar a casa desde o sótão até à cave.

Lucas seguiu-a até à entrada. Nos segundos seguintes, Erica sentiu-se colada à parede, com a mão de Lucas a apertar-lhe brutalmente o pescoço.

A cara dele estava a pouco mais de um centímetro da sua. A raiva que viu fez com que compreendesse pela primeira vez porque era tão difícil para Anna terminar a sua relação com Lucas. O que Erica viu foi um homem que não deixava nenhum obstáculo interpor-se no seu caminho. Permaneceu imóvel, tal era o medo de se mexer.

– Nunca, mas nunca mais faças aquilo outra vez, estás a ouvir?
Ninguém faz de mim parvo como tu fizeste sem sofrer as consequências, por isso,

cuidadinho!

Lucas rosnou as palavras tão ferozmente que lhe salpicou o rosto de saliva. Erica teve de resistir ao impulso de limpar o cuspido do rosto. Em vez disso, ficou tão imóvel como uma estátua de sal, a rezar em silêncio para que Lucas saísse da sua casa e se fosse embora. Para seu espanto, foi exactamente isso que Lucas fez. Largou-lhe o pescoço e deu meia-volta para se dirigir para a porta. Mas, quando Erica já suspirava profundamente de alívio, ele virou-se e, com um passo apenas, estava novamente à frente dela. Antes de Erica poder reagir, agarrou-a pelos cabelos e pressionou os lábios contra os dela. Lucas forçou a língua por entre os seus lábios enquanto lhe apertava com tal força o peito que Erica sentiu a armação do sutiã a arranhar-lhe a pele. Com um sorriso, Lucas virou-se, dirigiu-se para a porta e desapareceu no frio invernal. Erica só se atreveu a mexer-se quando

ouviu o carro a arrancar. Afundou-se no chão, encostada à parede, e limpou a boca com as costas da mão, enojada. De alguma forma, o beijo dele parecera-lhe mais ameaçador do que a mão a apertar-lhe o pescoço; sentiu-se a começar a tremer. Com os braços a envolver as pernas, inclinou a cabeça para os joelhos e chorou. Não por si, mas por Anna.

*

No mundo de Patrik as manhãs de segunda-feira e as sensações agradáveis não combinavam. Só começava a transformar-se num ser humano de verdade depois das onze da manhã. Por isso, acordou de um estado de quase transe quando o pesado maço de papéis aterrou na sua secretária com um som seco. O despertar foi brutal. De um só golpe, a pilha de documentos duplicara e Patrik soltou um gemido.

Annika

Jansson

sorriu-lhe

maliciosamente

e

perguntou-lhe

inocentemente:

– Não tinhas dito que querias tudo o que tinha sido escrito sobre a família Lorentz nos últimos anos? Eu para aqui a fazer um trabalho magnífico a desenterrar cada palavra alguma vez escrita sobre eles, e qual é a paga pelo meu esforço? Um gemido. Que tal a tua gratidão eterna, em vez disso?

Patrik sorriu.

– A minha gratidão eterna não é suficiente para ti, Annika. Se não fosses casada, casava contigo e cobria-te de peles e diamantes. Mas, como me

partiste o coração e insististe em ficar com esse rústico do teu marido, terás de te contentar com um simples obrigado. E com a minha eterna gratidão, claro.

Para seu grande prazer, Patrik viu que quase conseguiu fazê-la corar.

– Bem, bem, desta vez foste longe de mais. Porque queres vasculhar isto tudo? Qual é a relação com o homicídio em Fjällbacka?

– Para ser franco, não faço ideia. Chamemos-lhe intuição feminina.

Annika ergueu as sobrancelhas. Concluiu que, de momento, não lhe ia conseguir arrancar mais nada. Mas estava curiosa. Todos conheciam a família Lorentz, mesmo em Tanumshede, e se estivessem de algum modo implicados num homicídio seria, no mínimo, sensacional.

Patrik ergueu os olhos quando Annika fechou a porta. Era uma mulher incrivelmente eficiente. Esperava sinceramente que aguentasse estar sob as ordens de Mellberg. Seria uma grande perda para a esquadra se algum dia Annika decidisse que já não aguentava mais. Obrigou-se a concentrar-se na pilha de papéis que Annika tinha colocado à sua frente. Depois de os folhear rapidamente, percebeu que iria demorar o resto do dia a ler todo o material. Recostou-se na cadeira, colocou os pés sobre a secretária e pegou no primeiro artigo.

Seis horas mais tarde, massajou o pescoço cansado e sentiu comichão e picadas nos olhos. Lera os artigos por ordem cronológica, a começar pelo recorte de jornal mais antigo. Era uma leitura fascinante. Muito fora escrito sobre Fabian Lorentz e os seus êxitos ao longo dos anos. A grande maioria dos artigos era-lhe favorável e, durante bastante tempo, a vida parecia ter dado a Fabian uma mão ganhadora. A empresa descolou com uma velocidade surpreendente. Fabian parecia ser um empresário muito talentoso, para não dizer brilhante. O casamento com Nelly foi relatado nas colunas sociais, e as fotografias mostravam o elegante casal em traje de noite. Depois começaram a aparecer nos jornais fotografias de Nelly e do filho, Nils. Nelly parecia ter sido perseverante no seu trabalho em diversos eventos de caridade e sociais, e Nils estava sempre a seu lado –

frequentemente com uma expressão assustada e com a mão bem apertada na da mãe.

Mesmo quando chegou à adolescência, quando seria de supor que tivesse mais relutância em ser visto em público com a mãe, Nils estava inevitavelmente a seu lado, agora de braço dado com Nelly, e com uma

expressão de orgulho no rosto. Patrik pensou que Nils parecia ser extremamente possessivo. Fabian aparecia cada vez menos; apenas era mencionado em notícias que se prendiam com um qualquer negócio importante.

Um dos artigos era diferente dos restantes, e despertou a atenção de Patrik. Na revista *Allers*¹⁵ havia uma reportagem sobre Nelly em meados dos anos 70, quando ela adoptou uma criança, um rapaz com um «passado familiar trágico», conforme a descrição do jornalista. O artigo mostrava Nelly cuidadosamente arranjada e vestida à última moda na sua sala de estar elegante, com o braço em torno de um rapaz de doze anos. O rapaz tinha uma expressão desafiadora e mal-humorada. Quando a fotografia fora tirada parecia estar prestes a afastar o braço ossudo de Nelly. Nils, então um jovem de vinte e tal anos, estava de pé por detrás da mãe, e também não estava a sorrir. Sério e rígido como uma vara num fato escuro, e com o cabelo preto alisado para trás, parecia fundir-se completamente com o elegante ambiente que o rodeava. Já o rapaz mais novo destoava em absoluto.

O artigo estava repleto de elogios sobre o sacrifício e o enorme contributo social de Nelly ao acolher aquela criança. Sugeria-se que o rapaz estivera envolvido numa tragédia terrível na sua infância, um trauma que, segundo Nelly, «ela o tinha ajudado a superar». Nelly estava confiante de que o ambiente saudável e afectuoso que lhe estavam a proporcionar curariam o rapaz e fariam dele um ser humano responsável. Patrik deu por si a sentir pena do rapaz. Que ingenuidade.

Cerca de um ano mais tarde, as glamorosas fotografias das colunas sociais e os invejáveis relatos «em casa com» foram substituídos por grandes cabeçalhos a negro: «Herdeiro da fortuna da família Lorentz desaparecido.» Durante várias semanas, os jornais locais apregoaram as notícias, e o caso foi mesmo considerado suficientemente importante para aparecer no *Göteborgs-Posten*. Os cabeçalhos chamativos eram acompanhados por uma abundância de especulações mais ou menos bem fundamentadas sobre o que poderia ter acontecido ao jovem Lorentz. Todas as hipóteses, possíveis e impossíveis, foram levantadas: tinha desviado toda a fortuna do pai e estava agora em parte incerta, a fazer uma vida luxuosa.

Ou tinha posto fim à vida por ter descoberto que não era na realidade filho de Fabian Lorentz, que tinha deixado claro que não tencionava deixar que

um bastardo herdasse a sua fortuna considerável. A maioria destes rumores não era publicada explicitamente, apenas sugerida discretamente. Mas quem tivesse o mínimo de inteligência conseguia facilmente ler nas entrelinhas.

Patrik coçou a cabeça. Por mais que tentasse, não conseguia perceber

como iria relacionar um desaparecimento de há vinte e cinco anos com o actual caso de homicídio, mas tinha uma forte sensação de que havia um elo de ligação.

Cansado, esfregou os olhos, e continuou a vasculhar a pilha de papéis que agora se aproximava do fim. Pouco tempo depois do trágico acontecimento, sem novas informações sobre o destino de Nils, o interesse público começou a esmorecer, e o desaparecimento quase nunca voltou a ser mencionado. Depois disso até Nelly raramente aparecia nas colunas sociais; nem uma linha foi escrita sobre ela durante os anos 90. A morte de Fabian, em 1978, deu azo a um extenso obituário no *Bohusläningen*, com a retórica habitual que o classificava como pilar da sociedade, e essa foi a última vez que o mencionaram.

O filho adoptado, Jan, contudo, aparecia cada vez com mais frequência nos jornais. Após o desaparecimento de Nils, tornou-se o único herdeiro dos negócios da família, e quando fez vinte e um anos entrou logo para presidente da empresa. Esta tinha continuado a florescer sob a sua liderança e agora era sobre Jan e a sua mulher, Lisa, que as colunas sociais escreviam constantemente.

Patrik fez uma pausa. Um papel tinha flutuado para o chão. Inclinou-se para o apanhar e começou a lê-lo com interesse. O artigo tinha mais de vinte anos. Forneceu a Patrik bastantes informações interessantes sobre Jan e a sua vida antes de ter ido parar à família Lorentz. Informações perturbantes, mas fascinantes. A vida de Jan mudara radicalmente quando passou a fazer parte da família Lorentz. A questão era se o próprio Jan também tinha mudado assim tão radicalmente.

Patrik juntou resolutamente todos os documentos e ajeitou a pilha sobre a secretária para nivelar as folhas. Ponderou sobre o que fazer a seguir. Até ao momento, só tinha aquilo, e a intuição de Erica, para prosseguir. Recostou-se na cadeira de escritório, colocou os pés sobre a secretária e cruzou as mãos atrás da cabeça. De olhos fechados, tentou pôr alguma ordem nos seus pensamentos para poder comparar as alternativas. Fechar os olhos foi um

erro. Desde o jantar de sábado que apenas conseguia ver Erica.

Obrigou-se a abrir os olhos e a concentrar-se antes na deprimente parede verde-clara de betão. A esquadra datava do início dos anos 70 e, ao que parecia, fora concebida por alguém especializado em instituições governamentais, com uma predilecção por ângulos de 90

graus, betão e pintura verde-lodo. Tentara animar um pouco o gabinete com dois vasos com plantas à janela e algumas fotografias emolduradas nas paredes.

Quando era casado, tinha uma fotografia de Karin na secretária. Mesmo depois de a secretária ter sido limpa inúmeras vezes desde então, ainda julgava conseguir ver a marca no sítio onde a moldura tinha estado.

Colocou obstinadamente o suporte para canetas por cima e regressou rapidamente à avaliação das opções de que dispunha. Que fazer com o material à sua frente?

Havia apenas dois caminhos a tomar. O primeiro era investigar a pista por si próprio, o que implicaria fazê-lo durante o tempo livre. Mellberg certificava-se sempre de que a carga de trabalho dele era suficiente para o fazer correr o dia inteiro de um lado para o outro, como uma barata tonta.

Na verdade, Patrik só conseguiu olhar para os artigos durante as horas de expediente por espírito de contradição. Teria de pagar por isso e trabalhar durante boa parte da noite. Não estava muito desejoso de passar o pouco tempo livre de que dispunha a fazer o trabalho que Mellberg lhe tinha atribuído, por isso devia pelo menos tentar a opção número dois.

Se fosse ter com Mellberg e apresentasse o assunto da maneira certa, talvez conseguisse autorização para seguir aquelas pistas durante as horas de expediente. A vaidade de Mellberg era o seu ponto fraco e, se fosse amolecido da forma certa, talvez conseguisse o consentimento dele. Patrik estava ciente de que o superintendente encarava o caso de Alex Wijkner como garantia de um bilhete de volta à Divisão de Gotemburgo. Baseado em todos os rumores que ouvira, Patrik acreditava que Mellberg queimara todas as suas pontes, mas ainda poderia explorar a vaidade daquele homem para conseguir atingir os seus fins. Se conseguisse exagerar um pouco a ligação com a família Lorentz, sugerindo que recebera indicações de que Jan era o pai da criança de Alex, talvez pudesse fazer com que Mellberg concordasse consigo. Não era muito ético, mas Patrik sentia no seu âmago que o elo de ligação com a morte de Alex podia estar nas pilhas de papéis à sua frente.

Com um movimento rápido, tirou os pés da secretária e empurrou a cadeira com tanta força que esta continuou a recuar sobre as rodas até bater com força na parede atrás dele. Patrik pegou em todas as

fotocópias e percorreu o corredor, que se assemelhava a um *bunker*, até ao outro extremo. Antes de ter tempo de mudar de ideias, bateu com força à porta de Mellberg e julgou ouvi-lo dizer: «entre».

Como sempre, ficou chocado por um homem que não fazia absolutamente nada conseguir acumular tamanha quantidade de papéis. Pilhas de papéis tapavam cada centímetro da sua secretária. No peitoril da janela, em todas as cadeiras, e sobretudo na secretária, jaziam grossas pilhas de papel cobertas de pó. A estante atrás do superintendente estava deformada com tantos volumes encadernados, e Patrik perguntou a si próprio há quanto tempo os documentos não viam a luz do dia. Mellberg estava ao telefone, mas acenou para que Patrik entrasse. Este questionou-se espantado sobre o que se estaria a passar. Mellberg cintilava como uma estrela à janela na véspera de Natal. Ainda bem que as orelhas dele estavam no caminho, pensou Patrik, ou aquele sorriso iria enrolar-se-lhe à volta da cabeça.

A intervenção de Mellberg na conversa era telegráfica.

– Sim.

«Sim, claro.

«De forma alguma.

«Sim, isso é óbvio.

«Fez o que tinha de fazer.

«Meu Deus, nem pensar.

«Bem, muito obrigado, *minha sora*, prometo que volto a entrar em contacto consigo.

Triunfantemente, Mellberg atirou o auscultador para o descanso, o que fez Patrik dar um salto na cadeira.

– Assim é que se fazem as coisas como deve ser!

Mellberg continuou a cintilar como um Pai Natal jovial. Patrik apercebeu-se de que era a primeira vez que via os dentes de Mellberg. Eram espantosamente brancos e regulares. Talvez um pouco perfeitos de mais.

Mellberg olhou-o com expectativa, e Patrik calculou que o superintendente queria que ele lhe perguntasse o que se estava a

passar.

Obedientemente, Patrik fez a pergunta, mas não estava à espera daquela resposta.

– Apanhei-o! Eu cacei o assassino de Alexandra Wijkner!

Mellberg estava tão fora de si de excitação que nem reparou que o seu penteado tinha escorregado para uma das orelhas. Pela primeira vez, Patrik não sentiu o desejo de sorrir perante aquela visão. Ignorou o facto de o superintendente ter utilizado o pronome «eu», o que indicava que não fazia tenção de partilhar a glória com os seus subordinados. Em vez disso, Patrik inclinou-se para a frente com os cotovelos nos joelhos e perguntou de forma séria:

– Que quer dizer? Conseguiu algum progresso importante? Com quem estava a falar?

Mellberg ergueu a mão para travar a saraivada de perguntas, recostou-se na cadeira e cruzou as mãos sobre a barriga. Aquele era um momento que tencionava aproveitar ao máximo.

– Bem, Patrik, quando se está nesta profissão há tanto tempo como eu, percebe-se que os desenvolvimentos importantes não são coisas que se conseguem; são coisas que se merecem. Devido à minha vasta experiência e capacidade, assim como ao meu trabalho esforçado, houve realmente um desenvolvimento importante neste caso. Uma certa Dagmar Petrén telefonou e transmitiu-me algumas observações interessantes que fez pouco antes de o corpo ter sido descoberto. Sim, atrevo-me mesmo a dizer que são observações *significativas*, que talvez conduzam a meter um assassino atrás das grades.

A impaciência picava como alfinetadas dentro de Patrik, mas este tinha bom senso suficiente para saber que tudo o que tinha a fazer era esperar que Mellberg chegasse ao fim. Acabaria por chegar ao cerne da questão. Patrik apenas esperava que isso acontecesse antes de Mellberg se reformar.

– Sim. Recordo-me de um caso em Gotemburgo, no Outono de 1967...

Patrik suspirou e preparou-se para uma longa espera.

*

Erica encontrou Dan onde esperava que ele estivesse. Mexia no equipamento do barco com tanta facilidade como se fossem sacos

cheios de algodão. Rolos de cabos grossíssimos, sacos de marinho e defensas enormes. Erica gostava de o ver a trabalhar. Com uma camisola de malha feita à mão, de barrete e luvas e com vapor branco a sair-lhe da boca a cada

expiração, parecia encaixar-se na perfeição no quadro atrás dele. O Sol ia alto no céu, e a luz reflectia-se na neve do convés. O silêncio era absoluto.

Dan trabalhava de forma eficiente e determinada, e Erica podia ver que estava a adorar cada minuto do que fazia. Aquele era o seu elemento natural. O barco, o mar, as ilhas ao fundo. Erica sabia que, na sua mente, Dan estava a imaginar o gelo a começar a derreter e o *Veronica* a zarpar em direcção ao horizonte a toda a velocidade. O Inverno era apenas um longo período de espera. Sempre fora duro para as pessoas que viviam junto à costa. Nos velhos tempos, se o Verão fosse produtivo, salgariam arenque suficiente para sobreviverem durante o Inverno. Caso contrário, teriam de encontrar outro modo de sobrevivência. Como tantos outros pescadores costeiros, Dan não conseguia viver apenas da pesca, por isso frequentara a escola à noite. Trabalhava agora duas vezes por semana como professor substituto de sueco no liceu de Tanumshede. Erica achava-o um professor muito talentoso, mas o coração dele estava ali, não na sala de aula.

Dan estava completamente absorvido no seu trabalho no barco. Erica caminhou sem fazer barulho para poder observá-lo um pouco sem o perturbar até que ele reparasse nela, ali parada no cais. Não conseguia evitar compará-lo com Patrik. Tinham uma aparência completamente diferente. O

cabelo de Dan era tão louro que ficava quase branco nos meses de Verão. O

cabelo escuro de Patrik era da mesma cor dos olhos. Dan era musculoso, enquanto Patrik era mais do tipo magricela. Mas, em termos de personalidade, pareciam irmãos. Os mesmos modos calmos e gentis, e um humor contido que sobressaía sempre nos momentos certos. Na verdade, nunca antes ocorrera a Erica quão semelhante era o temperamento deles.

Um temperamento que lhe agradava. Desde que acabara com Dan nunca mais fora realmente feliz numa relação. Todos aqueles anos, Erica procurara ou acabara por encontrar homens de um tipo completamente diferente.

«Imaturos», fora a classificação de Anna. «Estás a tentar criar miúdos em vez de encontrar um homem adulto; não admira que as relações nunca dêem certo», afirmara Marianne. Talvez tivessem razão, mas os anos estavam a passar e tinha de admitir que começava a sentir-se um pouco apavorada. A morte dos pais fizera soar uma campainha para examinar o que estava a perder na sua vida. Então, no sábado passado, essa campainha fê-la olhar para Patrik Hedström.

A voz de Dan interrompeu-lhe as cogitações:

- Olha quem é ela! Estás aí há muito tempo?
- Só há um bocadinho. Achei que era interessante ver como trabalhas.
- Sim, de certeza que não é como tu ganhas a vida. A ti pagam-te para sentares o traseiro e inventar coisas durante o dia inteiro. É ridículo.

Ambos sorriram. Era uma forma habitual de se provocarem um ao outro.

– Trouxe comigo uma coisa boa para te aquecer – Erica agitou o cesto que segurava numa mão.

– Oh, porquê o tratamento de luxo? Que queres tu agora? O meu corpo?

A minha alma?

– Agradeço, mas podes ficar com ambos. Embora ache que, no teu caso, a última é uma vã ilusão tua.

Dan pegou no cesto que Erica lhe entregou e depois ajudou-a a passar por cima da amurada com uma mão firme. Erica quase caiu de costas, mas ele agarrou-a firmemente pela cintura e salvou-a. Juntos, limparam a neve da tampa de uma das caixas para embalar peixe. Sentaram-se em cima das mitenes, cuidadosamente esticadas sobre as caixas, e começaram a desembalar o cesto. Dan sorriu, deliciado, quando abriu o termo com chocolate quente e viu as sanduíches de salame muito bem embrulhadas em folha de alumínio.

– És uma pérola – disse Dan, com a boca cheia de sanduíche de salame.

Sentaram-se em silêncio durante algum tempo, concentrados apenas na comida. Era uma sensação de paz, estar sentada sob o sol da manhã e Erica afastou a culpa que sentia pela sua falta de disciplina. Tinha

estado a trabalhar esforçadamente no manuscrito durante a semana anterior e pensou que merecia uma pequena pausa.

- Soubeste mais alguma coisa de Alex Wijkner?
- Não, a investigação policial não parece estar a levar a lado nenhum.
- Bem, de acordo com o que ouvi na vila, tens acesso especial a informações confidenciais.

Dan lançou-lhe um sorriso provocador. Erica nunca deixava de se espantar com a velocidade e eficiência da coscuvilhice. Não fazia ideia de como o rumor sobre o seu encontro com Patrik podia já ter-se espalhado pela vila.

- Não faço ideia do que estás a dizer.
- Conta essa a outro. Então, até onde se envolveram? Já deram uma voltinha para experimentar, ou não?

Erica deu-lhe uma cotovelada no peito, mas não conseguiu evitar uma gargalhada.

- Não, não o levei a «dar uma voltinha para experimentar». Não sei bem se estou ou não interessada. Ou antes, *eu estou* interessada, mas não sei se quero ir mais além do que isso. Quer dizer, presumindo que *ele esteja* interessado. O que pode não ser de todo o caso.

- Por outras palavras, estás com um medo do caraças.

Erica detestava a forma como Dan quase sempre acertava. Às vezes pensava que a conhecia bem de mais.

- Sim, sinto-me um pouco insegura, tenho de admiti-lo.
- Bem, só tu podes decidir se arriskas ou não. Já pensaste como podia ser se viesse a dar certo?

Erica já pensara nisso. Muitas vezes, nos últimos dias. Mas nesta altura a pergunta era extremamente hipotética. Afinal, tudo o que fizeram foi jantar juntos.

- Bem, seja como for, acho que devias avançar. Quem não arrisca não petisca, e isso...

Erica mudou rapidamente de assunto:

– A propósito de Alex, por acaso descobri uma coisa estranha.

– Ah, sim, o quê? – A voz de Dan transbordava de curiosidade.

– Bem, estive em casa dela há uns dias e descobri um papel interessante.

– Estiveste a fazer o quê?

Erica não estava com vontade para replicar e limitou-se a ignorar a resposta chocada de Dan.

– Era uma cópia de um artigo antigo sobre o desaparecimento de Nils Lorentz. Fazes alguma ideia de porque é que Alex teria um artigo com vinte e cinco anos escondido no fundo da gaveta da roupa interior?

– Na gaveta da roupa interior dela! Erica, que raio...?

Erica ergueu uma mão para deter os protestos dele e prosseguiu calmamente:

– A minha intuição diz-me que isto tem alguma coisa a ver com o motivo pelo qual Alex foi assassinada. Não sei porquê, mas isto não me cheira bem. Além disso, alguém entrou lá em casa e andou a inspeccioná-la de cima a baixo enquanto eu lá estava. Talvez essa pessoa estivesse à procura do artigo.

– Estás maluca? – Dan olhava para Erica, boquiaberto. – Que raio tens tu

a ver com isso? A polícia é que tem de descobrir quem assassinou Alex
– A voz de Dan atingiu um tom estridente

– Sim, eu sei. Não precisas de gritar, eu ouço bem. Tenho plena consciência de que não tenho realmente nada que me meter nisto, mas a família dela já me envolveu e, depois, nós já fomos mesmo muito chegadas.

Por último, estou a passar um mau bocado a tentar esquecer tudo isto, já que fui eu quem a encontrou.

Erica não contou a Dan sobre o livro. De alguma forma, aquilo soava sempre mais estúpido e deliberado quando ela o dizia. Julgou igualmente que a reacção dele estava a ser exagerada, mas Dan preocupara-se sempre bastante com ela. Erica tinha de admitir que não parecia muito inteligente andar a vaguear pela casa de Alex,

dadas as circunstâncias.

– Erica, promete-me que vais afastar-te disto tudo – Dan colocou as mãos nos ombros dela e obrigou-a a encará-lo. Os seus olhos claros apresentavam um tom glacial pouco comum nele.

– Não quero que te aconteça nada, e, se continuas a mexer nisto, temo que acabes por envolver-te de mais. Esquece o caso.

Dan apertou-lhe os ombros com mais força enquanto a olhava fixamente.

Erica abriu a boca para responder, desencorajada com a reacção dele, mas antes que pudesse dizer algo ouviu a voz de Pernilla vinda do cais.

– Ena! Já vi que estão a passar um momento agradável.

A voz de Pernilla era de uma frieza que Erica nunca ouvira antes. Os olhos brilhavam-lhe, e apertava e soltava constantemente as mãos. Ambos se imobilizaram ao ouvir a voz dela; as mãos de Dan ainda estavam sobre os ombros de Erica. Como um relâmpago, como se se tivesse queimado, Dan afastou as mãos e ficou em sentido.

– Olá, querida. Acabaste mais cedo, hoje? Erica apareceu com uma pequena refeição, para falarmos um bocado.

Dan falava atabalhoadamente sem parar, e Erica olhava para ele e para Pernilla com espanto. Erica mal a reconhecia. Pernilla olhou-a com ódio puro. As mãos dela estavam tão apertadas que os nós dos dedos ficaram brancos e, por um momento, Erica questionou-se se Pernilla a iria agredir.

Não sabia o que se estava a passar. Tinham passado anos e anos desde que tinham esclarecido a questão sobre ela e Dan. Pernilla sabia que já não sentiam nada um pelo outro ou, pelo menos, era isso que Erica pensava.

Agora, já não tinha a certeza. A questão era saber o que provocara aquela

reacção. Os olhos de Erica saltitavam entre Dan e Pernilla. Estava a decorrer uma luta silenciosa pelo poder, e Dan parecia estar a perder. Não havia nada que Erica pudesse dizer, e achou melhor afastar-se em silêncio e deixá-los lidar com a situação.

Juntou apressadamente as chávenas e o termo e voltou a guardá-los no cesto. Quando caminhava pelo cais abaixo, conseguiu ouvir as vozes exaltadas de Dan e Pernilla quebrarem o silêncio.

13 Karin Boye (1900-1941), poeta e escritora sueca. Fundou a revista de poesia *Spektrum*, apresentando os Surrealistas aos leitores suecos. (N. do T.)

14 Anna Maria Lenngren (1754-1817), escritora e poeta sueca. (N. do T.)

15 Revista semanal norueguesa. Uma das mais antigas ainda em circulação. (N. do T.)

4

ELE ESTAVA INDESCRITIVELMENTE SÓ. O MUNDO ERA VAZIO E FRIO SEM ELA, E NÃO HAVIA NADA QUE ELE PUDESSE FAZER PARA DERRETER O GELO. A DOR FORA MAIS FÁCIL DE SUPORTAR QUANDO A PODIA PARTILHAR COM ELA.

DEPOIS DE ELA TER DESAPARECIDO, ERA COMO SE TIVESSE DE SUPORTAR A DOR DE AMBOS, E ERA MAIS DO QUE ELE PENSARA PODER SUPORTAR.

ARRASTOU-SE PELOS DIAS, MINUTO A MINUTO, SEGUNDO A SEGUNDO. A REALIDADE FORA DELE NÃO EXISTIA; TUDO O QUE POSSUÍA ERA A CONSCIÊNCIA DE QUE ELA PARTIRA PARA SEMPRE.

A CULPA PODIA SER DIVIDIDA EM PARTES IGUAIS E REPARTIDA PELOS

CULPADOS. NÃO TENCIONAVA CARREGÁ-LA SOZINHO. NUNCA TENCIONARA CARREGÁ-LA SOZINHO.

OLHOU PARA AS MÃOS. COMO ODIAVA AS SUAS MÃOS. TRANSPORTAVAM A BELEZA, MAS TAMBÉM A MORTE – UMA DUALIDADE INCOMPATÍVEL COM A QUAL APRENDERIA A VIVER. AS SUAS MÃOS SÓ TINHAM SIDO

COMPLETAMENTE SÃS QUANDO A ACARICIAVA. A SUA PELE CONTRA A PELE

DELA AFASTARA TODO O MAL, OBRIGARA-O A FUGIR POR ALGUM TEMPO.

ENQUANTO ALIMENTAVAM O DESEJO SECRETO QUE NUTRIAM
UM PELO

OUTRO. AMOR E MORTE, ÓDIO E VIDA. OPOSTOS QUE OS
TRANSFORMARAM

EM TRAÇAS A VOAR EM CÍRCULOS CADA VEZ MAIS PERTO DA
CHAMA. ELA QUEIMOU-SE PRIMEIRO.

ELE SENTIU O CALOR DO FOGO NA SUA NUCA. JÁ FALTAVA
POUCO.

ESTAVA FARTA. Farta de limpar a porcaria dos outros. Farta da sua
existência infeliz. Os dias seguiam-se uns aos outros, indiferentemente.
Estava farta de carregar a culpa que a esmagava dia após dia. Farta de
acordar todas as manhãs e ir para a cama todas as noites a matutar
sobre a sorte de Anders.

Vera pôs o café ao lume. O tiquetaque do relógio de cozinha era o
único som que se ouvia. Sentou-se à mesa da cozinha à espera de que
o café estivesse pronto.

Passara o dia em limpezas na casa da família Lorentz. A casa era tão
grande que demorou o dia inteiro. Às vezes sentia saudades dos velhos
tempos. Sentia saudades da segurança de ir trabalhar no mesmo sítio;
do estatuto por ser a governanta da família mais próspera do Norte de
Bohuslän. Mas nem sempre se sentia assim. A maioria das vezes
sentia-se aliviada por não ter de ir lá todos os dias. Não ter de curvar-
se nem de dar graxa a Nelly Lorentz. A mulher que mais odiava no
mundo. E, no entanto, Vera continuara a trabalhar para ela, ano após
ano, até que o tempo lhe pregou uma partida. As governantas ficaram
fora de moda. Durante mais de trinta anos, Vera baixou os olhos e
murmurou «sim, obrigada, senhora Lorentz, com certeza, senhora
Lorentz, é para já, senhora Lorentz», ao mesmo tempo que reprimia
um desejo de pôr as suas mãos fortes à volta do pescoço frágil dela e
apertar até a mulher deixar de respirar. Às vezes, o desejo era tão
esmagador que escondia as mãos debaixo do avental para Nelly não
ver como tremiam.

A chaleira assobiou dizendo-lhe que o café estava pronto. Com um
esforço, Vera levantou-se e endireitou as costas antes de pegar numa
chávena antiga e gasta onde deitou o café. A chávena era o último
vestígio do serviço que receberam dos pais de Arvid quando casaram.
Era de porcelana dinamarquesa fina. Um fundo branco com flores
azuis que quase não tinha perdido a cor ao longo dos anos. Agora, esta

chávena era a única que restava. Quando Arvid era vivo utilizavam o serviço quando havia convidados, mas depois da morte dele deixou de fazer sentido distinguir as refeições do dia-a-dia das ocasiões especiais. O desgaste normal tinha deixado marcas com o passar dos anos, e o resto fora estilizado por

Anders há mais de dez anos num acesso de loucura. Aquela última chávena era o seu bem mais precioso.

Bebericou o café com prazer. Quando já quase se via o fundo à chávena, deitou o café no açucareiro e bebeu-o com um torrão de açúcar entre os dentes, deixando que o café se filtrasse através dele. As pernas estavam cansadas e doridas depois de um longo dia de limpezas; estendeu as pernas na cadeira à sua frente para as aliviar um pouco.

A casa era pequena e simples. Tinha ali vivido durante quase quarenta anos, e ali tencionava ficar até ao dia da sua morte. Na verdade, não era uma casa muito prática. Estava situada bem no cimo de uma ladeira inclinada e, muitas vezes, Vera tinha de parar para recuperar o fôlego a caminho de casa. A casa também estava em más condições, e parecia deteriorada e de pouco valor, por dentro e por fora. A localização era suficientemente boa para conseguir uma boa quantia se a vendesse e se mudasse para um apartamento, mas nunca pensara nisso. Preferia que a casa apodrecesse à sua volta a mudar-se. Afinal, tinha ali vivido com Arvid os poucos anos felizes do seu casamento. A primeira vez que dormira fora da casa dos pais fora naquela cama, naquele quarto. A noite de núpcias.

Anders fora concebido naquela mesma cama. E, quando estava em estado avançado de gravidez e não conseguia deitar-se noutra posição que não de lado, Arvid deslizava para junto dela e encostava-se às suas costas, a acariciar-lhe a barriga. Ao ouvido de Vera, sussurrara palavras sobre o que iria ser a vida deles, juntos. Acerca de todas as crianças que iriam crescer na casa deles. Da quantidade de risos felizes que encheriam a casa nos anos vindouros. E, quando envelhecessem e as crianças tivessem saído de casa, sentar-se-iam nas cadeiras de baloiço em frente à lareira e fariam sobre a vida maravilhosa que tinham passado juntos. Estavam na casa dos vinte, naquela altura, incapazes de imaginar o que os esperava para lá do horizonte.

Fora naquela mesa de cozinha, junto à qual estava sentada, que soubera a notícia. O guarda Pohl batera à porta com o boné na mão, e logo que o viu, Vera soube o que a esperava. Levou o dedo aos lábios para que o guarda não dissesse mais nada e fizera-lhe sinal para que a

acompanhasse à cozinha. Caminhou com dificuldade atrás dele, no seu nono mês de gravidez e, lenta e metodicamente, preparou uma cafeteira de café.

Enquanto esperavam que o café fervesse, Vera sentara-se a olhar fixamente

para o homem sentado do outro lado da mesa. O polícia, por seu lado, não conseguia encará-la. Em vez disso, deixou que os olhos vagueassem pelas paredes enquanto puxava compulsivamente o colarinho. Foi apenas quando ambos tinham uma chávena de café fumegante à frente que Vera fez um gesto ao guarda para que prosseguisse. Vera ainda não proferira uma palavra. Ouvia um som murmurante no cérebro que ia aumentando de tom.

Via a boca do guarda mexer-se, mas nem uma palavra penetrava na cacofonia que lhe ia no cérebro. Não precisava de ouvir. Sabia que Arvid estava agora no fundo do mar, a oscilar juntamente com as algas. Não havia palavras que pudessem mudar isso. Não havia palavras que afastassem as nuvens que agora se juntavam no céu até se distinguir apenas uma massa indistinta de cinzento.

Agora, muitos anos depois, Vera suspirou, sentada à mesa da cozinha.

Outras pessoas que tinham perdido os seus entes queridos afirmavam que a imagem deles se desvanecia com o passar dos anos. Para Vera, tinha sido exactamente o contrário. A imagem de Arvid tornara-se cada vez mais nítida; às vezes via-o tão distintamente à sua frente que a dor se assemelhava a uma cinta de ferro em torno do seu coração. O facto de Anders ser a cara chapada de Arvid era tanto uma maldição como uma bênção. Vera sabia que, se Arvid tivesse sobrevivido, o mal nunca teria acontecido. Arvid fora a sua força; com ele a seu lado, poderia ter sido tão forte como deveria ter sido.

Vera sobressaltou-se quando o telefone tocou. Estivera profundamente imersa nas suas velhas recordações e não gostou de ser interrompida pelo toque estridente do telefone. Teve de erguer as pernas dormentes da cadeira.

Depois coxeou até ao aparelho que estava no vestíbulo.

– Sou eu, mamã.

Anders estava a comer as palavras e, pela experiência de muitos anos, Vera sabia exactamente em que estado de intoxicação o filho se encontrava.

Mais ou menos a meio caminho de desmaiar. Suspirou.

– Olá, Anders. Como estás?

Anders ignorou a pergunta. A mãe já tivera inúmeras conversas como aquela.

Vera conseguia ver o seu próprio reflexo no espelho do vestíbulo enquanto segurava o auscultador junto ao ouvido. O espelho estava velho e gasto, com manchas escuras no vidro; pensou como era parecida com

aquele espelho. O cabelo estava envelhecido e grisalho, com uma ou outra madeixa da cor escura original ainda visível. Penteava sempre o cabelo para trás e cortava-o ela própria com a tesoura das unhas em frente ao espelho da casa de banho. Não fazia sentido desperdiçar dinheiro num cabeleireiro. O

rosto estava sulcado e enrugado por anos de preocupações. As roupas combinavam com a sua aparência: quase desprovidas de cor mas práticas; a maioria das vezes, cinzentas ou verdes. Muitos anos de trabalho esforçado e desinteresse pela comida tinham evitado que engordasse como muitas outras mulheres da sua idade. Em vez disso, parecia vigorosa e forte. Como um cavalo de trabalho.

De repente registou o que Anders estava a dizer do outro lado da linha e afastou os olhos do espelho em estado de choque.

– Mamã, estão carros da polícia lá fora. E não são poucos. Devem estar à minha procura. Só pode ser. Que raio devo fazer?

– Não faças nada, Anders. Espera, que eu vou já para aí.

– Sim, mas despacha-te, por amor de Deus. A polícia não costuma aparecer assim, mamã, costumam vir só num carro. Agora estão lá fora três carros, com todas as luzes azuis e as sirenes ligadas. Maldição...

– Anders, ouve-me bem. Respira fundo e acalma-te. Agora vou desligar e estarei aí o mais depressa possível.

Vera percebeu que o conseguira acalmar um pouco, mas, logo que desligou, vestiu o casaco e saiu porta fora, sem se importar em trancá-la.

Correu pelo estacionamento atrás da antiga praça de táxis e tomou um

atalho atrás do parque de carga do supermercado de Eva. Depois disso teve de abrandar, e demorou cerca de dez minutos a chegar ao bloco de apartamentos onde Anders morava.

Chegou a tempo de ver dois polícias corpulentos a levá-lo algemado. Um grito formou-se no seu peito, mas conteve-o quando viu todos os vizinhos debruçados às janelas como abutres curiosos. Não iria de forma alguma oferecer-lhes mais um espectáculo, a juntar aos que já tinham testemunhado. O orgulho era a única coisa que lhe restava. Vera detestava a coscuvilhice que sabia colar-se a ela e a Anders como pastilha elástica.

Havia sempre muitos rumores a correr, e agora iam intensificar-se. Sabia que iriam dizer: «Pobre Vera. Primeiro, o marido afoga-se, e agora é o filho que lhe dá cabo da vida com as bebedeiras. E ela que é uma pessoa tão correcta.» Sim, Vera sabia exactamente o que iriam dizer. Mas também

sabia que faria tudo o que pudesse para minimizar os danos. Agora é que não podia fraquejar. Depois, tudo podia desmoronar-se como um castelo de cartas. Vera voltou-se para a agente mais próxima, uma mulher baixa e loura a quem Vera achou que o uniforme austero assentava mal. Ainda não se tinha habituado à ideia inovadora de que as mulheres podiam aparentemente desempenhar qualquer trabalho que quisessem.

– Sou a mãe de Anders Nilsson. Que aconteceu aqui? Para onde o levam?

– Infelizmente, não posso fornecer-lhe quaisquer informações. Terá de contactar a esquadra de Tanumshede. O indivíduo vai para lá sob prisão.

O coração de Vera afundava-se a cada palavra. Percebeu que desta vez não se tratava de uma briga entre bêbedos. Os carros-patrolha começaram a andar, um de cada vez. No último viu o filho, sentado entre dois agentes.

Anders voltou-se enquanto se afastavam, e ficou a olhar para a mãe até desaparecerem.

Patrik viu o carro onde seguia Anders Nilsson a afastar-se na direcção de Tanumshede. A presença policial em massa fora um pouco exagerada, pensou. Mas Mellberg queria espectáculo, e tiveram-no. Tinham sido convocados reforços de Uddevalla para ajudar na detenção. Na opinião de Patrik, o único resultado foi uma perda de

tempo para pelo menos quatro dos seis agentes presentes.

Uma mulher permanecia ainda no parque de estacionamento, a olhar fixamente para os carros-patrolha que se afastavam.

– A mãe do criminoso – disse a agente de primeira classe Lena Waltin, da polícia de Uddevalla, que também ficou para trás para ajudar Patrik na busca ao apartamento de Anders Nilsson.

– Sabes muito bem, Lena, o homem não é criminoso até ter sido considerado culpado e condenado. Até lá é tão inocente como todos nós.

– Duvido mesmo muito. Aposto contigo um ano de ordenado em como é culpado.

– Se tivesses tanta certeza, apostavas muito mais do que uma quantia ridícula como essa.

– Ah, ah, ah, muito engraçadinho. Gozar com um polícia sobre o seu ordenado é como passar uma rasteira a um aleijado, por amor de Deus.

Patrik teve de concordar.

– Não, realmente não há muito a esperar. Vamos subir?

Reparou que a mãe de Anders ainda estava no mesmo sítio, a olhar para os carros-patrolha, apesar de há muito terem desaparecido do seu campo de visão. Sentiu uma pena genuína da mulher e, por um momento, quis ir ter com ela para lhe dirigir algumas palavras de consolo. Mas Lena puxou-lhe a manga e encaminhou-se para a entrada do prédio. Patrik suspirou, encolheu os ombros e seguiu-a para o interior do edifício para cumprir o mandado de busca.

Experimentaram a fechadura da porta do apartamento de Anders Nilsson.

A porta não estava trancada, e entraram logo para o vestíbulo. Patrik olhou em redor e suspirou pela segunda vez num minuto. O apartamento estava num estado miserável, e Patrik questionou-se como conseguiriam alguma vez encontrar alguma coisa de valor no meio daquela trapalhada. Passaram por cima de garrafas vazias no corredor e verificaram a sala e a cozinha.

– Que nojo – Lena abanou a cabeça com repugnância.

Retiraram luvas de plástico finas dos bolsos e colocaram-nas. Num acordo silencioso, Patrik começou pela sala enquanto Lena procurava na cozinha.

Era uma sensação algo esquizofrénica estar na sala de estar de Anders Nilsson. Nojenta, repleta de lixo e praticamente desprovida de mobílias e objectos pessoais, parecia a típica lixeira que servia de guarida a um alcoólico. E Patrik vira bastantes dessas durante os seus anos de serviço na polícia. Mas nunca estivera no apartamento de um bêbedo cujas paredes estavam cobertas de arte. As pinturas estavam tão juntas que preenchiam completamente as paredes, desde um metro do chão até ao tecto. Era uma explosão de cor que lhe feriu os olhos, e teve de conter um impulso de erguer uma mão para os proteger. As pinturas eram abstractas, pintadas apenas com cores quentes, e atingiram Patrik como um pontapé na barriga.

A sensação era tão física que teve de lutar para se manter de pé. Teve de obrigar-se a virar as costas às pinturas, porque pareciam estar a saltar da parede na sua direcção.

Cautelosamente, Patrik começou a vasculhar por entre os objectos de Anders. Não havia lá muito que ver. Por um momento, comparativamente, Patrik sentiu-se bastante grato pela vida privilegiada que tinha. De repente os seus problemas pareceram-lhe insignificantes. Fascinava-o que o instinto de sobrevivência humano fosse tão forte que, apesar da absoluta falta de qualidade de vida, uma pessoa persistisse em existir, dia após dia, ano após

ano. Será que numa vida como a de Anders Nilsson ainda restaria algum motivo de satisfação? Alguma vez experimentara as emoções que faziam com que valesse a pena viver: prazer, esperança, felicidade, euforia? Ou era tudo apenas uma paragem a caminho da próxima bebida?

Patrik vasculhou tudo o que havia na sala. Apalpou o colchão para ver se havia algo escondido no interior, retirou as gavetas do único armário e verificou-as por baixo, soltou todas as pinturas, uma a uma, e inspeccionou-as por trás. Nada. Não havia absolutamente nada que lhe tivesse despertado a atenção. Foi até à cozinha para ver se Lena tivera melhor sorte.

– Que pocilga. Como é que alguém consegue viver assim? – com uma expressão de repugnância, vasculhou o conteúdo de um caixote do lixo que esvaziou sobre um jornal.

– Já descobriste alguma coisa com interesse? – perguntou Patrik.

– Sim, e não. Encontrei algumas receitas no meio do lixo. A lista de chamadas na factura do telefone pode merecer ser observada com mais atenção. De resto, parece ser tudo lixo – tirou as luvas de plástico com um estalido. – Que dizes? Ficamos por aqui?

Patrik consultou o relógio. Estavam ali há duas horas, e lá fora estava escuro.

– Sim, não me parece que avancemos muito mais por hoje. Como vais para casa? Queres boleia?

– Vim no meu carro, por isso não é preciso. Obrigada na mesma.

Saíram do apartamento aliviados, e tiveram o cuidado de não deixar a porta destrancada como a tinham encontrado à chegada.

Quando saíram para o parque de estacionamento, os candeeiros da rua já estavam iluminados. Enquanto estavam no interior do apartamento começara a nevar ligeiramente, por isso tiveram de retirar um bom bocado de neve dos pára-brisas. Quando Patrik se dirigia à estação de serviço OK

Q8 veio-lhe um pensamento à cabeça, algo que tinha estado a atormentá-lo o dia inteiro. No silêncio do seu carro, sozinho com os seus pensamentos, tinha de admitir que havia algo que não batia certo na detenção de Anders Nilsson. Não tinha a certeza de Mellberg ter feito as perguntas certas quando inquiriu a testemunha, acção que dera origem à detenção de Anders.

Talvez devesse dedicar mais atenção ao assunto. A meio do cruzamento junto à estação de serviço, Patrik decidiu-se. Virou o volante bruscamente e dirigiu-se para o centro de Fjällbacka em vez de tomar a direcção de

Tanumshede. Esperava que Dagmar Petrén estivesse em casa.

Erica pensava nas mãos de Patrik. Costumava olhar primeiro para as mãos e os pulsos de um homem. Achava que as mãos podiam ser incrivelmente sexy. Não deveriam ser pequenas, mas também não precisavam de ser tão grandes como tampas de sanitas. Apenas do tamanho certo, e firmes, sem pêlos, vigorosas e suaves. As mãos de Patrik eram perfeitas.

Obrigou-se a parar de sonhar acordada. Era uma futilidade, no

mínimo, pensar sobre sensações que, até agora, apenas sentira como um leve estremecimento no estômago. E ainda nem sequer sabia ao certo quanto tempo se demoraria por aquelas paragens. Quando a casa fosse vendida, não haveria nada que a prendesse ali e, depois, o seu apartamento em Estocolmo estaria à sua espera, juntamente com a vida e os amigos que tinha por lá. O

mais provável era que aquelas semanas passadas em Fjällbacka fossem apenas um breve interlúdio na sua vida. Tendo tudo isso em conta, seria estúpido construir castelos no ar relativamente a um velho amigo de infância.

Erica olhou para o crepúsculo que começava a instalar-se sobre o horizonte, apesar de serem apenas três da tarde, e suspirou profundamente.

Estava aconchegada numa camisola grande e de corte largo que o pai costumava usar no mar, nos dias frios. Aqueceu as mãos geladas, colocando-as bem dentro das grandes mangas e entrelaçando os punhos.

Estava num momento em que sentia pena de si própria. Não parecia haver muito com que se alegrar naqueles dias. Alex morta, a desavença em torno da casa, Lucas, o livro que avançava devagar, tudo isto lhe pesava no peito como um enorme fardo. Além disso, sentia que ainda tinha de resolver muitas coisas em consequência da morte dos pais, tanto a nível prático como emocional. Nos últimos dias não conseguira continuar com as arrumações, e havia caixas de cartão e sacos meio cheios de tralha por toda a casa. Dentro dela também havia espaços meio cheios de pontas soltas e nós emocionais por resolver.

Passara toda a tarde a reflectir sobre a cena que testemunhara entre Dan e Pernilla. Pura e simplesmente, aquilo não fazia sentido. Existira alguma fricção entre ela e Pernilla, mas já fora há muito tempo; tudo fora clarificado há muitos anos. Pelo menos fora isso que Erica pensara. Por

isso, porque teria Pernilla reagido daquela forma? Pensou telefonar a Dan, mas na realidade não se atrevia, não fosse Pernilla atender. De momento não conseguia suportar outro conflito, por isso decidiu não voltar a pensar nisso. Deixaria as coisas acalmarem, esperando que Pernilla tivesse apenas acordado de mau humor e que já estivesse calma quando se voltassem a encontrar. Contudo, a cena continuava a atormentá-la. Pernilla não tinha tido um acesso de fúria pontual; era

algo muito mais profundo. Mas, por mais que tentasse, não conseguia descobrir o que era.

O atraso com o livro estava a deixá-la tensa, por isso decidiu tranquilizar a consciência e escrever um pouco. Sentou-se ao computador no escritório e apercebeu-se de que teria de retirar as mãos do calor da camisola para poder começar. A princípio foi tudo muito lento mas, passado um bocado, conseguiu alguma inspiração e, ao mesmo tempo, algum calor corporal.

Invejava os escritores que conseguiam manter uma rígida disciplina de escrita. Erica tinha sempre de se obrigar a sentar-se e escrever. Não por preguiça, mas por um medo bem enraizado de poder ter perdido o talento desde a última vez que escrevera alguma coisa. Medo de se sentar ao computador, com os dedos nas teclas e os olhos fixos no ecrã, e não acontecer nada. Haveria apenas o vazio, as palavras não surgiriam, e Erica aperceber-se-ia de que nunca mais iria escrever uma frase que fosse. De cada vez que isso não acontecia era um alívio. Agora, os dedos voavam sobre o teclado e Erica tinha escrito mais de duas páginas apenas numa hora. Mais três páginas depois, sentiu que merecia uma recompensa e permitiu-se trabalhar um pouco no livro sobre Alex.

A cela era-lhe bastante familiar. Não era a primeira vez que Anders estava ali sentado. As noites de bebedeira com o chão vomitado eram uma ocorrência diária durante os períodos em que as coisas estavam mesmo más. Contudo, desta vez era diferente. Desta vez era coisa séria.

Deitou-se de lado no catre duro, enrolou-se em posição fetal e apoiou a cabeça nas mãos para evitar a sensação do plástico colado ao rosto. Suores frios, causados pelo efeito combinado do frio da cela e da privação de álcool, percorriam-lhe o corpo.

A única coisa que lhe disseram foi que era suspeito de ter assassinado Alex. Depois empurraram-no para a cela e disseram-lhe para esperar. E que outra coisa poderia ele fazer naquele sítio gelado? Dar cursos de desenho

livre? Anders sorriu ironicamente para si próprio.

Os pensamentos vaguearam estupidamente; não havia nada onde fixar o olhar. As paredes estavam pintadas de verde-claro por cima de betão gasto com manchas cinzentas onde a pintura tinha saído. No seu pensamento, pintou as paredes com cores arrojadadas. Uma pincelada de

vermelho ali, outra de amarelo acolá. Faixas fortes que apagaram rapidamente a cor verde-lodo. Na sua imaginação, a divisão transformou-se rapidamente numa cacofonia de cores, e só depois conseguiu concentrar-se nos seus pensamentos.

Alex estava morta. Esse era um pensamento do qual não podia escapar mesmo que quisesse; era um facto irrefutável. Estava morta, e o futuro dele morria com ela.

Não tardariam a ir buscá-lo, e a arrastá-lo. Iriam empurrá-lo bruscamente, provocá-lo, destroçá-lo, até terem a verdade nua e crua à frente deles.

Anders não podia detê-los. Nem sequer sabia se queria que eles se detivessem. Havia tanta coisa que já não sabia. Não que antes soubesse muito. Havia poucas coisas suficientemente fortes para atravessar o nevoeiro redentor do álcool. Apenas Alex. Apenas a certeza de que ela respirava algures o mesmo ar, tinha os mesmos pensamentos, sentia a mesma dor. Essa fora a única coisa que tivera sempre força suficiente para se infiltrar através, por baixo, por cima e em torno das névoas traiçoeiras que davam o seu melhor para enterrar todas as suas memórias numa obscuridade misericordiosa.

Começou a ficar com as pernas dormentes enquanto permanecia deitado no catre, mas ignorou os sintomas e recusou-se teimosamente a mudar de posição. Se se mexesse, podia perder o controlo sobre as cores que cobriam as paredes e ter de olhar novamente para aquela fealdade.

Em momentos de maior lucidez, Anders conseguia ver algum humor ou, pelo menos, ironia naquilo tudo: tinha nascido com uma insaciável necessidade de beleza, ao mesmo tempo que estava condenado a uma vida de depravação e sordidez. Talvez o seu destino estivesse já escrito nas estrelas quando nasceu, talvez esse destino tivesse sido reescrito naquele malfadado dia.

Se ao menos aquele «se» não tivesse existido. Muitas vezes os seus pensamentos tinham andado em círculos em torno daquele «se», brincando com a ideia do que teria sido a sua vida *se*. Talvez uma vida

respeitável, com uma família, um lar, e a arte como fonte de alegria em vez de desespero. Crianças a brincar no jardim ao lado do seu estúdio enquanto sentia aromas suculentos vindos da cozinha. O auge de um idílio à Carl Larsson¹⁶, com um brilho rosado a envolver as

margens da fantasia. E Alex estava sempre naquele quadro. Sempre no centro, sendo ele um planeta a girar em torno dela.

As fantasias faziam com que se sentisse aquecido por dentro, mas a imagem calorosa foi subitamente substituída por uma imagem fria, com tonalidades azuladas e gelo. Conhecia bem aquela imagem. Durante muitas noites pudera estudá-la em paz e sossego, por isso conhecia-a até ao mais ínfimo pormenor. O sangue era o que mais receava. O vermelho, que contrastava completamente com o azul. A Morte também estava lá, como era costume. Espreitava ao longo das margens, a esfregar as mãos de contentamento. À espera que Anders fizesse a sua jogada, que fizesse alguma coisa, qualquer coisa que fosse. A única coisa que Anders podia fazer era fingir não ver a Morte. Ignorá-la até que desaparecesse. Talvez então a imagem pudesse voltar a adquirir o seu brilho rosado. Talvez Alex pudesse novamente sorrir-lhe, o sorriso que lhe puxava e rasgava as entranhas. Mas a Morte era uma companhia demasiado familiar para poder ser ignorada. Tinham-se conhecido há já muitos anos, e a relação entre ambos não se tornara mais agradável com o decorrer do tempo. Mesmo nos momentos mais felizes que partilhara com Alex, a Morte tinha-se metido de permeio, insistente, importuna.

O silêncio da cela era reconfortante. À distância, Anders conseguia ouvir o som das pessoas em movimento, mas estas pareciam tão distantes que poderiam estar noutro mundo. Foi apenas quando ouviu um desses sons a aproximar-se que despertou subitamente do seu estado onírico. Passos no corredor a aproximarem-se cadenciadamente da porta da cela. O chocalhar da fechadura e depois a porta a abrir-se, e o pequeno e gordo superintendente a aparecer à entrada. Com indiferença, Anders girou as pernas por cima da extremidade do catre e pôs os pés no chão. Hora do interrogatório. E, de preferência, que fosse breve.

As mazelas tinham-se atenuado o suficiente para poder tentar tapá-las com uma boa camada de pó-de-arroz. Anna viu o seu rosto ao espelho.

Parecia gasta e perturbada. Sem maquilhagem, podia ver nitidamente os

contornos azuis sobre a pele. Um dos olhos ainda estava um pouco injectado de sangue. O cabelo louro estava baço e sem vida, e a precisar de um corte. Não lhe apetecera marcar hora no cabeleireiro; faltava-lhe sempre a energia para o fazer. Toda a sua força era consumida a tratar das necessidades diárias das crianças e a certificar-se de que mantinha a cabeça erguida. Como é que as coisas tinham

chegado àquele ponto?

Puxou o cabelo para trás num rabo-de-cavalo bem apertado e vestiu-se com todo o cuidado, mexendo-se o menos possível para evitar que as costelas lhe doessem. Antigamente, Lucas tinha cuidado e batia-lhe apenas em pontos que pudessem ser escondidos pela roupa, mas nos últimos seis meses deixara de ser cuidadoso e batera-lhe frequentemente no rosto.

Mas as tarefas não eram o pior de tudo. Pior era ter de viver sob a ameaça de agressões futuras, de esperar pela próxima vez, pelo próximo murro. O

mais cruel de tudo era que Lucas estava bem ciente disso e jogava com o medo dela. Erguia a mão para lhe bater e, em vez disso, acariciava-a a sorria-lhe. Às vezes batia-lhe sem motivo aparente. De forma completamente inesperada. Não que precisasse de um motivo em especial, mas a meio de uma conversa sobre o que comprar para o jantar, ou que programa de TV ver, o punho dele podia voar de repente e atingi-la na barriga, na cabeça, nas costas ou onde quer que Lucas o apontasse. Depois, continuaria a conversa sem perder por um só momento o fio do raciocínio, como se nada tivesse acontecido, com Anna deitada no chão a arfar. O que lhe agradava era a sensação de poder.

As roupas de Lucas estavam espalhadas por todo o quarto; Anna apanhou as roupas, uma a uma, e pendurou-as em cabides ou colocou-as no cesto da roupa suja. Quando o quarto tinha voltado a estar em perfeita ordem, foi ver como estavam as crianças. Adrian dormia pacificamente, deitado de costas e de chupeta na boca. Emma estava sentada na cama a brincar sem fazer barulho, e Anna ficou um momento à entrada, a observá-la. Era tão parecida com Lucas. O mesmo rosto angular e determinado e os mesmos olhos de um azul gelado. A mesma teimosia.

Emma era um dos motivos pelos quais não conseguia deixar de gostar de Lucas. Não gostar dele seria como negar uma parte de Emma. Lucas era uma parte da filha deles e, por causa disso, também uma parte de Anna.

Também era um bom pai para as crianças. Adrian ainda era demasiado pequeno para compreender, mas Emma adorava Lucas, e Anna pura e

simplesmente não podia afastá-la do pai. Como poderia afastar as

crianças de parte da segurança delas, destruir tudo o que era familiar e importante para elas? Em vez disso, tinha de tentar ser suficientemente forte por todos eles; depois conseguiriam ultrapassar aquilo. No início era diferente. Mas tudo podia recompor-se. Desde que ela fosse forte. Afinal, Lucas dissera-lhe que não quisera realmente bater-lhe, que era para o bem dela, porque Anna não fazia o que devia. Se ela conseguisse fazer mais um esforço, ser uma esposa melhor. Anna não o compreendia, dizia Lucas. Se conseguisse descobrir o que o fazia feliz, se ao menos conseguisse fazer as coisas certas de modo a que Lucas não tivesse de ficar sempre desapontado.

Erica não compreendia. Erica, com a sua independência e solidão. A sua coragem e a sua esmagadora e sufocante preocupação. Anna conseguia detectar o desdém na voz de Erica, e isso punha-a louca. Que sabia Erica da responsabilidade de manter um casamento e uma família? De trazer uma carga tão pesada aos ombros que mal conseguia manter-se de pé? A única preocupação de Erica era ela própria. Tinha sido sempre uma sabe-tudo. A excessiva preocupação maternal de Erica para com ela às vezes ameaçara sufocá-la. Sentira os olhos inquietos e atentos a segui-la para todo o lado, quando tudo o que desejava era ser deixada em paz. Que importava que a mãe nunca tivesse conseguido cuidar delas? Pelo menos tiveram o pai. Ter um dos dois não era assim tão mau. A diferença entre ela e Erica era que ela aceitava os factos, ao passo que Erica estava sempre a tentar encontrar uma explicação. Na maioria dos casos, Erica também interiorizava as questões e tentava encontrar a explicação no interior de si própria. Era por isso que sempre se tinha esforçado demasiado. Anna, por outro lado, decidiu não se esforçar de todo. Era mais fácil não se preocupar, deixar-se levar pela corrente e viver um dia de cada vez. Era por isso que sentia tanta amargura em relação a Erica. Esta afligia-se e preocupava-se com a irmã mais nova, e mimava-a, o que tornava ainda mais difícil para Anna não encarar a verdade e as pessoas que a rodeavam. Ter saído da casa dos pais tinha sido tão libertador! Quando conheceu Lucas, pouco tempo depois, pensou ter finalmente encontrado a única pessoa que a podia amar como ela era e, acima de tudo, respeitar a sua necessidade de liberdade.

Sorriu amargamente enquanto limpava a mesa depois do pequeno-almoço de Lucas. Liberdade? Já nem sequer conseguia soletrar a palavra. A vida dela passava-se no interior daquele apartamento. Eram apenas as crianças e

a esperança de encontrar a fórmula correcta, a resposta certa, para que tudo voltasse a ser como dantes.

Em câmara lenta, colocou a tampa na manteigueira, o queijo numa embalagem de plástico, os pratos sujos na máquina de lavar louça e limpou a mesa. Quando tudo estava limpo e a brilhar, Anna sentou-se numa das cadeiras da cozinha e olhou à sua volta. O único som era a tagarelice infantil de Emma que vinha do quarto das crianças, e, durante uns minutos, Anna permitiu-se um pouco de paz e sossego. A cozinha era luminosa e arejada, decorada com bom gosto, numa combinação de madeira e aço inoxidável. Não tinham poupado nos utensílios, o que significava que *Philip Starck* e *Poggenpohl* eram as marcas predominantes. Anna tinha preferido uma cozinha mais acolhedora, mas quando se mudaram para o encantador apartamento de cinco assoalhadas no bairro de Östermalm, percebeu que não adiantava dar a sua opinião.

As preocupações de Erica acerca da casa de Fjällbacka eram algo que Anna não podia mesmo tomar em consideração. Não podia dar-se ao luxo de ser sentimental, e o dinheiro que obteriam com a venda da casa podia significar um novo começo para ela e Lucas. Anna sabia que Lucas não era feliz no emprego na Suécia e que queria regressar a Londres; Lucas pensava que era em Londres que a acção e as oportunidades de carreira se encontravam. Encarava Estocolmo como águas paradas do ponto de vista profissional. E, apesar de no emprego actual ganhar um bom ordenado, excelente até, a sorte inesperada da casa de Fjällbacka, aliada ao dinheiro que já tinham poupado, iria permitir-lhes comprar uma moradia em Londres condizente com o estatuto social deles. Aquilo era importante para Lucas, por isso tornara-se importante para Anna. Erica iria ficar bem. Apenas tinha de se preocupar consigo própria; tinha um emprego e um apartamento em Estocolmo. A casa de Fjällbacka apenas seria utilizada nas férias e o dinheiro iria igualmente ajudá-la, uma escritora não ganhava nada que se visse. E Anna sabia que, às vezes, Erica passava tempos difíceis. Não tardaria a aperceber-se de que aquilo era a melhor solução. Para ambas.

A voz estridente de Adrian ouviu-se vinda do quarto das crianças, e a sua breve trégua acabara. Não adiantava ficar sentada a afligir-se. As mazelas passariam, como sempre, e amanhã seria um novo dia.

Patrik sentia-se inexplicavelmente despreocupado e subiu os degraus da

escada da casa de Dagmar Petréon dois a dois. Mas quando estava quase no cimo, teve de recuperar o fôlego, dobrando-se com as mãos nos joelhos.

Afinal, já não tinha vinte anos. A mulher que abriu a porta também não era uma jovem. Patrik já não via nada tão pequeno e enrugado desde a última vez que abrira um pacote de ameixas secas. Dobrada e encurvada como estava, dava-lhe pouco mais que pela cintura, e Patrik teve receio de que se partisse em duas à mais pequena brisa. Mas os olhos que o encaravam eram tão transparentes e atentos como os de uma rapariguinha.

– Não fique para aí a arquejar, filho. Entre e aceite um café.

A voz de Dagmar era surpreendentemente forte, e Patrik sentiu-se subitamente como um rapaz da escola, enquanto a seguia obedientemente para o interior da casa. Resistiu a um forte impulso de fazer uma vénia e lutou para manter o passo de caracol, para não atropelar a Sr.a Petrén. Parou de repente a meio da sala. Nunca na vida vira tantos pais natais. Por todo o lado, em todas as superfícies disponíveis, ali estavam eles. Grandes, pequenos, velhos, novos, a piscarem o olho e cinzentos. Sentiu o cérebro entrar em intensa actividade para lidar com a sobrecarga sensorial que fluía na sua direcção.

– Que me diz? Não são magníficos?!

Patrik não sabia bem o que dizer e, após um momento, conseguiu gaguejar uma resposta.

– Sim, sim, absolutamente fantásticos.

Olhou ansiosamente para a Sr.a Petrén para ver se esta não percebia que as palavras não condiziam exactamente com o tom de voz. Para seu espanto, a mulher dirigiu-lhe um sorriso travesso que fez com que os seus olhos brilhassem.

– Não se preocupe, rapaz. Sei muito bem que não lhe agradam, mas envelhecer implica certas responsabilidades, compreende?

– Responsabilidades?

– Espera-se que mostremos um pouco de excentricidade para nos tornarmos interessantes. De outra forma somos apenas uns velhos encarquilhados, e isso não interessa a ninguém, como sabe.

– Mas porquê pais natais?

Patrik ainda não estava a compreender. A Sr.a Petrén explicou-lhe como se estivesse a falar com uma criança.

– Bem, o melhor, está a ver, é que apenas temos de os expor uma vez por

ano. Durante o resto do tempo, posso manter a casa limpa e arrumada.

Além disso, têm a vantagem de atrair um rebanho de crianças durante a quadra natalícia. E, para uma velha encarquilhada que não recebe muitas visitas, é uma alegria ver as criaturinhas virem cá tocar à campainha para ver os pais natais.

– Mas durante quanto tempo ficam expostos, senhora Petrén? Estamos em meados de Março.

– Bem, começo a colocá-los em Outubro e depois tiro-os por volta de Abril. Embora deva compreender que demoro uma ou duas semanas para os colocar e voltar a tirar.

Patrik não teve qualquer dificuldade em visualizar como a tarefa seria demorada. Tentou fazer um rápido cálculo mental, mas o cérebro ainda não recuperara do choque de toda aquela cena. Em vez disso, virou-se para a Sr.a Petrén e perguntou-lhe directamente:

– Quantos estão aqui?

A resposta foi imediata:

– Mil quatrocentos e quarenta e três. Não, peço perdão, mil quatrocentos e quarenta e dois, ontem parti um sem querer. E, por acaso, um dos mais bonitos – disse a Sr.a Petrén com uma expressão triste.

Mas recompôs-se, os olhos novamente a cintilar. Com uma força extraordinária, agarrou a manga de Patrik e arrastou-o praticamente até à cozinha onde, em contraste, não se via um único Pai Natal. Patrik alisou discretamente o casaco, e teve a sensação de que a Sr.a Petrén o teria puxado pela orelha se conseguisse alcançá-la.

– Vamos sentar-nos aqui. As pessoas ficam sempre um pouco irritadas por terem um bando de velhos à volta. Aqui, na cozinha, foram banidos.

Sentou-se no banco duro da cozinha depois de todas as suas ofertas de ajuda terem sido bruscamente recusadas. Enquanto se mentalizava para a perspectiva de um diminuto e miserável café fervido, Patrik ficou de boca aberta pela segunda vez, perante a enorme e moderna máquina de café em aço inoxidável entronizada sobre o balcão da

cozinha.

– O que prefere? *Cappuccino*? Café com leite? Talvez um expresso duplo, está com cara de precisar de um.

Patrik só conseguiu esboçar um assentimento mudo. A Sr.a Petrén estava aparentemente a gozar o espanto dele.

– Estava à espera de quê? Um velho passador de 1943 e grãos de café moídos à mão? Não, lá por eu ser uma velha encarquilhada não quer dizer que não possa apreciar as coisas boas da vida. Foi-me oferecida pelo meu filho como presente de Natal há uns anos, e está sempre a trabalhar, acredite. Às vezes há uma fila de velhinhas da vizinhança à espera de umas gotas de café.

Com ternura, a mulher bateu ao de leve na máquina, que agora crepitava e sibilava à medida que batia leite para o converter em espuma. Enquanto o café estava a ser preparado, bolos fantásticos, uns a seguir aos outros, materializavam-se sobre a mesa à frente de Patrik. Nada de pastéis finlandeses nem *kruller* 17 de Carlsbad pelo que podia ver; em vez disso, grandes bolos de canela, queques espantosos, biscoitos cobertos de chocolate e merengues fofos iam sendo dispostos à medida que os olhos de Patrik se abriam cada vez mais. Começou a ficar com tanta água na boca que a saliva ameaçava escorrer-lhe pelas comissuras dos lábios. A Sr.a Petrén soltou uma risada quando viu a expressão no rosto dele, e sentou-se do outro lado da mesa numa das cadeiras *Windsor* 18. Serviu a cada um uma chávena de café quente, aromático e acabado de fazer.

– Creio que quer falar comigo por causa da rapariga da casa do outro lado da rua? Bem, já falei com o seu superintendente e contei-lhe o pouco que sei.

Com um esforço, Patrik libertou-se do bolo pegajoso no qual tinha acabado de cravar os dentes. Teve de limpar os dentes da frente com a língua antes de conseguir abrir a boca.

– Sim, talvez a senhora Petrén pudesse ter a gentileza de voltar a contar o que disse ao meu superior? Já agora, importa-se que ligue o gravador?

Carregou no botão vermelho do gravador e certificou-se de que mastigava tudo enquanto esperava pela resposta.

– Sim, claro que pode. Bem, foi na sexta-feira, dia vinte e dois de

Janeiro, às seis e meia. E, por favor, não seja tão formal, faz-me sentir muito velha.

– Como pode ter tanta certeza da data e da hora? Afinal, já passaram umas semanas.

Patrik deu mais uma dentada.

– Bem, está a ver, foi no dia do meu aniversário, por isso o meu filho e a família dele estavam cá. Comemos bolo e eles trouxeram-me presentes.

Depois foram-se embora, pouco antes das notícias das seis e meia no Canal 4, e foi nesse momento que ouvi uma maldita confusão lá fora. Corri à

janela que dá para as traseiras e para a casa da moça, e foi então que o vi.

– Anders?

– Sim, Anders, o pintor. E estava bêbado que nem um cacho, para ali a gritar como um louco e a bater à porta. Finalmente, a moça deixou-o entrar e então tudo ficou calmo. Bem, talvez tenha continuado a gritar, quanto a isso nada sei. É impossível ouvir o que se passa dentro daquelas casas.

A Sr.a Petrén reparou que o prato de Patrik estava vazio, por isso empurrou a bandeja de bolos de canela para o tentar. Patrik não precisava de muita persuasão. Serviu-se rapidamente de um bolo que estava no topo.

– E tem a certeza, senhora Petrén, de que era Anders Nilsson? Não tem qualquer dúvida quanto a esse ponto?

– Oh, não, conheceria esse canalha em qualquer sítio. Costumava aparecer a qualquer hora, e quando não estava aqui estava na praça, com os bêbedos. Nunca consegui perceber bem o que tinha ele a ver com Alexandra Wijkner. Aquela rapariga tinha classe, tenho de lho dizer. Bem parecida e bem-educada. Quando era pequena, costumava cá vir beber um sumo e comer uns bolos. Costumava sentar-se ali no banco, muitas vezes com a filhinha dos Tore, como é que ela se chamava...?

– Erica – disse Patrik que, com a boca cheia de bolo de canela, sentiu um formigueiro no estômago só de dizer o nome dela.

– É isso, Erica. Também era uma rapariga simpática, mas Alexandra tinha alguma coisa especial. Como que uma aura. Mas depois aconteceu algo... a moça deixou de aparecer por aqui e quase nunca me cumprimentava. Uns meses mais tarde mudaram-se para Gotemburgo, e depois só a voltei a ver quando começou outra vez a vir a Fjällbacka aos fins-de-semana, há uns dois anos.

– Os Carlgren nunca voltaram cá desde que se mudaram?

– Não, nunca. Mas mantinham a casa em bom estado. Costumavam aparecer pintores e carpinteiros, e Vera Nilsson ia lá duas vezes por mês para fazer limpezas.

– E a senhora Petrén não faz ideia do que aconteceu depois dos Carlgren se terem mudado para Gotemburgo? Quer dizer, sobre o que poderá ter transformado Alex? Não houve nenhuma alteração familiar ou algo parecido?

– Houve rumores, claro, aqui há-os sempre, mas nada a que eu desse muito crédito. Apesar de muita gente aqui em Fjällbacka afirmar que sabe

quase tudo o que se passa com os outros, de uma coisa pode ter a certeza: nunca ninguém sabe tudo o que se passa dentro das quatro paredes da casa dos outros. É por isso que eu também não vou especular sobre isso. Não serve de nada. Olhe, coma mais um bolo, ainda não provou os meus sonhos de merengue.

– A senhora viu mais alguma coisa depois disso? Viu Anders Nilsson sair, por exemplo?

– Não, não o voltei a ver nessa noite. Mas vi-o entrar várias vezes na casa de Alexandra na semana seguinte. Isso era estranho, tenho de admiti-lo.

Pelo que ouvi na vila, a moça já estava morta nessa altura. Por isso, que diabo andaria o homem lá a fazer?

Era precisamente nisso que Patrik estava a pensar. A Sr.a Petrén olhou-o inquisitoriamente.

– Então, gostou desses?

– Devem ter sido os melhores bolos que alguma vez provei, senhora Petrén. Como é que conseguiu preparar uma bandeja de bolos tão depressa?

Quer dizer, eu não demorei mais de um quarto de hora a aparecer depois de ter telefonado. Teria de ser tão rápida como o Super-homem para preparar todas estas delícias.

A Sr.a Petrén deleitou-se com o elogio e ergueu a cabeça com orgulho.

– Durante trinta anos, eu e o meu marido dirigimos a pastelaria aqui em Fjällbacka, por isso é natural termos aprendido alguma coisa com o passar dos anos. Os hábitos antigos são difíceis de perder, por isso ainda acordo todos os dias às cinco da manhã para fazer bolos. O que não vai para as crianças ou para as senhoras de idade que me visitam, fica para os pássaros.

E, de qualquer forma, é sempre divertido tentar receitas novas. Há tanta pastelaria moderna mil vezes melhor que esses velhos pastéis finlandeses que costumávamos fazer às toneladas nos velhos tempos. Procuo receitas em revistas de culinária e depois modifico-as a meu gosto.

Fez um gesto na direcção de uma enorme pilha de revistas de culinária no chão, junto ao banco da cozinha: havia de tudo, desde a *Amelia Mat* à *Allt om Mat*, coleccionadas há anos. A julgar pelo preço de cada número, Patrik suspeitou que a Sr.a Petrén devia ter poupado uns bons cobres durante os anos que passou na pastelaria. Patrik teve uma ideia brilhante.

– Sabe se havia alguma ligação entre as famílias Carlgren e Lorentz além do facto de Karl-Erik ter trabalhado para eles? Eles costumavam conviver

socialmente, por exemplo?

– Deus nos livre, os Lorentz a conviver com os Carlgren? Não, meu amigo, isso só aconteceria numa semana de nove dias! Não se movimentavam nos mesmos círculos. Diria que o facto de Nelly Lorentz, de acordo com o que ouvi, ter aparecido em casa dos Carlgren na recepção do funeral foi, no mínimo, uma enorme surpresa!

– E quanto ao filho? Quer dizer, o que desapareceu. Tem conhecimento de alguma vez se ter dado com os Carlgren?

– Não, esperemos que não. Era um rapaz indecente, esse. Sempre a tentar surripiar bolos nas nossas costas, lá na pastelaria. Mas o meu marido deu-lhe uma lição quando o apanhou com a mão na massa. Ouviu a reprimenda da vida dele. Depois, claro, Nelly foi lá a correr

ralhar-nos. Ameaçou chamar a polícia por causa do comportamento do meu marido. Mas ele calou-a quando lhe disse que havia testemunhas do furto, por isso ela que fosse a correr telefonar para o Ministério Público.

– Então, pelo que sabe, não havia ligação com os Carlgren.

A mulher abanou a cabeça.

– Bem, foi apenas uma suposição da minha parte – disse Patrik. – Sem contar com o homicídio de Alex, o desaparecimento de Nils deve ser provavelmente o facto mais dramático que alguma vez aconteceu por estas bandas, e nunca se sabe. Por vezes, descobrem-se coincidências muito interessantes. Bom, julgo que não tenho mais perguntas, por isso agradeço-lhe o café. E que bolos magníficos, não posso deixar de o dizer. Vou ter de comer saladas nos próximos dias – Patrik deu uma pancadinha na barriga.

– Oh, não devia comer comida para coelhos. Ainda está a crescer.

Patrik preferiu aceitar o elogio, em vez de salientar que, aos trinta e cinco, era a cintura que estava a crescer. Levantou-se do banco da cozinha, mas teve logo de voltar a sentar-se. Sentiu que tinha uma tonelada de betão no estômago, e uma onda de náusea aflorou-lhe a garganta. Pensando melhor, não fora grande ideia atulhar-se com todos aqueles bolos.

Tentou semicerrar os olhos enquanto atravessava a sala e todos os mil quatrocentos e quarenta e dois pais natais lhe piscavam os olhos e cintilavam.

Sair da casa da Sr.a Petrén demorou tanto tempo quanto tinha demorado entrar. Teve de se conter para não ultrapassar a Sr.a Petrén enquanto se arrastava atrás dela em direcção à porta. Era uma mulher de força, disse não

havia dúvidas. Era também uma testemunha de confiança e, com a sua declaração, era apenas uma questão de tempo até conseguirem acrescentar mais umas quantas peças ao *puzzle* e construírem um caso irrefutável contra Anders Nilsson. De momento, eram apenas provas circunstanciais, mas parecia que o homicídio de Alexandra Wijkner já estava esclarecido. No entanto, Patrik tinha uma sensação desconfortável no estômago, ao ponto de aí conseguir sentir outra coisa que não bolos. Era a sensação de que as soluções simples nem sempre eram as correctas.

Era magnífico respirar ar puro, o que lhe aliviou um pouco as náuseas.

Estava mais uma vez a agradecer à Sr.a Petrén e a preparar-se para partir quando, antes de fechar a porta, ela lhe colocou algo na mão. Olhou para ver o que era. Era um saco de compras da [ICA 19](#) cheio de bolos, e um pequeno Pai Natal. Patrik agarrou-se à barriga e gemeu.

– Ora bem, Anders, as coisas não estão a correr-te muito bem.

– Ah, não?

– «Ah, não?» É tudo o que tens para dizer? Estás enterrado em merda até ao pescoço, se é que ainda não percebeste! Já percebeste?

– Eu não fiz nada.

– Tretas! Não me estejas para aí a atirar areia para os olhos. Eu sei que a mataste, por isso mais vale confessares e poupar-nos a todos algum trabalho. Se me poupares trabalho, poupas trabalho a ti próprio. Percebes o que estou a dizer?

Mellberg e Anders estavam sentados na única sala de interrogatório da esquadra de Tanumshede e, ao contrário dos filmes americanos, não havia uma parede de vidro que apenas dava para ver para um lado, através da qual os colegas pudessem assistir ao interrogatório. O que era excelente para Mellberg. Era completamente contra as regras estar sozinho a interrogar um suspeito, mas que se lixasse, desde que ele falasse ninguém se ia preocupar com regulamentos estúpidos. E Anders não tinha pedido que um advogado ou quem quer que fosse estivesse presente, por isso porque iria Mellberg lembrá-lo desse pormenor?

A sala era pequena e estava quase desprovida de móveis, com as paredes nuas. A única mobília era uma mesa e duas cadeiras, ocupadas por Anders Nilsson e Bertil Mellberg. Anders estava despreocupadamente recostado para trás na sua cadeira, com as mãos cruzadas no colo e as pernas

compridas esticadas sob a mesa. Mellberg estava meio inclinado sobre a mesa, com o rosto o mais perto de Anders que conseguia suportar, dado o hálito a menta fresca do suspeito. Mas era suficientemente perto para que minúsculas gotas de saliva salpicassem o rosto de Anders quando Mellberg cuspiu as palavras. Anders não se preocupava em limpar o rosto. Preferira fingir que o superintendente era apenas uma mosca irritante, tão insignificante que nem sequer valia a pena matá-la.

– Ambos sabemos que foste tu quem matou Alexandra Wijkner.

Obrigaste-a a tomar comprimidos para dormir, puseste-a na banheira e cortaste-lhe os pulsos, e depois ficaste calmamente a observá-la enquanto se esvaía em sangue até morrer. Por isso, porque não facilitar isto para ambos?

Tu confessas e eu anoto a confissão.

Mellberg sentiu-se muito agradado com o que achou ser um começo de interrogatório poderoso. Sentou-se na cadeira e cruzou as mãos sobre a enorme pança. Esperou. Não houve qualquer resposta de Anders. A sua cabeça estava caída para a frente, com o cabelo a ocultar qualquer expressão facial. Um tique no canto da boca de Mellberg revelou que indiferença não era o que esperava para o seu preâmbulo. Depois de esperar um pouco mais em silêncio, bateu com o punho na mesa para tentar despertar Anders do seu torpor. Não houve reacção.

– Que diabo, bêbado nojento. Achas que podes sair desta limitando-te a ficar aí sentado sem dizer nada? Se é isso, vieste parar às mãos do chui errado, podes crer. Vais contar-me a verdade nem que tenhamos de ficar aqui sentados o dia todo.

As manchas de suor debaixo dos braços de Mellberg aumentavam a cada sílaba.

– Tiveste ciúmes, não foi? Encontrámos algumas pinturas que fizeste dela, e é mais do que óbvio que andavam a foder um com o outro. E, para dissipar quaisquer dúvidas que pudéssemos vir a ter, também encontrámos as cartas que lhe escreveste. As tuas doentias cartas de amor, doces e patéticas. Meu Deus, que monte de merda. Que raio via ela em ti, afinal?

Quer dizer, olha só para ti. És nojento e repugnante e estás muito longe de ser um Don Juan. A única explicação seria ela ser uma espécie de perversa. Que ficava excitada com o nojo e com bêbedos velhos e repugnantes. Também fodeu os outros bêbedos de Fjällbacka ou foste o único a ser servido?

Rápido como uma doninha, Anders estava de pé. Lançou-se através da mesa e pôs as mãos em torno do pescoço de Mellberg.

– Seu cabrão. Vou matar-te, chui filho-da-puta!

Mellberg tentou em vão libertar-se das mãos de Anders. O rosto dele

estava cada vez mais vermelho, e o cabelo caiu do seu ninho e pendia-lhe sobre a orelha direita. Súbita e surpreendentemente, Anders aliviou o aperto no pescoço de Mellberg, e o superintendente pôde inspirar profundamente.

Anders regressou à sua cadeira e fixou Mellberg com raiva.

Mellberg teve de tossir e de aclarar a garganta para recuperar a voz.

– Livra-te de voltar a fazer isso! Estás a ouvir? Nunca mais! Agora vais sentar-te aí quietinho, raios, ou atiro-te para a cela e deito fora a chave, estás a ouvir-me?

Mellberg voltou a sentar-se na cadeira, mas manteve um olhar vigilante sobre Anders. Havia nos olhos de Mellberg um vestígio de medo que não estava lá antes. Descobriu que o seu arranjo capilar meticulosamente trabalhado sofrera um golpe sério e, com um movimento estudado, esticou o cabelo para cima, sobre a mancha reluzente a meio da cabeça, ao mesmo tempo que tentava fingir que nada acontecera.

– Bem, voltemos ao assunto. Portanto, tiveste relações sexuais com a vítima, Alexandra Wijkner?

Anders murmurou algo, de cabeça caída.

– Desculpa, que disseste? – Mellberg inclinou-se sobre a mesa, com as mãos cruzadas à sua frente.

– Eu disse que nos amávamos!

As palavras ecoaram e ricochetearam pelas paredes nuas. Mellberg dirigiu a Anders um sorriso de desprezo.

– Tá bem, então amavam-se. A bela e o monstro amavam-se. Que comovente. Então e há quanto tempo é que se «amavam»?

Anders resmungou novamente alguma coisa incompreensível, e Mellberg teve de lhe pedir que repetisse.

– Desde que éramos crianças.

– Oh, sim, estou a ver, tudo bem. Mas presumo que não fornicassem como coelhos desde os cinco anos, por isso deixa-me reformular a pergunta: há quanto tempo tinham relações sexuais? Há quanto tempo andava ela a comer-te? Há quanto tempo dançavam o tango na

horizontal? Será que tenho de continuar, ou já conseguiste perceber a pergunta?

Anders olhou com ódio para Mellberg, mas fez um esforço para se manter calmo.

– Não sei, aqui e ali, ao longo dos anos. Não sei exactamente, não marquei as datas no calendário – Anders apanhou fios invisíveis das calças.

– Alex não estava muito por aqui dantes, por isso não acontecia muito. Na maioria das vezes, apenas a pintava. Ela era tão bonita...

– Que aconteceu na noite em que ela morreu? Foi uma cena de namorados? Ela não queria fazê-lo? Ou foi o facto de ela estar prenha que te enfureceu tanto? Claro, deve ter sido isso. Ela estava prenha e tu não sabias se o filho era teu ou do marido. Provavelmente, ela também ameaçou fazer-te a vida num inferno, não foi?

Mellberg sentia-se extremamente satisfeito consigo mesmo. Estava convencido de que Anders era o assassino e que, se carregasse nos botões certos com a força suficiente, iria conseguir que ele confessasse. Não havia dúvidas. Então, Gotemburgo iria suplicar-lhe e implorar-lhe que regressasse à Divisão. Provavelmente iriam tentá-lo com uma promoção e um ordenado maior se os mantivesse na expectativa durante algum tempo. Esfregou prazenteiramente a barriga e só aí reparou que Anders estava a fixá-lo de olhos esbugalhados. O rosto estava branco, completamente desprovido de sangue. As mãos contorciam-se com espasmos. Quando Anders ergueu a cabeça e, pela primeira vez, olhou directamente para Mellberg, o superintendente viu que ele tinha o lábio inferior a tremer e que os olhos estavam repletos de lágrimas.

– Está a mentir! Alex não podia estar grávida! – o nariz estava a pingar e Anders limpou-o com a manga. Olhou para Mellberg de forma quase implorante.

– Que queres dizer? Os preservativos não são cem por cento seguros, sabes. Estava grávida de três meses, por isso não tentes dramatizar comigo.

Ela foi emprenhada e tu sabes muito bem como isso aconteceu. Se foste tu ou o marido da alta-roda que forneceu o material nunca se saberá, não é? É

a maldição de um homem, deixa-me que te diga. Já estive para ser

caçado algumas vezes, mas nunca houve cabra nenhuma que conseguisse fazer-me assinar os papéis – Mellberg deu uma gargalhada.

– Não é que seja da sua conta, mas não, já não fazíamos sexo há mais de quatro meses. E agora não quero falar mais consigo. Leve-me de volta à minha cela, porque não faço tenção de dizer nem mais uma palavra.

Anders fungou profundamente e as lágrimas continuavam a ameaçar cair.

Recostou-se na cadeira, de braços cruzados e, por debaixo da trunfa de cabelo, olhava com fúria e malevolência para Mellberg, que suspirou profundamente mas aquiesceu.

– Está bem, continuamos daqui a umas horas. E, para que saibas, não acredito na porra de uma única palavra do que tens estado a dizer! Pensa nisto enquanto estás sentado na tua cela. Da próxima vez que falarmos, quero uma confissão completa da tua parte.

Permaneceu ali sentado durante algum tempo depois de Anders ter sido conduzido para a sua cela. O bêbado nojento não tinha confessado.

Mellberg pensou que era absolutamente incrível. Mas ainda não tinha jogado o trunfo, que permanecia bem guardado. A última vez que Alexandra Wijkner tinha sido ouvida com vida fora às sete e um quarto de sexta-feira, dia vinte e cinco de Janeiro, exactamente uma semana antes de ter sido encontrada morta. Nessa ocasião, Alexandra falara com a mãe ao telefone durante cinco minutos e cinquenta segundos, de acordo com a Telia, a companhia telefónica. O que também batia certo com o intervalo temporal indicado pelo médico-legista. Graças à vizinha, Dagmar Petrén, tinha o testemunho de que Anders Nilsson visitara a vítima não apenas nessa mesma noite, logo depois das seis e meia, mas que também fora visto a entrar em casa dela em várias ocasiões durante a semana seguinte. *E, por essa altura, Alexandra Wijkner jazia morta na banheira.*

Uma confissão teria facilitado substancialmente o trabalho a Mellberg, mas mesmo que Anders revelasse ser obstinado, estava certo de que iria conseguir uma condenação. Além da declaração da Sr.a Petrén, Mellberg tinha também sobre a secretária um relatório da busca à casa de Alexandra Wijkner. Os dados sobre o exame escrupuloso feito à casa de banho onde fora encontrada eram os mais interessantes. Além

de ter sido descoberta uma pegada no sangue coagulado no chão que coincidia com o par de sapatos confiscado no apartamento de Anders, também tinham sido descobertas impressões digitais do pintor no corpo da vítima. Não eram tão nítidas como o teriam sido numa superfície firme e nivelada, mas mesmo assim eram nítidas e identificáveis.

Mellberg não quisera utilizar todos os argumentos de que dispunha no primeiro interrogatório, mas no próximo chamaria a artilharia pesada. E, que um raio o fulminasse se nessa altura não conseguisse dobrar o sacana.

Satisfeito consigo mesmo, Mellberg cuspiu na palma da mão e alisou o cabelo com saliva.

O telefonema interrompeu-a quando estava a dactilografar um relato da conversa que tivera com Henrik Wijkner. Contrariada, Erica ergueu as mãos do teclado e esticou-se para alcançar o telefone.

– Sim? – a voz soou mais irritada do que Erica pretendia.

– Estou? Sou eu, Patrik. Interrompo alguma coisa?

Erica endireitou-se de repente na cadeira e lamentou não ter parecido mais simpática quando atendeu.

– Não, de maneira nenhuma. Estou só aqui sentada a escrever, e estava tão concentrada no trabalho que dei um salto quando o telefone tocou, por isso talvez tenha parecido um pouco... Mas não me incomoda nada, não há problema nenhum, quer dizer...

Erica bateu na testa quando se ouviu a divagar ao telefone como uma miúda de catorze anos. Estava na altura de se recompor e controlar as hormonas, pensou. Aquilo era ridículo.

– Bem, estou em Fjällbacka e lembrei-me de perguntar se estavas por casa e se poderia dar aí um salto.

A voz de Patrik era autoconfiante, masculina, segura e calma, e Erica sentiu-se ainda mais idiota por ter gaguejado como uma adolescente.

Reparou no que tinha vestido: um fato de treino um pouco sujo. Ao mesmo tempo, tacteou o cabelo. Exacto, tal como temera. O cabelo estava atado num carrapito no topo da cabeça, com madeixas a despontar em todas as direcções. A situação quase podia ser descrita como desastrosa.

– Estou? Erica? Ainda estás aí? – Patrik parecia confuso.

– Oh, sim, claro que sim. Pensei que tinhas ficado sem rede no telemóvel.

Erica bateu na testa pela segunda vez em cerca de dez segundos. Deus do céu, Patrik devia estar a pensar que ela era uma principiante naquelas coisas.

– Ericaaa... Consegues ouvir-me? Estou?

– Sim, sim, estou a ouvir-te. Aparece. Dá-me só um quarto de hora, porque estou ocupada a... escrever uma parte muito importante do meu livro que gostava de terminar primeiro.

– Claro, não há problema. Tens a certeza de que não incomodo? Quer dizer, combinámos encontrar-nos amanhã à noite, por isso...

– Não, de forma alguma. Dá-me só um quarto de hora.

– Tudo bem. Então, até já.

Erica colocou cuidadosamente o auscultador no descanso e inspirou profundamente, já ansiosa. O coração batia com tanta força que o conseguia ouvir. Patrik estava a caminho da sua casa. Patrik estava a... Erica teve um sobressalto como se alguém lhe tivesse atirado um balde de água fria e saltou da cadeira. Patrik estaria ali dentro de um quarto de hora e ela parecia que não se lavava nem penteava há uma semana. Subiu os degraus dois a dois até ao primeiro andar, enquanto tirava a parte de cima do fato de treino.

Na casa de banho, livrou-se das calças, tropeçou, e quase caiu de cabeça.

Lavou-se debaixo dos braços e agradeceu a Deus ter depilado as axilas durante o banho matinal. Pôs perfume nos pulsos, entre os seios e no pescoço, onde sentiu a pulsação aceleradíssima sob os dedos. Abriu o guarda-fatos de rompante e despejou a maior parte do conteúdo para cima da cama antes de se conseguir decidir por um simples *top* preto *Fillippa* e uma saia preta justa a condizer que lhe chegava aos tornozelos. Consultou o relógio. Restavam-lhe dez minutos. De novo para a casa de banho. Pó-de-arroz, rímel, brilho nos lábios e uma sombra leve nos olhos. Não havia necessidade de *rouge*, o rosto já estava suficientemente corado. Queria dar um aspecto fresco, quase natural, mas a cada ano que passava parecia precisar de cada vez mais maquilhagem para o conseguir.

A campainha tocou. Enquanto dava uma última olhadela ao espelho, apercebeu-se em pânico de que o cabelo ainda estava preso num carrapito mal-amanhado por um elástico amarelo fluorescente. Erica arrancou o elástico e, com uma escovadela e um pouco de espuma, conseguiu tornar o cabelo apresentável. Outro toque, desta vez mais insistente, e Erica apressou-se escada abaixo, mas parou a meio caminho para recuperar o fôlego e conter-se durante uns segundos. Com a aparência mais calma que conseguiu, abriu a porta com um enorme sorriso.

O dedo de Patrik tremia um pouco quando tocou à campainha. Esteve para voltar para trás por várias vezes, e para lhe telefonar a dar uma desculpa qualquer, mas o carro conduziu-se praticamente sozinho na direcção de Sälvik. Claro que se lembrava de onde Erica morava, e fez automaticamente a curva apertada à direita na colina antes do parque de campismo, no caminho que subia para casa dela. Apesar de ainda ser de

tarde, estava tão escuro como se a noite já fosse adiantada, mas a luz dos candeeiros de rua era suficiente para Patrik conseguir vislumbrar o mar. De repente, compreendeu o que Erica sentia em relação à casa dos pais.

Compreendeu também a dor que devia sentir perante a ideia de vir a perdê-la. E apercebeu-se da impossibilidade dos seus sentimentos por Erica. Ela e Anna venderiam a casa, e depois não haveria nada que a prendesse a Fjällbacka. Mudar-se-ia para Estocolmo, e um polícia provinciano de Tanumshede não a impressionaria muito quando comparado com os engatates profissionais da Praça Stureplan. Arrastou-se pesadamente até à porta e tocou à campainha.

Ninguém apareceu para abrir a porta, por isso Patrik tocou novamente.

Começava mesmo a sentir que fora má ideia, nada do que imaginara quando fazia o caminho de regresso da casa da Sr.^a Petrén. Pura e simplesmente não conseguiu resistir a telefonar a Erica, uma vez que estava tão perto.

Mas começou a arrepender-se da ideia assim que ela atendeu o telefone.

Parecia estar ocupada, até irritada, quando Patrik telefonou. Enfim, agora era tarde para se preocupar com isso. O carrilhão da campainha ecoou pela casa uma segunda vez.

Patrik conseguia ouvir alguém a descer as escadas. Os passos detiveram-se por um momento antes de percorrerem o resto do caminho até à porta.

Esta abriu-se, e ali estava ela com um enorme sorriso. Patrik ficou sem fôlego. Não conseguia compreender como Erica conseguia parecer sempre tão fresca. O rosto não estava maquilhado; tinha a beleza natural que Patrik achava tão atraente numa mulher, mas Erica era tão maravilhosa aos olhos dele que não conseguia imaginar nada que pudesse melhorar a sua aparência.

A casa estava exactamente como sempre estivera, como a recordava das suas visitas quando era criança. Ali, a mobília e a casa tinham sido deixadas envelhecer juntas com dignidade. A madeira e a tinta branca predominavam, e os tecidos de cores leves em tons de azul e branco harmonizavam-se com a pátina envelhecida da mobília. Erica acendera velas para afastar a escuridão invernal. Todo o local respirava calma e tranquilidade. Patrik seguiu Erica até à cozinha.

– Queres um café?

– Sim, por favor. Ah, e trouxe isto – Patrik entregou-lhe o saco de bolos.

– Mas acho que devia levar alguns para a esquadra. Tenho a certeza de que

há o suficiente para todos, e ainda deve sobrar.

Erica espreitou para o interior do saco de plástico e sorriu. – Estou a ver que fizeste uma visita à Sr.a Petrán.

– Sim. E estou tão cheio que mal consigo mexer-me.

– Uma velhota encantadora, não achas?

– Incrível. Se tivesse uns noventa e dois anos, casava com ela.

Sorriram um para o outro.

– Então e tu, como estás?

– Bem, obrigado.

Um momento de silêncio deixou-os embaraçados. Erica deitou café em duas chávenas e depois deitou o restante num termo de mesa.

– Vamos sentar-nos na varanda.

Depois dos primeiros golos, o silêncio deixou de parecer desconfortável, tornando-se agradável. Erica sentou-se no sofá de vime à frente de Patrik, que aclarou a garganta.

– Como está a correr o livro?

– Bem, obrigada. E tu? Como está a correr a investigação?

Patrik pensou durante um momento e decidiu contar-lhe um pouco mais do que devia. De qualquer forma, Erica já estava envolvida, e Patrik não achava que houvesse mal nisso.

– Parece que já solucionámos o caso. Temos até um suspeito em prisão preventiva. Está a ser interrogado neste momento e as provas são extremamente consistentes.

Erica inclinou-se para a frente com expressão inquisidora.

– Quem é o suspeito?

Patrik hesitou por um momento.

– Anders Nilsson.

– Então sempre foi o Anders. É estranho, mas há qualquer coisa que não encaixa.

Patrik estava inclinado a concordar com Erica. O problema é que havia demasiadas pontas soltas que não era possível atar com a prisão de Anders.

Mas as provas físicas da cena do crime e as declarações das testemunhas, que afirmavam que Anders estivera em casa de Alex imediatamente antes de presumivelmente ela ter sido assassinada, e também numa série de outras ocasiões depois de morta, não deixavam muita margem para dúvidas. E, no entanto...

– Bem, então creio que o assunto está encerrado. É estranho, pensava que me ia sentir mais aliviada. Então é o artigo que eu encontrei? Quer dizer, aquele sobre o desaparecimento de Nils. Como é que isso encaixa no quadro se Anders é o assassino?

Patrik encolheu os ombros e ergueu as mãos com as palmas viradas para cima.

– Não sei mesmo, Erica. Não sei. Talvez não tenha nada que ver com o homicídio. Pura coincidência. Em qualquer dos casos, não há motivo para rebuscar tudo outra vez. Alex levou os seus segredos para a sepultura.

– E o bebé de Alex? Era de Anders?

– Quem sabe? De Anders, de Henrik... Sei tanto como tu. Mas continuo a questionar-me sobre o que teriam aqueles dois em comum. Que casal mais estranho. É verdade que não há nada de invulgar no facto de as pessoas terem alguém a seu lado, mas Alexandra Wijkner e Anders Nilsson? Quer dizer, acho difícil acreditar que Anders conseguisse levar alguém para a cama, e Alexandra Wijkner era... bem, bonita como um anjo é a única expressão que me ocorre para a descrever.

Por um momento, Patrik pensou ter visto formar-se uma ruga entre as sobrancelhas de Erica, mas no segundo seguinte já tinha desaparecido, e ela era outra vez a pessoa simpática e agradável do costume. Pelo menos era o que Patrik imaginava. Erica ia abrir a boca para dizer algo quando o tema musical de um anúncio a uma marca de gelados se ouviu vindo do vestíbulo. Patrik e Erica sobressaltaram-se.

– É o meu telemóvel – disse Patrik. – Peço desculpa, volto já.

Apressou-se na direcção do vestíbulo para atender a chamada e, depois de procurar no bolso do casaco, retirou o telemóvel.

– Patrik Hedström.

– Hum... está bem... já percebi... Bem, então voltamos outra vez à estaca zero. Sim, eu sei. A sério? Ele disse isso? Bem, o senhor não poderia ter sabido disso. Certo, superintendente, até logo – Patrik fechou a tampa do telefone com determinação e regressou para junto de Erica.

– Veste um casaco, vamos dar uma volta.

– Aonde? – Erica olhou-o inquisitoriamente com a chávena de café a meio caminho da boca.

– Há informações novas sobre o envolvimento de Anders. Parece que temos de o riscar da lista de suspeitos.

– A sério? Mas aonde vamos?

– Ambos percebemos que havia alguma coisa errada nisto. Tu encontraste o artigo sobre o desaparecimento de Nils em casa de Alex, e pode haver lá mais coisas para descobrir.

– Mas a polícia já revistou a casa toda, não foi?

– Claro, mas não tenho a certeza de termos procurado as coisas certas. Só quero testar uma ideia que tenho. Vamos.

Patrik já tinha saído, e Erica teve de vestir o casaco e correr atrás dele.

A casa parecia pequena e despojada. Não conseguia compreender como conseguiam as pessoas viver assim. Que alguém conseguisse suportar tal existência sombria e cinzenta, tão... depauperada. Mas o mundo era assim.

Havia ricos e pobres. Nelly agradeceu à sua boa estrela o facto de pertencer à primeira categoria e não à outra. Ser pobre não estava na sua natureza.

Uma mulher como Nelly fora feita para peles e diamantes.

Provavelmente, a mulher que abriu a porta nunca tinha sequer visto um diamante verdadeiro. Tudo nela era cinzento e castanho. Nelly olhou com repulsa para o casaco de lã surrado e para as mãos gretadas que o aconchegavam ao peito. Vera nada disse, apenas permaneceu à entrada.

Depois de olhar nervosamente em redor, Nelly acabou por dizer:

– Bem, vais convidar-me a entrar ou vamos ficar aqui paradas o dia todo?

Tenho a certeza de que nem eu nem tu queremos que ninguém me veja por aqui, não é verdade?

Vera continuou sem dizer nada, apenas recuou para o vestíbulo, para que Nelly pudesse entrar.

– Temos de falar as duas, não temos?

Nelly tirou elegantemente as luvas que usava sempre fora de casa e observou a habitação com repulsa. O vestíbulo, a sala de estar, a cozinha e um pequeno quarto. Vera caminhou atrás dela de olhos baixos. As divisões eram escuras e lúgubres. O papel de parede há muito que vira melhores dias. Ninguém se dera ao trabalho de retirar

o linóleo para revelar o soalho de madeira sólida por debaixo dele, como fazia actualmente a maior parte das pessoas nas casas antigas. Mas estava tudo impecavelmente limpo e arrumado. Não havia sujidade nos cantos, apenas uma deprimente sensação de desespero que permeava a casa do chão até ao tecto.

Nelly sentou-se cautelosamente mesmo na borda da velha cadeira de braços da sala de estar. Como se fosse ela a anfitriã, fez sinal a Vera para se sentar no sofá. Esta obedeceu, sentando-se igualmente na borda. Não emitiu qualquer som, mas as mãos mexiam-se nervosamente no regaço.

– É importante continuarmos a manter isto em segredo. Compreendes isso, não é verdade? – a voz de Nelly era ansiosa. Vera assentiu enquanto mantinha os olhos postos no colo.

– Bem, não posso dizer que tenha pena do que aconteceu a Alex. Teve o que merecia, e julgo que concordarás comigo quanto a isso. Aquela diabinha ia sofrer mais cedo ou mais tarde. Sempre o soube.

Vera reagiu às palavras de Nelly ao lançar-lhe um rápido olhar de relance, mas continuou sem dizer palavra. Nelly sentiu um enorme desprezo por aquela mulher simples e triste, a quem não parecia restar praticamente qualquer determinação no corpo. Era típico da classe operária, com os seus olhos baixos. Não que achasse que devesse ser de outro modo, mas mesmo assim não conseguia evitar o desdém que sentia por aquelas pessoas sem classe, sem estilo. O que mais a irritava, acima de tudo, era estar dependente de Vera Nilsson. Mas, custasse o que custasse, tinha de assegurar o silêncio dela. Tinha resultado antes e teria de resultar novamente.

– É triste que as coisas tenham acabado desta forma, mas agora é ainda mais importante que não nos precipitemos. Tudo deve continuar como dantes. Não podemos mudar o passado, e não há qualquer motivo para revelar porcarias antigas.

Nelly abriu a mala de mão, retirou um envelope branco e colocou-o sobre a mesa de café.

– Aqui está uma coisinha para aumentar um pouco o teu orçamento. Vá lá, aceita.

Nelly empurrou o envelope na direcção de Vera. Esta não pegou nele, apenas o olhou fixamente.

– Tenho pena de que tudo tenha acabado desta forma para Anders. Se calhar até foi a melhor coisa que lhe podia ter acontecido. Quer dizer, não se pode beber álcool na prisão.

Nelly apercebeu-se de repente de que fora longe de mais. Vera ergueu-se lentamente do sofá e, com um dedo trémulo, apontou em direcção à porta.

– Saia daqui!

– Então, então, minha querida Vera, não deves interpretar...

– Desapareça da minha casa! Anders não vai ser preso, e pode levar o seu dinheiro e ir para o inferno, sua cabra nojenta! Sei muito bem de onde vêm as pessoas como você, e não importa a quantidade de perfume com que tentam disfarçar. O cheiro a merda não passa!

Nelly estremeceu perante o ódio puro nos olhos de Vera. Os punhos dela estavam cerrados, e permanecia erecta, a olhar fixamente para os seus olhos. Todo o corpo de Vera parecia tremer com anos de raiva contida. Não havia vestígios da subserviência que mostrara antes, e Nelly começou a sentir-se muito desconfortável naquela situação. Que exagero! Tudo o que tinha feito fora dizer a verdade. Uma pessoa devia conseguir aguentar um pouco de verdade. Apressou-se em direcção à porta.

– Saia daqui e nunca mais volte a aparecer!

Vera como que a perseguiu para fora de casa e, mesmo antes de bater a porta, atirou-lhe o envelope. Nelly teve de se baixar com todos os cuidados para o apanhar. Não ia deixar cinquenta mil coroas caídas no meio do chão, não importava quão humilhante era ver os vizinhos a abrirem as cortinas. A observarem-na praticamente a rastejar na gravilha. Que ingrata! Bem, Vera iria provavelmente mostrar um pouco mais de humildade quando se lhe acabasse o dinheiro e ninguém a voltasse a contratar como mulher de limpeza. O trabalho dela na casa dos Lorentz tinha definitivamente terminado, e não deveria demorar muito para ficar sem os seus outros trabalhos. Nelly trataria de fazer com que Vera fosse a rastejar até à Segurança Social quando tivesse acabado de se vingar dela. Ninguém insultava Nelly Lorentz impunemente.

Era como caminhar sobre a água. Os membros dele estavam pesados e rígidos depois da noite passada no catre na prisão, e a cabeça estava cheia de algodão por falta de álcool. Anders deu uma olhadela ao apartamento. O

chão estava coberto de sujidade das botas dos polícias que tinham por lá andado. Mas Anders pouco se importava. Um pouco de sujidade nos cantos nunca o incomodara.

Retirou uma embalagem de seis latas de cerveja forte do frigorífico e afundou-se no colchão, na sala de estar. Inclinado sobre o cotovelo esquerdo, abriu a cerveja com a mão direita e bebeu avidamente longas e intensas goladas até a lata ficar vazia. Depois atirou-a num arco amplo através da sala de estar. Aterrou no chão, no canto oposto, com um som

metálico. Com a sua necessidade mais aguda temporariamente satisfeita, Anders deitou-se no colchão com as mãos cruzadas atrás da cabeça. Fitou o tecto com olhar vago enquanto se permitia mergulhar durante algum tempo em memórias antigas. Era apenas no passado que às vezes conseguia sentir um pouco de repouso para a sua alma. No intervalo desses breves momentos em que se permitia recordar dias melhores, a dor atalhava pelo seu coração com uma intensidade insistente. Espantava-o que os acontecimentos passados pudessem parecer simultaneamente tão remotos e tão próximos.

Na sua memória, o Sol estava sempre a brilhar. Sentia o asfalto morno nos pés descalços, e os lábios ainda sabiam a sal por ter nadado no mar. Por estranho que parecesse, nunca se conseguia lembrar de nada a não ser da época de Verão. Nada de Invernos. Nada de dias cinzentos. Nada de chuva.

Apenas a luz do Sol num céu azul sem nuvens e uma brisa ligeira que quebrava o espelho reluzente do mar.

Alex com os seus vestidos leves de Verão que se colavam às pernas. O

cabelo, que recusava cortar, pendia louro e direito até à cintura. Às vezes, Anders conseguia mesmo recordar as fragrâncias de Alex tão intensamente que as sentia nas narinas, a fazer cócegas e a despertar uma sensação de saudade. Morangos, água salgada, champô de ervas-do-prados. Por vezes misturavam-se com um odor a suor que não era completamente desagradável enquanto corriam de bicicleta ou subiam às colinas rochosas até as pernas cederem. Depois, talvez se deitassem de costas no cimo do Veddeberget²⁰, com os pés apontados para o mar e as mãos cruzadas sobre a barriga. Alex no meio, entre eles, com o cabelo estendido e os olhos virados para o céu. Em ocasiões raras e preciosas, Alex apertava as mãos deles entre as dela e, por um momento, era como se fossem um em vez de três.

Eram cuidadosos para não deixarem que ninguém alguma vez os visse juntos. Isso destruiria a magia. O feitiço quebrar-se-ia e não conseguiriam manter a realidade ao largo. A realidade era algo que tinha de ser evitado a qualquer custo. Era feia e cinzenta e não tinha nada que ver com o mundo de sonho coberto de sol que conseguiam construir quando estavam juntos.

A realidade era algo sobre o que nunca falavam. Em vez disso, os dias deles eram preenchidos com jogos e conversas triviais. Nada podia ser levado a sério. Assim podiam fingir ser invulneráveis, inconquistáveis, inatingíveis.

Por si só, cada um deles não era ninguém. Juntos, eram os Três Mosqueteiros.

Os adultos eram apenas criaturas de sonho periféricas, meros figurantes que se deslocavam pelo mundo deles sem os afectar. As bocas deles mexiam-se, mas delas não saía nenhum som. Faziam gestos e expressões que supostamente tinham significado, mas pareciam forçados e sem sentido quando retirados do contexto.

Anders sorriu ligeiramente perante as memórias, mas foi lentamente obrigado a sair do seu estado onírico catatónico. A natureza chamava, e Anders estava outra vez de volta à sua própria ansiedade. Levantou-se para resolver o problema.

A sanita ficava por baixo de um espelho coberto de pó e sujidade.

Quando aliviou a bexiga, deu uma olhadela a si próprio no espelho e, pela primeira vez em muitos anos, viu-se como as outras pessoas o viam. O

cabelo estava oleoso e emaranhado. O rosto estava pálido e tinha uma tonalidade cinzenta doentia. Anos de negligência tinham-lhe provocado uns quantos intervalos nos dentes da frente, o que fazia com que parecesse décadas mais velho do que realmente era.

A decisão foi tomada sem que Anders se tivesse bem apercebido dela.

Enquanto apertava desajeitadamente a braguilha, compreendeu qual teria de ser o próximo passo. O seu olhar era decidido quando foi até à cozinha.

Depois de procurar nas gavetas, encontrou uma grande faca de cozinha que limpou às calças. Depois foi até à sala de estar e começou

a retirar metodicamente as pinturas das paredes. Uma a uma, Anders desprende as pinturas que eram o resultado de muitos anos de trabalho. Apenas tinha conservado e pendurado aquelas que mais o satisfaziam. Deitara fora muitas outras que não tinham passado na revista dos seus olhos. Agora, a faca atravessava as telas das pinturas, umas a seguir às outras. Anders trabalhava lentamente e com mão firme, talhando as pinturas em pequenas tiras até ser impossível ver o que tinham representado antes. Cortar as telas era uma tarefa surpreendentemente difícil e, quando terminou, gotas de suor acumulavam-se sobre as sobancelhas. A divisão assemelhava-se a um campo de batalha colorido. Tiras de tela cobriam a sala de estar e as molduras olhavam boquiabertas como gengivas sem dentes. Olhou em redor com satisfação.

– Como sabem que não foi Anders quem assassinou Alex? – perguntou Erica.

– Uma rapariga que vive no mesmo prédio de Anders viu-o regressar a casa pouco antes das sete da noite, e Alex falou com a mãe às sete e um quarto. Ter-lhe-ia sido impossível regressar a casa dela em tão pouco tempo. O que significa que o relato de Dagmar Petrén apenas o pode relacionar com a casa de Alex enquanto ela ainda estava viva.

– Então e as impressões digitais e as pegadas que encontraram na casa de banho?

– Não provam que Anders a assassinou, apenas que esteve em casa de Alex depois de ela ter morrido. De qualquer forma, não é suficiente para o manter preso por mais tempo. Sem dúvida que Mellberg o voltará a chamar; ainda está convicto de que Anders é o assassino, mas por enquanto tem de o libertar; de outro modo, um advogado poderia fazer dele carne picada.

Sempre pensei que havia algo que não batia certo, e isto vem confirmá-lo.

Anders ainda está sob suspeita, mas há pontos de interrogação suficientes para ser lógico que continuemos a procurar.

– E é por isso que estamos a caminho da casa de Alex? Que esperas lá encontrar? – perguntou Erica.

– Na verdade, não sei. Apenas sinto que tenho de ter um quadro mais nítido de como as coisas aconteceram.

– Birgit disse que Alex não podia falar com ela porque tinha uma visita.

Se não era Anders, quem era então?

– Bem, essa é a questão, não é?

Patrik estava a conduzir um pouco depressa de mais para o gosto de Erica, que se segurava com força à pega por cima da porta. Patrik quase falhou a cortada junto do clube de vela e virou à direita mesmo no último segundo, o que significava que esteve a milímetros de atingir uma cerca quando passara por ela de raspão.

– Tens medo de que a casa possa ter desaparecido se não chegarmos lá depressa? – Erica dirigiu-lhe um sorriso lívido.

– Oh, desculpa. Deixei-me entusiasmar.

Abrandou consideravelmente e, durante o último troço da estrada para a casa de Alex, Erica atreveu-se a soltar a pega. Ainda não compreendia porque quisera Patrik que ela o acompanhasse, mas tinha concordado. Podia ser que conseguisse algumas informações para o seu livro.

Patrik parou do lado de fora da porta com uma expressão envergonhada.

– Esqueci-me de que não tenho a chave. Receio que não consigamos entrar. Mellberg não ficaria muito contente se um dos seus agentes fosse apanhado em flagrante a entrar por uma janela.

Erica suspirou profundamente e agachou-se para tactear debaixo do tapete. Com um sorriso trocista mostrou a chave a Patrik e depois abriu a porta e deixou-o entrar primeiro.

Alguém tinha concertado a caldeira; a temperatura no interior era agora bastante mais quente do que no exterior, e ambos tiraram os casacos e penduraram-nos no cabide junto das escadas que conduziam ao primeiro andar.

– E agora, que fazemos? – Erica cruzou os braços e olhou inquisitoriamente para Patrik.

– Pouco tempo depois das sete e um quarto, quando estava a falar ao telefone com a mãe, Alex ingeriu uma grande quantidade de sedativos. Não havia sinais de alguém ter forçado a entrada, por isso tudo aponta

para que Alex tenha recebido a visita de alguém seu conhecido. Alguém que teve então a oportunidade de lhe dar os sedativos. E como é que essa pessoa conseguiu fazê-lo? Bem, devem ter comido ou bebido alguma coisa juntos.

Patrik estava a andar de um lado para o outro na sala de estar enquanto falava. Erica sentou-se no sofá e observou-o com interesse.

– Na verdade – parou e ergueu o dedo indicador –, o médico-legista conseguiu dizer-nos a última coisa que Alex comeu, baseando-se no conteúdo do estômago dela. E que foi que Alexandra comeu na noite do homicídio? De acordo com o ML, o estômago dela continha caldeirada de peixe e sidra. No caixote do lixo foi encontrada uma embalagem de caldeirada de peixe *Findus* e havia uma garrafa de sidra vazia sobre a bancada da cozinha, portanto isso parece bater certo. O que parece um pouco estranho é terem encontrado, no frigorífico, dois grandes bifes do lombo, e no forno um prato de batatas congeladas. Mas o forno não estava ligado, e o prato de batatas ainda estava por cozinhar. Havia também uma garrafa de vinho branco sobre a bancada da cozinha. Estava aberta e faltavam cerca de quinze centilitros, o que corresponde a cerca de um copo.

Patrik mediu a quantidade entre o polegar e o indicador.

– Mas não foi encontrado vinho no estômago de Alex – Erica estava inclinada para a frente com os cotovelos apoiados nos joelhos a ouvir atentamente.

– Pois, exactamente. Como estava grávida, deve ter bebido sidra em vez de vinho, mas a questão é: quem bebeu o vinho?

– Havia louça suja?

– Sim, havia um prato, um garfo e uma faca com restos da caldeirada de peixe agarrados. Também havia dois copos no lavatório. Um deles estava cheio de impressões digitais, de Alex. Mas não havia impressões no outro copo.

Patrik calou-se novamente e sentou-se na poltrona voltada para Erica.

Estendeu as pernas compridas e cruzou as mãos sobre a barriga.

– O que deve querer dizer que alguém limpou as impressões digitais do copo – disse Erica.

Estava a sentir-se incrivelmente inteligente, ali sentada a debitar

deduções, e Patrik era suficientemente bem-educado para tentar fazer parecer que ainda não pensara naquilo tudo antes.

– Sim, é o que parece. Como o interior dos copos tinha sido lavado, não encontrámos resíduos de sedativos em nenhum deles, mas o meu palpite é que Alex os tomou com a sidra.

– Mas, porque comeria Alex caldeirada de peixe sozinha quando tinha um jantar fantástico de bifes para duas pessoas a ser preparado na cozinha?

– Sim, essa é realmente a questão. Porque iria uma mulher pôr de lado um festim para, em vez disso, aquecer qualquer coisa no microondas?

– Porque Alex planeara um jantar romântico para dois, mas o namorado não chegou a aparecer.

– Esse também é o meu palpite. Alex esperou, e foi esperando, mas depois acabou por desistir e atirou qualquer coisa do frigorífico para o microondas. Percebo perfeitamente. Não tem muita graça comer bifes sozinho.

– Anders veio mesmo cá vê-la, por isso dificilmente era dele que Alex estava à espera. E que tal o pai da criança? – disse Patrik.

– Sim, parece o mais plausível. Que tragédia. Alex preparou aqui o melhor jantar do mundo e pôs vinho a refrescar no frigorífico, talvez para celebrar a existência do bebé, quem sabe, e depois o tipo não aparece. Por isso, fica aqui sentada numa espera interminável. A questão é: quem apareceu em vez dele?

– Não podemos descartar a pessoa de quem Alex estava à espera – disse Patrik. – Pode ter acabado por aparecer mais tarde do que o previsto.

– Sim, tens razão. Oh, isto é tão frustrante! Se ao menos as paredes pudessem falar – Erica olhou em torno da sala.

Era uma sala muito agradável. Parecia nova e fresca. No ar ainda se conseguia sentir um cheiro a tinta. A pintura das paredes era uma das preferidas de Erica, azul-claro com uma nota de cinzento, num contraste nítido com o branco dos caixilhos das janelas e das mobílias. Uma sensação de calma preenchia a sala e fazia com que lhe apetecesse recostar a cabeça no sofá e fechar os olhos. Vira aquele sofá na House em Estocolmo, mas com os seus rendimentos apenas podia sonhar com ele. Era grande e fofo, e parecia transbordar pelos cantos.

O mobiliário moderno e as antiguidades coexistiam numa combinação de extremo bom gosto. Alex deve ter encontrado as antiguidades durante o restauro da casa de Gotemburgo. A maioria do mobiliário antigo era do estilo Gustaviano²¹, das décadas de 70 e 80 do século XVIII. Erica agradeceu à IKEA o facto de conseguir identificar o estilo. Desejara frequentemente poder comprar um par de peças das reproduções da IKEA baseadas precisamente naquele estilo. Soltou um profundo e invejoso suspiro, e depois lembrou-se do motivo que os levava ali. O que suprimiu rapidamente qualquer sentimento de inveja.

– Então, o que estás a dizer é que alguém que Alex conhecia, o amante ou outra pessoa qualquer, veio aqui, beberam um copo juntos e depois alguém colocou um sedativo no copo de sidra dela? – disse Erica.

– Sim, é o cenário mais plausível.

– E depois, que aconteceu? Que achas que se passou depois disso? Como é que Alex foi parar à banheira?

Erica afundou-se ainda mais no sofá e colocou os pés sobre a mesa de apoio. Tinha mesmo de poupar para comprar um sofá daqueles. Por um momento ocorreu-lhe, que se vendesse a casa dos pais, teria dinheiro suficiente para comprar todas as mobílias que quisesse. Afastou instantaneamente a ideia.

– Acho que o assassino esperou que Alex adormecesse, despiu-a e arrastou-a para a casa de banho.

– Porque achas que o assassino a arrastou em vez de a levar ao colo?

– O relatório da autópsia mostrou que tinha arranhões nos calcanhares e escoriações sob os antebraços.

Patrik

endireitou-se

repentinamente

na

poltrona

e

olhou

esperançosamente para Erica.

– Posso experimentar uma coisa?

– Depende do que for – disse Erica com cepticismo.

– Estava a pensar que podias fingir-te de vítima de homicídio.

– Ah, muito obrigada. Achas mesmo que o meu talento como actriz é suficiente para tamanho esforço? – Erica riu-se, mas levantou-se prontamente.

– Não, não, senta-te outra vez. O cenário provável é que se tenham sentado aqui e que Alex tenha adormecido no sofá. Por isso, poderias fazer o favor de te tornares um ser inanimado?

Erica resmungou, mas deu o seu melhor para agir como uma pessoa inconsciente. Quando Patrik começou a puxá-la, Erica abriu um olho e disse:

– Espero que não estejas também a pensar tirar-me a roupa.

– Oh, não, de forma alguma, claro que não, não era essa a minha intenção, quer dizer... – Patrik gaguejou e corou.

– Tudo bem, estava a gozar. Força, assassina-me lá.

Erica sentiu-o a arrastá-la pelo chão depois de afastar um pouco a mesa de apoio. Começou por tentar arrastá-la, puxando-a pelos pulsos, mas, quando isso não resultou, agarrou-a pelas axilas e arrastou-a para a casa de banho.

De repente, Erica teve perfeita consciência do seu peso. Patrik devia pensar que ela pesava meia tonelada. Tentou fazer um pouco de batota e empurrou, para não parecer tão pesada, mas Patrik repreendeu-a. Devia ter seguido a dieta da Weight Watchers mais à letra nas últimas semanas. Para ser sincera, nem sequer tentara segui-la; em vez disso, tinha-se rendido totalmente à alimentação reconfortante. Para cúmulo, quando Patrik a arrastou, o *top* subiu, e um traçoeiro pneu ameaçou sobressair da sua cintura. Erica tentou encolher a barriga com uma inspiração profunda, mas viu-se logo forçada a expirar passado um segundo.

O chão de ladrilhos da casa de banho fazia-lhe frio nas costas e Erica tremeu involuntariamente, mas não só por causa do frio. Depois de Patrik a ter arrastado até à banheira, baixou-a cuidadosamente.

– Bom, correu suficientemente bem. Um pouco difícil, mas não impossível. E Alex pesava menos que tu.

«Muito obrigada por essa», pensou Erica, enquanto permanecia deitada no chão e tentava discretamente esticar o *top* para tapar a barriga.

– Agora o assassino só precisava de colocá-la dentro da banheira.

Fez um movimento para erguer os pés de Erica, mas esta levantou-se rapidamente e afastou-se.

– Não, Patrik, recuso-me a continuar com isto. Já fiquei com nódoas negras suficientes para um dia. E não vou entrar na banheira onde Alex foi encontrada, disso podes ter a certeza, bolas!

Patrik aceitou os protestos de Erica com relutância. Saíram da casa de banho e regressaram à sala.

– Depois de o assassino ter colocado Alex dentro da banheira, bastou-lhe pôr a água a correr e depois cortar-lhe os pulsos com uma lâmina de barbear que estava numa bolsa no armário dos medicamentos. A seguir, tudo o que o assassino teve de fazer foi apagar o seu próprio rasto. Lavar os copos e limpar as impressões digitais de um deles. Entretanto, Alex sangrava lentamente até à morte na casa de banho. De uma frieza verdadeiramente incrível.

– E a caldeira? Já estava desligada quando Alex chegou a Fjällbacka?

– Sim, é o que parece. O que, para nós foi uma sorte. Teria sido muito mais difícil recolher quaisquer provas do corpo se este tivesse ficado à temperatura ambiente durante uma semana inteira. Por exemplo, provavelmente teria sido impossível distinguir as impressões digitais de Anders.

Erica estremeceu. A ideia de recolher impressões digitais de um cadáver era um pouco macabra de mais para o seu gosto.

Juntos, revistaram o resto da casa. Erica demorou-se a vasculhar o quarto de Alex e Henrik mais pormenorizadamente, uma vez que a sua visita anterior fora abruptamente interrompida. Mas não encontrou mais nada.

Continuava com a sensação de que faltava algo, e irritava-a não conseguir perceber o que era. Decidiu falar a Patrik, que estava tão frustrado como ela. Com satisfação, viu que Patrik ficou igualmente

preocupado quando ela lhe contou sobre o intruso e como tinha sido obrigada a esconder-se no guarda-fatos.

Patrik suspirou e sentou-se na borda da enorme cama de quatro colunas, a tentar ajudá-la a descortinar o que procurava na sua memória.

– Era uma coisa pequena ou grande?

– Não sei, Patrik, provavelmente era uma coisa pequena, senão eu teria reparado, não achas? Se a cama de quatro colunas tivesse desaparecido, por

exemplo, o mais certo era eu ter reparado – sorriu e sentou-se ao lado dele.

– Mas em que parte do quarto estava? Junto à porta? Por cima da cama?

Na cómoda?

Patrik manuseava um pedacinho de couro que encontrara na mesa-de-cabeceira de Alex. Parecia ser uma espécie de insígnia de um clube, com uma inscrição impressa no couro com letra infantil: «O.T.M. 1976.»

Quando o virou, viu umas manchas indistintas que pareciam ser de sangue seco antigo. Questionou-se de onde teria vindo.

– Não sei o que era, Patrik. Se soubesse, não estava para aqui sentada a arrancar os cabelos.

Olhou de relance para o perfil de Patrik. Tinha umas pestanas maravilhosamente compridas e escuras. A sua barba curta era perfeita.

Tinha o comprimento suficiente para que fosse sentida como lixa suave, mas era suficientemente curta para não arranhar desconfortavelmente.

Perguntou a si própria como seria senti-la contra a sua pele.

– Que foi? Tenho alguma coisa na cara?

Patrik limpou a boca nervosamente. Erica afastou rapidamente os olhos, atrapalhada por ele a ter apanhado a olhá-lo fixamente.

– Não é nada. Era um pedacinho de chocolate. Já saiu.

Houve um momento de silêncio.

– Bem, que dizes, não vamos conseguir adiantar mais nada, não achas? –

disse por fim Erica.

– Pois, provavelmente não. Mas ouve, liga-me logo que descobrires o que falta. Se é suficientemente importante para alguém vir aqui procurá-lo, também deve sê-lo para a investigação.

Trancaram a porta cuidadosamente e Erica voltou a colocar a chave debaixo do tapete.

– Queres boleia para casa?

– Não, obrigada, Patrik, vou aproveitar o passeio.

– Então, até amanhã à noite – Patrik apoiava-se ora num pé ora noutro, sentindo-se como um jovem absurdo de quinze anos.

– Certo, encontramo-nos às oito. Traz apetite – disse Erica.

– Vou tentar. Mas não posso prometer nada. Por enquanto, parece que nunca mais vou voltar a ter fome – Patrik sorriu enquanto dava uma pancadinha na barriga e indicava com a cabeça a casa de Dagmar Petrén do outro lado da rua.

Erica sorriu e acenou quando Patrik se foi embora no seu *Volvo*. Já sentia a expectativa a agitar-se dentro dela, misturada com insegurança, ansiedade e medo puro.

Começou a dirigir-se para casa, mas não andara mais do que uns quantos metros quando se deteve. Uma ideia surgira do nada, e tinha de a testar antes de poder libertar-se dela. Com passos determinados, regressou à casa, retirou a chave de debaixo do tapete e voltou a entrar depois de ter cuidadosamente sacudido a neve dos sapatos.

Que faria uma mulher à espera de um homem que nunca mais aparecia para um jantar romântico? Telefonar-lhe-ia, claro! Erica pediu a Deus que Alex tivesse um telefone moderno e não tivesse aderido à moda de comprar um telefone *Cobra* dos anos 50 ou que ainda possuísse um velho modelo de baquelite. Estava com sorte. Um *Doro* novinho em folha estava pendurado na parede da cozinha. Com os dedos a tremer, carregou no botão do último número marcado e fez figas para que ninguém tivesse utilizado o telefone depois da morte de

Alex.

O telefone tocou, e tocou. Após vários toques, quando Erica estava prestes a desligar o gravador de chamadas foi accionado. Ouviu a mensagem, mas desligou antes do sinal sonoro. Ficou pálida. Erica pousou o auscultador lentamente. Quase conseguia ouvir o ruído na sua cabeça à medida que as peças do *puzzle* se encaixavam. De repente, soube exactamente o que faltava no quarto do andar de cima.

Mellberg fervia de raiva. Caminhou pela esquadra, furioso. Se tivessem podido, os funcionários da esquadra de Tanumshede ter-se-iam abrigado debaixo das suas secretárias. Mas os adultos não faziam essas coisas, por isso tinham de suportar um dia inteiro de maldições ferozes, repreensões e puros e simples insultos. E Annika teve de carregar a maior parte daquele fardo. Mesmo apesar de ter desenvolvido uma dura carapaça depois de Mellberg se ter tornado seu chefe, pela primeira vez em muito tempo sentiu-se à beira das lágrimas. Por volta das quatro da tarde estava farta.

Saiu do trabalho e foi até à loja Konsum comprar um grande copo de gelado. Depois foi para casa, ligou a televisão na Glamour TV e deixou que as lágrimas escorressem para o gelado de chocolate. Era um daqueles dias.

Mellberg estava louco por ter sido obrigado a libertar Anders Nilsson.

Sentia em todos os ossos do corpo que Anders era o assassino de Alex

Wijkner e se tivesse tido mais tempo a sós com ele ter-lhe-ia arrancado a verdade. Em vez disso, tinha sido obrigado a libertá-lo por causa da sacana de uma testemunha que afirmava tê-lo visto chegar a casa pouco tempo antes da série *Separate Worlds* ter começado a passar na televisão. Isso fazia com que Anders estivesse em casa, no seu apartamento, por volta das sete da noite, e Alex tinha falado com Birgit às sete e um quarto. Que maldição.

E depois havia aquele agente novo, Patrik Hedström. Não parava de debitar uma série de ideias estranhas de que fora outro que não Anders Nilsson que assassinara a mulher. Não, se havia alguma coisa que tinha aprendido em todos os seus anos na Polícia, era que, quase sempre, tudo era exactamente o que parecia ser. Sem motivos ocultos, sem tramas complicadas. Apenas ralé que tornava a vida pouco segura para os cidadãos honestos. «Encontra a ralé e encontras o criminoso» era o seu lema.

Marcou o número do telemóvel de Patrik.

– Onde diabo está você? – não havia lugar para delicadezas. – Está sentado num lado qualquer a tirar cotão do umbigo ou quê? Aqui na esquadra trabalha-se. A fazer horas extraordinárias. Não sei se está familiarizado com este fenómeno? Caso não esteja, também posso tratar das coisas para não ter de se preocupar mais com isso. Pelo menos, não aqui.

Sentia o estômago mais aconchegado quando tinha a oportunidade de pressionar um pouco aquele arrogante. Tinha de mantê-los com rédea curta, ou aqueles jovens sacanas tornar-se-iam demasiado convencidos.

– Quero que vá ter com uma testemunha que afirma que Anders Nilsson estava em casa às sete da noite. Pressione-a, torça-lhe um pouco o braço e veja o que consegue descobrir... Sim, AGORA, raios.

Mellberg atirou o auscultador para o descanso, grato pelas circunstâncias da vida que o tinham colocado em posição de fazer com que outras pessoas levassem a cabo o trabalho sujo. De repente, a vida parecia bastante mais radiosa. Mellberg recostou-se na cadeira, abriu a gaveta de cima e retirou uma embalagem de pequenos chocolates. Com os dedos curtos como salsichas, tirou um do pacote, levou-o à boca e deleitou-se, repleto de felicidade. Depois de o comer, tirou outro. Os homens esforçados como ele precisavam de combustível.

Patrik já ia a caminho de Tanumshede, por Grebbestad, quando Mellberg

telefonou. Encostou junto do campo de golfe de Fjällbacka e virou o carro na direcção oposta. Suspirou profundamente. Estava a fazer-se tarde e tinha muito que fazer na esquadra. Não devia ter ficado tanto tempo em Fjällbacka, mas Erica exercia sobre ele uma atracção particularmente forte.

Era como ser sugado para um campo magnético; tinha de recorrer tanto à força física como à força de vontade para se libertar. Outro suspiro profundo. Aquilo só podia acabar de uma forma: mal. Não tinha sido assim há tanto tempo que ultrapassara o fim da relação com Karin, e agora já estava a dirigir-se a toda a velocidade para nova fonte de sofrimento.

Aquilo era autodestruição. O processo de divórcio demorara um ano.

Passara muitas noites em frente ao televisor a olhar estupidamente para séries de alta qualidade como *Walker*, *o Ranger do Texas* e *Missão Impossível*. Até a *TV Shopping* lhe parecera melhor alternativa a estar

deitado sozinho às voltas na cama de casal, enquanto as imagens de Karin na cama com outro homem tremeluziam como uma telenovela. E, no entanto, a atracção que sentira por Karin no início não fora nada quando comparada com a atracção que agora sentia por Erica. A lógica sussurrava-lhe com maledicência ao ouvido: será que a queda não vai ser ainda maior?

Conduzia demasiado depressa, como era habitual, nas últimas curvas apertadas antes de Fjällbacka. Aquele caso estava a começar a mexer-lhe com os nervos. Descarregou a frustração no carro e correu mesmo perigo de morte quando acelerou na última curva antes da colina que descia até ao local onde em tempos ficava o velho silo. Agora tinha sido demolido, e no seu lugar havia casas e cabanas de pescadores construídas em estilo antiquado. Os preços rondavam um par de milhões de coroas por casa; Patrik nunca deixava de se espantar com a quantidade de dinheiro que uma pessoa tinha de ter para conseguir comprar uma casa de veraneio àqueles preços.

Um motociclista apareceu na curva, vindo do nada, e Patrik teve de se desviar, aterrado. O coração batia-lhe apressadamente, e ele abrandou para um pouco abaixo do limite de velocidade indicado. Fora por pouco. Uma olhadela pelo espelho retrovisor, confirmou que o motociclista seguia na sua moto e estava capaz de prosseguir a viagem.

Patrik continuou a conduzir sempre em frente, passou o campo de minigolfe e seguiu até ao cruzamento junto da estação de serviço. Aí, virou à esquerda, para os blocos de apartamentos. Reflectiu uma vez mais sobre o

aspecto horrivelmente feio dos edifícios. Construções castanhas e brancas dos anos 60, como enormes cubos atirados para perto da entrada sul de Fjällbacka. Questionou-se quanto à lógica do arquitecto que os desenhara.

Teria tentado construir os edifícios mais feios possíveis, como experiência?

Ou tinha-se estado nas tintas? Aparentemente, os prédios eram o resultado do frenesim de construir um milhão de unidades habitacionais nos anos 60.

«Casas para todos.» Pena não terem pensado em: «Casas bonitas para todos.»

Estacionou o carro e dirigiu-se à primeira entrada, a número cinco. A

escadaria conduzia ao apartamento de Anders, mas igualmente ao apartamento da testemunha, Jenny Rosén. Viviam dois lanços acima. Patrik estava ofegante quando alcançou o patamar certo e lembrou-se de que ultimamente andava a fazer muito pouco exercício e a comer demasiado bolo. Não que alguma vez tivesse sido um praticante de exercício físico exemplar, mas nunca lhe custara assim tanto.

Parou por um segundo à porta de Anders e escutou. Não se ouvia qualquer som. Das duas uma, não estava em casa ou tinha caído para o lado.

A porta de Jenny ficava do lado direito e mesmo em frente da porta de Anders. Jenny trocara a placa original por outra em madeira, feita à mão e com os nomes: «Jenny e Max Rosén» escritos em letras ornamentadas emoldurados com rosas decorativas. Portanto, Jenny era casada.

Jenny telefonara para a esquadra a dar o seu testemunho, de manhã bem cedo, e Patrik esperava que ainda estivesse em casa. Não tinha estado em casa no dia anterior, quando eles bateram a todas as portas do prédio, mas tinham-lhe deixado um cartão a pedir que telefonasse para a esquadra. Era por isso que só agora tinham recebido a informação sobre o regresso de Anders a casa na noite de sexta-feira em que Alex morreu.

A campainha ecoou pelo apartamento, logo seguida pelo grito agudo de uma criança. Ouviram-se passos no corredor, e Patrik sentiu, embora não visse, alguém a espreitá-lo pelo orifício da porta. Uma corrente de segurança foi retirada e a porta abriu-se.

– Sim?

Foi recebido por uma mulher acompanhada de uma criança de cerca de um ano. Era muito magra e o cabelo era de um louro quase branco. Pela cor das raízes, a sua cor natural devia estar algures entre o castanho-escuro e o preto, o que era confirmado por um par de olhos cor de avelã. Não tinha

maquilhagem e parecia cansada. Usava umas calças de fato de treino gastas, folgadas nos joelhos, e uma *T-shirt* com um grande logótipo *Adidas* na parte da frente.

– Jenny Rosén?

– Sim, sou eu. Qual é o assunto?

– Chamo-me Patrik Hedström, e sou da polícia de Tanumshede. A senhora telefonou-nos esta manhã e eu gostaria de falar um pouco consigo sobre a informação que nos forneceu.

Patrik falou em voz baixa para não ser ouvido no apartamento do outro lado do patamar.

– Entre – Jenny afastou-se para que Patrik pudesse entrar.

O apartamento era pequeno, um estúdio, e decididamente não vivia lá nenhum homem. Pelo menos nenhum com mais de um ano de idade. O

apartamento era uma explosão de cor-de-rosa. Tudo era cor-de-rosa. Os tapetes, a toalha da mesa, as cortinas, os candeeiros – tudo. As rosáceas eram novamente um tema popular, e estavam presentes em candeeiros e castiçais, numa profusão que era ao mesmo tempo extravagante e supérflua.

Nas paredes havia fotografias que enfatizavam ainda mais a disposição romântica da ocupante. Fotografias propositadamente desfocadas de rostos femininos com aves a esvoaçarem por perto. Por cima da cama havia até uma fotografia de uma criança a chorar.

Sentaram-se num sofá de pele branco e, Deus seja louvado, Jenny não lhe ofereceu café. Já tinha tomado bastante naquele dia. Sentou o filho no colo, mas a criança contorceu-se para se libertar do abraço dela. Por isso pô-lo no chão, onde ficou a vacilar nas suas pernas ainda pouco estáveis.

Patrik ficou surpreendido por Jenny ser tão nova. Ainda não devia ter vinte anos, calculou que tivesse dezoito. Mas sabia que nas terras pequenas não era invulgar as raparigas terem um ou dois filhos antes dos vinte. Como chamava Max ao menino, concluiu que o pai não vivia com eles. Isso também não era invulgar. Era frequente que as relações entre adolescentes não sobrevivessem ao *stress* de um bebé.

Patrik sacou o bloco-notas.

– Portanto, foi na sexta-feira, na semana anterior à última, dia vinte e cinco, que viu Anders Nilsson chegar a casa às sete da noite? Como é que tem tanta certeza das horas?

– Nunca perco a série *Separate Worlds* na televisão. Começa às sete, e foi

pouco antes dessa hora que ouvi uma grande agitação lá fora. Nada de invulgar, tenho de admitir. Há sempre grande animação em casa de Anders.

Os amigos de bebedeira dele entram e saem a qualquer hora, e às vezes também aparece a polícia. Mesmo assim fui espreitar pelo orifício da porta, e então vi-o. Bêbedo que nem um cacho, a tentar abrir a porta, mas a fechadura tinha de ter mais um metro de largura para que a encontrasse.

Acabou por conseguir abrir a porta e entrou, e foi então que ouvi o tema musical de *Separate Worlds* e que fui a correr para a televisão.

Jenny estava a mastigar nervosamente um caracol do seu cabelo comprido. Patrik reparou que as unhas dela estavam mordidas até ao sabugo. Havia vestígios de verniz rosa-choque no que lhe restava das unhas.

Com passo seguro, Max conseguira contornar a mesa de apoio na direcção de Patrik, e depois apoderou-se triunfantemente de uma perna das suas calças.

– Upa, upa, upa – tagarelou Max. Patrik olhou para Jenny interrogativamente.

– Claro, pegue nele. Parece ter gostado de si.

Patrik ergueu desajeitadamente o rapazinho, sentou-o no joelho e deu-lhe o seu porta-chaves para brincar. A criança radiava como o Sol. Fez um grande sorriso a Patrik e mostrou dois dentes da frente que pareciam dois pequenos grãos de arroz. Patrik retribuiu-lhe o sorriso amplo. Sentiu um tremor no peito. Se as coisas tivessem sido diferentes, poderia agora ter um filho seu sentado no joelho. Deu uma palmadinha afectuosa na cabeça felpuda de Max.

– Que idade tem o rapazinho?

– Onze meses. Dá-me que fazer, acredite.

O rosto de Jenny iluminou-se de ternura quando olhou para o filho. Patrik nem sequer conseguia imaginar a quantidade de trabalho que daria ser-se mãe solteira na idade dela. Devia estar fora de casa a divertir-se e a viver a vida com os amigos. Em vez disso, passava as noites a mudar fraldas e a fazer a lida da casa. Como que a ilustrar as tensões que lhe iam na alma, tirou um cigarro de um maço que estava sobre a mesa e acendeu-o. Deu uma passa enorme e plena de prazer, e

depois estendeu o maço a Patrik.

Este abanou a cabeça. Tinha uma opinião bem definida quanto a fumar na mesma divisão em que estava um bebé, mas o problema era de Jenny, não dele. Pessoalmente, não conseguia perceber como podia alguém estar

sentado a chupar algo tão malcheiroso como um cigarro.

– Mas será que Anders não entrou e depois voltou a sair?

– As paredes são tão finas neste prédio que se consegue ouvir um alfinete a cair no patamar. Toda a gente que aqui vive sabe exactamente quem entra e sai, e quando. Tenho a certeza de que Anders não voltou a sair.

Patrik percebeu que não iria muito mais longe. Por mera curiosidade, perguntou:

– Qual foi a sua reacção quando soube que Anders era suspeito de homicídio?

– Pensei que era uma grande treta. – A rapariga deu mais uma longa passa e expeliu o fumo em anéis. Patrik teve de se conter para não dizer nada sobre o perigo que corriam os fumadores passivos. No joelho de Patrik, Max estava completamente ocupado a chuchar no seu porta-chaves.

Segurava-o entre os seus dedinhos gorduchos e, de vez em quando, olhava para Patrik como que a agradecer-lhe o empréstimo daquele brinquedo fantástico.

Jenny prosseguiu:

– Claro que Anders é um destroço do caraças, mas não seria capaz de matar ninguém. É um tipo decente. De vez em quando toca à minha campainha para me pedir um cigarro e, esteja sóbrio ou bêbedo, é sempre correcto. Até já o deixei a tomar conta de Max algumas vezes quando tive de ir à pressa ao supermercado. Mas apenas quando estava completamente sóbrio. Nunca de outra forma. – Jenny apagou o cigarro num cinzeiro a transbordar de beatas.

«Na verdade, não tenho nada de mal a dizer de nenhum dos bebedolas daqui. São apenas pobres diabos sem sorte que consomem a vida a beber juntos. Apenas fazem mal a eles próprios.

Atirou a cabeça para trás para tirar o cabelo do rosto e estendeu novamente o braço para o maço de cigarros. Os dedos dela estavam amarelados da nicotina, e era óbvio que aquele cigarro lhe sabia tão bem como o primeiro. Patrik estava a começar a sentir-se incomodado com o fumo e pensava que não iria obter mais nenhuma informação útil de Jenny.

Max protestou quando foi devolvido à mãe.

– Obrigado pela sua ajuda. É provável que tenhamos de cá voltar.

– Bem, eu estou sempre por aqui. Não vou a parte nenhuma.

O cigarro estava agora a consumir-se lentamente no cinzeiro, e o fumo encaracolava-se na direcção de Max, que semicerrou os olhos, incomodado.

Ainda estava a mastigar o porta-chaves e olhou para Patrik como que a desafiá-lo a tirar-lho. Patrik deu cautelosamente um puxão, mas os dentes de grãos de arroz eram incrivelmente fortes. As chaves já estavam cobertas de baba, e era difícil agarrá-las. Tentou puxar com um pouco mais de força e recebeu um resmungo zangado em resposta. Jenny, habituada a lidar com essas situações, agarrou o porta-chaves firmemente e conseguiu tirá-lo a Max e entregá-lo a Patrik. Max gritou a plenos pulmões para mostrar o seu descontentamento sobre a forma como a situação fora resolvida. Patrik segurou o porta-chaves entre o polegar e o indicador e tentou discretamente limpá-lo às calças antes de voltar a colocá-lo no bolso Jenny e um Max aos gritos seguiram-no até à porta. A última coisa que Patrik viu antes da porta ser fechada foi o rosto de Max, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces. Voltou a sentir uma dor algures nas profundezas do seu coração.

A casa era agora demasiado grande para ele. Henrik deambulava de divisão em divisão. Tudo naquela casa lhe recordava Alexandra. Ela adorara cada centímetro daquela casa e cuidara dela com amor. Por vezes, Henrik pergantara a si próprio se Alex se casara por causa dela. Foi apenas quando a levou lá que a relação deles se tornou séria. Para Alex. Quanto a Henrik, levava tudo a sério desde a primeira vez que a viu, no encontro para estudantes estrangeiros da universidade. Alta e loura, Alex tinha uma aura de indiferença que o atraiu mais do que qualquer outra coisa na sua vida inteira. Nunca desejara tanto algo como desejara Alex. E Henrik estava habituado a ter tudo o que quisesse.

Os pais estavam demasiado preocupados com as suas próprias vidas

para terem tempo de se dedicarem à vida dele. As horas que não eram ocupadas com os negócios tinham sido devoradas por intermináveis eventos sociais.

Bailes de caridade, festas e jantares com sócios. Henrik tinha de ficar obedientemente em casa com a ama. A recordação mais intensa que tinha da mãe era o seu perfume quando lhe dava um beijo de boa noite, com os pensamentos já embrenhados numa qualquer festa sofisticada. Como forma de compensação, bastava a Henrik apontar para qualquer coisa para a obter.

Nenhum bem material lhe fora alguma vez negado, mas era-lhe dado com indiferença, da mesma forma que uma pessoa abstraída acaricia um cão que

implora a sua atenção.

Alex fora a primeira coisa na vida de Henrik que não bastou pedir para obter. Alex era inacessível e teimosa, e, como tal, irresistível. Cortejara-a obstinada e intensamente. Rosas, jantares, presentes e elogios. Não se poupava a esforços. E Alex deixara-se relutantemente cortejar e envolver num relacionamento. Não sob protesto – Henrik nunca a teria podido obrigar –, mas com indiferença. Foi apenas quando a levou a casa em Gotemburgo, naquele primeiro Verão, e quando entraram naquela casa, ali, na ilha de Särö, que Alex se começou a empenhar na relação. Corresponhia aos abraços de Henrik com uma intensidade recém-descoberta e ele estava mais feliz do que nunca. Casaram nesse mesmo Verão, na Suécia, depois de se conhecerem apenas há alguns meses. Depois de regressarem a França, para o último ano da faculdade e para a formatura, voltaram de vez para a casa de Särö.

Agora que recordava, apercebeu-se de que a única vez que a vira realmente feliz fora quando ela estava a renovar a casa. Sentou-se numa das enormes poltronas *Chesterfield*²² da biblioteca, recostou a cabeça e fechou os olhos. Imagens de Alex tremeluziram-lhe na mente como num velho filme em Super 8. Sentiu o couro fresco e tenso sob as mãos e seguiu com o indicador o caminho serpenteante de um rasgão causado pelo tempo.

O que recordava melhor eram as diferentes formas de sorrir de Alex.

Quando encontrava uma mobília para a casa exactamente como a que procurara, ou quando arrancava papel de parede antigo com uma faca e descobria que o papel original debaixo daquele estava em bom

estado, aí o sorriso dela era aberto e genuíno. Quando Henrik lhe beijava a nuca ou lhe acariciava a face, ou lhe dizia quanto a amava, Alex também sorria, às vezes. Mas nem sempre. Então, o sorriso dela era um sorriso que Henrik acabou por vir a detestar, um sorriso distante, preocupado. Depois, Alex afastava-se sempre e Henrik conseguia ver os segredos dela a esquivarem-se como pequenas cobras, mesmo debaixo da superfície.

Henrik nunca fizera quaisquer perguntas. Por pura cobardia. Tivera medo de iniciar uma reacção em cadeia com cujas consequências não estava preparado para lidar. Pelo menos era preferível tê-la fisicamente a seu lado, na esperança de que um dia Alex fosse plenamente sua. Estava preparado para a possibilidade de ela nunca vir a ser completamente sua, mas pelo menos assegurar-se-ia de que possuiria uma parte dela. Um fragmento de

Alex era suficiente. Amava-a a esse ponto.

Olhou em redor da biblioteca. Os livros que cobriam todas as paredes, os quais Alex localizara laboriosamente em todos os alfarrabistas de Gotemburgo, estavam ali apenas para impressionar. Com excepção dos textos universitários, não conseguia lembrar-se de alguma vez a ter visto ler um livro. Talvez a dor dela lhe bastasse e não precisasse de ler sobre a dor alheia.

Para Henrik, a gravidez era o mais difícil de aceitar. Sempre que falava em filhos, Alex abanava veementemente a cabeça. Não queria trazer crianças a um mundo parecido com aquele, dissera a Henrik.

Henrik aceitara o facto de existir outro homem. Sabia que Alex não ia tão ansiosamente de carro para Fjällbacka todos os fins-de-semana para estar sozinha, mas conseguia suportar isso. A vida sexual deles morrera há mais de um ano. Também conseguia suportar isso. Até conseguiria aprender a suportar a morte dela, com o tempo. O que não podia aceitar era que Alex tivesse estado pronta a carregar o filho de outro homem quando tinha recusado carregar o seu.

Era isso que o atormentava durante a noite. Banhado em suor, agitava-se e virava-se entre os lençóis sem esperança de conseguir dormir. Tinham-lhe aparecido círculos escuros sob os olhos e perdera vários quilos. Sentia-se como um elástico que ia esticando cada vez mais, e que mais cedo ou mais tarde atingiria um ponto em que se quebraria com um estalo. Até aí sofrera sem lágrimas, mas agora, Henrik Wijkner inclinou-se para a frente, pôs o rosto entre as mãos e chorou.

16 Carl Larsson (1853-1919), pintor e decorador de interiores sueco.
(N. do T.)

17 Espécie de *donut*. (N. do T.)

18 Cadeira de estilo colonial de origem inglesa criada no século XVIII.
É um dos clássicos do *design*.

(N. do T.)

19 Principal cadeia sueca de retalho alimentar. (N. do T.)

20 Monte com 74 m de altura situado em Fjällbacka. (N. do T.)

21 A versão sueca do estilo Neoclássico. Deve o seu nome a Gustavo III, coroado em 1771, e

caracteriza-se pela simplicidade, funcionalidade e o predomínio das cores claras como o branco. (N.

do T.)

22 Estilo de poltronas e sofás em couro criado em Inglaterra cerca do século XVIII. (N. do T.)

5

AS ACUSAÇÕES, AS PALAVRAS DURAS, OS INSULTOS ESCOAVAM-SE DELE

COMO ÁGUA. O QUE ERAM VÁRIAS HORAS DE INSULTOS QUANDO

COMPARADAS COM ANOS DE CULPA? O QUE ERAM VÁRIAS HORAS DE

INSULTOS QUANDO COMPARADAS COM A VIDA SEM A SUA PRINCESA DE

GELO?

RIU-SE PERANTE AS TENTATIVAS PATÉTICAS DE FAZER COM QUE ACEITASSE A CULPA. NÃO VIA MOTIVO PARA O FAZER. E, ENQUANTO NÃO VISSE MOTIVO

PARA O FAZER, ELES NÃO TERIAM ÊXITO.

MAS TALVEZ ELA TIVESSE ESTADO CERTA. TALVEZ TIVESSE

FINALMENTE

CHEGADO O DIA DO AJUSTE DE CONTAS. AO CONTRÁRIO DELA, SABIA QUE O

JULGAMENTO NÃO VIRIA VESTIDO DE CARNE HUMANA. A ÚNICA COISA CAPAZ DE O JULGAR ERA ALGO SUPERIOR À HUMANIDADE, MAIOR QUE A CARNE, MAS IGUAL À ALMA. «A ÚNICA COISA CAPAZ DE ME JULGAR É

AQUELA QUE CONSEGUE VER A MINHA ALMA», PENSOU.

ERA ESTRANHA, A FORMA COMO EMOÇÕES COMPLETAMENTE OPOSTAS

PODIAM COMBINAR-SE NUM SENTIMENTO ABSOLUTAMENTE NOVO. O AMOR E

O ÓDIO TRANSFORMAVAM-SE EM INDIFERENÇA. A VINGANÇA E O PERDÃO

TRANSFORMAVAM-SE EM DETERMINAÇÃO. A TERNURA E A AMARGURA TORNAVAM-SE EM SOFRIMENTO, UM SOFRIMENTO TÃO GRANDE QUE PODIA ESMAGAR UM HOMEM. PARA ELE, ELA FORA SEMPRE UMA INCRÍVEL

MISTURA DE LUZ E ESCURIDÃO. UM ROSTO DE JANUS²³ QUE ORA JULGAVA ORA COMPREENDIA. ÀS VEZES ELA COBRIA-O DE BEIJOS APAIXONADOS, APESAR DA REPULSA DELE. OUTRAS, OFENDIA-O E ODIAVA-O PELO MESMO

MOTIVO. NOS OPOSTOS NÃO SE CONSEGUIA ENCONTRAR DESCANSO NEM

PAZ.

A ÚLTIMA VEZ QUE A VIU FOI QUANDO MAIS A AMOU. FINALMENTE ELA ERA COMPLETAMENTE SUA. FINALMENTE ELA PERTENCIA-LHE TOTALMENTE, PARA QUE FIZESSE DELA O QUE QUISESSE. PARA SER AMADA OU ODIADA.

SEM A OPORTUNIDADE DE, UMA VEZ MAIS, ELA RESPONDER AO AMOR DELE

COM A SUA INDIFERENÇA.

ANTES, FORA COMO AMAR UM VÉU. UM VÉU ILUSÓRIO,

TRANSPARENTE E

SEDUTOR. DA ÚLTIMA VEZ QUE A VIU, O VÉU TINHA PERDIDO A SUA MÍSTICA, E TUDO O QUE RESTAVA ERA A CARNE. PELA PRIMEIRA VEZ PENSOU

QUE PODIA SABER QUEM ELA ERA. TOCARA OS SEUS MEMBROS RÍGIDOS E

CONGELADOS E SENTIU A ALMA QUE AINDA SE AGITAVA DENTRO DA SUA PRISÃO DE GELO. NUNCA A AMARA TANTO COMO A AMARA ENTÃO. AGORA CHEGARA O MOMENTO DE ELE IR AO ENCONTRO DO SEU DESTINO. ESPERAVA QUE O DESTINO VIESSE A MOSTRAR-SE CLEMENTE. MAS NÃO ACREDITAVA QUE ISSO ACONTECESSE.

23 Divindade romana bicéfala, que com uma cabeça contemplava o passado e com a outra avistava o

futuro. (*N. do T.*)

O TELEFONE ACORDOU-A. Não eram horas para se telefonar a ninguém.

– Erica Falck.

– Olá, sou eu, Anna – o tom de voz dela era cauteloso.

«E tem motivos para isso», pensou Erica.

– Olá – Erica não tencionava perdoá-la facilmente.

– Como tens passado? – Anna estava a caminhar cuidadosamente em terreno minado.

– Bem, obrigada. E tu?

– Também. Está tudo bem. Como vai o livro?

– Aos altos e baixos. Mas pelo menos está a andar. Está tudo bem com as crianças? – Erica decidiu apaziguar um pouco as coisas.

– Emma está muito constipada, mas as cólicas de Adrian parecem estar a melhorar. Por isso, agora sempre consigo dormir uma hora por noite. –

Anna deu uma gargalhada, mas Erica julgou ouvir uma sugestão de

amargura. Houve um momento de silêncio. – Sabes, temos de falar sobre a casa.

– Sim, também acho – agora era a vez de Erica ser amarga.

– Temos de a vender, Erica. Se não consegues comprar a nossa parte, então teremos de a vender.

Como Erica não respondeu, Anna continuou a balbuciar nervosamente:

– Lucas falou com o agente imobiliário e ele acha que devemos estabelecer o preço de oferta em três milhões. São três milhões, Erica, consegues imaginar o que isso é? Com o milhão e meio da tua parte podias escrever em paz e sossego sem teres de te preocupar com as contas. Não deve ser fácil para ti ganhar a vida como escritora. Que tiragens consegues em cada livro? Dois mil? Três mil? E, provavelmente, não ganhas muitas coroas por livro, pois não? Não percebes, Erica, esta também é a tua grande oportunidade. Sempre disseste que querias escrever um romance. Com este dinheiro podes escrevê-lo à vontade. O agente acha que devíamos esperar pelo menos até Abril ou Maio para mostrar a casa, para obtermos o lucro máximo, mas depois de a pormos na lista deve vender-se em poucas semanas. Compreendes que temos de fazer isto, não é?

A voz de Anna era implorante, mas Erica não estava bem-disposta. A descoberta que fizera no dia anterior mantivera-a desperta e preocupada durante metade da noite. Em geral, sentia-se traída e irritadiça.

– Não, não compreendo, Anna. Esta é a casa dos nossos pais. Crescemos aqui. A mamã e o papá compraram esta casa quando eram recém-casados.

Adoravam esta casa. E eu também a adoro, Anna. Não podes fazer isto.

– Mas o dinheiro...

– Quero lá saber da merda do dinheiro! Tenho-me aguentado bem até agora, e tenciono continuar a fazê-lo – Erica estava agora tão zangada que a voz lhe tremia.

– Mas, Erica, tens de compreender que não me podes obrigar a manter a casa se eu não quiser. De qualquer maneira, metade dela pertence-me.

– Se tu fosses a única pessoa a querer fazer isto, pensaria que era muito, muito triste, mas aceitaria o teu ponto de vista. O problema é que eu sei que são as opiniões de outra pessoa que estou a ouvir. Lucas é que quer fazer isto, não és tu. A questão é se tu sabes realmente o que queres. Sabes?

Erica nem sequer se preocupou em esperar pela resposta de Anna.

– E eu recuso-me a deixar que a minha vida seja controlada por Lucas Maxwell. O teu marido é um monte de merda! E tu, raios te partam, devias vir aqui ajudar-me a escolher as coisas da mamã e do papá. Há semanas que ando a tratar disso, a tentar organizar tudo, e ainda vou a meio. Não é justo ter de ser eu a fazer tudo sozinha! Se estás tão presa ao fogão que nem sequer te é permitido ajudar a tratar da propriedade dos teus pais, então devias pensar seriamente se é assim que queres viver o resto da tua vida.

Erica desligou o telefone com tanta força que este quase voou da mesa-de-cabeceira. Estava tão furiosa que tremia.

Em Estocolmo, Anna estava sentada no chão com o telefone na mão.

Lucas estava a trabalhar e as crianças dormiam, por isso aproveitara a oportunidade para telefonar a Erica, agora que tinha algum tempo para si própria. Era uma conversa que tinha estado a adiar há vários dias, mas Lucas tinha estado incessantemente a pressioná-la para telefonar a Erica sobre a casa. E Anna acabou finalmente por aceder.

Anna sentiu-se despedaçada em mil bocados, todos a serem impulsionados para direcções diferentes. Anna adorava Erica e também adorava a casa em Fjällbacka. O que Erica não compreendia era que ela

tinha de pôr a sua própria família em primeiro lugar. Não havia nada que não estivesse preparada para fazer ou para sacrificar pelos filhos, e se isso implicasse fazer Lucas feliz à custa da relação com a irmã, então assim seria. Emma e Adrian eram o único motivo para continuar a viver neste mundo. Se ao menos conseguisse fazer Lucas feliz, tudo daria certo. Sabia-o. Era por Anna ser tão difícil e por não fazer o que ele queria que Lucas era obrigado a ser tão duro com ela. Se pudesse dar-lhe aquele presente, sacrificar a casa dos pais por ele, então Lucas compreenderia quanto Anna estava disposta a fazer por ele e pela família. E tudo ficaria bem outra vez.

Mas algures dentro dela uma voz dizia algo completamente diferente.

Anna deixou cair a cabeça e chorou, e com as lágrimas afogou aquela voz desmaiada. Deixou o telefone caído no chão.

Irritada, Erica pontapeou as cobertas e girou as pernas sobre a borda da cama. Lamentou as palavras duras que dissera a Anna, mas já estava irritada, e a falta de sono fê-la perder a cabeça completamente. Tentou ligar a Anna de volta, mas o telefone estava ocupado.

– Merda!

Pontapeou injustamente o banco em frente do toucador, mas, em vez de se sentir melhor, magoou de tal maneira o dedo do pé que ficou para ali a saltitar só num pé, a gritar e a agarrar o dedo dorido. Duvidava de que mesmo um parto fosse tão doloroso como aquilo. Quando a dor finalmente diminuiu, subiu para a balança, embora soubesse que não o deveria fazer.

Sabia que não devia, mas a masoquista dentro dela obrigou-a ir confirmar.

Despiu a *T-shirt* com que dormira. Fazia sempre pesar uns quantos gramas a mais, e chegou a ponderar se as cuecas fariam alguma diferença.

Provavelmente não fariam. Subiu primeiro com o pé direito, mas manteve algum do seu peso sobre o pé esquerdo ainda no chão. Gradualmente, transferiu o peso para o pé direito e, quando o ponteiro atingiu sessenta quilos desejou poder deixá-lo ficar assim. Mas não podia. Quando por fim acabou por colocar todo o seu peso sobre a balança, esta marcou cruelmente setenta e três. Certo. Como temera, engordara mais de um quilo. Calculara que tinha apenas um a mais, mas a balança mostrou dois quilos e tal a mais desde a última vez que se pesara, ou seja, na manhã em que encontrara Alex.

Desde então, Erica sentira que era completamente desnecessário pesar-se.

Não porque não tivesse sentido na cintura o aumento de peso, mas, enquanto não fosse totalmente evidente, a negação era uma companhia bem-vinda. A humidade no guarda-fatos ou o encolhimento devido a um excesso de temperatura de lavagem serviram-lhe de desculpa inúmeras vezes no passado. Agora parecia um caso perdido e era um bom motivo para cancelar o jantar com Patrik nessa noite. Quando o viu quis sentir-se *sexy*, bonita e elegante, não inchada e gorda. Olhou com tristeza para a barriga e tentou encolhê-la o mais possível. Era inútil. Olhou-se de perfil ao espelho de

corpo inteiro e dessa vez tentou esticar a barriga o mais possível.

Ali estava. Aquela era a imagem que combinava com o que estava a sentir naquele momento.

Com um suspiro, vestiu umas calças de fato de treino folgadas com uma cintura elástica complacente e voltou a vestir a *T-shirt* com que dormira.

Prometeu a si mesma que, na segunda-feira, voltaria a fazer qualquer coisa em relação ao peso. Começar naquele momento não adiantava nada, já tinha planeado servir um jantar de três pratos, e tinha de admitir: «Se queremos deslumbrar um homem com os nossos cozinhados, então, as natas e a manteiga são ingredientes indispensáveis.» Além disso, segunda-feira era um bom dia para começar uma nova vida. Pela centésima vez prometeu solenemente a si mesma que iria começar a fazer exercício na segunda-feira e que seguiria a sua dieta da Weight Watchers. Mas não nesse dia.

Problema era o que quase a deixara morta de preocupação no dia anterior.

Passara em revista todas as opções, ponderando o que deveria fazer, mas não encontrou qualquer solução. De repente ficara a saber algo que desejava sinceramente nunca ter descoberto.

Começou a sentir o aroma agradável do café vindo da cafeteira eléctrica, e a vida pareceu-lhe um pouco mais luminosa. Era fantástico o que um pouco daquela bebida quente conseguia fazer. Encheu uma chávena e bebeu o café sem açúcar com grande prazer, encostada ao balcão da cozinha.

Nunca fora grande adepta de pequenos-almoços; aquilo ia permitir-lhe poupar algumas calorias para o jantar.

Quando a campainha tocou, Erica ficou tão surpreendida que entornou um pouco de café na *T-shirt*. Praguejou em voz alta e perguntou a si própria quem poderia ser àquelas horas da manhã. Olhou de relance para o relógio da cozinha. Oito e meia. Pousou a chávena e abriu a porta. Ali, no alpendre, estava Julia Carlgren, a agitar os braços para se manter quente.

– Olá! – a voz de Erica era inquisidora.

– Olá – dito isto, Julia permaneceu em silêncio.

Erica questionou-se sobre o que estava a irmã mais nova de Alex a fazer no seu alpendre tão cedo, numa terça-feira de manhã, mas a sua boa educação levou a melhor e Erica convidou-a a entrar.

Julia marchou energicamente para o interior da casa, pendurou o casaco e o cachecol e seguiu Erica até à sala de estar.

– Acha que posso tomar uma chávena desse café maravilhoso cujo aroma estou a sentir?

– Ah, claro, vou buscar-lhe uma chávena.

Longe do olhar de Julia, na cozinha, Erica encheu uma chávena de café e girou os olhos. Havia algo de errado naquela rapariga.

Erica entregou a chávena a Julia e convidou-a a sentar-se no sofá de vime da varanda. Beberam o café em silêncio. Erica decidiu esperar que ela falasse primeiro. Teria de ser Julia a abordar o assunto e explicar porque estava ali. Passaram alguns minutos tensos até Julia começar a falar.

– Agora está a viver aqui?

– Na verdade, não. Vivo em Estocolmo, mas estou aqui para resolver assuntos relacionados com a casa.

– Sim, eu soube. Lamento.

– Obrigada. As minhas condolências para si também.

Julia deu uma estranha risadinha que Erica achou surpreendente e inapropriada. Lembrou-se do documento que encontrara no cesto de papéis em casa de Nelly Lorentz e perguntou a si própria como encaixar as peças umas nas outras.

– Deve estar a questionar-se por que estou aqui – Julia fitou Erica com o seu olhar estranho e firme. Quase nunca pestanejava.

Erica ficou mais uma vez chocada por Julia ser diametralmente o oposto da irmã mais velha. A pele estava repleta de cicatrizes de acne, e parecia ter cortado o seu próprio cabelo com uma tesoura das unhas sem se ver ao espelho. Havia alguma coisa pouco saudável na aparência dela. Uma palidez doentia tinha-se instalado sobre a sua pele como uma película lodosa cinzenta. E também não parecia partilhar o interesse de Alex por roupas. A sua indumentária parecia ter sido comprada em lojas para velhinhas reformadas. As roupas

estavam o mais longe possível do estilo actual, sem contudo passarem a linha e parecerem trajes de carnaval.

– Tem fotografias de Alex?

– Desculpe? – Erica ficou surpreendida com aquela pergunta directa. –

Fotografias? Sim, julgo que tenho. E bastantes, até. O papá adorava tirar fotos e tirou-nos muitas quando éramos miúdas. Alex vinha cá tantas vezes que provavelmente aparece numa série de fotografias.

– Será que eu posso vê-las? – Julia olhou para Erica acusadoramente, como que a repreendê-la por ainda não ter ido buscar as fotografias. Grata por uma desculpa para poder furtar-se ao olhar penetrante de Julia por uns momentos, Erica foi buscar os álbuns de fotografias.

Os álbuns estavam numa arca no sótão. Ainda não tinha tido oportunidade de fazer a limpeza nessa parte da casa, mas sabia exactamente onde estava a arca. Todas as fotografias da família estavam guardadas no seu interior; Erica estremecera perante a ideia de se sentar a revê-las. Uma grande parte das fotografias estava em pilhas por catalogar, mas sabia que aquelas que procurava tinham sido cuidadosamente colocadas em álbuns.

Folheou-os sistematicamente, a começar pelo topo do maço. No terceiro álbum, encontrou o que procurava. O quarto álbum também tinha fotografias de Alex e, agarrando ambos os álbuns, desceu cautelosamente as escadas do sótão.

Julia estava sentada exactamente na mesma posição. Perguntou a si própria se Julia se tinha mantido imóvel enquanto ela se ausentara.

– Aqui está algo que deve interessá-la.

Erica estava sem fôlego. Deixou cair os álbuns de fotografias com tanta força em cima da mesa de apoio que levantou pó.

Julia começou avidamente a examinar o primeiro álbum e Erica sentou-se junto dela no sofá para descrever o que estava nas fotografias.

– Quando foi tirada esta?

Julia apontava para a primeira fotografia de Alex que encontrou, duas páginas depois do início do álbum.

– Deixe-me ver. Esta deve ser de... 1974. Sim, acho que é mesmo.

Tínhamos uns nove anos nessa altura, julgo eu.

Erica passou um dedo sobre a fotografia e sentiu um forte aperto no estômago. Tinha sido há tanto tempo. Erica e Alex estavam nuas no jardim num dia quente de Verão. Se a sua memória não a atraía, tinham ficado nuas por terem estado a correr de um lado para o outro, a brincar com a água que esguichava da mangueira do jardim. O que parecia um pouco

estranho em relação à fotografia era o facto de Alex estar a usar mitenes de Inverno.

– Porque tem Alex as mitenes postas? Isto parece passar-se em Julho, ou assim – Julia voltou um rosto espantado para Erica, que deu uma gargalhada ao recordar-se.

– A sua irmã adorava essas mitenes e insistia em usá-las, não apenas durante todo o Inverno mas também durante grande parte do Verão. Era teimosa como uma mula e ninguém a conseguia convencer a largar o raio dessas mitenes horríveis.

– Sabia o que queria, não era?

Julia olhou para a fotografia no álbum com uma expressão quase terna.

Mas esta desapareceu no segundo seguinte e ela passou impacientemente para outra página.

Para Erica, as fotografias pareciam relíquias de uma outra vida. Tinha sido há tanto tempo, e acontecera tanta coisa desde então. Às vezes parecia que os anos de infância passados com Alex não passavam de um sonho.

– Éramos mais como irmãs do que amigas. Passávamos juntas todas as horas em que estávamos acordadas, e também dormíamos muitas vezes em casa uma da outra. Todos os dias comparávamos notas sobre o que havia para o jantar e depois escolhíamos a casa com a melhor refeição.

– Por outras palavras, comiam aqui muitas vezes – pela primeira vez, um sorriso assomou aos lábios de Julia.

– Sim, diga-se o que se disser da sua mãe, é certo que nunca teria

conseguido ganhar a vida com os seus cozinhados.

Uma fotografia em especial chamou a atenção de Erica. Tocou nela suavemente. Era uma fotografia incrivelmente bonita. Alex estava sentada na popa do barco de Tore a rir à gargalhada. O cabelo louro esvoaçava-lhe em redor do rosto, e a silhueta de Fjällbacka inteira estendia-se por detrás dela. Deviam estar a caminho de uma saída para nadar sob a luz do Sol nos rochedos. Tinha havido muitos dias como esse. Como era habitual, a mãe não os tinha acompanhado. Desculpava-se sempre com uma série de assuntos sem importância que tinha de resolver, e preferia ficar em casa.

Era sempre a mesma coisa. Erica podia facilmente contar pelos dedos de uma mão as excursões que tinham incluído a mãe, Elsy. Deu uma risada quando viu uma fotografia de Anna na mesma viagem de barco. Como era habitual, estava a fazer macacadas; naquela fotografia, Anna estava

temerariamente suspensa do lado de fora da amurada e fazia caretas para a máquina.

– É a sua irmã?

– Sim, a minha irmã mais nova, Anna.

O tom de Erica soou cortante, indicando que não queria falar mais daquele assunto. Julia percebeu a mensagem e continuou a folhear o álbum com os dedos curtos e gordos. As unhas estavam roídas até ao sabugo. Em alguns dedos, roera tanto as unhas que havia feridas na pele que as rodeava.

Erica obrigou-se a desviar o olhar dos dedos feridos de Julia e olhou para as fotografias que ela ia passando rapidamente.

Perto do final do segundo álbum, Alex deixou repentinamente de aparecer nas fotografias. Era um contraste bastante notório. Antes, tinha estado em todas as páginas; agora já não havia mais fotografias dela. Julia empilhou cuidadosamente os álbuns sobre a mesa de café e recostou-se a um canto do sofá com a chávena nas mãos.

– Quer café quente? Esse já deve ter arrefecido.

Julia olhou para a chávena e constatou que Erica tinha razão.

– Sim, se tiver mais, agradeço.

Entregou a chávena a Erica, que estava feliz por poder esticar um pouco as pernas. O sofá de vime era bonito de se ver, mas, depois de ter estado sentada nele durante algum tempo, as costas e o traseiro estavam a protestar. As costas de Julia pareciam partilhar da mesma opinião, pois a rapariga levantou-se e seguiu Erica até à cozinha.

– Foi um funeral muito bonito. E também estavam muitos amigos na recepção em sua casa.

Erica ficou de costas para Julia e deitou café quente nas chávenas. Um murmúrio reservado foi a única resposta que obteve. Erica decidiu bisbilhotar um pouco.

– A Julia e Nelly Lorentz pareciam conhecer-se bastante bem. Como é que se conheceram?

Erica conteve a respiração. A folha que encontrara no cesto de papéis em casa de Nelly fazia com que estivesse muito curiosa quanto à resposta de Julia.

– O papá trabalhou para Nelly – respondeu Julia relutantemente. Pôs um dedo na boca sem sequer parecer estar consciente de o fazer e começou a roê-lo freneticamente.

– Sim, mas isso deve ter sido muito antes de a Julia ter nascido... – disse Erica, ainda à pesca de informações.

– Trabalhei um Verão na fábrica de conservas quando era mais nova – respondeu Julia.

As respostas de Julia ainda continuavam a sair como dentes arrancados.

Parara de morder as unhas apenas durante o tempo necessário para responder.

– Pareciam estar a dar-se bem.

– Bem, creio que Nelly vê em mim algo que mais ninguém vê – o sorriso dela era amargo e introspectivo. De repente, Erica sentiu muita compaixão por Julia. A vida como patinho feio deve ter sido difícil. Permaneceu calada e, após algum tempo em silêncio, encorajou Julia a prosseguir.

– Na verdade, passávamos aqui todos os Verões. No Verão depois do

oitavo ano, Nelly telefonou ao papá e perguntou-lhe se eu não queria ganhar algum dinheiro extra a trabalhar no escritório. Era uma proposta difícil de recusar, portanto acabei por trabalhar lá todos os Verões até entrar para a escola superior de educação.

Erica percebeu que aquela resposta deixava bastante por dizer. Mas teria de servir. Também percebeu que não conseguiria extrair-lhe muito mais sobre a relação dela com Nelly. Sentaram-se novamente no sofá da varanda e bebericaram o café em silêncio. Ambas fitavam com olhar vazio o gelo que se estendia em direcção ao horizonte. Foi Julia quem quebrou o silêncio.

– Deve ter sido difícil para si quando a mamã, o papá e Alex se mudaram para longe.

– Sim, e não. Já não brincávamos uma com a outra nessa altura, por isso claro que foi triste, mas não tão dramático como teria sido se ainda fôssemos as melhores amigas.

– Que aconteceu? Porque deixaram de conviver uma com a outra?

– Isso gostava eu de saber.

Erica estava espantada por a recordação ainda conseguir doer-lhe tanto.

Por ainda conseguir sentir tão intensamente a perda de Alex. Tinham passado tantos anos desde então e, provavelmente, era regra e não excepção as melhores amigas de infância deixarem de se dar uma com a outra. Talvez por não ter havido um fim natural e, sobretudo, nenhuma explicação. Não tiveram qualquer desentendimento, Alex não encontrou uma nova melhor

amiga; não aconteceu nada do que normalmente destrói uma amizade. Alex recolheu-se simplesmente atrás de um muro de indiferença e desapareceu sem ter dito uma palavra que fosse.

– Discutiram por algum motivo?

– Não, que eu saiba não. Por algum motivo, Alex apenas se desinteressou.

Deixou de me telefonar e deixou de me perguntar se eu queria estar com ela. Se eu propusesse algo ela não dizia que não, mas eu conseguia perceber que lhe era completamente indiferente. Por isso acabei por deixar de lhe perguntar.

– Alex encontrou novos amigos com quem passava o tempo?

Erica questionou-se do porquê de todas aquelas perguntas sobre ela própria e Alex, mas não se importava de reviver recordações antigas. Talvez as pudesse utilizar no livro.

– Nunca a vi com mais ninguém. Na escola estava sempre metida consigo mesma. E, no entanto...

– O quê? – Julia inclinou-se avidamente para a frente.

– Ainda tive a sensação de que havia alguém. Mas podia estar errada. Era só uma sensação.

Julia assentiu pensativamente. Erica teve a sensação de apenas ter confirmado algo que Julia já sabia.

– Desculpe a pergunta, mas porque quer saber tanta coisa do tempo em que eu e Alex éramos miúdas?

Julia evitou olhar Erica nos olhos. A resposta foi evasiva:

– Alex era muito mais velha do que eu, e já tinha saído do país quando eu nasci. Além disso, nós éramos mesmo diferentes. Acho que nunca cheguei a conhecê-la. E agora é tarde. Procurei fotografias dela em casa, mas quase não temos nenhuma. Foi por isso que pensei em si.

Erica sentiu que a resposta de Julia era tão inverosímil que se podia classificar como uma mentira, mas aceitou-a relutantemente.

– Bem, agora tenho de ir andando. Obrigada pelo café.

Julia levantou-se abruptamente e dirigiu-se à cozinha para colocar a sua chávena de café no lava-louça. De repente, Julia estava cheia de pressa para se ir embora. Erica acompanhou-a à porta.

– Obrigada por me ter deixado ver as fotografias. Foi muito importante para mim.

Depois desapareceu.

Erica permaneceu à entrada durante muito tempo a vê-la afastar-se. Uma figura cinzenta e informe que se apressava pela rua abaixo com os braços bem juntos ao corpo como protecção contra o frio penetrante. Erica fechou lentamente a porta e voltou para o calor da sua casa.

Patrik já não se sentia assim tão nervoso há muito tempo. A sensação no estômago era ao mesmo tempo maravilhosa e assustadora.

O monte de roupas por cima da cama crescia à medida que experimentava mais um conjunto. Sentia que todas as roupas que ia vestindo pareciam demasiado fora de moda, demasiado desleixadas, demasiado elegantes, demasiado conservadoras ou simplesmente

demasiado feias. Além disso, quase todas as calças estavam demasiadamente apertadas na cintura. Com um suspiro, atirou mais um par de calças para o monte e sentou-se na borda da cama de *boxers*. Perdeu imediatamente toda a sensação de expectativa em relação a tudo, e sentiu em grande a boa e velha ansiedade. Talvez fosse melhor telefonar a desmarcar.

Deitou-se na cama e olhou para o tecto com as mãos cruzadas atrás da cabeça. A cama de casal que partilhara com Karin ainda lhe pertencia, e agora Patrik acariciava com a mão o lado dela da cama num acesso de sentimentalismo. Só há pouco tempo começara a virar-se para o lado dela da cama durante o sono. Na verdade, devia ter comprado uma cama nova logo que Karin se mudara, mas ainda não conseguira aceitar o facto.

Apesar de toda a tristeza que sentiu quando Karin o deixou, questionava-se por vezes se era de Karin que sentia falta ou antes da ilusão que tivera do casamento enquanto instituição. O pai deixara a mãe por outra mulher quando Patrik tinha dez anos. O divórcio que se seguiu fora de partir o coração, e Patrik e a irmã mais nova, Lotta, tinham sido as principais vítimas. Prometera a si mesmo que nunca seria infiel, mas acima de tudo que nunca, mas nunca se divorciaria. Por isso, quando Patrik e Karin tinham casado, há cinco anos, na igreja de Tanumshede, não duvidara por um segundo de que o casamento duraria para sempre. Mas a vida quase nunca corre como se imagina. Karin e Leif andavam a encontrar-se nas costas dele há mais de um ano quando Patrik os apanhara. Que merda de clássico.

Um dia, Patrik saía do trabalho mais cedo e voltara para casa por não se estar a sentir bem, e ali estavam eles no quarto. Na cama onde agora estava deitado. Talvez houvesse um masoquista algures dentro dele. Senão, como

explicar por que ainda não se tinha livrado da cama? Mas agora tudo fazia parte do passado. Já não importava.

Levantou-se da cama, ainda inseguro quanto a querer ou não ir a casa de Erica nessa noite. Queria, mas ao mesmo tempo não queria. De um só golpe, um ataque de baixa auto-estima destruíra a sensação de expectativa que sentira o dia inteiro, e mesmo durante toda a semana. Mas era demasiado tarde para escusar-se, por isso não tinha grande escolha.

Quando finalmente encontrou umas calças de algodão que lhe assentavam bem na cintura e vestiu uma camisa azul acabada de

engomar, sentiu-se subitamente um pouco melhor. E voltou a estar ansioso por essa noite. Um toque de gel fez com que o cabelo parecesse apropriadamente desordenado e, depois de um aceno de boa sorte ao seu reflexo no espelho, sentiu-se preparado para o encontro.

Apesar de serem apenas sete e meia da noite, lá fora estava escuro como breu, e a neve que caía levemente dificultava a visibilidade enquanto conduzia em direção a Fjällbacka. Patrik saía com tempo e não precisava de se apressar. Os seus pensamentos em relação a Erica foram brevemente afastados pelos acontecimentos dos dias anteriores no emprego. Mellberg não tinha ficado satisfeito por Patrik não ter conseguido mais do que comprovar que a testemunha, Jenny, a vizinha de Anders, parecia ter a certeza do que vira. Anders parecia realmente ter um álibi para o período temporal crucial. Apesar de isso não ter provocado nele a mesma irritação que em Mellberg, não podia negar que sentia um certo desespero. Tinham passado três semanas desde que o corpo de Alex fora encontrado e não estavam mais perto de uma solução do que nessa altura.

Agora, o importante era não desesperar completamente. Tinham de se reagrupar e começar tudo do princípio. Cada pista, cada declaração, por mais vaga que fosse, tinha de ser analisada com outros olhos. Patrik fez uma lista mental daquilo em que precisava de trabalhar no dia seguinte. A prioridade máxima era descobrir quem era o pai da criança da qual Alex estava grávida. Tinha de haver alguém em Fjällbacka que tivesse visto ou ouvido algo sobre a pessoa com quem Alex se encontrava aos fins-de-semana. Não que se pudesse descartar que Henrik pudesse ser o pai, e Anders continuava a ser um candidato possível. Apesar de, de algum modo, Patrik pensar que Alex não podia considerar Anders um candidato adequado para ser pai de um filho dela. Pensava que o que Francine contara

a Erica estava muito mais próximo da verdade. Havia alguém na vida de Alex que era muito, mas muito importante. Alguém que era suficientemente importante para Alex querer ter um filho seu – algo que não podia, ou não queria fazer com o marido.

O relacionamento sexual de Alex com Anders era também um assunto sobre o qual gostaria de saber mais. Que tinha uma mulher da alta sociedade de Gotemburgo a ver com um bêbedo vagabundo? Alguma coisa lhe dizia que, se descobrisse como se tinham cruzado os caminhos deles, descobriria muitas das respostas que procurava. E depois havia o artigo sobre o desaparecimento de Nils Lorentz. Na altura, Alex era uma criança.

Porque tinha ela um recorte de jornal com vinte e cinco anos escondido na gaveta de uma cómoda? Havia tantos fios tão emaranhados uns nos outros.

Patrik sentiu que estava a olhar para uma daquelas pinturas em que tudo parece ser um conjunto de pontos incoerentes, até se descontrair o olhar e ver emergir de repente uma forma com uma nitidez inesperada. O único problema era que Patrik não conseguia encontrar esse olhar perfeito para fazer com que os pontos formassem um padrão. Às vezes, nos momentos de maior fraqueza, interrogava-se se era suficientemente bom polícia para o encontrar. Talvez um assassino estivesse prestes a escapar, por ele não ser suficientemente competente.

Um veado saltou para a frente do carro, e Patrik foi abruptamente arrancado aos seus pensamentos pessimistas. Travou e conseguiu evitar o animal por uns escassos centímetros. O carro derrapou na estrada escorregadia e só parou depois de uns longos e aterradores segundos.

Depois, Patrik inclinou a cabeça sobre as mãos que estavam a segurar o volante e deixou que a pulsação normalizasse. Deixou-se ficar assim sentado durante alguns minutos. Seguidamente conduziu na direcção de Fjällbacka, mas só depois de alguns quilómetros a passo de caracol é que se atreveu a acelerar.

Quando subiu a colina coberta de areia em Sälvik, na direcção da casa de Erica, estava cinco minutos atrasados. Estacionou o carro atrás do de Erica na rampa de acesso e agarrou na garrafa de vinho que trouxera como oferta.

Um suspiro profundo, um último olhar ao cabelo no espelho retrovisor e estava pronto.

*

O monte de roupas sobre a cama de Erica era quase tão alto como o de Patrik, talvez um pouco maior. O guarda-fatos dela estava a começar a parecer vazio, e os cabides chocalhavam no varão. Suspirou profundamente. Nada assentava na perfeição. O peso adicional que na semana passada se lhe colara à figura fazia com que nenhuma peça de roupa lhe assentasse como teria querido. Ter-se pesado de manhã era algo de que se arrependia amargamente e que ainda amaldiçoava. Erica viu-se ao espelho de corpo inteiro com ar crítico.

O primeiro dilema surgira após o duche, quando, como a sua heroína

literária favorita, Bridget Jones, Erica foi confrontada com a decisão sobre que cuecas escolher. Deveria usar uma bela tanga ornamentada com renda, para a ténue probabilidade de acabarem por ir para a cama? Ou deveria vestir umas cuecas enormes e terrivelmente feias com apoio adicional para a barriga e as nádegas, as quais não iriam aumentar de todo as hipóteses de acabarem por ir para a cama. Era uma escolha difícil, mas, tendo em conta a saliência na sua barriga, decidiu-se, após muita deliberação, pelas cuecas grandes. Sobre elas usaria uns *collants* daqueles que disfarçam a barriga.

Por outras palavras, a artilharia pesada.

Olhou de relance para o relógio e apercebeu-se de que estava na altura de decidir. Depois de outra olhadela às roupas sobre a cama, puxou do fundo do monte a primeira peça que experimentara. O preto era adelgaçante, e o vestido clássico pelo joelho ao estilo de Jackie Kennedy favorecia a figura.

As suas únicas jóias seriam uns brincos de pérolas e o relógio de pulso, e Erica deixou o cabelo solto, caído sobre os ombros. Mirou novamente o seu perfil ao espelho e contraiu a barriga como teste. Certo, com a ajuda combinada de cuecas adelgaçantes, *collants* e respiração ligeiramente contida, estava francamente aceitável. Os quilos a mais nem eram uma coisa assim tão má, tinha de admiti-lo. Teria preferido passar sem os quilos que iam parar à barriga, mas aquele quilo que se distribuía pelos seios fazia com que um espaço bastante homogêneo se salientasse no seu decote. Com uma pequena ajuda de um sutiã acolchoado para levantar os seios, claro, mas tais ajudas eram praticamente universais nos dias que correm. E o sutiã que estava a usar era da tecnologia mais recente, com gel nas copas, o que dava ao busto um movimento igual ao real. Um testemunho esplêndido do progresso da ciência ao serviço da humanidade.

Experimentar todas aquelas roupas, juntamente com o *stress* emocional,

fizera-a transpirar e, com um suspiro profundo, lavou novamente as axilas.

A maquilhagem demorou-lhe quase meia hora a aperfeiçoar. Quando estava finalmente pronta, apercebeu-se de que demorara demasiado tempo a arranjar-se e que devia ter começado a cozinhar há muito tempo. Arrumou o quarto rapidamente. Teria demorado demasiado a pendurar todas as roupas, por isso Erica pegou pura e simplesmente no monte, atirou-o para o chão do guarda-fatos e fechou a porta. Por

via das dúvidas, fez a cama e olhou em redor para se certificar de que não havia cuecas usadas espalhadas pelo chão. Umas vulgares cuecas *Sloggi* sujas podiam suprimir o desejo de qualquer homem.

Ofegante, Erica desceu apressadamente as escadas na direcção da cozinha. O *stress* acumulado tinha-a deixado completamente confusa. Não fazia ideia de por onde começar.

Obrigou-se a parar e inspirar profundamente. Havia duas receitas sobre a mesa à sua frente, e Erica tentara planear o tempo necessário para cada uma delas. Não era uma grande *chef*, mas uma cozinheira bastante razoável, e tinha encontrado as receitas depois de ter passado em revista números atrasados da *Elle Gourmet*. A entrada seria panquecas de batata com *crème*

fraîche 24, caviar de peixe-lapa e chalotas cortadas em pequenos cubos. Para prato principal, Erica planeava lombo de porco assado envolto em massa fofa com um molho de vinho do Porto e puré de batata, e para a sobremesa *Gino*25 com gelado de baunilha. Felizmente, já tinha preparado a sobremesa durante a tarde, por isso podia riscá-la da lista. Decidiu pôr as batatas a cozer. Depois ralaria batatas cruas para a entrada.

Concentrou-se no trabalho durante hora e meia, e deu um salto quando a campainha tocou. O tempo passara demasiado depressa, e Erica esperava que Patrik não estivesse a rugir de fome, já que ainda faltava algum tempo para a comida estar pronta.

Estava a meio caminho da porta quando reparou que ainda tinha o avental vestido. A campainha voltou a tocar enquanto se debatia para desatar o nó triplo que dera nas costas. Conseguiu finalmente desfazê-lo, puxou o avental por cima da cabeça e atirou-o para uma cadeira no vestíbulo. Passou a mão pelo cabelo, lembrou-se de manter a barriga contraída e respirou profundamente antes de abrir a porta com um sorriso.

– Olá, Patrik. Bem-vindo! Entra.

Abraçaram-se brevemente e Patrik entregou-lhe uma garrafa de vinho embrulhada em papel de alumínio.

– Oh, obrigada, que bom!

– Sim, recomendam este na loja de bebidas estatal26. Vinho chileno.

Robusto e redondo com um traço de frutos vermelhos e uma nota de chocolate, ao que parece. Não sou conhecedor de vinhos, mas eles costumam saber do que falam.

– Tenho a certeza de que é excelente – Erica deu uma gargalhada calorosa e pousou a garrafa durante um momento na escrivaninha antiga do vestíbulo para poder ajudar Patrik a livrar-se do casaco.

– Entra. Espero que não estejas esfomeado. Como sempre, o meu planeamento foi demasiado optimista, por isso ainda falta um pouco até o jantar estar pronto.

– Não há problema, eu estou bem.

Patrik seguiu Erica até à cozinha com o vinho.

– Posso ajudar?

– Sim, podes tirar um saca-rolhas da gaveta de cima e abrir uma garrafa de vinho. Talvez possamos começar por provar o vinho que trouxeste.

Patrik obedeceu de bom grado. Erica colocou dois grandes copos de vinho sobre a bancada da cozinha e começou a agitar panelas e a verificar o progresso do que estava dentro do forno. Ainda faltava muito para o lombo de porco estar pronto e quando espetou as batatas, estas estavam apenas a meio da cozedura. Patrik passou-lhe um dos copos, agora cheio de vinho vermelho-escuro. Erica girou ligeiramente o copo para soltar o aroma do vinho, colocou o nariz bem dentro do copo e depois inalou com a boca fechada. A fragrância quente a carvalho foi absorvida através das narinas e parecia propagar-se pelo corpo todo até aos dedos dos pés. Delicioso. Erica provou-o cautelosamente, deixando que o vinho volteasse enquanto aspirava um pouco de ar pela boca. O sabor era tão agradável como o aroma, e Erica apercebeu-se de que Patrik gastara uma quantia considerável naquela garrafa.

Patrik olhou-a com expectativa.

– Fantástico!

– Sim, apercebi-me à última hora de que eras conhecedora. Infelizmente, eu não conseguiria distinguir um vinho em pacote, a cinquenta coroas, de outro que custa milhares.

– Claro que conseguias. Mas de qualquer forma é tudo uma questão de

hábito. E tens de levar tempo a provar um vinho como deve ser, em vez de o emborcar.

Com ar envergonhado, Patrik olhou para o copo de vinho que segurava na mão. Um terço já tinha desaparecido. Tentou imitar cuidadosamente o método de provar o vinho de Erica quando esta virou as costas para verificar qualquer coisa no forno. Realmente parecia um vinho completamente diferente. Deixou uma golada de vinho rebolar na boca como vira Erica fazer, e de repente apareceram sabores diferentes, sabores únicos. Patrik pensou mesmo que conseguia sentir uma leve nota de chocolate, chocolate negro, e um sabor bastante forte a frutos vermelhos, uvas pretas, talvez, misturadas com um pouco de morango. Incrível.

– Como é que está a correr a investigação? – Erica fez um esforço para fazer a pergunta casualmente, mas esperou ansiosamente pela resposta.

– Parece que, aparentemente, regressámos à estaca zero. Anders tem um álibi para a hora do crime e nós não temos muito por onde pegar, por enquanto. Infelizmente, podemos ter cometido um erro clássico. Permitimo-nos pensar que tínhamos a pessoa certa e deixámos de investigar outras possibilidades. Apesar de ter de concordar com o superintendente quando ele afirma que Anders se encaixa perfeitamente no papel de assassino de Alex. Um bêbedo que, por um motivo sem explicação, está a ter um relacionamento sexual com uma mulher que, de acordo com todas as regras, deveria estar fora, mesmo muito fora do alcance de um bebedor como Anders. Um crime passionai com o desenlace inevitável quando a sorte improvável finalmente acaba. As impressões digitais dele estão por todo o corpo e na casa de banho. Até encontrámos uma pegada dele na poça de sangue no chão.

– Mas isso não é prova suficiente?

Patrik girou o copo de vinho e olhou pensativamente para os remoinhos vermelhos que se formavam no seu interior.

– Se Anders não tivesse um álibi talvez fosse suficiente. Mas agora tem realmente um, para aquela que pensamos ser a hora provável do crime. E, como eu disse antes, aquilo não prova nada, excepto que Anders esteve na casa de banho *depois* do homicídio. Uma pequena diferença, mas importante, se quisermos uma acusação sólida.

O aroma que se espalhava pela cozinha era delicioso. Erica tirou do

frigorífico as panquecas que acabara de fritar levemente há pouco e

colocou-as no forno para aquecerem. Tirou dois pratos para entradas, abriu novamente o frigorífico e retirou uma embalagem de *crème fraîche* e um frasco de caviar de peixe-lapa. As chalotas estavam cortadas e prontas numa taça sobre a bancada. Erica estava intensamente consciente da proximidade de Patrik.

– Então, Erica, soubeste mais alguma coisa sobre a casa?

– Sim, infelizmente. O agente imobiliário telefonou-me ontem e propôs mostrarmos a casa durante as férias da Páscoa. Disse que Anna e Lucas pareciam pensar que era uma ideia brilhante.

– Ainda faltam uns meses para a Páscoa. Muita coisa pode acontecer até lá.

– Sim, posso sempre ter a esperança de que Lucas tenha um ataque cardíaco ou coisa parecida. Não, desculpa, eu não disse isto. É que fico tão furiosa! – Erica fechou a porta do forno com demasiada força.

– Hei! Não trates mal os electrodomésticos.

– Provavelmente vou ter de me habituar ao facto e começar a planear o que fazer com todo o dinheiro que vou receber com a venda. Apesar de ter de admitir que sempre pensei que me ia sentir mais feliz se me tornasse milionária.

– Quanto a isso, não tens de te preocupar. Com os impostos que se pagam neste país, provavelmente vais ter de gastar a maior parte dos teus rendimentos a financiar escolas péssimas e cuidados de saúde ainda piores.

Para não falar na força policial, incrível, fantástica e completamente mal paga. É provável que nós consumamos uma boa parte da tua fortuna, vais ver.

Erica não conseguiu evitar uma gargalhada.

– Bem, isso será maravilhoso. Assim, não terei de me preocupar se devo comprar um casaco de marta ou de raposa azul. Patrik, acredites ou não, a entrada já está pronta.

Pegou num prato em cada mão e conduziu Patrik à sala de jantar.

Ponderara se deveriam ir para a sala de jantar ou ficar na cozinha e

acabou por se decidir pela sala de jantar, com a sua bela mesa de madeira de abas rebatíveis, que parecia ainda mais bonita à luz das velas. Nada favorecia mais a aparência de uma mulher do que as velas, lera-o algures.

A mesa estava posta com talheres de prata, guardanapos de linho e pratos de entrada em porcelana de Rörstrand. A porcelana de Rörstrand, branca e

debruada a azul, era a melhor que a mãe possuía. Erica lembrava-se dos cuidados que a mãe sempre tivera com aqueles pratos. Apenas apareciam em ocasiões muito especiais. As quais não incluíam o aniversário das crianças ou qualquer coisa que tivesse que ver com elas, pensou Erica com amargura. À mesa da cozinha, a porcelana vulgar era suficientemente boa para elas. Mas, quando o pastor e a mulher ou o vigário ou o decano iam jantar lá a casa, então não se poupava em nada. Erica obrigou-se a regressar ao presente e colocou os pratos das entradas sobre a mesa, um em frente do outro.

– Tem um aspecto delicioso – Patrik cortou uma fatia de panqueca de batata, juntou uma generosa porção de chalotas, *crème fraîche* e caviar no garfo. Conseguiu erguê-lo a meio caminho da boca quando se apercebeu de que Erica estava sentada com o copo na mão e uma sobancelha erguida.

Com ar envergonhado, Patrik pousou o garfo e trocou-o pelo copo de vinho.

– *Skål*, bem-vindo!

– *Skål*.

Erica sorriu perante o *faux pas*²⁷ de Patrik. Era refrescante, em comparação com os homens que namorara em Estocolmo, todos tão bem-educados e conhecedores da etiqueta que mais pareciam clones. Comparado com eles, Patrik parecia uma pessoa de verdade, e na sua opinião até podia comer com as mãos, se lhe apetecesse; estava-se nas tintas. Além disso, Patrik ficava muito giro quando corava.

– Hoje tive uma visita inesperada.

– Ah, sim? Quem?

– Julia.

Patrik olhou para Erica, surpreendido. Esta estava contente por ver

que ele parecia estar com dificuldade em parar de comer.

– Não fazia ideia de que se conheciam – disse.

– Na verdade, não nos conhecemos. A primeira vez que nos encontrámos foi no funeral de Alex. Mas esta manhã Julia apareceu à minha porta.

– Que queria Julia?

Patrik rapou completamente o prato com tanta avidez que parecia estar a querer tirar a cor à porcelana.

– Julia pediu-me para lhe mostrar fotografias de quando eu e Alex éramos miúdas. Segundo ela, parece que a família não tem muitas fotografias; por isso, lembrou-se de que eu poderia ter. O que é verdade. Depois fez-me uma

série de perguntas acerca de quando éramos miúdas e coisas assim. As pessoas com quem falei disseram-me que as irmãs não eram muito chegadas, o que não é estranho, tendo em conta a diferença de idades.

Agora, Julia quer saber mais sobre Alex. Ficar a conhecê-la. Pelo menos foi essa a impressão com que fiquei. Por falar nisso, já conheceste Julia?

– Não, ainda não. Mas pelo que sei, elas não são, ou não eram, muito parecidas – disse Patrik.

– Não, de todo. Eram até diametralmente opostas, pelo menos de aparência. Ambas pareciam ser introvertidas, apesar de Julia ter um mau feitio que julgo que Alex não tinha. Alex parecia ser mais, como hei-de dizer... indiferente, pelo que ouvi das pessoas com quem falei. No mínimo, Julia parece zangada. Ou mesmo furiosa. Tenho a impressão de que há raiva a borbulhar e a ferver mesmo por debaixo da pele. Bastante vulcânica.

Um vulcão adormecido. Parece-te estúpido?

– Não, nada. Calculo que, enquanto autora, tenhas de saber avaliar as pessoas. De ter um conhecimento da natureza humana.

– Ora, não me chames autora. Acho que ainda não mereci esse título.

– Tens quatro livros publicados e não te consideras uma autora?

Patrik parecia não compreender de todo, e Erica tentou explicar o que

queria dizer.

– Bem, quatro biografias e a trabalhar na quinta. Não quero denegrir o meu trabalho, mas para mim uma autora é alguém que escreve algo vindo do seu próprio coração e do seu próprio cérebro, e que não se limita a descrever a vida de outras pessoas. No dia em que escrever algo que saia de mim, aí sim posso considerar-me uma autora.

Erica foi subitamente atingida pelo facto de aquilo não ser toda a verdade.

Visto de forma superficial, de acordo com aquela definição, não havia diferença entre as biografias que tinha escrito acerca de personalidades históricas e o livro que estava a escrever sobre Alex. Era igualmente sobre a vida de outra pessoa. No entanto, *era* de algum modo diferente. Primeiro, era inegável que a vida de Alex fizera uma tangente à sua própria vida e, depois, Erica podia expressar alguns dos seus próprios pontos de vista naquele livro. No quadro dos acontecimentos actuais, Erica podia até conduzir a alma do livro. Mas não podia explicar isso a Patrik. Ninguém podia saber que estava a escrever um livro sobre Alex.

– Então, Julia veio cá e fez-te uma série de perguntas sobre Alex.

Conseguiste falar com ela acerca de Nelly Lorentz?

Erica travou uma batalha intensa consigo própria e acabou por decidir que não ficava com a consciência tranquila se ocultasse aquela informação a Patrik. Talvez este, ao contrário dela, conseguisse tirar algumas conclusões daquilo. Era aquela peça pequena, mas essencial, do *puzzle* que Erica escolhera não revelar quando foi jantar a casa dele. Mas, como não tinha avançado muito mais desde então, não via motivo para continuar calada.

Mas primeiro tinha de servir o prato principal.

Erica levantou-se para recolher o prato dele, certificando-se de que se inclinava um pouco mais do que era habitual. Tencionava tirar o máximo partido dos trunfos que possuía. A julgar pela expressão de Patrik, aparentemente tinha três ases. Até aí, o seu *Wonderbra* mostrara que valera as 500 coroas que Erica investira nele. Mesmo apesar de lhe ter deixado uma espaço vazio considerável na carteira.

– Deixa-me ajudar-te – Patrik tirou-lhe os pratos das mãos e seguiu-a até à cozinha. Erica coou a água das batatas e encarregou-o de esmagá-las.

Aqueceu o molho uma última vez e provou-o. Umas gotas de Porto, uma porção generosa de manteiga e estava pronto para ser servido. Não havia natas com pouca gordura naquele prato! Depois, restava apenas tirar o lombo de porco assado do forno e cortá-lo em fatias. Parecia perfeito. Corde-rosa claro no centro mas sem o caldo vermelho que assinalava que a carne não estava suficientemente cozinhada. Quanto aos vegetais que acompanhariam o prato, Erica escolhera ervilhas doces ao vapor, que colocou na mesma taça Rörstrand juntamente com o puré de batata. Ambos levaram a comida para a mesa e Erica deixou Patrik servir-se primeiro antes de largar a bomba.

– Julia é a única herdeira da fortuna de Nelly Lorentz.

Patrik estava a beber um pouco de vinho e este parece ter tomado o caminho errado, porque Patrik tossiu e levou a mão ao peito. Vieram-lhe lágrimas aos olhos por causa da sensação de desconforto.

– Desculpa, o que é que disseste? – perguntou Patrik numa voz tensa.

– Acabei de dizer que Julia é a única herdeira da fortuna de Nelly. Está no testamento dela – afirmou calmamente Erica, e deitou um pouco de água no copo de Patrik para lhe acalmar a tosse.

– Será que me atrevo a perguntar como sabes isso?

– É que bisbilhotei o cesto dos papéis de Nelly quando ela me convidou

para tomar chá.

Patrik teve outro ataque de tosse e olhou incrédulo para Erica. Enquanto ele esvaziava o copo de água numa única golada, Erica prosseguiu:

– Havia uma cópia do testamento no cesto dos papéis. Afirmava clara e explicitamente que Julia Carlgren herdaria a fortuna de Nelly Lorentz.

Claro que Jan recebe uma parte, mas Julia fica com tudo o resto.

– E Jan sabe disso?

– Não faço ideia. Mas calculo que saiba, não, talvez *não* saiba.

Erica prosseguiu enquanto comia:

– Quando Julia esteve cá, cheguei a perguntar-lhe como é que

conhecia Nelly Lorentz tão bem. Claro que recebi uma resposta sem sentido. Uma coisa qualquer sobre Julia ter tido um trabalho de Verão na fábrica de conservas durante uns anos. Não duvido de que seja verdade que tenha lá trabalhado, mas Julia omitiu o resto da verdade. Era obviamente um assunto sobre o qual não queria de todo falar.

Patrik parecia pensativo.

– Já reparaste que isso faz com que haja dois pares muito mal combinados nesta história? Até lhes chamaria pares improváveis. Alex e Anders, Julia e Nelly. Qual é o mínimo denominador comum? Se descobrirmos o elo de ligação, julgo que encontraremos a solução para todo o caso.

– Alex. Não é Alex o mínimo denominador comum?

– Não – disse Patrik –, acho que isso é demasiado simples. É algo mais.

Algo que não conseguimos ver, ou que não compreendemos.

Patrik agitou a faca, entusiasmado.

– E depois há Nils Lorentz. Ou, para ser mais preciso, o seu desaparecimento. Vivias em Fjällbacka nessa altura. Lembras-te de alguma coisa sobre o assunto?

– Ainda era nova, e ninguém conta nada a uma miúda. Mas recordo-me realmente de que era tudo um grande segredo.

– Um segredo?

– Sim, estás a ver, conversas interrompidas quando eu entrava na sala.

Adultos a falarem em voz baixa. «Chiu, não deixes que as crianças ouçam»

e comentários do género. Por outras palavras, tudo o que sei é que na altura havia um grande falatório sobre o desaparecimento de Nils. Mas eu era demasiado nova. Não me contavam nada.

– Hum, vou ter de escavar isso um pouco mais fundo. Vai para a minha

lista de coisas a fazer amanhã, mas por enquanto estou a jantar com uma mulher que, além de ser linda, é também uma cozinheira fantástica. Um *skål* à anfitriã.

Patrik ergueu o copo e Erica sentiu-se a ferver por dentro com o elogio.

Não tanto pelo que Patrik dissera da refeição, mas por ter dito que a achava linda. Imagine-se como tudo seria muito mais fácil se pudéssemos ler as mentes uns dos outros, pensou. Toda aquela charada seria desnecessária.

Em vez disso, estava ali sentada na esperança de que Patrik lhe desse a mais pequena pista de que estava interessado nela. Era divertido atirar-se de cabeça e arriscar quando se era adolescente, mas com os anos parecia que o seu coração se tinha tornado cada vez menos elástico. O esforço necessário era maior e os danos na autoconfiança aumentavam a cada tentativa.

Depois de Patrik ter repetido mais três vezes, e de há muito terem parado de conversar sobre morte súbita e mudado de assunto para falarem de sonhos, da vida e de vários problemas mundiais, mudaram-se para o alpendre, para permitir uma pausa aos estômagos antes da sobremesa.

Sentaram-se em cantos opostos do sofá a bebericarem o vinho. A garrafa número dois estava quase vazia, e ambos conseguiam sentir o efeito. Os membros estavam pesados e quentes, e parecia que as cabeças tinham sido envolvidas num algodão macio agradável. A noite estava escura como breu do lado de fora da janela, sem uma única estrela a iluminar o céu. A escuridão densa no exterior fazia com que se sentissem envoltos num enorme casulo, o que completava a ilusão de que eram as únicas pessoas na Terra. Erica não se lembrava de alguma vez se ter sentido tão satisfeita, tão em casa na sua própria existência. Fez um gesto abrangente com a mão que segurava o copo de vinho, na tentativa de abarcar a casa inteira.

– Dá para acreditar que Anna queira vender tudo isto? Não é apenas por esta ser a casa mais bonita do mundo, é que há história nestas paredes. E

não estou apenas a falar da minha história e da de Anna, mas das histórias de quem aqui viveu antes de nós. Sabias que foi o comandante de um navio quem mandou construir esta casa para a sua família em 1889? O capitão Wilhelm Jansson. Na verdade, a história é bastante triste, como muitas outras histórias nesta vila. Construiu esta casa para si e para a sua jovem mulher, Ida. Tiveram cinco filhos em cinco anos, mas Ida morreu durante a sexta gravidez. Naquele tempo não se falava em pais solteiros, por isso a irmã solteira do capitão

Jansson mudou-se para cá e tomou conta das

crianças enquanto o comandante navegava pelos sete mares. A irmã dele, Hilda, não foi a melhor escolha para mãe adotiva. Era a mulher mais religiosa da região, e isso diz muito, tendo em conta como as pessoas eram religiosas por aqui. As crianças mal podiam mexer-se sem serem acusadas de pecado, e as tarefas que Hilda lhes deu eram administradas com uma mão inflexível e temente a Deus.

Actualmente, seria provavelmente apelidada de sádica, mas naqueles tempos era completamente aceitável camuflar essas tendências sob o pretexto da religião.

– O capitão Jansson não se demorava tempo suficiente em casa para ver até que ponto as crianças passavam mal, apesar de dever ter tido as suas suspeitas. Mas, como a maioria dos homens, considerava que cuidar das crianças era uma tarefa de mulher, e achou que estava a cumprir os seus deveres paternais ao providenciar um tecto sobre as suas cabeças e comida na mesa. Até um dia ter chegado a casa e descoberto que a filha mais nova, Märta, estava há uma semana com um braço partido. Então, Hilda foi mandada embora, e o capitão, que era um homem de acção, procurou entre as mulheres solteiras da zona uma mãe adotiva adequada para as suas crianças. Fez uma boa escolha. Dois meses depois estava casado com uma robusta filha de camponeses, Lina Månsdotter, que acarinhou as crianças como se fossem suas. Lina e o capitão tiveram mais sete filhos, por isso a casa devia estar incrivelmente congestionada. Se olhares com atenção, ainda consegues descobrir vestígios dessas crianças. Pequenas fendas, mossas, e pequenos estragos. Por toda a casa.

– Então e como é que o teu pai acabou por comprar a casa?

– Ao longo dos anos, os irmãos Jansson espalharam-se como o vento. O

capitão Jansson e Lina, que acabaram por ficar a gostar muito um do outro, faleceram. O único que ficou em casa foi o filho mais velho, Allan. Nunca casou, e quando envelheceu não conseguiu manter a casa sozinho, por isso decidiu vendê-la. O papá tinha acabado de casar com a mamã, e estavam à procura de casa. O papá disse-nos que se apaixonou instantaneamente por esta casa. Não hesitou um segundo.

– Quando Allan vendeu a casa ao meu pai, também lhe contou a história.

A história da casa e da sua própria família. Era importante para ele,

disse, que o meu pai soubesse que pés tinham gasto os velhos soalhos de madeira.

Também deixou cá alguns documentos. Cartas que o capitão Jansson enviara de todos os cantos do mundo, primeiro à mulher, Ida, e depois a

Lina. Também deixou o chicote para cavalos que Hilda tinha utilizado para castigar as crianças. Ainda está pendurado na adega. Anna e eu costumávamos ir lá abaixo às vezes tocar no chicote quando éramos pequenas. Tínhamos ouvido a história acerca de Hilda e costumávamos tentar imaginar como seria sentir as tiras ásperas do chicote na pele das nossas costas. Tínhamos pena dessas criancinhas que tinham sido tão maltratadas.

Erica olhou para Patrik. E prosseguiu:

– Agora percebes porque fico com o coração destroçado perante a ideia de vender esta casa. Se vendermos esta casa, nunca, mas nunca mais a conseguiremos recuperar. É irreversível. Fico doente só de pensar que um tipo rico de Estocolmo possa entrar aqui de rompante e começar a afagar os soalhos, e a colocar papel de parede novo com pequenas conchas, para não falar da janela panorâmica que seria instalada nesta varanda mais depressa do que eu consigo dizer «mau gosto». Quem estaria interessado em conservar as marcas de lápis deixadas no interior das portas da dispensa, onde Lina marcava todos os anos quanto tinham crescido os filhos. Quem estaria interessado em ler as cartas nas quais o capitão Jansson tentava descrever às suas duas mulheres, que mal tinham saído da paróquia, como eram os Mares do Sul? A sua história seria apagada e depois esta casa seria apenas... uma casa. Uma casa antiga qualquer. Encantadora, mas sem alma.

Erica conseguia perceber que estava a tagarelar, mas por algum motivo achava importante que Patrik compreendesse. Olhou para Patrik, que estava a observá-la com intensidade, e corou perante o seu olhar fixo. Algo acontecera. Um momento de compreensão absoluta e, antes de ela se aperceber o que estava a acontecer, Patrik estava sentado a seu lado, e após um segundo de hesitação pressionou os lábios contra os dela. A princípio, Erica apenas sentiu o gosto do vinho nos lábios, mas depois sentiu o gosto de Patrik. Abriu cautelosamente a boca e sentiu a ponta da língua dele em busca da sua. Sentiu todo o corpo a estremecer.

Depois de algum tempo, a situação tornou-se insuportável e Erica

levantou-se, pegou-lhe na mão e, sem uma palavra, conduziu-o até ao quarto. Deitaram-se na cama e beijaram-se e acariciaram-se. Passado um pouco, Patrik olhou-a interrogativamente e depois começou a desabotoar a camisa. Erica apercebeu-se de repente de que a roupa interior que escolhera não era a que queria mostrar a Patrik na primeira vez. Só Deus sabia que os

collants que tinha vestidos não eram a peça de roupa interior mais *sexy* do mundo. A questão era como ia tirar os *collants* e as cuecas sem que Patrik os visse. Erica sentou-se bruscamente.

– Desculpa, tenho de ir à casa de banho.

Erica precipitou-se para a casa de banho e olhou febrilmente em redor.

Estava com sorte. Havia uma pilha de roupa lavada no cesto da roupa que não tivera tempo de arrumar. Livrou-se laboriosamente dos *collants* justos e colocou-os, juntamente com as cuecas de senhora de meia-idade, no cesto da roupa suja. Depois vestiu umas cuecas finas de renda a combinar com o sutiã. Alisou o vestido nas costas e examinou-se cuidadosamente ao espelho. O cabelo tinha um aspecto desgrenhado e encaracolado e os olhos tinham uma expressão agitada. A boca estava anormalmente vermelha e ligeiramente inchada por causa daqueles beijos todos. Na verdade parecia bastante *sexy*, pensou. Apesar de a barriga não parecer tão lisa como gostaria, sem aquelas cuecas. Encolheu-a e espetou o peito para fora quando foi ter com Patrik, que ainda estava deitado na cama tal como Erica o tinha deixado.

As roupas de ambos começaram a desaparecer e a amontoar-se no chão.

A primeira vez não foi tão fantástica como acontece sempre nos romances; foi mais uma mistura de sentimentos fortes e consciencialização embaraçosa. Ao mesmo tempo que os corpos reagiam explosivamente ao toque um do outro, Erica e Patrik estavam intensamente conscientes da sua nudez, conscientes das pequenas imperfeições, preocupados por poderem surgir sons embaraçosos. Eram desajeitados e estavam inseguros quanto ao que o outro podia gostar ou gostar menos. Sem estarem ainda suficientemente seguros um com o outro para se atreverem a verbalizar os seus pensamentos. Em vez disso, utilizaram pequenos sons guturais para indicar o que resultava e o que precisaria de ser ajustado. Mas a segunda vez foi melhor. E a terceira bastante aceitável. A quarta vez foi muito boa e a

quinta foi fantástica. Adormeceram, curvados um sobre o outro como colheres. A última coisa em que Erica reparou antes de adormecer foi no braço de Patrik em torno do peito dela e os dedos dele entrelaçados nos seus. Adormeceu com um sorriso nos lábios.

A cabeça de Patrik estava a partir-se em pedaços. Tinha a boca tão seca que a língua se colava ao céu-da-boca, mas sabia que já tivera saliva, porque sentiu na face uma mancha húmida de baba na almofada. Parecia

que alguém estava a fechar-lhe as pálpebras e a lutar contra as suas tentativas de abrir os olhos. Depois de esforços extenuantes, conseguiu finalmente abri-los.

Patrik tinha uma visão à sua frente. Erica estava deitada de lado, virada para ele, com o cabelo louro encaracolado a emoldurar-lhe o rosto. Parecia estar a sonhar, porque as pestanas flutuavam e as pálpebras tremiam. Patrik pensou que podia ficar assim, ali deitado a olhar para ela para sempre, sem nunca se cansar do que via. A vida toda, se fosse preciso. Erica mexeu-se durante o sono, mas logo voltou à sua respiração regular. Era verdade que aquilo era como andar de bicicleta. E não estava apenas a referir-se ao sexo, mas também à sensação de amar uma mulher. Durante os dias e as noites, escuros e depressivos, Patrik pensara que seria impossível voltar a sentir-se assim outra vez. Agora, parecia-lhe impossível *não* voltar a sentir-se assim.

Erica agitou-se, inquieta, e Patrik viu que ela estava prestes a regressar à superfície. Também ela lutou para conseguir abrir os olhos. Mas, quando o conseguiu, Patrik ficou outra vez espantado ao ver como eram azuis os olhos de Erica.

– Bom dia, dorminhoca.

– Bom dia.

O sorriso que se espalhou pelo rosto de Erica fê-lo sentir-se como um milionário.

– Dormiste bem? – perguntou Erica.

Patrik olhou para os números brilhantes do relógio de alarme.

– Sim, as duas horas que dormi foram maravilhosas. Apesar de as horas precedentes que passei acordado terem quase de certeza sido muito mais maravilhosas.

Erica limitou-se a sorrir em resposta.

Patrik suspeitava de que o seu hálito cheirava como o de uma víbora, mas, apesar disso, não conseguiu resistir a inclinar-se para a frente e beijar Erica. O beijo tornou-se cada vez mais profundo, e uma hora passou. Mais tarde, Erica repousava sobre o braço esquerdo de Patrik e desenhava círculos com o dedo no peito dele. Erica ergueu os olhos para Patrik.

– Quando vieste, achavas que íamos acabar na cama?

Patrik reflectiu durante um momento antes de responder e pôs a mão direita atrás da cabeça enquanto estava a pensar.

– Não, não posso dizer que tenha pensado que fosse acontecer. Mas tinha

esperança.

– Eu também. Quer dizer, tinha esperança, não esperava que acontecesse.

Patrik deteve-se por um momento a pensar até onde poderia ir, mas com Erica nos braços sentiu que podia atrever-se a qualquer coisa.

– A diferença é que tu começaste a ter esperança muito recentemente, não foi? Sabes há quanto tempo ando a ter esperança de que isto acontecesse?

Erica olhou intrigada para ele.

– Não. Há quanto tempo?

Patrik fez uma pausa para criar efeito.

– Desde que me consigo lembrar. Estou apaixonado por ti desde que me consigo lembrar – agora que o tinha dito, conseguia ouvir como era verdade.

Erica fitou-o de olhos bem abertos.

– Estás a gozar! Eu para aqui a preocupar-me se tu terias o mínimo interesse em mim! E agora dizes-me que bastava fazer um gesto para te ter.

O tom de Erica era ligeiro, mas Patrik notou que estava um pouco abalada com o que ouvira.

– Bem, não é que eu tenha escolhido o celibato ou que tenha vivido num deserto emocional toda a minha vida. Claro que me apaixonei por outras mulheres, Karin, por exemplo. Mas tu foste sempre especial. Sentia sempre qualquer coisa aqui sempre que te via. – Patrik colocou a mão num ponto acima do coração. Erica pegou-lhe na mão, beijou-a e pousou-a na sua face.

Aquele gesto disse-lhe tudo.

Passaram a manhã a conhecer-se melhor. Quando Erica lhe perguntou o que Patrik gostava de fazer nos tempos livres, a resposta dele produziu um resmungo de frustração.

– Oh, não! Outro fã de desporto! Porque é que eu não consigo encontrar um tipo suficientemente esperto para perceber que perseguir uma bola por um relvado é um passatempo perfeitamente normal... quando se tem cinco anos! Ou, pelo menos, um tipo que pudesse questionar-se sobre que valor tem para a humanidade alguém conseguir elevar-se dois metros no ar para saltar sobre uma trave.

– Dois e quarenta e cinco.

– Que queres dizer com dois e quarenta e cinco? – perguntou Erica numa voz que mostrava que a resposta não lhe interessava muito.

– O tipo que salta mais alto no mundo, Sotomayor, salta dois vírgula quarenta e cinco metros. As mulheres saltam cerca de dois metros.

– Sim, sim, seja como for – Erica olhou-o intrigada. – Tens o canal Eurosport?

– Sim.

– E o Canal Plus por causa do desporto, não dos filmes?

– Sim.

– E a TV1000 pelo mesmo motivo?

– Sim, mas para ser mais preciso vejo a TV1000 por outro motivo além do desporto.

Erica deu-lhe um golpe travesso no peito.

– Estou a esquecer-me de alguma?

– Sim, a TV3 tem bastante desporto.

– O meu radar contra malucos do desporto está mesmo bem desenvolvido, tenho de reconhecer. Passei uma noite incrivelmente aborrecida em casa do meu amigo Dan na semana passada, a ver hóquei olímpico. Não consigo mesmo perceber como é que alguém consegue achar interessante ver tipos com chumaços gigantes a correr atrás de uma minúscula coisa preta.

– De qualquer forma, é muito mais divertido e produtivo do que passar o dia inteiro a correr de loja em loja.

Em resposta àquele ataque obtuso contra o seu maior vício na vida, Erica franziu o nariz e fez uma careta a Patrik. Depois reparou que, de repente, os olhos dele ficaram vidrados.

– C’um caraças! – Patrik sentou-se direito na cama.

– Desculpa?

– C’um caraças, gaita, que cena!

Erica olhou para Patrik, atónita.

– Como é que eu consegui deixar escapar uma coisa destas? – bateu várias vezes na testa com a mão.

– Atenção, Terra chama Patrik! Importas-te de me dizer em que estás a pensar?

Erica acenou com as mãos à frente de Patrik. Este perdeu a concentração por um momento quando viu como o gesto fazia com que o peito nu de Erica oscilasse. Depois, saltou rapidamente para fora da cama, nu como um recém-nascido, e apressou-se até ao andar de baixo. Regressou com alguns jornais na mão, sentou-se na cama e começou a folheá-los freneticamente.

Por esta altura, já Erica desistira de tentar obter quaisquer respostas e limitou-se a observá-lo com interesse.

– Ahã! – gritou Patrik triunfantemente –, que sorte não teres deitado fora os suplementos com a programação da televisão.

Patrik agitou o jornal à frente de Erica.

– Suécia x Canadá!

Ainda em silêncio, Erica contentou-se com um erguer de sobrancelhas bastante intrigado.

Impaciente, Patrik tentou explicar:

– A Suécia venceu o Canadá num jogo das Olimpíadas. Na sexta-feira, vinte e cinco de Janeiro. Na TV4.

Erica continuava a olhar para Patrik desprovida de expressão. Este suspirou.

– Toda a programação habitual foi cancelada por causa do jogo. Anders não podia ter chegado a casa ao mesmo tempo de *Separate Worlds* naquela sexta-feira porque a série foi cancelada. Estás a perceber?

Lentamente, Erica começou a entender o que Patrik estava a dizer. Anders já não tinha o álibi que, por mais inconsistente que fosse, não ia ser fácil à polícia rebater. Agora podiam prender outra vez Anders com base nas provas que já possuíam. Patrik assentiu com satisfação quando viu que Erica tinha percebido.

– Mas não achas que Anders é o assassino, pois não? – perguntou Erica.

– Não. Claro que não. Mas às vezes também me engano, apesar de achar que te ia custar acreditar nisso – Patrik piscou-lhe o olho. – Mas, por outro lado, se eu não estiver enganado, ia apostar que Anders sabe muito mais do que aquilo que nos contou. Agora temos a oportunidade de o pressionar bastante mais.

Patrik começou à caça das suas roupas pelo quarto. Estavam espalhadas aqui e ali, mas alarmante foi perceber que ainda tinha as meias calçadas.

Vestiu rapidamente as calças e esperou que, no calor da paixão, Erica não tivesse notado as meias. Era difícil parecer um deus do sexo de meias brancas gravadas com as palavras «Tanumshede IF».

De repente, parecia não haver tempo a perder, e Patrik vestiu-se desajeitadamente. À primeira tentativa, abotoou mal a camisa e praguejou quando teve de desabotoar todos os botões e começar de novo. Apercebeu-se repentinamente de como o seu comportamento devia parecer precipitado,

por isso sentou-se na borda da cama, tomou as mãos de Erica nas suas

e olhou-a calmamente nos olhos.

– Desculpa ter de sair assim à pressa, mas tem de ser. Só quero que saibas que ontem foi a noite mais maravilhosa da minha vida, e mal posso esperar por voltar a estar contigo. Queres estar comigo outra vez?

O que ambos tinham partilhado ainda parecia frágil e delicado, e Patrik conteve a respiração à espera da resposta de Erica. Esta assentiu.

– Então posso cá voltar quando acabar o trabalho?

Erica assentiu novamente. Patrik inclinou-se para a frente e beijou-a.

Quando saiu, Erica estava sentada na cama com os joelhos erguidos e as cobertas da cama enroladas frouxamente em torno do corpo. O Sol brilhava através da pequena janela redonda, dando a ilusão de que havia um halo a emoldurar-lhe a cabeça loura. Era a coisa mais maravilhosa que Patrik alguma vez vira.

A neve estava húmida e penetrava teimosamente nos *mocassins* finos de Bengt Larsson. Os sapatos eram mais adequados ao clima estival, mas o álcool era um meio eficaz de amortecer o frio. E, confrontado com a decisão de comprar uns sapatos de Inverno ou um litro de *schnapps* 28, a escolha era fácil.

O ar estava tão puro e límpido e a luz era tão delicada nessa quarta-feira de manhã que Bengt sentiu no peito algo que já não sentia há muito tempo.

Era alarmante como uma sensação de paz, e Bengt interrogou-se sobre o que havia numa manhã normal de quarta-feira que pudesse causar uma sensação tão peculiar. Parou e inspirou o ar matinal de olhos fechados.

Imagine-se como seria a sua vida repleta de manhãs como aquela.

Bengt sabia perfeitamente quando tinha chegado à encruzilhada na estrada. Sabia precisamente qual fora o dia em que a sua vida tinha feito aquela curva infeliz. Conseguia até dizer a que horas acontecera. E não podia recorrer às desculpas habituais. Não podia culpar os maus-tratos, nem a pobreza, nem a fome ou os distúrbios emocionais. A única coisa que podia culpar era a sua própria estupidez e uma excessiva confiança em si mesmo. Claro que também havia uma rapariga envolvida.

Bengt tinha dezassete anos, e nessa altura não havia nada que fizesse que não envolvesse uma rapariga. Mas aquela rapariga era especial. Maud, com o seu cabelo louro exuberante e falsa modéstia, que brincava com o ego

dele como um violino bem afinado. «Querido Bengt, preciso mesmo de...»

«Querido Bengt, podias trazer-me um...» Maud estava aos comandos e Bengt deixava-se obedientemente conduzir. Para Maud não havia limites.

Bengt poupava todo o dinheiro que ganhava para lhe comprar roupas elegantes, perfumes, tudo o que Maud queria. Mas, logo que obtinha o que quer que fosse que tanto implorara, punha-o de lado e pedia outra coisa qualquer, a única capaz de a fazer feliz.

Maud tinha sido como uma febre no seu sangue. Sem reparar, as engrenagens tinham começado a girar cada vez mais depressa, até Bengt já não saber o que estava em cima e em baixo. Quando fez dezoito anos, Maud decidira que queria andar por aí com ele em nada mais, nada menos que um *Cadillac* descapotável. Custava mais do que Bengt ganhava num ano inteiro, e ele ficava acordado noite após noite a dar cabo da cabeça na tentativa de descobrir como obter o dinheiro. Enquanto passava por aquela agonia, Maud amuava, e sugeria em termos cada vez mais óbvios que se Bengt não conseguisse o carro, haveria certamente outros tipos que a poderiam tratar da forma como merecia ser tratada. Então, o ciúme sobreveio ao tormento daquelas noites insones e ansiosas, e por fim Bengt já não conseguiu aguentar mais.

No dia 10 de Setembro de 1954, precisamente às duas da tarde, foi ao banco em Tanumshede armado com uma velha pistola do exército que o pai guardava em casa há anos e com uma meia de *nylon* a cobrir-lhe a cabeça.

Nada correrá bem. Os caixas tinham atirado notas para dentro do saco que levava, mas nada que se assemelhasse ao que estava à espera. Então, um dos clientes, pai de um dos seus colegas de escola, reconheceu Bengt apesar da meia de *nylon*. No espaço de uma hora, a polícia estava no apartamento dos pais e descobriu o saco de dinheiro debaixo da cama do seu quarto. Bengt nunca esqueceu a expressão no rosto da mãe. Há muito que morrera, mas os olhos dela ainda o atormentavam sempre que o terror causado pelo álcool disparava.

Três anos na prisão tinham destruído qualquer esperança de ter um futuro.

Quando Bengt saiu, Maud há muito que tinha partido. Não sabia para onde, e não queria saber. Todos os seus antigos amigos tinham seguido em frente, para empregos seguros e vidas familiares, e não queriam nada com ele. O

pai tinha morrido num acidente enquanto ele estava na prisão, por isso foi morar com a mãe. Humildemente, tentou encontrar emprego, mas apenas

havia rejeição aonde quer que fosse. Ninguém o queria contratar. Os olhares que o continuavam a perseguir levaram-no a procurar a sorte no fundo de uma garrafa.

Para alguém que crescera na segurança de uma vila pequena, onde todos se cumprimentavam na rua, a sensação de ser posto de parte era tão dolorosa como a tortura física. Pensara mudar-se de Fjällbacka, mas para onde iria? Era mais fácil ficar e deixar-se afundar num torpor alcoólico misericordioso.

Bengt e Anders não demoraram a encontrar-se. Dois pobres lixados, como costumavam dizer entre gargalhadas amargas. Bengt nutria uma afeição quase paternal por Anders, e sentia maior tristeza pela sorte do amigo do que pela sua. Desejava frequentemente poder ter feito algo para alterar o rumo da vida de Anders. Mas, por também saber quão sedutor era o canto de sereia do álcool, Bengt sabia que era impossível separarem-se da amante exigente que a bebida se tinha tornado ao longo dos anos. Pedia tudo e não dava nada em troca. Tudo o que Bengt e Anders podiam fazer era oferecerem um ao outro um pouco de consolo e camaradagem.

O caminho até à porta de entrada do prédio de Anders fora cuidadosamente coberto de areia. Por isso, Bengt não teve de andar cautelosamente, por causa da garrafa que trazia no bolso interior do casaco, como tivera muitas vezes de fazer durante o rigoroso Inverno que acabara de passar, quando o caminho que levava à escadaria estava coberto de gelo brilhante e escorregadio.

Os dois lanços de escada até ao apartamento de Anders eram sempre um desafio. Não havia elevador. Teve de parar várias vezes para recuperar o fôlego, e não perdeu oportunidade de, por duas vezes, dar uma golada fortificante na garrafa que trazia no bolso. Quando finalmente se encontrou à porta do apartamento de Anders, respirava

ofegantemente. Inclinou-se contra a maçaneta durante um momento antes de abrir a porta, a qual sabia que Anders nunca trancava.

O apartamento estava silencioso. Talvez Anders não estivesse em casa. Se estivesse a dormir depois da bebedeira, a sua respiração profunda e o ressonar fanhoso podiam habitualmente ouvir-se da entrada. Bengt procurou na cozinha. Ninguém, excepto as habituais colónias de bactérias.

A porta da casa de banho estava aberta de par em par e lá dentro também não estava ninguém. Quando dobrou a esquina, sentiu uma sensação

horrível no estômago. A visão na sala de estar fez com que Bengt estacasse.

A garrafa que segurava na mão caiu para o chão com um som pesado, mas não se partiu.

A primeira coisa que Patrik viu foram os pés suspensos, um pouco acima do chão. Os pés nus balançavam levemente, para trás e para a frente.

Anders estava de calças, mas de tronco nu. A cabeça pendia-lhe num ângulo estranho. O rosto estava inchado e descorado, e a língua parecia demasiadamente grande para a boca dele, despontando por entre os lábios.

Era a visão mais triste que Bengt alguma vez vira. Voltou-se e saiu silenciosamente do apartamento, mas não sem antes apanhar a garrafa do chão. Tentou encontrar algo dentro dele a que se agarrar, mas apenas encontrou o vazio. Em vez disso, agarrou-se à única tábua de salvação que conhecia. Sentou-se na soleira do apartamento de Anders, levou a garrafa à boca e chorou.

Duvidava de que não tivesse álcool a mais no sangue mas, naquele momento, Patrik não se preocupava com isso. Por uma questão de segurança, conduziu um pouco mais devagar do que o habitual mas, como estava a marcar números e a falar ao telemóvel, a sua contribuição para a segurança rodoviária era discutível.

A primeira chamada que fez foi para a TV4, que confirmou que *Separate Worlds* fora cancelada na sexta-feira, dia vinte e cinco, por causa do jogo de hóquei. Depois telefonou a Mellberg, que, como era de esperar, ficou felicíssimo com a notícia. Exigiu que Anders fosse imediatamente levado para a esquadra. Com a terceira chamada

conseguiu o apoio que pediu, e conduziu na direcção do complexo residencial onde Anders vivia. Jenny Rosén devia ter confundido os dias. Não era uma ocorrência fora do normal nas testemunhas.

Apesar do seu entusiasmo por uma possível alteração no caso, Patrik não conseguia concentrar-se na tarefa. Os seus pensamentos estavam sempre a regressar a Erica e à noite que tinham acabado de passar juntos. Apanhou-se a sorrir de orelha a orelha como um tolo, e as mãos batucaram involuntariamente pequenos ritmos no volante. Ligou o rádio numa estação de músicas antigas e apanhou Aretha Franklin a cantar «Respect». O som optimista da canção gravada na [Atlantic29](#) combinava perfeitamente com a sua disposição e Patrik aumentou o volume. Quando chegou o refrão,

acompanhou-o a plenos pulmões e dançou o melhor que pôde, sentado como estava. Achou que a sua voz soava fantasticamente, pelo menos até a emissão ter sido interrompida e Patrik ter começado a ouvir-se apenas a si próprio a gritar «R-E-S-P-E-C-T». Os tímpanos reverberavam, e a sensação não era nada agradável.

A noite passada parecia um sonho intoxicante, e não apenas pela quantidade de vinho que ambos tinham bebido. Era como se um véu ou uma cortina confusa de emoção, amor e sexo se tivesse instalado sobre aquelas horas nocturnas.

Relutantemente, Patrik viu-se forçado a pôr de lado os pensamentos sobre o dia anterior enquanto virava para o parque de estacionamento do complexo residencial. Os carros-patrolha de apoio tinham chegado com uma rapidez pouco habitual. Deviam estar nas proximidades. Viu dois carros com luzes azuis a piscar e franziu ligeiramente a testa. Era típico, interpretarem mal as instruções. Patrik pedira um carro, não dois. À medida que se aproximava, viu que havia uma ambulância por detrás dos carros-patrolha. Alguma coisa acontecera.

Patrik reconheceu Lena, a polícia loura de Uddevalla, e foi ter com ela.

Estava a falar ao telemóvel, mas, quando Patrik se aproximou, ela cortou a chamada. Ouviu-a dizer «adeus», e depois guardou o telefone numa bolsa que trazia presa ao cinto.

– Olá, Patrik.

– Olá, Lena. Que se passa?

– Um desses bebedolas encontrou Anders Nilsson enforcado no próprio

apartamento – Lena acenou com a cabeça na direcção da porta principal.

Patrik sentiu uma sensação gelada no estômago.

– Não mexeram em nada?

– Claro que não, quem pensas que somos? Só telefonei para o serviço em Uddevalla e eles vão enviar uma equipa para examinar a cena do crime.

Também falámos com Mellberg, por isso presumo que tenhas vindo porque ele te telefonou.

– Não, calhou estar a caminho para levar Anders para novo interrogatório.

– Mas eu ouvi dizer que Anders tinha um álibi...

– Sim, isso era o que nós pensávamos, mas o álibi caiu por terra e íamos levá-lo outra vez para a esquadra.

– Bem, então isto é uma merda de um azar. Que raio achas que significa?

Quer dizer, a probabilidade de terem aparecido de repente dois assassinos aqui em Fjällbacka deve ser praticamente nula. Deve ter sido morto pela mesma pessoa que assassinou Alex Wijkner. Têm mais suspeitos além de Anders?

Patrik refez-se. Era verdade que aquilo alterava tudo, mas ainda não estava preparado para tirar as mesmas conclusões de Lena, de que Anders fora morto pela mesma pessoa que assassinara Alex. Claro que estatisticamente era quase impossível. Há décadas que não ocorria ali um homicídio e, de repente, andavam dois assassinos à solta. Mas Patrik também não estava preparado para descartar o impossível.

– Bem, vamos subir para eu poder dar uma vista de olhos. Depois podes dizer-me o que descobriste até agora. Por exemplo, como é que souberam?

Lena foi à frente, entrando na escadaria antes de Patrik.

– Bem, como te disse, foi um dos companheiros de copos, Bengt Larsson, quem o encontrou. Apareceu de manhã para não perderem tempo e começaram a beber. Bengt costuma entrar sem bater, e foi o

que fez hoje.

Quando entrou no apartamento, encontrou Anders pendurado por uma corda, atada ao gancho para o candeeiro de tecto da sala.

– O homem comunicou logo a ocorrência?

– Na verdade, não. Sentou-se na soleira da porta e afogou as mágoas numa garrafa de vodka *Explorer*. Mas então calhou um vizinho estar a sair do apartamento e, ao passar, perguntou a Bengt como estavam as coisas. Foi então que Bengt começou a deitar cá para fora o que tinha visto. Depois o vizinho telefonou-nos. Bengt Larsson está demasiado bêbedo para ser interrogado, por isso mandei-o para a vossa cela reservada aos bêbedos.

Patrik interrogou-se em silêncio porque não tinha Mellberg telefonado para lhe contar o que acontecera, mas resignou-se com o facto de os métodos do superintendente serem, na maioria das vezes, completamente inescrutáveis.

Patrik subiu as escadas duas a duas e ultrapassou Lena. Quando chegaram ao andar de Anders, a porta estava aberta de par em par, e Patrik viu pessoas a andarem de um lado para o outro no interior do apartamento. Jenny estava à entrada do seu apartamento com Max ao colo. Quando Patrik foi ao encontro deles, Max acenou deliciado com as suas mãozinhas gorduchas e mostrou o seu sorriso desdentado.

– Que se passa? – Jenny segurou com mais força Max, que estava a dar o

seu melhor para se esquivar dos braços da mãe.

– Ainda não temos a certeza. Anders Nilsson está morto, mas não sabemos muito mais. A Jenny viu ou ouviu alguma coisa fora do normal?

– Não, não me lembro de nada em especial. A primeira coisa que ouvi foi o vizinho da porta ao lado a começar a falar com alguém, aqui nas escadas.

Passado um bocado, chegaram os carros-patrolha e uma ambulância, e houve para aqui uma confusão diabólica.

– Mas de certeza que não viu ou ouviu nada de especial, de manhã cedo ou ontem à noite? – Patrik ainda estava à pesca.

– Não, nada.

Patrik esqueceu aquilo, por enquanto.

– Muito bem, obrigado pela sua ajuda, Jenny.

Sorriu a Max e deixou que o bebé lhe apertasse o dedo, algo que, aparentemente, era incrivelmente divertido, porque Max deu uma gargalhada tão sonora que parecia prestes a engasgar-se. Relutantemente, Patrik soltou o dedo e recuou lentamente na direcção do apartamento de Anders enquanto ia acenando a Max.

Lena estava à entrada do apartamento com um sorriso trocista nos lábios.

– Precisas de um teu, não é?

Para seu assombro, sentiu-se corar. Murmurou qualquer coisa ininteligível em resposta.

Lena entrou à sua frente no apartamento, e disse por cima do ombro:

– Bem, sabes, basta pedir. Eu estou livre, sou solteira, e o meu relógio biológico soa tão alto que mal consigo dormir de noite.

Patrik sabia que Lena estava a gozar, era a sua forma insinuante habitual de o provocar, mas, mesmo assim, Patrik não conseguiu evitar corar ainda mais. Não respondeu, e quando entraram na sala de estar, ambos perderam toda a vontade de rir.

Alguém cortara a corda na qual Anders estivera pendurado, e agora o pintor estava deitado no chão da sala de estar. Mesmo por cima dele pendia o pedaço de corda, cortado cerca de dez centímetros depois do gancho. O

resto da corda estava em torno do pescoço de Anders num nó corrediço, e Patrik pôde ver a ferida profunda e de um vermelho-vivo no pescoço dele, onde a corda tinha corroído a pele. O que sempre perturbava mais Patrik perante um morto era a cor pouco natural do rosto. O estrangulamento provocava uma tonalidade púrpura-azulada que dava à vítima uma

aparência muito estranha. Patrik também reconheceu a língua grossa e inchada que sobressaía por entre os lábios de Anders, como era normal nas vítimas estranguladas ou sufocadas. Apesar de a sua experiência com vítimas de homicídio ser, no mínimo, limitada, a

polícia recebia o seu quinhão de notificações de suicídios todos os anos, e, durante a sua carreira, Patrik tinha ajudado a cortar as cordas que suportavam três suicidas.

Mas, quando Patrik olhou em redor da sala de estar, uma coisa distinguia claramente aquela cena do crime dos outros suicídios por enforcamento que tinha visto. Não havia possibilidade de Anders ter trepado e colocado a cabeça naquele nó corrediço atado ao tecto. Não havia quaisquer cadeiras ou mesas por perto. Anders tinha balançado livremente no centro da sala como um macabro adereço humano.

Pouco habituado como estava a cenas de homicídio, Patrik moveu-se cuidadosamente num círculo amplo em torno do cadáver. Os olhos de Anders estavam abertos, a olhar rigidamente para o espaço. Patrik não pôde evitar inclinar-se para a frente e fechar os olhos do homem morto. Sabia que não deveria ter qualquer contacto com o cadáver antes de o médico-legista chegar, na verdade, o cadáver nem sequer deveria ter sido retirado do sítio onde tinha sido encontrado, mas algo naqueles olhos esgazeados tinha posto os nervos de Patrik em franja. Parecia que os olhos o seguiam pela sala.

A sala parecia anormalmente desolada. Então, Patrik reparou que todas as pinturas tinham sido retiradas das paredes. Apenas restavam enormes e feias marcas onde antes tinham estado pendurados os quadros. De resto, a divisão estava no mesmo estado miserável que recordava da última vez que lá tinha estado, mas nessa altura as pinturas como que alegravam a sala.

Tinham dado à casa de Anders um certo ar decadente ao combinar o lixo com a beleza. Agora, o lugar apenas parecia sujo e repelente.

Lena não parava de falar ao telemóvel. Depois de uma conversa em que Patrik apenas a ouviu praguejar por sílabas, fechou com força a tampa do seu pequeno telefone *Ericsson* e virou-se para ele.

– Vamos receber reforços da Medicina Legal para investigação da cena do crime. Estão agora a sair de Gotemburgo. Não podemos mexer em nada.

Sugiro que esperemos lá fora por uma questão de segurança.

Saíram para o patamar e Lena fechou e trancou cuidadosamente a porta.

O frio era penetrante quando saíram pela porta principal do edifício; Lena e Patrik bateram os pés sem sair do lugar.

– Onde está Janne neste momento? – Patrik estava a perguntar pela colega de Lena, que devia ter vindo com ela no carro.

– Hoje, a Janne está a TCC.

– A TCC? – Patrik olhou-a inquisitoriamente.

– A Tomar Conta de uma Criança doente. TCC. Graças a todos os cortes orçamentais não havia ninguém que pudesse intervir em cima da hora, por isso eu tive de vir sozinha quando recebemos a chamada.

Patrik assentiu, sem estar realmente a prestar atenção. Estava inclinado a concordar com Lena. Havia muita coisa que sugeria que estavam à procura de apenas um assassino. Tirar conclusões precipitadas era definitivamente uma das coisas mais arriscadas que um polícia podia fazer, mas as probabilidades de haver dois assassinos diferentes naquela pequena vila eram infinitamente baixas. Se a isso se acrescentasse o facto de haver fortes ligações entre as duas vítimas, as probabilidades diminuía ainda mais.

Lena e Patrik sabiam que a viagem de Gotemburgo demoraria pelo menos uma hora e meia, talvez duas, por isso sentaram-se no carro dele e ligaram o ar condicionado. Também ligaram o rádio e, durante algum tempo, ficaram sentados a ouvir música *pop* descontraída. Foi uma distracção bem-vinda do motivo que os fazia esperar. Uma hora e quarenta e cinco minutos depois viram dois carros-patrolha a dirigirem-se para o estacionamento, e Patrik e Lena saíram ao encontro dos reforços.

*

– Por favor, Jan, não podemos ter uma casa nossa? Vi que uma das casas de Badholmen está à venda. Não poderíamos ir lá de carro dar uma vista de olhos? Tem uma vista incrível, e também tem uma pequena cabana de pescadores. Por favor?

A voz lamurienta de Lisa fez com que a irritação dele aumentasse. Agora, a voz dela conseguia quase sempre irritá-lo. Estar casado com ela seria bastante mais agradável se Lisa tivesse o bom senso de estar calada se limitasse a ser bonita. Ultimamente, nem sequer os seios grandes e firmes e o rabo redondo o conseguiam convencer de que o trabalho que ela dava valia a pena. A sua tagarelice era cada vez mais insistente e, em ocasiões como aquela, Jan lamentava amargamente ter cedido aos pedidos incessantes dela para casarem.

Lisa trabalhava como empregada no Røde Orm, em Grebbestad,

quando Jan a viu pela primeira vez. Os amigos dele tinham ficado completamente babados a olhar para o decote generoso e as pernas altas dela, e Jan decidiu naquele momento que tinha de a ter. Normalmente obtinha o que queria, e Lisa mostrou não ser excepção. Jan não era malparecido, mas era quando se apresentava como Jan Lorentz que as dúvidas se dissipavam. Normalmente, a menção do seu apelido fazia o olhar das mulheres cintilar, e a partir daí estava pronto a descolar.

No começo, estivera obcecado pelo corpo de Lisa. Não conseguia faltar-se dela, e tapou eficazmente os ouvidos para não ouvir os comentários estúpidos que Lisa proferia constantemente na sua voz aguda. Os olhares de inveja dos outros homens, quando Jan apareceu de braço dado com ela, fizeram igualmente com que esta se tornasse ainda mais atraente aos seus olhos. A princípio, as breves sugestões de Lisa quanto a Jan fazer dela uma mulher honesta caíram em orelhas moucas. Para ser completamente sincero, a estupidez dela começava a enfraquecer o seu poder de atracção. Mas o que acabou por fazê-lo tomar a decisão de fazer de Lisa sua mulher foi a oposição veemente de Nelly em relação à ideia. Nelly detestou Lisa desde a primeira vez que a viu, e nunca perdeu uma oportunidade de dar a conhecer as suas opiniões sobre ela. Um desejo infantil de rebeldia colocara-o na situação em que se encontrava actualmente, e Jan amaldiçoava a sua própria estupidez.

Deitada de barriga para baixo na enorme cama de casal, Lisa fazia beicinho. Estava nua, e a dar o seu melhor para parecer sedutora, mas Jan deixara de estar interessado. Sabia que Lisa estava à espera de uma resposta.

– Sabes que não nos podemos afastar da mamã. Ela não está bem, e nunca conseguiria tomar conta desta enorme casa sozinha.

Jan virou as costas a Lisa, a dar o nó da gravata em frente ao espelho grande do toucador. Pelo espelho, viu Lisa franzir a testa de desagrado. Não era um olhar muito lisonjeiro.

– Porque é que essa cabra velha não tem o bom senso de se mudar para um lar com idosos simpáticos em vez de ser um fardo para a família? Será que não percebe que temos direito a ter a nossa vida? Em vez disso, temos de tomar conta dela todos os dias. E que prazer tem ela em sentar-se em cima de todo aquele dinheiro? Aposto que adora ver-nos a rebaixarmo-nos,

a rastejar atrás das migalhinhas que caem da mesa dela. Será que

Nelly não vê tudo o que fazes por ela? Matas-te a trabalhar na empresa e passas o resto do tempo a tomar conta dela como se fosse um bebé. A bruxa velha nem sequer nos deixa ficar com os melhores quartos da casa como forma de agradecimento pela nossa ajuda. Temos de viver na cave, enquanto ela se passeia pelas salas de visitas.

Jan virou-se e disparou um olhar gelado à mulher.

– Não te disse já para não falares da minha mãe nesses modos?

– A tua mãe – resfolegou Lisa. – Não podes pensar que ela te vê realmente como um filho, Jan. Tu nunca serás mais do que um caso de caridade para ela. Se o seu querido Nils não tivesse desaparecido, era provável que tivesses sido posto a andar daqui para fora, mais cedo ou mais tarde. Não passas de um substituto temporário, Jan. Que outra pessoa se mataria a trabalhar praticamente vinte e quatro horas por dia para ela a troco de nada? A única coisa que tens é a promessa de ficares com o dinheiro todo quando ela bater a bota. Primeiro que tudo, a cabra vai provavelmente chegar aos cem anos, pelo menos, e depois, aposto que já doou o dinheiro a um canil e se está a rir de nós nas nossas costas. Às vezes és mesmo um parvalhão, Jan.

Lisa virou-se de costas e estudou as suas unhas bem tratadas. Com uma calma gélida, Jan deu um passo na direcção do sítio onde Lisa estava deitada na cama, agachou-se, pegou no longo cabelo louro que pendia sobre a borda da cama e começou a puxá-lo lentamente, cada vez com mais força, até que Lisa fez um esgar de dor. Encostou o rosto ao dela, tão perto que conseguia sentir-lhe o hálito no seu rosto, e rosnou em voz baixa:

– Nunca, mas nunca mais voltas a chamar-me parvo, estás a ouvir? E, acredita, o dinheiro um dia vai ser meu. A única dúvida é se tu estarás por aqui o tempo suficiente para o vires a gozar.

Satisfeito, Jan viu uma centelha de medo a acender-se nos olhos dela.

Observou o cérebro estúpido, mas primitivamente manhoso, a processar a informação e a concluir que estava na altura de mudar de tática.

Lisa estendeu-se na cama, a fazer beicinho e a cobrir os seios com as mãos. Girou o dedo em torno dos mamilos até ficarem duros e depois ronronou.

– Perdoa-me, foi uma estupidez da minha parte, Jan. Sabes como sou. Às vezes falo sem pensar. Haverá alguma maneira de te compensar?

Lisa chupou sugestivamente o dedo indicador e depois fez deslizar a mão para o interior das coxas.

Jan sentiu relutantemente o seu corpo reagir e decidiu que, pelo menos, havia uma coisa para a qual ela servia. E desfez o nó da gravata.

Mellberg coçou pensativamente os genitais, sem reparar nas expressões de repulsa que o gesto provocou nos rostos do grupo de pessoas que estava sentado à sua frente. Por ser um dia especial, vestira um fato, apesar de este estar um pouco apertado. Mas Mellberg culpava a lavandaria, que devia ter posto a pata na poça e engomado o fato a uma temperatura demasiado elevada. Mellberg não precisava de se pesar para saber que engordara umas dezenas de gramas desde que tinha sido um jovem recruta mas, para ele, comprar um fato novo era um desperdício de dinheiro. A boa qualidade era intemporal. Não podia fazer nada se os idiotas da lavandaria não conseguiam fazer o seu trabalho correctamente.

Aclarou a garganta para captar completamente a atenção de todos. A tagarelice e o arrastar das cadeiras cessou, e todos os olhares se voltaram para Mellberg, sentado à sua secretária. As cadeiras tinham sido juntas e dispostas em semicírculo à frente dele. Mellberg olhou para todos em silêncio com uma expressão solene. Aquele era um momento que tencionava aproveitar o mais possível. Reparou, com um franzir de testa, que Patrik parecia exausto. Era natural que o pessoal fizesse o que quisesse no seu tempo livre, mas, dado que estavam a meio da semana de trabalho, seria de esperar que moderassem o divertimento e o consumo de álcool.

Mellberg reprimiu eficazmente a lembrança da meia garrafa que esvaziara na noite anterior. Agendou mentalmente uma conversa em privado com Patrik sobre a política da esquadra em relação ao álcool.

– Como todos sabem, acaba de ocorrer outro homicídio em Fjällbacka. A probabilidade de haver dois assassinos é muito baixa; por isso, acho que podemos partir da pressuposição de que a mesma pessoa que matou Alexandra Wijkner também assassinou Anders Nilsson.

Mellberg apreciou o som da própria voz e o zelo e interesse que observava nos rostos à sua frente. Estava no seu elemento natural. Tinha nascido para aquilo.

O superintendente prosseguiu:

– Anders Nilsson foi encontrado esta manhã por Bengt Larsson, um

dos

companheiros de bebedeira da vítima. Anders foi enforcado e, de acordo com informações preliminares de Gotemburgo, estava lá pelo menos desde ontem. Até termos informações mais precisas, esta vai ser a suposição a partir da qual vamos trabalhar.

Mellberg gostou da sensação da palavra «suposição» a desenrolar-se-lhe da língua. O grupo à frente de Mellberg não era particularmente grande, mas na sua mente era infinitamente maior, e o interesse deles não dava lugar a más interpretações. Era das suas palavras e ordens de que todos estavam à espera. Observou-os com prazer. Annika teclava avidamente num computador portátil, com uns óculos de leitura encavalitados na ponta do nariz. As suas amplas curvas femininas estavam envoltas num casaco amarelo de bom corte com saia a condizer; Mellberg piscou-lhe o olho.

Teria de se contentar com aquilo. Era melhor não a assustar. Ao lado dela estava sentado Patrik, que parecia prestes a desmoronar-se. As pálpebras dele estavam pesadas e tinha os olhos nitidamente injectados de sangue.

Mellberg decidiu que tinha mesmo de ter uma conversa com Patrik logo que fosse oportuno. Afinal, uma pessoa tinha o direito de exigir um certo ar de profissionalismo dos seus subordinados.

Além de Patrik e Annika, havia mais três funcionários da esquadra de Tanumshede. Gösta Flygare era o mais velho da esquadra. Dedicava toda a sua energia a fazer o mínimo possível até à reforma, que estava apenas a dois anos de distância. Depois disso, dedicaria todo o seu tempo à sua grande paixão: o golfe. Começara a jogar há dez anos, quando a mulher morreu de cancro e os fins-de-semana lhe começaram de repente a parecer demasiado longos e solitários. Não demorou muito para que o desporto fosse como um veneno no sangue. Encarava agora o trabalho, pelo qual nunca se tinha verdadeiramente interessado muito, como um elemento perturbador que o impedia de estar no campo de golfe.

Apesar de o seu ordenado ser escasso, tinha conseguido poupar o suficiente para comprar um apartamento na Costa del Sol, em Espanha. Em breve poderia dedicar os meses de Verão a jogar golfe na Suécia e passar o resto do ano a jogar nos campos de golfe de Espanha. Apesar disso, tinha de admiti-lo, aqueles homicídios tinham conseguido despertar o seu interesse pela primeira vez em décadas. Mas não ao ponto de não preferir antes jogar dezoito buracos naquele

momento, se o clima o permitisse.

Junto a Gösta estava sentado o elemento mais jovem da esquadra. Martin

Molin era alvo de diferentes graus de instinto paternal por parte de todos os restantes. Faziam turnos para agir como muletas invisíveis de Molin no emprego, apesar de serem cuidadosos para que este nunca notasse nada.

Apenas lhe davam tarefas que uma criança seria capaz de desempenhar, e liam e corrigiam tudo o que ele escrevia antes de os seus relatórios chegarem à secretária de Mellberg.

Tinha tirado o curso da Academia de Polícia há pouco mais de um ano.

Todos tinham ficado espantados por ele ter sido capaz, primeiro que tudo, de ultrapassar as exigentes condições de admissão e, depois, de terminar o curso e passar no exame. Mas Martin era simpático e tinha bom carácter, e apesar da sua ingenuidade, que o tornava completamente inadequado para o trabalho policial, todos reconheciam que não podia provocar danos de monta ali, na esquadra de Tanumshede. Por isso ajudavam-no de boa vontade a ultrapassar todos os obstáculos. Annika, sobretudo, tomou conta dele e, por vezes, para grande divertimento de todos, demonstrava os seus sentimentos apertando-o contra o seu peito enorme num abraço de urso.

Nessas ocasiões, o cabelo rubro de Martin, sempre revoltado, e as suas igualmente rubras sardas competiam com a cor do rosto dele. Mas Martin venerava Annika, e passara muitas noites a visitá-la, a ela e ao marido, quando precisava de pedir conselhos sobre a sua má sorte com os amores, o que era comum. A inocência e simpatia pareciam fazer dele um ímã irresistível para as mulheres que comiam homens ao pequeno-almoço e depois cuspiam os restos. Mas Annika estava sempre lá para o ouvir, para remendar os resquícios da autoconfiança dele. Depois, enviava-o de volta para o mundo, esperançosa de que um dia Martin encontrasse finalmente uma mulher que conseguisse apreciar a jóia de homem que ele era, escondido debaixo do seu rosto sardento.

O último elemento do grupo era também o menos popular. Ernst Lundgren era um verdadeiro lambe-botas que nunca perdia uma oportunidade para se autopromover, de preferência à custa dos outros.

Ninguém se admirava de que ainda fosse solteiro. Estava longe de ser

um homem atraente. Apesar de homens mais feios do que ele terem encontrado uma companheira, graças a uma personalidade vantajosamente agradável, em Ernst esse atributo era inexistente. Era por isso que agora vivia com a mãe idosa numa quinta a dez quilómetros a sul de Tanumshede. Diziam os rumores que o pai, conhecido na zona por ser um alcoólico e um homem

extremamente agressivo, aceitara ajuda da mulher quando caiu do palheiro e aterrou em cima de um ancinho. Isso acontecera há muitos anos, mas os rumores reavivavam-se sempre que as pessoas não tinham nada mais excitante para dizer. De qualquer forma, era verdade que apenas uma mãe poderia amar Ernst, uma vez que os seus dentes salientes, o cabelo desordenado e as grandes orelhas eram acompanhados por um temperamento colérico e uma propensão para se autopromover. Naquele momento, estava a agarrar-se a cada sílaba de Mellberg como se as palavras dele fossem pérolas, e aproveitava qualquer oportunidade para, impacientemente, mandar calar os outros quando se atreviam a fazer o mais pequeno ruído que desviasse a atenção do discurso de Mellberg. Ernst ergueu ansiosamente a mão como um miúdo da escola para fazer uma pergunta.

– Como sabemos que Anders não foi assassinado pelo bêbedo, que depois apenas terá fingido tê-lo encontrado esta manhã?

Mellberg dirigiu a Lundgren um assentimento apreciativo.

– Excelente pergunta, Ernst, muito bem. Mas, como eu disse, nós vamos partir da suposição de que o assassino é a mesma pessoa que matou Alex Wijkner. No entanto, apenas para termos a certeza, vamos verificar qual o álibi de Bengt Larsson para ontem.

Mellberg apontou para Lundgren com a caneta enquanto sondava o resto do grupo.

– Este é o tipo de pensamento alerta de que precisamos para resolver este caso. Espero que todos ouçam e aprendam com Ernst. Ainda têm muito que andar até chegar ao nível dele.

Ernst baixou os olhos com modéstia, mas logo que Mellberg voltou a atenção para outro lado, não resistiu a atirar um olhar triunfante aos colegas. Annika resfolegou de forma audível e, quando ele lhe disparou um olhar zangado, fixou-o sem pestanejar.

– Bem, onde é que eu ia?

Mellberg prendeu os polegares nos suspensórios que usava por baixo

do casaco e girou na cadeira. Acabou virado para o quadro branco que fora colocado na parede atrás dele para seguir o caso de Alexandra Wijkner. Um outro quadro branco semelhante tinha sido colocado ao lado do outro, mas a única coisa que continha era uma polaróide de Anders antes de os paramédicos terem cortado a corda e pousado o cadáver no chão.

– Ora bem, que sabemos até agora? O cadáver de Anders Nilsson foi encontrado esta manhã e, de acordo com o relatório preliminar, o indivíduo está morto desde ontem. Foi enforcado por uma ou mais pessoas desconhecidas, presumivelmente por mais do que uma, dada a força considerável necessária para erguer um adulto à altura suficiente para o pendurar no tecto. O que desconhecemos é como o fizeram. Não há sinais de luta, nem no apartamento nem no corpo de Anders. Não há escoriações a indicar uma manipulação grosseira do corpo, nem antes nem depois da ocorrência da morte. Estes são apenas dados preliminares, como eu disse, mas esperamos a confirmação logo que a autópsia esteja terminada.

Patrik acenou com a caneta.

– Quando teremos o relatório da autópsia?

– Parece que há uma pilha de cadáveres à espera; por isso, infelizmente, não tenho conseguido obter informações sobre a data de entrega do relatório.

Ninguém parecia surpreendido.

– Também sabemos que existia uma clara ligação entre Anders Nilsson e a nossa primeira vítima de homicídio, Alexandra Wijkner.

Então, Mellberg ergueu-se e apontou para a foto de Alexandra que estava no centro do primeiro quadro branco.

Tinham recebido a fotografia da mãe de Alex e, mais uma vez, todos ficaram arrebatados pela beleza que ostentava em vida. Fazia com que a fotografia ao lado, de Alexandra na banheira com um rosto azulado e pálido e gelo no cabelo e nas pestanas, parecesse ainda mais horrível.

– Este par mal-amanhado tinha um relacionamento sexual. O próprio Anders o admitiu, e nós temos igualmente algumas provas, como sabem, para apoiar esta alegação. O que não sabemos é quanto tempo durou, como é que se envolveram um com o outro e, acima de tudo, porque é que uma mulher linda da alta sociedade escolheria como

companheiro de cama um alcoólico sujo e, de modo geral, repugnante. Alguma coisa nisto cheira mal.

Consigo senti-lo.

Mellberg bateu várias vezes com o dedo indicador num dos lados do seu nariz bulboso e vermelho.

– Martin, fica destacado para investigar isto mais a fundo. Acima de tudo, tem de pressionar muito mais Henrik Wijkner do que fizemos até agora.

Aquele tipo sabe mais do que admite, tenho a certeza disso.

Martin assentiu avidamente e tomou notas como se corresse perigo de vida, e Annika olhou terna e maternalmente para ele por cima das hastes dos seus óculos de leitura.

– Infelizmente, isto leva-nos de volta à estaca zero relativamente aos suspeitos do primeiro homicídio. Anders parecia muito promissor nesse papel, mas agora o caso levou uma volta completamente diferente. Patrik, você terá de rever todo o material que temos sobre o assassinio da Wijkner.

Verifique e reverifique todos os pormenores. Algures nesse material está uma pista que nos escapou.

Mellberg ouvira aquela deixa numa série policial na televisão e memorizara-a para utilização posterior.

Gösta era agora o único a quem ainda não tinha sido atribuída uma missão. Mellberg olhou para a lista e pensou durante um momento.

– Gösta, você vai falar com a família de Alex Wijkner. Talvez eles saibam algo mais do que nos contaram. Questionem-os sobre os amigos e inimigos dela, sobre a infância, a personalidade dela, tudo. Tudo aquilo de que se consiga lembrar. Fale com os pais e com a irmã, mas certifique-se de que fala com um de cada vez. Pela minha experiência, dessa forma consegue-se extrair o máximo das pessoas. Coordene isso com Molin, que vai falar com o marido.

Gösta estremeceu perante o fardo de uma missão concreta e suspirou de resignação. Não porque lhe roubasse tempo para o golfe, a meio daquele Inverno terrivelmente gelado, mas nos últimos anos quase se habituara a não precisar de fazer qualquer trabalho a sério. Gösta aperfeiçoara a arte de parecer ocupado enquanto jogava ao solitário

no computador para matar o tempo. O fardo de ter de produzir alguns resultados concretos pesava sobre ele. A sua paz e sossego tinham acabado. Talvez nem sequer lhe pagassem horas extraordinárias. Já se daria por feliz se fosse reembolsado pela gasolina que gastaria para ir e voltar a Gotemburgo.

Mellberg bateu palmas e enxotou-os.

– Bem, vamos embora. Não podemos ficar sentados se quisermos resolver este caso. Calculo que tenham pela frente mais trabalho do que alguma vez tiveram e, no que diz respeito a dias de folga, podem esquecê-los até isto estar terminado. Até lá, o vosso tempo pertence-me. Toca a andar.

Se algum deles tinha algo contra ser enxotado como se fosse uma

criancinha, nenhum abriu a boca. Levantaram-se, carregaram as cadeiras onde tinham estado sentados com uma mão e levaram os seus blocos-notas e lápis na outra. Apenas Ernst Lundgren ficou para trás, mas Mellberg, ao contrário do que era habitual, não estava com disposição para bajulações, por isso também o enxotou.

Fora um dia muito produtivo. Claro que era um grande desapontamento que o seu suspeito principal do homicídio de Alexandra Wijkner tivesse acabado por se revelar um beco sem saída. Mas, pelo menos neste caso, um mais um era bastante mais do que dois. Um assassinio era um acontecimento, dois homicídios eram uma excitação para uma região tão pequena. Se antes, Mellberg tinha praticamente a certeza de obter um bilhete de ida para o centro da acção quando resolvesse o caso Wijkner, agora tinha a certeza absoluta de que, se embrulhasse os dois homicídios numa embalagem bonita, eles iriam implorar-lhe para regressar a Gotemburgo.

Com esta perspectiva no horizonte, Bertil Mellberg recostou-se para trás na cadeira, enfiou a mão na terceira gaveta da secretária, retirou um biscoito de merengue *Mums-Mums* coberto de chocolate e atirou-o inteiro para a boca. Depois cruzou as mãos atrás da cabeça, fechou os olhos e decidiu dormir um pouco. Afinal, estava quase na hora do almoço.

Depois de Patrik ter saído, Erica tentara, sem sucesso, dormir algumas horas. As sensações que se acotovelavam dentro dela faziam-na virar-se na cama de um lado para o outro. Um sorriso aflorava-lhe os lábios de vez em quando. Devia haver uma lei que proibisse tanta felicidade. A sensação de bem-estar era tão forte que Erica mal sabia o que fazer

consigo própria.

Deitou-se de lado e repousou a face direita nas mãos.

Tudo parecia mais brilhante nessa manhã. Tudo parecia mais fácil de resolver. O assassinio de Alex, o livro pelo qual o editor se impacientava, e que na verdade não estava a fluir como deveria, a sua dor pelos pais e, não menos importante, a venda da casa da sua infância. Tudo aquilo parecia mais fácil de aguentar nesse dia. Os problemas não tinham desaparecido, mas, pela primeira vez, Erica sentiu-se verdadeiramente convencida de que o mundo não ia desmoronar-se, e de que era capaz de lidar com quaisquer dificuldades que se atravessassem no seu caminho.

Imagine-se a diferença que um dia pode fazer. Apenas vinte e quatro horas. No dia anterior, mais ao menos à mesma hora, Erica acordara com um peso no peito, desperta para uma solidão que não conseguia ultrapassar.

Agora, parecia que ainda conseguia sentir fisicamente na pele as carícias de Patrik. Na verdade, fisicamente era a palavra errada, ou pelo menos uma palavra demasiado limitativa.

Erica sentia, com todo o seu ser, que a solidão fora substituída por uma sensação da existência de um par. O silêncio no quarto era agora de paz, quando antes parecera ameaçador e interminável. Claro que Erica já sentia a falta dele, mas sentia segurança na certeza de que, onde quer que Patrik estivesse, estaria a pensar nela.

Erica sentia que tinha pegado numa vassoura mental e varrido resolutamente dos cantos da sua mente todas as velhas teias de aranha e todo o pó que ali se tinham acumulado. Mas aquela nova clareza também a fez compreender que já não podia fugir do que lhe ocupara o pensamento nos últimos dias.

Desde que a verdadeira identidade do pai da criança de Alex tinha aparecido a Erica como que em letras ardentes no céu, que temia o confronto. Ainda não estava preparada para ele. Mas a nova força que sentia dentro de si tornava possível enfrentar o dilema, em vez de o afastar para o lado. Erica sabia o que tinha de fazer.

Tomou um longo duche com água a esquentar. Parecia que tudo nessa manhã era um novo começo, e Erica queria iniciá-lo completamente limpa.

Depois do duche e de um olhar de relance ao termómetro exterior, vestiu roupas quentes e pediu a Deus que o carro pegasse. Estava com sorte.

Pegou à primeira tentativa.

Durante a viagem, Erica pensou na forma de abordar o assunto. Praticou alguns diálogos iniciais, mas cada um parecia mais idiota do que o anterior, por isso decidiu improvisar. Não tinha assim tanto por onde pegar, mas as suas entranhas diziam-lhe que estava certa. Durante uma fracção de segundo, ponderou se devia telefonar a Patrik a contar-lhe as suas suspeitas, mas vetou rapidamente a ideia e decidiu que tinha de a confirmar primeiro ela própria. Havia demasiado em jogo.

O caminho até ao seu destino era curto, mas pareceu demorar uma eternidade. Quando Erica virou para o parque de estacionamento debaixo do Badhotel, Dan acenava alegremente do barco. Erica adivinhara que ele estaria lá. Acenou, mas não retribuiu o sorriso. Trancou o carro e, com as

mãos enfiadas nos bolsos do seu grosso casaco castanho-claro com capuz, desceu lentamente na direcção de Dan e do barco dele. O dia estava enevoado e cinzento, mas o ar cheirava a fresco. Respirou fundo algumas vezes para tentar dissipar da cabeça os últimos vestígios de névoa provocados pelo vinho a mais da noite anterior.

– Olá, Erica.

– Olá.

Dan continuou a trabalhar no barco, mas parecia contente por ter companhia. Erica olhou em volta, algo nervosa, à procura de Pernilla; ainda estava preocupada com o olhar que a mulher de Dan lhe disparara da última vez. Mas, à luz do que agora sabia, Erica já compreendia tudo muito melhor.

Pela primeira vez, Erica viu como era bonito o velho e gasto barco de pesca. Dan ficara com ele depois de o pai ter abandonado a pesca, e cuidara dele com verdadeira ternura. A pesca estava-lhe no sangue, e o facto de aquela ocupação já não conseguir alimentar uma família era a grande dor da sua vida. Claro que desempenhava bem o seu papel de professor na escola de Tanum, mas a pesca era a sua verdadeira vocação. Não conseguia evitar um sorriso sempre que trabalhava no barco. O trabalho duro não o incomodava, e vestia várias camadas de roupa para evitar o frio do Inverno.

Dan ergueu um pesado rolo de corda, colocou-o sobre o ombro e olhou para Erica.

– Mas que vem a ser isto? Então hoje não há guloseimas? Espero que não se torne um hábito.

Um caracol do cabelo louro de Dan pendia-lhe debaixo do barrete de malha. À frente dela como uma coluna maciça, ele parecia grande e forte.

Irradiava força e alegria, e Erica sentia-se triste por ter de destruir aquela felicidade. Mas, se não o fizesse, outros o fariam. A polícia, no pior dos casos. Erica convenceu-se a si própria de que estava a fazer um favor a Dan, mas sabia que estava a entrar numa zona emocional cinzenta.

Sobretudo porque Erica estava pessoalmente interessada. Tinha de descobrir.

Dan foi até à proa com o rolo de corda, atirou-o para cima do convés e foi ter com Erica, que estava na popa do barco, inclinada sobre a amurada.

Erica olhou vagamente para o horizonte.

– «Comprei o meu amor por dinheiro, de que outro modo o poderia ter?»

Dan deu uma gargalhada e completou o poema:

– «Cantai docemente, oh, cordas estridentes, cantai mesmo assim o meu amor.»

Erica não estava a sorrir.

– Fröding ainda é o teu poeta preferido?

– Sempre foi e sempre será. Na escola, os miúdos clamam que se lerem Fröding, vomitam, mas na minha opinião é impossível cansarmo-nos da sua poesia.

– Sim, eu ainda tenho aquela colecção dele que me ofereceste quando estávamos juntos.

Erica estava a falar para as costas de Dan, porque este tinha-se virado para mudar umas paletes de redes que estavam empilhadas contra a amurada oposta. Prosseguiu inflexivelmente:

– Ofereces sempre esse livro às tuas namoradas?

Dan interrompeu repentinamente as suas tarefas e virou-se para Erica com uma expressão chocada.

– Que queres dizer? Tu recebeste um, sim, e Pernilla outro, apesar de eu duvidar de que alguma vez se tenha dado ao trabalho de o ler.

Erica viu uma expressão pouco à vontade no rosto de Dan. Com as mãos enluvadas, agarrou-se mais à amurada contra a qual estava encostada e olhou-o directamente nos olhos.

– E Alex, também recebeu um exemplar?

O rosto de Dan ficou da mesma cor da neve que cobria a baía gelada atrás dele, mas Erica viu igualmente uma expressão de alívio a deslizar rapidamente por ele.

– Que queres dizer? Alex?

Dan ainda não estava preparado para capitular.

– Da última vez disse-te que tinha estado em casa de Alex numa noite da semana passada e que alguém entrara em casa dela enquanto eu lá estava.

Alguém que foi direito ao quarto e levou algo. A princípio, não consegui perceber o que era, mas depois verifiquei a última chamada que Alex fizera de casa dela. Foi para o teu telemóvel, e foi então que me lembrei do que faltava no quarto. Tenho exactamente o mesmo livro em casa.

Dan não disse nada, por isso Erica prosseguiu:

– Não foi difícil perceber por que alguém se daria ao trabalho de ir a casa de Alex para roubar algo tão simples como um livro de poemas. Tem uma

dedicatória, não tem? Uma dedicatória que não deixaria dúvidas quanto à identidade do amante dela?

– «Com todo o meu amor, dedico-te a minha paixão – Dan.»

Dan declamou o verso numa voz plena de emoção. Agora era a sua vez de fitar o mar com olhar vago. Sentou-se abruptamente numa palete no convés e arrancou o barrete. O cabelo despontou em todas as direcções. Tirou as luvas e passou as mãos pelo cabelo. Depois olhou

directamente para Erica.

– Eu não podia deixar que se soubesse. O que tivemos juntos foi uma loucura. Uma loucura intensa e que consumia tudo. Não era algo que pudéssemos deixar colidir com as nossas vidas reais. Ambos sabíamos que não poderia durar.

– Ias encontrar-te com Alex na sexta-feira em que morreu?

Um músculo mexeu-se involuntariamente no rosto de Dan perante a lembrança. Depois de Alex ter morrido, Dan deve ter reflectido vezes sem conta o que teria acontecido se tivesse chegado a aparecer. Se Alex não estaria ainda viva.

– Sim, íamos encontrar-nos nessa sexta-feira à noite. Pernilla ia visitar a irmã a Munkedal com as crianças. Eu inventei uma desculpa qualquer sobre estar adoentado e preferir ficar em casa.

– Mas Pernilla não foi, pois não?

Houve um longo silêncio.

– Sim, Pernilla foi, mas eu fiquei em casa. Desliguei o telemóvel, e sabia que Alex nunca se atreveria a ligar para o telefone fixo. Mantive-me afastado porque estava com medo. Não me atrevia a olhá-la nos olhos e dizer-lhe que estava tudo acabado. Apesar de saber que Alex percebia que isso teria de acontecer mais cedo ou mais tarde, estava com medo de ser eu a dar esse passo. Pensei que, se conseguisse começar a afastar-me lentamente, Alex se fartasse e acabasse a relação comigo. Muito viril, não te parece?

Erica sabia que a parte mais difícil ainda estava para vir, mas tinha de prosseguir. Era melhor que Dan o soubesse por ela.

– Mas, Dan, Alex não percebeu que tinham de terminar. Alex vislumbrava um futuro contigo. Um futuro em que tu deixavas a tua família, ela deixava Henrik, e os dois viveriam felizes para sempre.

Dan parecia encolher a cada palavra, e ainda faltava contar a parte pior.

– Ela estava grávida, Dan. De um filho teu. Parece que Alex tencionava

contar-to naquela sexta-feira à noite. Tinha preparado um jantar especial e posto champanhe no frigorífico.

Dan não conseguia encará-la. Tentou fixar o olhar no horizonte, mas as lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces, fazendo com que tudo se misturasse numa névoa. A dor emergiu de um lugar algures nas profundezas do seu ser, e as lágrimas intensificaram-se. Começou a soluçar e tinha de estar continuamente a limpar o nariz às luvas para o impedir de pingar. Por fim, colocou a cabeça entre as mãos e desistiu de todas as tentativas de limpar o rosto.

Erica agachou-se junto dele e envolveu-o com os braços para o consolar.

Mas Dan afastou-a. Erica sabia que Dan tinha de sair do inferno em que se encontrava por si próprio. Por isso esperou, de braços cruzados, até as lágrimas abrandarem e Dan parecer conseguir respirar outra vez.

– Como sabes que Alex estava grávida? – perguntou Dan por entre soluços.

– Eu estava com Birgit e Henrik na esquadra quando a polícia nos contou.

– Eles sabem que a criança não era de Henrik?

– Tenho a certeza de que Henrik sabe, mas não Birgit; pensa que o pai é Henrik.

Dan assentiu. Parecia tê-lo consolado um pouco que os pais de Alex não soubessem a verdade.

– Como se conheceram?

Erica queria desviar os pensamentos de Dan do seu filho que não chegara a nascer, nem que fosse por um instante, para que o amigo pudesse refazer-se um pouco.

Dan sorriu amargamente.

– Um verdadeiro clássico. Onde é que as pessoas se conhecem em Fjällbacka na nossa idade? A tomar uma cerveja no Galären, claro.

Olhámos um para o outro no bar, e foi como se tivesse levado um pontapé na barriga. Nunca antes me tinha sentido tão atraído por uma mulher.

Perante aquelas palavras, Erica sentiu uma pontada leve, muito leve

de ciúme. Dan prosseguiu:

– Não fizemos nada daquela vez, mas uns fins-de-semana depois, Alex ligou-me para o telemóvel. Fui de carro até casa dela. A partir daí foi como uma bola de neve. Aproveitava as horas em que Pernilla estava fora. Não foram assim tantas noites, ou seja, encontrávamo-nos sobretudo durante o

dia.

– Não tinhas medo de que os vizinhos te vissem quando ias a casa de Alex? Sabes como a coscuvilhice se propaga depressa por estas bandas...

– Claro que pensei nisso. Costumava trepar a cerca do quintal e depois entrava pela cave. Para ser completamente sincero, é provável que a atracção que sentíamos um pelo outro também se devesse a isso. O perigo e o risco.

– Mas não tinhas noção de quanto estavas a arriscar?

Dan remexia no boné e mantinha o olhar fixo no convés enquanto falava.

– Claro que tinha. De certa forma. Mas por outro lado sentia-me invulnerável. Outras pessoas podiam ser apanhadas, mas não eu. Não é sempre assim que pensamos?

– Pernilla sabe disto?

– Não. Pelo menos não tem a certeza. Mas julgo que suspeita de alguma coisa. Viste como reagiu quando nos viu aqui. É assim que tem estado nos últimos meses – ciumenta e vigilante. Tenho a certeza de que sente que se passa alguma coisa.

– Sabes que agora tens de lhe contar?

Dan abanou a cabeça veementemente. As lágrimas afloraram-lhe novamente aos olhos.

– Isso não vai dar certo, Erica. Não posso fazê-lo. Foi apenas depois deste caso com Alex que percebi realmente quanto Pernilla significa para mim.

Alex foi uma paixão, mas Pernilla e as crianças são a minha vida. Não posso contar-lhe!

Erica inclinou-se para a frente e colocou a mão sobre a de Dan. A voz dela era calma e clara, e não revelava nada da agitação que sentia no seu íntimo.

– Dan, tens de lhe contar. A polícia tem de ser informada, e tu tens agora uma oportunidade de contar tudo a Pernilla à tua maneira. Mais cedo ou mais tarde, a polícia vai chegar lá, e então já não vais ter a possibilidade de explicar a Pernilla da melhor forma. Depois já não terás alternativa. E tu próprio disseste que Pernilla talvez já saiba, ou que pelo menos suspeita de qualquer coisa. Talvez até fosse um alívio para os dois se conversassem sobre isto. Esclarece as coisas.

Erica viu que Dan estava a ouvir e a interiorizar o que ela dizia. E também conseguia sentir que Dan estava a tremer.

– E se Pernilla me deixa? E se ela leva as crianças e me deixa, Erica? Eu sem elas não sou nada.

Uma vozinha interior sussurrou cruelmente a Erica que Dan devia ter pensado naquilo antes, mas vozes mais fortes calaram-na e disseram que o tempo das recriminações já tinha passado. Naquele momento, havia assuntos mais importantes para resolver. Inclinou-se para a frente, colocou os braços em torno de Dan e afagou-lhe as costas com as mãos para o reconfortar. A princípio, os soluços tornaram-se mais fortes, mas depois desvaneceram-se. Quando se libertou do abraço dela e limpou as lágrimas, Erica viu que Dan decidira não adiar o inevitável.

Enquanto se afastava do cais no carro, Erica olhou para Dan pelo espelho retrovisor e viu que este estava de pé, imóvel, no seu adorado barco, com os olhos fixos no horizonte. Erica fez figas para que Dan encontrasse as palavras certas. Não ia ser fácil.

*

O bocejo parecia ter percorrido todo o seu corpo desde a ponta dos pés até à ponta dos cabelos. Patrik nunca estivera tão cansado em toda a sua vida. E também nunca fora tão feliz.

Era difícil concentrar-se nas enormes pilhas de papelada que tinha à sua frente. Um homicídio produzia quantidades incríveis de documentos, e o seu trabalho era agora verificar tudo aquilo ao pormenor para descobrir a minúscula peça do *puzzle* que podia fazer com que a investigação andasse para a frente. Patrik esfregou os olhos e inspirou profundamente para conseguir energia para realizar a

tarefa.

De dez em dez minutos tinha de se levantar da cadeira para se esticar, beber café, saltitar um pouco sem sair do lugar ou o que quer que fosse que o conseguisse manter acordado e concentrado durante mais algum tempo.

Por várias vezes, a mão desviara-se em direcção ao telefone para ligar a Erica, mas conteve-se. Se Erica estivesse tão cansada como ele, ainda devia estar na cama a dormir. Patrik esperava que sim. Tencionava mantê-la acordada tanto tempo quanto fosse possível também nessa noite, se é que tinha algum voto na matéria.

Um dos maços de papéis aumentara desde a última vez que Patrik o examinara: os documentos que continham informações sobre a família

Lorentz. Aparentemente, Annika, diligente como sempre, tinha continuado à procura de artigos e outros documentos antigos que mencionavam a família, e depois tinha colocado os papéis muito bem arrumados no maço sobre a secretária de Patrik. Este trabalhou metodicamente. Refrescou a memória ao virar o maço e trabalhar nele a partir do fim, para ler primeiro os artigos que já consultara. Duas horas mais tarde, nada lhe despertara a imaginação. Apesar de ter uma forte sensação de que lhe estava a escapar algo, mesmo assim, o que quer que fosse parecia manter-se fora do seu alcance.

As primeiras informações novas verdadeiramente interessantes estavam bem mais para baixo na pilha de documentos. Annika inserira um artigo sobre um caso de fogo posto em Bullaren, a cerca de 50 quilómetros de Fjällbacka. O artigo datava de 1975 e tinha merecido praticamente uma página inteira no *Bohuslänningen*. A casa ardera completamente na noite de 6 de Julho de 1975 devido a uma explosão. Quando o fogo foi extinto não restava praticamente nada além de cinzas, mas foram encontrados os restos mortais de dois seres humanos. Descobriu-se que os cadáveres eram de Stig e Elisabeth Norin, o casal proprietário da moradia. Por milagre, o filho de dez anos conseguira escapar ao incêndio. Encontraram-no numa das construções exteriores. As circunstâncias que rodearam o incêndio foram consideradas suspeitas, de acordo com o *Bohuslänningen*, e a polícia afirmou que fora fogo posto.

O artigo estava preso a uma pasta por um clipe e, no interior daquela, Patrik encontrou o relatório policial. Não tinha conseguido perceber o que é que o artigo tinha que ver com a família Lorentz até abrir a pasta e ler o nome do filho dos Norin. O rapaz chamava-se Jan. A

pasta também continha um relatório da Segurança Social, no qual era mencionada a colocação do rapaz numa família de acolhimento, a família Lorentz. Patrik assobiou alto. Ainda não percebia o que aquilo poderia ter que ver com a morte de Alex ou, já agora, com o homicídio de Anders, mas algo começou a agitar-se nas margens da sua consciência. Sombras que se desvaneciam e dissolviam mal tentava concentrar-se nelas, mas que indicavam que estava na pista certa. Tomou mentalmente nota daquilo e prosseguiu o seu laborioso escrutínio dos materiais sobre a secretária.

O bloco-notas de Patrik ia-se enchendo lentamente. A sua caligrafia era tão má que Karin estava sempre a gozar com ele, a dizer-lhe que devia antes

ter sido médico, mas Patrik conseguia lê-la bem, e era isso que interessava.

Havia algumas medidas a tomar, mas o que dominava as notas eram todas as perguntas que o material produzira, marcadas com grandes pontos de interrogação negros. De quem estava Alex à espera quando preparou o jantar especial? Quem era o homem com quem se encontrava secretamente?

E quem era o pai da criança que carregava no ventre? Poderia ser Anders, apesar de este o ter negado? Ou haveria alguém que ainda não tinham conseguido identificar? Porque teria uma mulher como Alex, com a sua beleza, classe e dinheiro, uma relação com alguém como Anders? Porque tinha Alex conservado um artigo sobre o desaparecimento de Nils Lorentz na gaveta de uma cómoda?

A lista de perguntas não parava de crescer. Faltavam três páginas para passar ao assunto relativo à morte de Anders. Por enquanto, o maço de papéis acerca de Anders era bastante mais pequeno. Mas os documentos não tardariam a empilhar-se. De momento, havia apenas dez documentos, incluindo um confiscado durante a busca ao apartamento do pintor. A maior questão relativamente a Anders era a forma como morreria. Patrik sublinhou esta pergunta várias vezes a negro com golpes de lápis furiosos. Como é que o assassino, ou os assassinos tinham erguido Anders até ao gancho no tecto? A autópsia iria fornecer mais respostas, mas, pelo que Patrik vira, não havia marcas de luta no corpo, exactamente como Mellberg tinha salientado na reunião dessa manhã. Alguém que está inconsciente pesa de forma incrível, e Anders teria de ter sido erguido a uma boa altura para que alguém prendesse a corda ao gancho.

Patrik estava de facto inclinado a acreditar na possibilidade de Mellberg ter acertado pelo menos uma vez quando afirmou que teria de haver mais do que uma pessoa na cena do crime. Apesar disso não parecer bater certo com o que aconteceu quando Alex foi morta. No entanto, Patrik podia jurar que o assassino era o mesmo. Depois da sua dúvida inicial, estava cada vez mais convencido de que era essa a verdade.

Olhou para os papéis que tinham encontrado no apartamento de Anders e colocou-os em leque à sua frente, sobre a secretária. Patrik tinha cravado entre os dentes um lápis que roera até se tornar irreconhecível. Sentia a boca cheia de flocos amarelos do lápis. Cuspiu uns quantos e tentou retirar os restantes da língua. Era escusado, agora os flocos estavam presos nos dedos. Tentou várias vezes desalojá-los com os dedos da outra mão, mas

desistiu e voltou novamente a atenção para os papéis dispostos em leque na secretária. Nenhuma das páginas lhe despertou interesse, por isso pegou na factura do telefone da Telia como ponto de partida. Anders fazia muito poucas chamadas, mas, com todas as taxas fixas, o total era mesmo assim bastante elevado. A factura apresentava o descritivo das chamadas, e Patrik suspirou quando se apercebeu de que agora teria de fazer um pouco de trabalho de campo à moda antiga. Apesar de não achar que aquele fosse o dia indicado para tarefas aborrecidas e rotineiras.

Analizou metodicamente os números que constavam na lista, um a seguir a outro. Cedo percebeu que Anders telefonava para poucos números. Mas um deles destacava-se. Não aparecia de todo perto do topo da lista, mas depois de ter surgido pela primeira vez era o que aparecia mais frequentemente. Patrik marcou o número e deixou o telefone tocar.

Estava prestes a desligar, depois de oito toques, quando ouviu um gravador de chamadas ser activado. O nome do outro lado da linha fê-lo sentar-se repentinamente muito direito na cadeira, o que fez com que os músculos das coxas se alongassem dolorosamente, pois tinha colocado os pés sobre a secretária. Girou as pernas para o chão e massajou uma câibra no interior da coxa direita.

Patrik pousou o auscultador antes de o sinal sonoro que indicava a possibilidade de deixar uma mensagem ter chegado ao fim. Desenhou um círculo em torno de uma das notas no seu bloco e, depois de pensar durante um momento, fez outro telefonema. Queria tratar pessoalmente de uma das tarefas, mas a outra podia ficar para Annika.

Com as notas na mão, Patrik dirigiu-se ao gabinete dela. Annika estava a dactilografar intensamente no seu teclado, com os óculos de leitura encavalitados na ponta do nariz.

Olhou para ele inquisitoriamente.

– Vens oferecer-me a tua ajuda, aliviar-me da minha carga de trabalho excessivamente pesada, certo?

– Bom, não era bem essa a minha ideia – Patrik deu uma risada.

– Pois, calculei logo que não fosse – Annika olhou para Patrik com uma expressão de irritação fingida. – Bem, qual é a contribuição para a minha úlcera incipiente?

– É só um pequeno pedido – Patrik indicou quão pequeno era, medindo um milímetro entre o polegar e o indicador.

– Certo, desembucha.

Patrik puxou uma cadeira e sentou-se à secretária de Annika. Apesar de ser extremamente pequeno, o gabinete dela era, indubitavelmente, o mais agradável da esquadra. Tinha trazido uma série de plantas que pareciam saudáveis e viçosas. Aquilo podia classificar-se como um pequeno milagre, uma vez que a única luz da divisão entrava pela janela voltada para a sala de espera. As paredes frias de betão estavam cobertas de fotografias das duas grandes paixões de Annika e do marido, Lennart, os cães e a as provas de aceleração³⁰. Tinham dois Labradores pretos que aos fins-de-semana levavam com eles por toda a Suécia, para onde quer que houvesse competições. Era Lennart quem na verdade competia, mas Annika estava sempre lá para o aplaudir e para lhe proporcionar uma merenda e um termo de café. Basicamente, encontravam sempre as mesmas pessoas nas corridas e, ao longo dos anos, tinham formado um grupo bastante coeso. Todos se consideravam íntimos uns dos outros. Havia corridas pelo menos duas vezes por mês, e era impossível persuadir Annika a trabalhar nesses dias.

Patrik baixou os olhos para as suas notas.

– Bem, estava a pensar se poderias ajudar-me a fazer um pequeno inventário da vida de Alexandra Wijkner. A começar pela morte dela e reverificando a cronologia de trás para a frente em todos os dados que recebemos. Durante quanto tempo esteve casada com Henrik. Quanto tempo viveu na Suécia. Verificar as informações sobre as escolas que frequentou em França e na Suíça, etc. Compreendes o que quero

encontrar?

Annika tinha tomado notas num bloco enquanto Patrik falava, e depois ergueu os olhos afirmativamente. Patrik sentiu-se plenamente seguro de que ela encontraria tudo o que interessasse saber. Acima de tudo, Annika descobriria se algumas das informações que Patrik recebera não mereciam que se tivesse gasto tinta a escrevê-las. Porque tinha de haver algo que não encaixava, disso tinha Patrik a certeza absoluta.

– Obrigado pela ajuda, Annika. És uma pérola.

Patrik começou a levantar-se da cadeira, mas um brusco «Senta-te!» de Annika fez com que se imobilizasse e se voltasse a afundar na almofada da cadeira. Patrik compreendeu de repente porque estavam os Labradores dela tão bem treinados.

Annika recostou-se com um sorriso satisfeito e Patrik percebeu que o seu primeiro erro fora ter ido pessoalmente ao gabinete dela, em vez de lhe deixar simplesmente uma nota. Patrik já devia saber que Annika conseguia

sempre ver através dele. Além disso, o faro dela para romances era completamente sobrenatural. Mais valia erguer a bandeira branca e capitular, por isso recostou-se e esperou pela torrente de perguntas que sem dúvida se aproximava. Annika começou suave e insidiosamente.

– Hoje pareces mesmo exausto.

– Hum...

Mas Patrik tencionava dar-lhe algum trabalho a conseguir as informações.

– Houve uma festa, ontem à noite? – Annika continuava à pesca, enquanto com estratégias maquiavélicas procurava fendas na armadura dele.

– Bem, julgo que lhe poderíamos chamar uma festa. Provavelmente, depende do ponto de vista de cada um. Já agora, como definirias «festa»? –

Patrik abriu os braços e também os olhos, com uma expressão inocente.

– Ora, deixa-te de tretas, Patrik. Conta-me lá. Quem é ela?

Patrik nada disse, atormentando-a com o seu silêncio. Alguns segundos depois, viu uma luz acender-se nos olhos de Annika.

– Aha! – a exclamação de Annika ressoou triunfantemente, enquanto abanava o dedo no ar, certa de ter saído vitoriosa.

– É aquela mulher, qual é o nome dela, como é que se chama...

Annika estalou os dedos enquanto procurava febrilmente na memória.

– Erica! Erica Falck!

Aliviada, Annika voltou a recostar-se na cadeira.

– Ora então conta lá, Patrik... há quanto tempo dura isso?

Patrik nunca deixava de se espantar com a precisão infalível com que Annika atingia o alvo. E não adiantava negá-lo. Patrik sentia um rubor a espalhar-se desde a cabeça até aos dedos dos pés, e isso era mais eloquente que qualquer coisa que pudesse dizer. Depois, não conseguiu conter o amplo sorriso que se espalhou pelo rosto, e essa foi a confirmação definitiva das suspeitas de Annika.

Após um interrogatório de cinco minutos, Patrik conseguiu finalmente arrastar-se para fora do gabinete de Annika. Sentia-se como se tivesse sido espremido. Mas não tinha sido desagradável falar sobre Erica, e foi com dificuldade que regressou à tarefa que tinha imposto a si próprio resolver imediatamente. Vestiu o casaco, disse a Annika que ia sair, e enfrentou o frio invernal da rua, onde o chão se ia lentamente cobrindo de grandes flocos de neve que tinham começado a cair.

Do lado de fora da janela, Erica viu a neve a flutuar para o chão. Estava sentada ao computador mas tinha-o desligado, e agora fitava o ecrã vazio.

Apesar da dor de cabeça fortíssima, tinha-se forçado a escrever dez páginas sobre Selma Lagerlöf. Já não sentia qualquer entusiasmo pela biografia, mas tinha um contrato a cumprir e, dali a uns meses, a biografia teria de estar terminada. A conversa com Dan tinha esfriado a sua boa disposição, e perguntou a si própria se Dan estaria a contar tudo a Pernilla naquele preciso momento. Decidiu fazer uso da sua preocupação com Dan para alguma coisa criativa e voltou a ligar o computador.

O esboço do livro sobre Alex estava no ambiente de trabalho do computador, e Erica abriu o ficheiro que agora já contava com umas boas cem páginas. Metodicamente, leu-as do princípio ao fim. Estava bom.

Estava até muito bom. O que a preocupava era como iriam reagir todas as pessoas do círculo de amigos de Alex e a sua família se o livro fosse publicado. Claro que Erica tinha disfarçado um pouco a história, alterando os nomes das pessoas e dos locais, e permitindo-se alguns rasgos de imaginação. Mas o núcleo do livro era indubitavelmente baseado na vida de Alex vista pelos olhos de Erica. A parte acerca de Dan, sobretudo, estava a dar a Erica uma verdadeira dor de cabeça. Como poderia deixar de fora Dan e a sua família? Ao mesmo tempo, sentia que tinha de escrever aquela história. Pela primeira vez, a ideia para um livro tinha-a realmente entusiasmado. Havia tantas outras ideias que não tinham dado frutos, e que Erica rejeitara ao longo dos anos; não podia dar-se ao luxo de perder aquela.

Primeiro, tencionava concentrar-se em terminar o livro, depois resolveria o problema de como lidar com os sentimentos das pessoas envolvidas.

Cerca de uma hora de escrita enérgica passara quando a campainha tocou.

A princípio, Erica ficou aborrecida por ser incomodada, agora que tinha finalmente conseguido prosseguir, mas depois pensou que talvez fosse Patrik e saltou da cadeira. Deu uma olhadela ao espelho para ver como estava antes de descer as escadas a correr para abrir a porta. O sorriso nos seus lábios desvaneceu-se instantaneamente quando viu quem estava à porta. Pernilla tinha um aspecto terrível. Parecia ter envelhecido dez anos desde a última vez que Erica a vira. Os olhos estavam inchados e vermelhos do choro, o cabelo estava despenteado e, com a pressa, parecia ter-se esquecido do casaco; tremia numa camisola fina. Erica fê-la entrar na casa aquecida. Com um gesto impulsivo, colocou os braços em torno de Pernilla

e abraçou-a enquanto lhe acariciava as costas da mesma forma que tinha acariciado as costas de Dan apenas umas horas antes. Aquilo despojou Pernilla do pouco autocontrolo que lhe restava, e ela chorou no ombro de Erica com longos soluços de dor. Passado algum tempo, ergueu a cabeça. O

rímel estava ainda mais esborratado, o que lhe dava um ar quase cómico, como o de um palhaço.

– Desculpa – Pernilla olhou através da sua névoa de lágrimas para o ombro de Erica, onde o fato de treino branco que esta usava fora manchado de negro pelo rímel.

– Não faz mal. Não te preocupes com isso. Entra.

Erica colocou um braço em torno dos ombros de Pernilla e conduziu-a à sala de estar. Conseguia senti-la toda a tremer, e Erica não pensava que fosse apenas por causa do frio. Por um segundo, perguntou a si própria porque tinha Pernilla escolhido ir ter com ela. Erica sempre fora muito mais amiga de Dan do que de Pernilla. Achou um pouco estranho que Pernilla não tivesse ido ter com uma das suas próprias amigas, ou com a irmã. Mas agora, fosse como fosse, Pernilla estava ali e ela tinha de fazer tudo o que pudesse para a ajudar.

– Fiz café. Queres uma chávena? Está pronto há cerca de uma hora, mas deve conseguir beber-se.

– Sim, obrigada.

Pernilla sentou-se no sofá e abraçou o peito com os braços, como se tivesse medo de se desfazer e quisesse manter-se inteira. De certa forma, talvez fosse essa a verdade.

Erica regressou com duas chávenas de café. Colocou uma delas à frente de Pernilla, na mesa de apoio, e a outra à sua frente, e sentou-se na grande cadeira de braços para ficar de frente para o sofá onde Pernilla se sentara.

Erica esperou que Pernilla comesse a falar.

– Tu sabias?

Erica hesitou.

– Sim, mas apenas há muito pouco tempo – e hesitou novamente. –

Encorajei Dan a contar-te.

Pernilla assentiu.

– Que hei-de fazer?

A pergunta era retórica, por isso, Erica deixou-a por responder. Pernilla prosseguiu:

– Sempre soube que Dan estava comigo apenas para te esquecer.

Erica começou a protestar, mas Pernilla deteve-a com um gesto.

– Eu sabia que era verdade, mas pensei que as coisas mudassem com o tempo, e que nos amávamos verdadeiramente. Damo-nos bem, e eu confiei nele completamente.

– Dan ama-te, Pernilla, eu sei que é verdade.

Pernilla não parecia estar a ouvi-la; continuava a falar enquanto olhava fixamente para a chávena de café. Erica reparou que ela estava a segurar a pega com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

– Eu era capaz de aceitar se Dan estivesse a ter um caso e o justificasse com uma crise extemporânea de meia-idade, ou algo assim. Mas nunca lhe posso perdoar ter engravidado aquela mulher.

A fúria na voz de Pernilla era tão forte que Erica teve de controlar um impulso para se chegar para trás. Quando Pernilla ergueu a cabeça e olhou para Erica, o ódio nos seus olhos era tão feroz que ela sentiu uma premonição gelada. Nunca tinha visto uma fúria tão intensa. Por um breve instante, perguntou a si própria há quanto tempo soubera realmente Pernilla da relação de Dan com Alex. E até onde estaria disposta a ir na sua vingança. Depois rejeitou a ideia tão depressa como tinha surgido. Aquela era Pernilla, uma dona de casa com três filhos, casada com Dan há muitos anos, não um anjo vingador a agir com uma fúria enraivecida contra a amante do marido. Mesmo assim, havia uma ferocidade gelada nos olhos de Pernilla que a assustou.

– Que vais fazer agora?

– Não sei. Neste momento não sei nada. Só tinha de sair de casa. Foi a única coisa que me passou pela cabeça. Nem sequer fui capaz de olhar para ele.

Erica enviou um pensamento de solidariedade a Dan. O amigo estava certamente no seu próprio inferno naquele preciso momento. Teria parecido mais natural se tivesse sido Dan a ir ter com Erica em busca de conforto.

Nesse caso teria sabido o que dizer, quais as palavras que o tranquilizariam.

Não conhecia Pernilla suficientemente bem para saber como ajudá-la.

Talvez ouvi-la fosse o suficiente.

– Porque achas que ele o fez? O que é que ela lhe dava que eu não lhe conseguia dar?

Agora Erica compreendia porque é que Pernilla teve de ir ter com ela em

vez de ter procurado as suas muitas amigas chegadas. Pernilla acreditava que Erica possuía respostas sobre Dan. Que Erica poderia dar a Pernilla a chave para compreender aquele comportamento do marido. Infelizmente, Erica teria de desapontá-la. Sempre conhecera Dan como a encarnação da honestidade; nunca sequer lhe ocorrera que pudesse ser infiel. Erica nunca tinha ficado tão chocada como quando ligou para o último número marcado no telefone de Alex e ouviu a voz de Dan no atendedor de chamadas. Para ser verdadeiramente honesta, teria de admitir ter sentido um enorme desapontamento naquele momento, o desapontamento de descobrir que alguém a quem era chegada não ser a pessoa que sempre julgara ser. Era por isso que compreendia porque é que Pernilla, além de se sentir traída e enganada, tinha começado a fazer perguntas sobre quem era realmente Dan, o homem com quem vivera durante todos aqueles anos.

– Não sei, Pernilla, fiquei realmente bastante chocada. Não foi o Dan que eu conheço.

Pernilla assentiu. Parecia consolá-la um pouco não ter sido a única a ser enganada. Apanhou nervosamente borbotos invisíveis da camisola folgada.

O cabelo de Pernilla, comprido, escuro e com vestígios de uma permanente, fora apressadamente puxado para trás num rabo-de-cavalo, o que lhe dava um ar desleixado. Erica tivera sempre uma atitude um pouco trocista acerca do aspecto de Pernilla; ela deveria ter sido capaz de cuidar bastante melhor da sua aparência. Continuava a fazer permanentes, apesar de estas terem passado de moda praticamente ao mesmo tempo que os casacos de meio-corpo para homem. E Pernilla comprava sempre a roupa pelo correio, escolhida em catálogos de grandes cadeias económicas, com preços baixos e conceitos de moda a condizer. Mas Erica nunca a tinha visto assim tão maltrapilha.

– Pernilla, sei que agora é incrivelmente difícil, mas vocês são uma família, tu e Dan. Têm três filhas maravilhosas e passaram quinze bons anos juntos. Não deves precipitar-te. Não me interpretes mal, eu não perdoo nada do que Dan fez. Talvez não consigam continuar juntos

depois disto.

Talvez seja impossível perdoá-lo. Mas não tomes nenhuma decisão até compreenderes tudo um pouco melhor. Pensa bem antes de fazeres alguma coisa. Sei que Dan te ama; ainda hoje mo disse. Também sei que ele está profundamente arrependido do que fez. Dan disse-me que queria acabar a relação com Alex, e eu acredito nele.

– Já não sei no que hei-de acreditar, Erica. Nada daquilo em que acreditava antes era verdade, por isso porque hei-de acreditar agora?

Não havia resposta para aquelas palavras, e o silêncio instalou-se pesadamente entre as duas.

– Como era ela?

Erica viu novamente um fogo gelado a arder bem no fundo dos olhos de Pernilla. Não precisou de perguntar a quem ela se referia.

– Foi há tanto tempo. Eu já não a conhecia.

– Ela era linda. Vi-a no Verão. Era tal como eu queria ser. Linda, elegante, sofisticada. Fazia-me sentir uma camponesa. Teria dado tudo para ser como ela. De certa forma, consigo compreender Dan. Bastava colocarem-me ao lado de Alex, e era óbvio quem ficaria a ganhar.

Pernilla puxou com frustração as roupas práticas, mas fora de moda, como que para demonstrar o que queria dizer.

– Também tive sempre inveja de ti. O grande amor da juventude que se mudou para a capital e o deixou para trás a consumir-se de desgosto. A autora de Estocolmo que conseguiu realmente ser alguém na vida e que regressava aqui de vez em quando para se gabar a nós, simples mortais. Dan ansiava sempre pelas tuas visitas.

A amargura na voz de Pernilla desalentou Erica. Pela primeira vez, sentiu vergonha da sua atitude condescendente em relação a ela. Tinha compreendido tudo tão mal. Olhando mais de perto, Erica tinha de admitir que sentira alguma satisfação ao reparar na diferença entre si própria e Pernilla. Entre as suas visitas de 500 coroas ao cabeleireiro na Praça Stureplan e as permanentes caseiras de Pernilla. Entre as suas roupas de estilistas compradas na Rua Biblioteksgatan e as blusas e saias compridas de pronto-a-vestir de Pernilla. Mas que diferença fizera? Porque tinha ela, nos seus momentos de fraqueza, sido feliz por causa dessa diferença? Fora Erica quem deixara Dan. Era apenas para satisfazer o próprio ego, ou tivera mesmo inveja por

Pernilla e Dan possuírem muito mais do que ela? Teria Erica, bem no fundo de si própria, invejado a vida familiar deles, e talvez mesmo lamentado não ter ficado em Fjällbacka? De não ser dela a família que Pernilla agora tinha? Será que tinha conscientemente tentado rebaixar Pernilla por sentir realmente ciúmes dela? A ideia era repulsiva, mas Erica não a conseguia afastar. Fê-la sentir-se envergonhada até ao mais fundo da sua alma. Ao mesmo tempo, Erica questionou-se até onde Pernilla teria ido

para proteger o que tinha. Até onde estava Pernilla preparada para ir? Erica olhou-a pensativamente.

– Que vão as crianças dizer? – parecia que aquela era a primeira vez que ocorrera a Pernilla que ela e Dan não seriam os únicos a serem afectados. –

Vai ficar a saber-se, não achas? Quer dizer, que Alex estava grávida? Que irão pensar as crianças?

A ideia parecia apavorar Pernilla, e Erica deu o seu melhor para a acalmar.

– A polícia terá de ser avisada de que era Dan quem se encontrava com Alex, mas isso não significa que toda a gente venha a saber. Tu e Dan podem decidir o que querem contar às crianças. Ainda controlas a situação, Pernilla.

Aquelas palavras pareceram tranquilizar Pernilla, que bebeu uns golos de café; já devia estar frio, mas isso não pareceu incomodá-la. Pela primeira vez, Erica sentiu-se verdadeiramente zangada com Dan. Ficou surpreendida por não se ter sentido assim antes, mas agora conseguia sentir a fúria em ebulição dentro dela. Seria louco? Como podia deitar tudo o que tinha a perder, com ou sem a atracção por Alex? Será que não percebia como era boa a vida que tinha? Cruzou as mãos no colo e tentou transmitir a compaixão que sentia por Pernilla, sentada do outro lado da mesa. Se ela a sentiu ou não, Erica não fazia ideia.

– Obrigada por me ouvires. Estou-te mesmo grata.

Os olhos delas encontraram-se. Tinha passado menos de uma hora desde que Pernilla tocara à campainha, mas Erica pensava que tinha aprendido bastante durante esse tempo, sobretudo sobre si própria.

– Ficas bem? Tens algum sítio para onde ir.

– Vou para casa – a voz de Pernilla era clara e firme. – Alex não me vai afastar do meu lar e da minha família. Não lhe vou dar essa satisfação. Vou para casa ter com o meu marido e vamos resolver isto. Mas não sem exigências. A partir de agora, as coisas vão ter de ser diferentes.

Erica não conseguiu evitar um sorriso, no meio de toda aquela desgraça.

Dan iria passar um mau bocado, isso era mais do que óbvio. Mas não era nada que não merecesse.

Abraçaram-se desajeitadamente à porta. De todo o coração, Erica desejou a Pernilla e a Dan que tudo corresse bem, enquanto a observava a entrar no carro e a afastar-se pela estrada. Ao mesmo tempo, não conseguia deixar de

sentir um constrangimento torturante. A imagem dos olhos plenos de ódio de Pernilla ainda permanecia na sua mente. Naqueles olhos não havia perdão.

Todas as fotografias estavam espalhadas pela mesa da cozinha à frente de Vera. Agora, as fotografias eram tudo o que lhe restava de Anders. Quase todas eram antigas e estavam amareladas. Há muitos anos que não havia qualquer motivo para o fotografar. As fotografias de Anders em bebé eram a preto e branco, e depois havia fotografias com as cores desbotadas de quando era mais crescido. Tinha sido uma criança feliz. Um pouco traquina, mas sempre feliz. Atencioso e educado. Assumira com seriedade o seu papel de homem da casa. Por vezes, talvez com demasiada seriedade, mas Vera tinha-o deixado fazer as coisas à maneira dele. Era muito difícil saber se tinha tomado a decisão acertada. Talvez houvesse muita coisa que ela devesse ter feito de outra forma; talvez não tivesse feito diferença. Mas agora era tarde de mais para sabê-lo.

Vera sorriu quando viu uma das suas fotografias preferidas. Anders estava sentado na sua bicicleta, orgulhoso como um pavão. Vera tinha feito muitas horas extraordinárias a trabalhar de noite e aos fins-de-semana para lhe comprar aquela bicicleta. Era azul-escura e tinha um selim a que chamavam selim «banana». De acordo com Anders, a bicicleta era a única coisa que alguma vez queria em toda a sua vida. Ansiara por aquela bicicleta mais do que tudo, e Vera nunca esqueceria a expressão no rosto do filho quando finalmente a recebeu, no seu oitavo aniversário. Passava todos os momentos livres a passear na bicicleta e, naquela fotografia, Vera conseguira apanhá-lo em

movimento. O cabelo de Anders era comprido e encaracolado, e pendia abaixo do colarinho do seu blusão *Adidas* impecavelmente limpo e justo, com as riscas nas mangas. Era assim que sempre o iria recordar.

Antes de tudo ter começado a correr mal.

Há muito que Vera receava aquele dia. Cada telefonema, cada batida na porta traziam com eles o medo. Talvez aquele telefonema em particular, ou aquela batida lhe dessem a notícia que há tanto tempo receava. Até àquele momento, Vera esperara que esse dia não se materializasse. Não era natural um filho morrer antes dos pais, e era por isso que lhe custava tanto imaginar essa possibilidade. A esperança era a última a morrer, e ela continuou a acreditar que tudo iria, de alguma forma, voltar a entrar no bom caminho.

Mesmo que fosse preciso um milagre. Mas o milagre não aconteceu. E não havia esperança. A única coisa que agora restava era o desespero, e uma pilha de fotos antigas e amarelecidas.

Os ponteiros do relógio da cozinha cortavam o silêncio. Pela primeira vez, Vera reparou como a sua casa parecia miserável. Durante todos aqueles anos não tinha feito nada pela casa, e isso era óbvio. Tinha mantido a sujidade afastada, mas não conseguia limpar a indiferença que se agarrava às paredes e ao tecto. Tudo era cinzento e sem vida. Gasto. Era isso que mais a deprimia. Tudo o que tinha sido gasto e desperdiçado.

O rosto sorridente de Anders troçava dela nas fotografias. Mostrava mais claramente que tudo o resto como Vera falhara. A sua tarefa fora mantê-lo sorridente, dar-lhe fé, esperança e, acima de tudo, amor para enfrentar o futuro. Em vez disso, Vera tinha observado em silêncio enquanto tudo lhe era arrancado. Negligenciara o seu papel de mãe, e nunca se iria conseguir livrar da vergonha.

Ocorreu-lhe quão ténue era a prova de que Anders tinha existido. As pinturas tinham desaparecido, as poucas mobílias que tinha tido no apartamento depressa iriam para o lixo se ninguém as quisesse. Em casa de Vera não restava nenhum dos pertences dele. Anders tinha-os vendido ou destruído ao longo dos anos. A única coisa que provava que Anders tinha realmente existido era uma mão-cheia de fotografias pousada na mesa à frente dela. E as suas memórias. Claro que Anders também permaneceria na memória de outras pessoas, mas como um alcoólico incurável, não como alguém de quem sentiriam falta ou por quem chorariam. Vera era a única pessoa que tinha memórias felizes

de Anders. Por vezes fora difícil convocá-las, mas essas memórias ainda permaneciam. Num dia como aquele, eram as únicas memórias que vinham à tona. Nada mais era permitido.

Os minutos transformaram-se em horas, e Vera permaneceu sentada à mesa da cozinha com as fotografias à sua frente. As articulações ficaram rígidas. Os olhos começaram a não conseguir distinguir os pormenores das fotografias, à medida que a escuridão invernal estrangulava lentamente a luz. Mas isso não importava, Vera estava agora completa e impiedosamente só.

A campainha ecoou pela casa. Demorou tanto tempo a ouvir alguém no

interior que Patrik estava a preparar-se para se voltar e regressar ao carro.

Mas depois de esperar um pouco, ouviu alguém a encaminhar-se cautelosamente para a porta. A porta abriu-se lentamente para dentro, e Patrik viu Nelly Lorentz, a olhá-lo inquisitoriamente. Ficou surpreendido por ser ela a abrir a porta. Tinha imaginado um mordomo emproado de uniforme que o iria convidar cortesmente a entrar. Mas talvez já ninguém tivesse mordomos.

– Patrik Hedström, da polícia de Tanumshede. Gostaria de falar com o seu filho, Jan.

Patrik tinha telefonado primeiro para o escritório, mas foi informado de que, nesse dia, Jan estava a trabalhar em casa.

A velha mulher não ergueu uma sobrancelha, limitando-se a afastar-se para o deixar entrar.

– Vou chamar Jan, espere um momento.

Lenta mas elegantemente, Nelly caminhou em direcção a uma porta que se abriu para uma escadaria que dava para o andar de baixo. Patrik tinha ouvido que Jan vivia num apartamento na cave daquela casa luxuosa.

– Uma visita para ti, Jan. A polícia.

Patrik duvidou de que a voz frágil e sumida de Nelly pudesse realmente ser ouvida no andar de baixo, mas o som de passos nas escadas mostraram-lhe que estava errado. Um olhar pleno de significados ocultos foi trocado entre mãe e filho quando Jan surgiu ao

cimo das escadas e entrou no vestíbulo. Nelly acenou com a cabeça a Patrik e retirou-se. Jan foi ter com Patrik de mão estendida e um sorriso que mostrava muitos dentes. A imagem de um crocodilo passou rapidamente pela mente de Patrik. Um crocodilo sorridente.

– Como está? Patrik Hedström, da esquadra de Tanumshede.

– Jan Lorentz. Prazer em conhecê-lo.

– Estou a investigar o homicídio de Alex Wijkner e tenho algumas perguntas que gostaria de lhe colocar, se não for incômodo.

– Com certeza. Não sei como posso ajudá-lo, mas cabe-lhe a si decidir, não a mim, certo?

O crocodilo sorriu novamente. Patrik sentiu comichão nos dedos; adorava poder limpar aquele sorriso da cara dele. Havia algo em Jan que o punha doido.

– Podemos ir até ao meu apartamento, assim não incomodamos a mãe aqui em cima.

– Com certeza, por mim, tudo bem.

Patrik não podia deixar de pensar que aquelas acomodações pareciam um pouco estranhas. Primeiro, tinha bastante dificuldade em compreender os homens adultos que ainda viviam com as mães. E, depois, não conseguia perceber como aceitava Jan ter sido banido para uma cave, enquanto a velha mulher vivia no andar de cima num luxo extravagante, numa casa com pelo menos duzentos metros quadrados. Jan não seria humano se não lhe tivesse passado pela mente a ideia de que se Nils ali estivesse certamente não teria sido empurrado para a cave.

Patrik seguiu Jan pelas escadas. Tinha de admitir que, para uma cave, não estava mal de todo. Não tinham sido poupadas despesas. O apartamento fora mobilado por alguém que acreditava que a prosperidade devia ser ostensivamente exibida. Havia muitas franjas douradas, veludo e brocados, mobílias das melhores marcas, sem dúvida, mas infelizmente, sem a luz do dia, era impossível tirar o máximo partido da decoração. Em vez disso, o efeito era um pouco de bordel. Patrik sabia que Jan era casado e perguntou a si próprio qual dos dois teria insistido naquela decoração. Baseando-se na sua própria experiência, arriscaria que tinha sido a mulher.

Jan conduziu-o a um pequeno gabinete. Além de uma secretária e um computador havia também um sofá. Sentaram-se em cantos opostos, e Patrik retirou um bloco-notas da sua pasta. Decidira não mencionar a morte de Anders Nilsson; não queria dizer nada a Jan sobre isso antes de ser necessário. A estratégia e o sentido de oportunidade eram importantes se quisesse sacar a Jan Lorentz alguma informação útil.

Patrik estudou o homem à sua frente. Parecia demasiado perfeito. Não havia um único vinco na camisa ou no fato. O nó da gravata era perfeito, e tinha acabado de se barbear. Nem um cabelo estava fora do lugar, e o homem irradiava calma e autoconfiança. Demasiada calma e autoconfiança.

A experiência de Patrik dizia-lhe que todas as pessoas que eram interrogadas pela polícia se comportavam de forma mais ou menos nervosa, mesmo que não tivessem nada a esconder. Uma aparência completamente calma indicava que a pessoa em questão tinha realmente algo a esconder, essa era a teoria muito própria de Patrik que se tinha mostrado acertada um número incrível de vezes.

– Tem aqui uma bela casa – Nunca era de mais ser bem-educado.

– Sim, foi Lisa, a minha mulher, quem tratou da decoração. Penso que fez um belo trabalho.

Patrik olhou em redor do gabinete pequeno, escuro e sumptuosamente decorado com mármore resplandecente e almofadas com borlas douradas.

Um excelente exemplo do resultado da combinação de pouco gosto com muito dinheiro.

– Já estão mais perto da solução do caso?

– Descobrimos uma série de informações e estamos a começar a ter uma ideia do que poderá ter acontecido.

Não era completamente verdade, mas valia a pena tentar abaná-lo um pouco.

– Conhecia Alex Wijkner? – perguntou Patrik. – Ouvi dizer, por exemplo, que a sua mãe esteve presente na recepção do funeral.

– Não, não posso dizer que a conhecia. Naturalmente sabia quem era, e em Fjällbacka todos se conhecem, mais ou menos. Mas a família dela mudou-se daqui há muitos anos. Costumávamos cumprimentar-nos na

rua quando nos encontrávamos, mas nunca mais do que isso. Quanto à mãe, não posso responder pelos seus actos. Terá de lhe perguntar.

– Uma das coisas que constatámos durante a investigação foi que Alex Wijkner tinha uma, como hei-de chamá-la... relação com Anders Nilsson.

Presumo que o conheça?

Jan sorriu. Um sorriso retorcido e condescendente.

– Sim, nesta vila é difícil não saber quem ele é. Diria que Anders é infame, em vez de ter fama. Está a dizer que tinha um caso com Alex? Tem de me desculpar, mas custa-me imaginar isso. Um casal bem estranho, para não dizer mais. Consigo compreender o que Anders via em Alex, mas é-me muito difícil perceber porque queria Alex ter alguma coisa a ver com ele.

Tem a certeza de que não estão equivocados?

– Temos a certeza de que eles tinham mesmo uma relação. E quanto a Anders? Conhece-o?

Patrik voltou a ver um sorriso de superioridade nos lábios de Jan, mas desta vez era ainda mais rasgado. Abanou a cabeça com satisfação.

– Sabe que mais? Pode-se afirmar com toda a certeza que não nos movemos exactamente nos mesmos círculos. Por vezes, vejo-o lá em baixo na praça, juntamente com os outros bêbedos, mas se o conheço? Não, na verdade não conheço.

O tom de Jan revelava claramente quão absurda achava a pergunta.

– Nós damo-nos com pessoas de uma classe social bem diferente, e os bebedolas não costumam estar incluídos – concluiu.

Jan desprezou a pergunta de Patrik como se esta fosse uma piada, mas Patrik julgou ver uma centelha de constrangimento nos olhos dele.

Desvaneceu-se logo que apareceu, mas Patrik tinha a certeza de ter visto algo. Jan ficava preocupado com as perguntas sobre Anders. Óptimo, assim Patrik sabia que estava na pista certa.

Permitiu-se apreciar a próxima questão mesmo antes de a colocar, fazendo uma pausa para dar ênfase, e perguntando depois com surpresa fingida:

– Mas, se isso é verdade, porque é que Anders fez recentemente uma série de telefonemas para o seu número?

Para sua grande satisfação, Patrik viu o sorriso desaparecer dos lábios de Jan. Parecia que a pergunta o tinha feito perder o fio do pensamento e, por um momento, Patrik conseguiu ver para além da imagem de dândi que Jan tão frequentemente cultivava. Por detrás da aparência, Patrik via agora terror puro. Jan tentou ganhar tempo ao acender um charuto com grande cuidado enquanto se refazia e evitava olhar Patrik nos olhos.

– Não se importa que fume? – Jan não esperou por uma resposta, nem Patrik lhe deu nenhuma.

– Se Anders telefonou para aqui, realmente não compreendo porque o fez.

Eu não falei com ele, e penso que tão-pouco a minha mulher o tenha feito.

Não, isso é verdadeiramente estranho.

Jan fumou o charuto e recostou-se no sofá com o braço despreocupadamente estendido sobre as almofadas. Patrik nada disse. Sabia por experiência própria que a melhor forma de fazer com que alguém dissesse mais do que tencionava era simplesmente manter-se calado. A pessoa em questão sentiria necessidade de preencher o silêncio se este durasse tempo suficiente. Aquele era um jogo que Patrik dominava. Por isso, esperou.

– Pensando melhor, acho que sei o que aconteceu – Jan inclinou-se para a frente e abanou o charuto. – Alguém ligou para o nosso atendedor de chamadas e não disse nada. Na gravação apenas se ouvia respirar. E por várias vezes atendi o telefone e não estava ninguém do outro lado. Deve ter sido Anders, que, de alguma forma, descobriu o nosso número.

– Porque motivo lhe telefonaria?

– Como hei-de saber? – Jan abriu os braços. – Por inveja, talvez. Nós temos bastante dinheiro e isso não agrada a algumas pessoas. Tipos como Anders estão sempre prontos para culpar os outros pela sua infelicidade, sobretudo pessoas que realmente conseguiram ser alguém na vida.

Patrik pensou que aquilo soava um pouco rebuscado. Seria difícil

refutar o que Jan estava a dizer, mas não acreditou nele um minuto que fosse.

– Presumo que já não tenha os telefonemas que mencionou no seu gravador de chamadas?

– Infelizmente, não – Jan franziu a testa numa tentativa de parecer pesaroso. – Foram gravadas outras mensagens por cima dessas. Lamento, gostaria de poder ajudá-lo. Mas, se ele ligar outra vez, garanto-lhe que guardo a gravação.

– Pode estar descansado que Anders não vai voltar a ligar-lhe para casa.

– Ah sim, e porque não?

Patrik não conseguiu perceber se a expressão surpreendida de Jan era genuína ou falsa.

– Porque Anders foi assassinado.

Um rasto de cinza do charuto precipitou-se sobre o colo de Jan.

– Anders foi assassinado?

– Sim, o corpo dele foi encontrado esta manhã.

Patrik estudou cuidadosamente Jan. Se ao menos pudesse ler o que se passava no cérebro dele naquele momento, tudo seria muito mais fácil.

Seria a surpresa dele genuína, ou seria Jan apenas um excelente actor?

– O criminoso é o mesmo que assassinou Alex?

– Ainda é demasiado cedo para sabermos – Patrik ainda não queria deixar Jan em paz. – Portanto, tem mesmo a certeza de que não conhecia Alexandra Wijkner nem Anders Nilsson?

– Sei muito bem quem são as pessoas com quem me dou e aquelas com quem não me dou. Conhecia os dois de vista, mas nada mais do que isso –

Jan estava novamente de volta ao seu sorridente e calmo ser.

Patrik decidiu tentar uma nova linha de investigação.

– Em casa de Alex Wijkner encontramos um artigo que ela retirara do *Bohusläningen* sobre o desaparecimento do seu irmão. Sabe por que motivo estaria Alex interessada em guardar esse artigo?

Uma vez mais, Jan abriu muito os braços e os olhos, como que a dizer que não fazia a mais pequena ideia.

– Era o grande assunto de conversa, aqui em Fjällbacka, há muitos anos.

Talvez tenha guardado o artigo como uma curiosidade.

– Talvez. Como vê o desaparecimento do seu irmão? Há variadíssimas teorias.

– Bem, acho que Nils está a divertir-se à grande num belo país tropical. A mãe, por outro lado, está plenamente convencida de que Nils teve um acidente.

– Eram muito próximos?

– Não, eu não diria isso. Nils era um bom bocado mais velho do que eu, e não estava particularmente encantado por ter um irmão adoptado para partilhar a atenção da sua mamã. Mas também não éramos inimigos mortais. Julgo que éramos sobretudo indiferentes um para o outro.

– Foi depois do desaparecimento de Nils que o Jan foi adoptado por Nelly, não é verdade?

– Sim, é verdade. Cerca de um ano depois.

– E com a adopção veio metade do império.

– Sim, julgo que se pode dizer isso.

Restava apenas um pouco do charuto, que ameaçava queimar os dedos de Jan. Este apagou-o bruscamente num cinzeiro espalhafatoso.

– Não é propriamente agradável que tenha acontecido à custa de outra pessoa, mas posso afirmar com honestidade que paguei as minhas dívidas ao longo dos anos. Quando assumi a gestão da fábrica de conservas, a empresa estava a afundar-se. Eu reestruturei tudo de cima a baixo, e agora exportamos conservas de peixe e mariscos para o mundo inteiro: para os Estados Unidos, a Austrália, a América do Sul...

– Porque pensa que Nils fugiu para o estrangeiro?

– Eu não devia realmente estar a falar disto, mas uma grande quantia de dinheiro desapareceu logo depois de Nils se ter evaporado. Além disso, algumas roupas dele, uma mala e o passaporte de Nils também desapareceram.

– Porque é que nunca deram parte à polícia do dinheiro desaparecido?

– A mãe recusou-se a fazê-lo. Afirmava que só podia tratar-se de um erro, que Nils nunca teria feito uma coisa daquelas. Sabe como são as mães. Só acreditam no melhor dos filhos.

Jan acendeu outro charuto. Patrik sentiu que o pequeno gabinete estava a

ficar com demasiado fumo, mas não disse nada.

– Já agora, quer um? São cubanos. Enrolados à mão.

– Agradeço, mas não fumo.

– É uma pena. Nem sabe o que perde – Jan estudou o charuto com prazer.

– Li no nosso arquivo acerca do fogo que vitimou os seus pais. Deve ter sido terrível. Que idade tinha? Nove, dez?

– Tinha dez anos. E, tem razão, foi terrível. Mas eu tive sorte. A maioria dos órfãos não é acolhida por uma família como os Lorentz.

Patrik achou que não era de muito bom gosto falar em sorte naquele contexto.

– Pelo que sei, suspeitou-se de fogo posto. Chegou a descobrir-se mais alguma coisa?

– Não, você leu os relatórios. A polícia nunca conseguiu avançar mais no caso. Pessoalmente, acho que o meu pai estava a fumar na cama, como era habitual, e adormeceu – pela primeira vez em toda a conversa, Jan mostrou impaciência. – Posso perguntar o que tem isto a ver com os homicídios? Já disse que não conhecia nenhuma das vítimas, e realmente não consigo perceber como é que a minha infância difícil entra nesta história.

– Neste momento estamos a investigar até as mais pequenas pistas. Os telefonemas de Anders para sua casa levaram-me a investigar o

assunto.

Mas não parecem conduzir a lado algum. Peço-lhe perdão por ter-lhe tomado tempo sem motivo.

Patrik levantou-se e estendeu a mão. Jan também se ergueu do sofá e apagou o charuto no cinzeiro antes de lhe apertar a mão.

– De forma alguma, não há qualquer problema. Tive muito gosto em conhecê-lo.

«Lisonjeador como o diabo», pensou Patrik. E seguiu colado a Jan pelas escadas acima. Quando desembocou no piso principal com o seu mobiliário de extremo bom gosto, o contraste era gritante. Era pena que a mulher de Jan não tivesse conseguido o número de telefone do decorador de interiores de Nelly.

Patrik agradeceu a Jan e saiu daquela casa com a sensação de se ter preocupado com ninharias e ignorado os sinais relevantes. Por um lado, julgava ter captado por momentos algo em Jan que deveria ter sido capaz de decifrar, alguma coisa que não encaixava naquele apartamento superfluamente decorado. Por outro, havia algo que não batia muito certo

em relação a Jan Lorentz. Patrik regressou aos seus pensamentos anteriores.

O tipo era simplesmente demasiado perfeito.

Eram quase sete da tarde, e a tempestade de neve agravara-se quando Patrik finalmente chegou à soleira da porta dela. Erica ficou surpreendida por a emoção de o ver ser tão forte, e por ser tão natural abraçá-lo. Patrik pousou dois sacos de compras da ICA no chão do vestíbulo e retribuiu o abraço de Erica, estreitando-a durante muito tempo.

– Tive saudades tuas.

– Eu também.

Beijaram-se com ternura. Passado um pouco, o estômago de Patrik começou a murmurar. Encararam aquilo como um sinal para levarem os sacos para a cozinha. Patrik trouxera demasiada comida, mas Erica colocou os alimentos que não eram necessários no frigorífico. Como se tivessem um acordo tácito, enquanto preparavam o jantar não falaram do que tinha acontecido nesse dia. Só quando estavam saciados e

sentados à mesa, frente a frente, é que Patrik começou a contar-lhe o que acontecera.

– Anders Nilsson está morto. O cadáver foi encontrado no apartamento dele esta manhã.

– Foste tu quem o encontrou?

– Não, mas cheguei lá pouco tempo depois.

– Como morreu Anders?

Patrik hesitou.

– Foi enforcado.

– Foi enforcado? Estás a dizer que o assassinaram? – Erica não conseguia esconder a sua agitação. – Foi a mesma pessoa que matou Alex?

Patrik perguntou a si próprio quantas vezes ouvira aquela pergunta nesse dia. Mas era inegavelmente uma questão fulcral em relação ao caso.

– Julgamos que sim.

– Têm mais pistas? Alguém viu alguma coisa? Encontraste alguma prova concreta que possa relacionar os homicídios?

– Eh, calma! – Patrik ergueu as mãos. – Não sei mais nada. Podíamos falar de algo mais agradável, sabes. Por exemplo, como foi o teu dia?

Erica fez-lhe um sorriso retorcido. Se Patrik imaginasse como o dia dela tinha sido igualmente desagradável. Mas não podia falar-lhe disso. Tinha de deixar que fosse o próprio Dan a contar a história.

– Dormi até bastante tarde e depois escrevi durante a maior parte do dia.

Foi bastante menos excitante do que o teu.

As mãos deles procuraram-se por cima da mesa. Os dedos entrelaçaram-se. Era uma sensação tão agradável e segura, estarem ali sentados juntos enquanto a escuridão envolvia a casa. Enormes flocos de neve continuavam a cair lentamente, como minúsculas estrelas cadentes contra o negrume do céu nocturno.

– Também passei algum tempo a pensar em Anna e na casa. Realmente disse-lhe das boas no outro dia, ao telefone, e desde aí tenho-me sentido mal por causa da minha explosão. Talvez estivesse a ser egoísta. Só estava a pensar em como a eventual venda da casa me iria afectar, a pensar na minha perda. Mas as coisas também não estão fáceis para Anna neste momento.

Está a tentar fazer o melhor para ela e, apesar de eu achar que Anna está no caminho errado, não o faz por maldade. Claro que Anna às vezes pode ser imprudente e ingénua, mas geralmente é uma pessoa atenciosa e generosa, e eu ultimamente tenho estado a descarregar nela o meu desapontamento e a minha mágoa. Se calhar, o melhor era mesmo vendermos a casa. Começar de novo. Com o dinheiro eu até podia comprar uma casa, embora bastante mais pequena. Talvez esteja a ser demasiado sentimental. Está na altura de seguir em frente, de parar de me lamentar sobre o que poderia ter sido e, em vez disso, olhar para o que realmente tenho.

Patrik compreendeu que Erica já não estava a falar da casa.

– Desculpa ter de perguntar-te isto, mas como aconteceu o acidente?

– Tudo bem, eu conto-te – Erica inspirou profundamente. – Os meus pais tinham estado em Strömstad, de visita à irmã do meu pai. Estava escuro e chovia, e o frio tinha formado uma fina camada de gelo na estrada. O meu pai foi sempre um condutor cauteloso, mas pensa-se que um animal saltou para a frente do carro. O papá terá virado o volante de repente, o carro derrapou e embateu contra uma árvore à beira da estrada. Provavelmente, tiveram morte imediata. Pelo menos foi isso que me disseram, a mim e a Anna. Não há maneira de saber se foi assim ou não.

Uma lágrima solitária escorreu pela face de Erica, e Patrik inclinou-se para a limpar. Pegou-lhe no queixo e fê-la olhar directamente para si.

– Não o diriam se não fosse verdade. Tenho a certeza de que não sofreram, Erica, a certeza absoluta.

Erica assentiu em silêncio. Confiava no que Patrik dizia, e parecia que um

enorme fardo fora levantado do seu peito. O carro tinha-se incendiado, e ela passara muitas noites sem dormir a questionar-se, aterrorizada, se os pais teriam vivido o tempo suficiente para sentirem o fogo a queimá-los. As palavras de Patrik suprimiram a sua ansiedade, e pela primeira vez sentiu uma espécie de paz quando

pensou no acidente que lhe matara os pais. A dor ainda lá estava, mas a ansiedade tinha desaparecido. Com o polegar, Patrik limpou mais algumas lágrimas que rolavam pela sua face.

– Pobre Erica. Minha querida Erica.

Erica pegou-lhe na mão e segurou-a contra a sua face.

– Não há motivo para sentires pena de mim, Patrik. Na verdade, nunca me senti tão feliz como agora, neste preciso momento. É estranho, mas sinto-me tão incrivelmente segura contigo. Não sinto nenhuma daquela incerteza que costumo sentir depois de ter dormido com alguém. Diz-me, porque será?

– Julgo que é por termos sido feitos um para o outro.

Erica corou perante a enormidade das palavras dele. Mas não podia ignorar o facto de sentir o mesmo. Era como descobrir o caminho para casa.

Como se tivessem recebido uma deixa, levantaram-se da mesa, deixaram os pratos onde estavam e subiram para o quarto de braço dado. Lá fora, desenhava-se um enorme nevão.

Era estranho ficar outra vez no seu antigo quarto. Sobretudo porque o seu gosto tinha mudado ao longo dos anos, e o quarto estava na mesma. Uma profusão de cor-de-rosa e renda já não fazia realmente o seu estilo.

Julia estava deitada de costas na sua estreita cama de criança e olhava fixamente para o tecto com as mãos cruzadas sobre a barriga. Tudo estava prestes a desintegrar-se. Toda a sua vida estava a desmoronar-se à volta dela e a empilhar-se num depósito de fragmentos estilhaçados. Era como se tivesse vivido a vida inteira num parque de diversões, entre espelhos distorcidos nos quais nada era o que parecia ser. Não fazia ideia de como iria continuar os estudos. Todo o entusiasmo desaparecera de uma penada, e agora, o período escolar continuava sem ela. Não que Julia pensasse que alguém desse pela sua ausência. Nunca tivera facilidade em fazer amigos.

No que lhe dizia respeito, bem podia ficar ali deitada no seu quarto cor-de-rosa a olhar para o tecto até ficar velha e cinzenta. Birgit e Karl-Erik não se atreveriam a impedi-la de fazer as coisas à sua maneira. Podia viver

afastada deles durante o resto da vida, se fosse necessário. O peso na

consciência deles faria com que tivessem as carteiras abertas para sempre.

Parecia que estava a caminhar sobre a água. Todos os seus movimentos eram pesados e difíceis, e todos os sons lhe chegavam como se através de um filtro. A princípio não tinha sido assim. Julia sentira-se inundada por uma justa indignação e um ódio tão forte que a assustavam. Ainda sentia esse ódio, mas agora mais resignado do que revoltoso. Estava tão habituada a desprezar-se a si própria que, a um nível puramente físico, conseguia sentir como o ódio tinha mudado de alvo. Em vez de ser dirigido para fora, estava agora voltado para dentro, e estava a cavar buracos enormes no seu peito. Os hábitos antigos eram difíceis de quebrar. Odiar-se a si própria era uma forma de arte que aprendera a praticar até à perfeição.

Virou-se de lado. Na escrivaninha estava uma fotografia dela com Alex; lembrou-se de a deitar fora. Logo que conseguisse levantar-se, iria rasgá-la em mil pedaços e livrar-se dela. O olhar de adoração que viu nos seus olhos na fotografia fez com que se retraísse. Alex estava calma e linda como sempre, ao passo que o patinho feio a seu lado voltava o rosto redondo para Alex com uma expressão de veneração. Aos olhos dela, Alex sempre fora incapaz de errar; bem no fundo do seu ser, Julia sempre acalentara uma esperança secreta de um dia despontar do seu casulo e sair dele tão bela e autoconfiante como Alex. Zombou da sua ingenuidade. Que anedota. E a anedota fora sempre à custa dela. Perguntou a si própria se estariam a falar dela nas suas costas. Se estariam a rir-se da estúpida Julia, da estúpida e feia Julia.

Uma batida discreta na porta fez com que Julia se enrolasse na posição fetal. Sabia quem estava a bater à porta.

– Julia, estamos preocupados contigo. Não queres descer por um bocadinho?

Julia não respondeu a Birgit. Em vez disso, concentrou-se ao máximo num caracol do cabelo.

– Por favor, Julia, por favor.

Birgit entrou e sentou-se na cadeira junto à escrivaninha, virada para Julia.

– Compreendo que estejas zangada e que também nos devas odiar, mas tens de acreditar em mim, não quisemos magoar-te.

Julia sentiu-se satisfeita por Birgit parecer tão acabada e atormentada. Era

como se não dormisse há várias noites. O que devia ser o caso. Em torno dos seus olhos tinham-se formado novas rugas, como patas de corvo, e Julia pensou com malícia que a cirurgia facial que Birgit pensava oferecer a si própria no ano seguinte, no seu sexagésimo quinto aniversário, teria de ser feita mais cedo do que o planeado. Birgit aproximou um pouco mais a cadeira e pôs a mão no ombro de Julia. Esta sacudiu-a imediatamente e Birgit recuou, magoada.

– Querida, todos te amamos. Sabes que é verdade.

Uma merda é que adoravam. De que adiantava toda aquela charada?

Estavam todos bem cientes de qual era a relação entre eles. Amor? Birgit nem sequer sabia o que isso era. A única pessoa que Birgit alguma vez amara tinha sido Alex. Sempre Alex.

– Temos de falar sobre isto, Julia. Agora temos de nos apoiar uns aos outros.

A voz de Birgit tremia. Julia perguntou-se quantas vezes desejara Birgit que tivesse sido ela a morrer em vez de Alex. Observou Birgit a desistir, e como a sua mão tremia quando colocou a cadeira no lugar. Antes de fechar a porta, Birgit olhou implorativamente de relance uma última vez para Julia.

Esta fez questão de se virar, para ficar voltada para a parede. A porta fechou-se silenciosamente atrás de Birgit.

*

Para Patrik as manhãs não costumavam ser a parte preferida do dia, e aquela estava a revelar-se particularmente deprimente. Primeiro, tinha sido obrigado a levantar-se da cama morna de Erica e deixá-la para ir trabalhar.

Em segundo lugar, tivera de escavar durante meia hora para desenterrar o carro. E, para cúmulo, o maldito veículo não quis pegar depois de Patrik o ter desenterrado. Após repetidas tentativas, teve de voltar a entrar para pedir a Erica se podia levar o carro dela. Claro que pôde, e por sorte o carro dela pegou à primeira.

Entrou a correr na esquadra meia hora atrasado. As manobras com a pá tinham-no ensopado em suor e Patrik deu uns quantos puxões na

camisa para tentar arejar-se. A máquina de café era a primeira paragem obrigatória antes de poder começar a trabalhar. Só quando estava sentado à secretária com o copo de café na mão é que sentiu a pulsação a abrandar. Permitiu-se

sonhar acordado por um momento, deixando-se levar pelo amor impulsivo e insensato. A noite fora tão maravilhosa como a anterior. Até tinham conseguido impor a si próprios algum bom senso e certificar-se de que dormiam algumas horas. Dizer que não se sentia cansado teria sido um exagero, mas pelo menos não estava em coma, como no dia anterior.

A primeira coisa de que tratou foi das notas da reunião com Jan no dia anterior. Não tinha produzido nada de novo que lhe despertasse o interesse, contudo não considerou a entrevista como tempo perdido. Era igualmente importante para a investigação que ficasse com uma impressão das pessoas que estavam ou podiam estar implicadas. «As investigações de homicídios têm a ver com pessoas», dizia frequentemente um instrutor da Academia de Polícia, e aquelas palavras sábias tinham ficado gravadas na sua mente.

Além disso, Patrik achava que era bom a avaliar as pessoas. Durante as entrevistas a testemunhas ou a suspeitos, tentava sempre desligar-se dos factos objectivos por um momento e concentrar-se em absorver impressões sobre a pessoa que estava à sua frente. Jan não lhe inspirara quaisquer sentimentos positivos. Pouco confiável, esquivo e hedonista eram palavras que lhe saltavam à mente quando tentava formar uma ideia sobre a personalidade de Jan. Era bastante óbvio que o homem escondia mais do que revelava. Uma vez mais, Patrik pegou na pilha de documentos relacionados com a família Lorentz. Ainda não conseguia estabelecer qualquer elo de ligação directo entre eles e os dois homicídios, à excepção dos telefonemas de Anders para Jan. Mas não tinha forma de provar que a história de Jan sobre os telefonemas estranhos que tinham aparecido no seu atendedor de chamadas era falsa. Pegou na pasta sobre a morte dos pais de Jan. Algo no tom de voz dele quando falou sobre o incidente perturbava Patrik. Algo soava a falso. Não fazia ideia do que era. Pegou no telefone e ligou para um número que sabia de cor.

– Olá, Vicky, como vai isso?

A pessoa do outro lado da linha afirmou que estava tudo bem. Depois de alguns gracejos introdutórios, Patrik foi directo ao assunto.

– Vicky, será que me podias fazer um favor? Estou a investigar um

tipo que deve ter entrado nas listas da Segurança Social por volta de 1975. Tinha dez anos, e na altura chamava-se Jan Norin. Achas que podes ter alguma coisa relacionada com o caso? Certo, eu espero.

Patrik tamborilou impacientemente com os dedos no tampo da secretária

enquanto Vicky Lind verificava a sua base de dados no computador da delegação da Segurança Social. Passado pouco tempo, ouviu a voz dela voltar à linha.

– Tens aí os dados? Fantástico. Consegues ver quem era a assistente social que tratou do caso? Siv Persson? Excelente. Tens algum contacto telefónico dela?

Patrik escreveu à pressa o número num *post-it* e desligou, depois de prometer levar um dia Vicky a almoçar. Marcou o número que esta lhe dera e ouviu instantaneamente uma voz enérgica na linha. Siv lembrava-se realmente do caso de Jan Norin, e Patrik podia ir ter com ela imediatamente.

Patrik pegou no casaco que estava no cabide com tanta ansiedade que conseguiu derrubá-lo. Pior ainda, a caminho do chão o cabide arrancara um quadro da parede e um vaso de flores da estante, e caíram ambos com enorme estrondo. De momento, Patrik deixou tudo onde tinha aterrado.

Quando chegou ao corredor, viu cabeças a despontarem de todas as portas.

Limitou-se a acenar e correu até à saída enquanto era seguido por pares de olhos curiosos.

A delegação da Segurança Social ficava a escassas centenas de metros da esquadra. Patrik caminhou penosamente pela neve na rua principal. No final da rua, virou à esquerda, na pousada de Tanumshede, e continuou por mais meio quarteirão. A delegação ficava no mesmo edifício da administração municipal, e Patrik subiu a escadaria. Indicaram-lhe o gabinete de Siv, depois de ter cumprimentado alegremente a recepcionista, uma rapariga da sua turma, no liceu. Siv Persson não se deu ao trabalho de se levantar para apertar a mão a Patrik quando este entrou. Já se tinham cruzado várias vezes em trabalho, e ambos respeitavam o profissionalismo um do outro, apesar de nem sempre terem partilhado a mesma opinião sobre a melhor forma de lidar com um caso. Em parte, isso devia-se ao facto de Siv ser uma das pessoas mais simpáticas que Patrik conhecia,

apesar dos assistentes sociais nem sempre conseguirem sobreviver a reter apenas o melhor das pessoas. Ao mesmo tempo, admirava-a por ser capaz de manter a sua visão basicamente positiva da natureza humana, apesar de todos os exemplos em contrário com que se tinha deparado ao longo dos anos. Patrik sentia que tinha ido na direcção oposta.

– Olá, Patrik. Sempre conseguiste chegar cá apesar de toda esta neve.

Patrik reagiu instintivamente à alegria pouco natural na voz dela.

– Sim, mas uma moto de neve teria ajudado.

Siv ergueu os óculos que pendiam num cordão à volta do pescoço e colocou-os na ponta do nariz. Siv adorava cores vivas, e nesse dia, os óculos vermelhos combinavam com a sua roupa. Usava o mesmo penteado desde que Patrik a conhecia. O estilo à pajem, cortado a direito como uma seta que lhe chegava ao maxilar, e com uma franja curta um pouco acima das sobrancelhas. O cabelo era de um acobreado brilhante, e as cores alegres fizeram com que Patrik se sentisse mais animado só de olhar para ela.

– Querias dar uma vista de olhos a um dos meus casos antigos, não era?

O de Jan Norin?

A voz dela continuava tensa. Já tinha recolhido o material antes de Patrik chegar, e uma pasta compacta repousava sobre a secretária.

– Bem, temos bastante material sobre esse indivíduo, como podes ver
–

prosseguiu Siv. – Os pais eram ambos toxicodependentes, e, se não tivessem morrido num acidente, teríamos de ter intercedido, mais cedo ou mais tarde. Deixavam-no à rédea solta e, basicamente, o rapaz teve de se criar a si próprio. Aparecia na escola com roupas sujas e rotas e era atormentado pelos colegas por cheirar mal. Ao que parece, tinha de dormir no velho estábulo, e depois ia para a escola com as mesmas roupas com que dormia.

Siv olhou para Patrik por cima dos óculos.

– Presumo que não tenhas vindo aqui abusar da minha confiança, e que me trarás a autorização necessária para teres acesso aos dados sobre Jan, mesmo que seja depois de os fornecer?

Patrik limitou-se a assentir. Sabia que era importante seguir os regulamentos, mas por vezes as investigações precisavam de uma certa eficiência e por isso as engrenagens da burocracia teriam de girar *a posteriori*. Siv e Patrik sempre tinham tido uma relação de trabalho excelente e pragmática, mas Patrik sabia que Siv tinha de ter feito aquela pergunta.

– Porque não intervieram mais cedo? – perguntou Patrik. – Como puderam deixar a situação deteriorar-se tanto? Parece que Jan foi negligenciado desde o nascimento, contudo, o rapaz tinha dez anos quando os pais morreram.

Siv suspirou profundamente.

– Sim, compreendo o que queres dizer, e podes crer que pensei muitas vezes nisso. Mas, quando eu comecei a trabalhar aqui, por acaso poucos meses antes do incêndio, os tempos eram outros. Eram precisas circunstâncias extremas para o Estado poder intervir e restringir o direito dos pais de educarem os filhos como lhes apetecesse. Além disso, muitas pessoas advogavam uma forma liberal de criar os filhos e, infelizmente, foram as crianças como Jan que sofreram com isso. Nunca foram encontrados vestígios de violência física em Jan. Embora pareça um pouco cruel, talvez tivesse sido melhor ele ter sido espancado, para que pudesse ter ido ao hospital. Assim, pelo menos teríamos começado a manter a situação familiar sob vigilância. Mas, ou Jan foi maltratado de forma que não era ostensivamente visível ou então os pais «simplesmente» o negligenciaram – Siv assinalou aspas com os dedos para destacar a palavra

«simplesmente».

Patrik sentiu uma súbita onda de compaixão por Jan pela sua infância.

Como era possível que alguém se tornasse um ser humano normal depois de ter crescido naquelas circunstâncias?

– Mas ainda não ouviste a parte pior. Nós nunca tivemos qualquer prova, mas havia indicações de que os pais deixavam que fosse sexualmente abusado por homens a troco de dinheiro, ou de drogas.

Patrik sentiu o queixo cair. Aquilo era muito pior do que alguma vez podia ter imaginado.

– Como eu disse, nunca conseguimos provar nada, mas actualmente podemos ver que Jan seguiu o padrão habitual que agora sabemos estar associado a crianças que foram sexualmente abusadas. Em

primeiro lugar, tinha graves problemas de disciplina na escola. As outras crianças podem tê-lo atormentado, mas também tinham medo dele.

Siv abriu a pasta e folheou os papéis até encontrar o que procurava.

– Aqui está. Na terceira classe levou uma faca para a escola e utilizou-a para ameaçar um dos seus piores atormentadores. Chegou mesmo a cortá-lo no rosto, mas o conselho executivo da escola abafou completamente o caso.

Pelo que vejo, Jan não foi castigado. Seguiram-se outros incidentes semelhantes, em que Jan mostrava uma agressividade excessiva em relação aos colegas, mas o incidente da faca foi o mais grave. Jan foi também chamado ao director da escola em várias ocasiões por se ter comportado de

forma imprópria com as raparigas da turma. Para um rapaz tão novo, Jan mostrava um conhecimento extremamente avançado de práticas e alusões sexuais. Os relatórios também nunca deram origem a quaisquer medidas.

Ninguém sabia muito bem o que fazer a um rapaz que se relacionava com as pessoas que o rodeavam de forma tão perturbante. Actualmente, reagiríamos com toda a certeza a tais sinais flagrantes, e tomaríamos as medidas que fossem adequadas, mas tens de te lembrar que isto aconteceu no início dos anos setenta. E, nessa época, vivíamos num mundo completamente diferente.

Patrik sentiu-se quase a desmaiar de compaixão e raiva. Como é que alguém era capaz de tratar uma criança daquela maneira?

– Depois do incêndio... houve outros incidentes desse género? – perguntou Patrik.

– Não, e isso é estranho. Depois do incêndio foi imediatamente entregue à família Lorentz, e não houve mais relatos de Jan ter voltado a ter quaisquer problemas. Fui algumas vezes até casa deles para fazer o acompanhamento da situação e achei-o um rapaz completamente mudado. Ficava lá sentado, vestido no seu fato e com o cabelo alisado para trás, e olhava fixamente para mim sem pestanejar, enquanto respondia educadamente a todas as minhas perguntas. Na verdade era horrível, uma pessoa não muda assim, de um dia para o outro.

Patrik sobressaltou-se. Era a primeira vez que ouvia Siv fazer uma alusão negativa em relação a um dos casos dela. Patrik percebeu que havia alguma coisa que merecia ser mais aprofundada. Havia algo que Siv lhe queria dizer, mas Patrik teria de fazer a pergunta certa.

– Em relação ao incêndio...

Deixou as palavras pairarem no ar por um momento e viu que Siv se endireitou na cadeira. Isso significava que Patrik estava na pista certa.

– Ouvi uns rumores em relação ao incêndio – Patrik olhou para Siv interrogativamente.

– Não posso responsabilizar-me por rumores. O que é que ouviste?

– Que foi fogo posto. Nos nossos relatórios aparece mesmo listado como

«provável fogo posto», mas nunca foi encontrado qualquer vestígio do autor. O incêndio começou no piso inferior da casa. Os pais estavam a dormir num quarto do andar de cima e não tiveram qualquer hipótese.

Alguma vez ouviste algo sobre alguém que detestasse tanto os Norin que

fosse capaz de fazer uma coisa dessas?

– Sim – a resposta de Siv foi monossilábica e falou tão baixo que Patrik não teve a certeza de a ter realmente ouvido.

Siv repetiu num tom de voz mais alto:

– Sim, sei quem odiava suficientemente os Norin para querer deitar fogo à casa deles.

Patrik sentou-se em silêncio e deixou Siv continuar ao ritmo dela:

– Eu acompanhei a polícia até à casa. Os bombeiros foram os primeiros a chegar. Um deles tinha ido examinar o local, para verificar se o vento tinha levado fagulhas que pudessem estar a arder lentamente noutro lado qualquer. O bombeiro encontrou Jan no estábulo. Quando o rapaz se recusou a sair, os bombeiros contactaram a nossa delegação. Eu era uma novata na função e, olhando para trás, tenho de admitir que pensava que aquilo era muito excitante. Jan estava sentado no estábulo, mesmo ao fundo, encostado à parede e sob o olhar atento de um bombeiro, que ficou extremamente aliviado

quando nos viu chegar. Eu enxotei a polícia e entrei, para tentar consolar Jan, como pensava que devia fazer, e para depois o levar dali para fora. Jan não parava de mexer as mãos, sentado na escuridão, mas eu não conseguia ver o que o rapaz estava a fazer. Quando me aproximei, vi que estava ali sentado a remexer em qualquer coisa que tinha no colo. Era uma caixa de fósforos. Com júbilo indisfarçado, estava a escolher os fósforos: colocava os queimados e negros numa parte da caixa e os novos e vermelhos na outra metade. A expressão no rosto dele era de alegria pura. Na verdade, parecia brilhar a partir de dentro. Foi a coisa mais horrorosa que alguma vez vi na minha vida, Patrik. Às vezes, à noite, quando me vou deitar, ainda consigo ver aquele rosto à minha frente. Fui ter com ele e tirei-lhe cuidadosamente a caixa de fósforos. Depois, ele olhou para mim e perguntou: «Eles já estão mortos?» Só isso. «Eles já estão mortos?» Depois, fez um sorriso retorcido e deixou de bom grado que eu o levasse para fora do velho estábulo. A última coisa que vi quando nos estávamos a ir embora foi um cobertor, uma lanterna de bolso e uma pilha de roupas a um canto do celeiro. Foi aí que compreendi que fomos cúmplices da morte dos pais dele. Devíamos ter agido muitos, mas muitos anos antes.

– Alguma vez contaste isto a alguém?

– Não, que iria eu dizer? Que achava que o rapaz tinha assassinado os pais porque estava a brincar com fósforos? Não, nunca disse nada até tu teres aparecido para me perguntar, agora mesmo. Mas sempre suspeitei de que Jan viria a prestar contas à polícia, mais cedo ou mais tarde. Em que está ele metido?

– Ainda não posso dizer nada, mas prometo contar-te logo que possa.

Estou-te incrivelmente grato por me teres contado tudo isto, e vou tratar da papelada, para que não tenhas nenhum problema.

Patrik acenou e saiu.

Depois de Patrik ter partido, Siv permaneceu sentada à secretária. Os óculos vermelhos pendiam do cordão em torno seu pescoço, e Siv esfregou a base do nariz entre o polegar e o indicador enquanto fechava os olhos.

No preciso momento em que Patrik saiu para a rua, entre os montes de neve no passeio, o telemóvel tocou. Os dedos já tinham ficado rígidos devido ao frio cortante, e foi com bastante dificuldade que abriu a pequena tampa do telemóvel. Esperava que fosse Erica, mas

ficou desapontado quando viu que era o número da esquadra que piscava no mostrador.

– Patrik Hedström. Olá, Annika. Não, estou mesmo à porta da Segurança Social. Certo, mas dá-me um ou dois minutos que já vou aí ter.

Patrik fechou a tampa ruidosamente. Mais uma vez, Annika tinha conseguido. Descobrira algo que não batia certo no currículo de Alex.

*

A neve chiava sob os seus pés à medida que Patrik corria na direcção da esquadra. O limpa-neves tinha passado enquanto estivera a falar com Siv, e o regresso à esquadra não foi tão penoso. Eram poucas as almas corajosas que se aventuravam a sair com aquele tempo gelado, e a rua principal estava deserta, à excepção de um transeunte ocasional a apressar-se, com o colarinho virado para cima e o gorro para baixo para se proteger do frio.

No interior da esquadra, Patrik bateu com os pés para se livrar da neve que se acumulara nos sapatos. Nunca mais se iria esquecer de que usar sapatos em dias em que nevara tornava as meias desagradavelmente molhadas. Devia ter percebido isso antes.

Foi direito ao gabinete de Annika. Esta estava claramente à espera dele e, pela expressão satisfeita no seu rosto, Patrik percebia que o que tinha encontrado era bom, mesmo muito bom.

– Tens a tua roupa toda na lavandaria ou quê?

A princípio, Patrik não percebeu a pergunta, mas a julgar pelo sorriso provocador de Annika era uma piada à custa dele. Demorou um segundo a perceber e depois olhou para o que trazia vestido. Gaita, não mudava de roupa há dois dias. Perguntou a si próprio se cheiraria mal ou se cheiraria muito mal.

Resmungou qualquer coisa em resposta ao comentário de Annika e tentou olhar furiosamente para ela da forma mais maldosa que conseguiu. Annika achou aquilo ainda mais divertido.

– Sim, sim, já percebi – disse Patrik. – Agora vai direita ao assunto.

Desembucha, mulher!

Bateu com o punho na secretária dela com raiva fingida. Um vaso de

flores respondeu instantaneamente, tombando e entornando água por todo o lado.

– Oh, desculpa. Bolas, sou tão desastrado...

Patrik procurou algo para limpar a água, mas Annika adiantou-se, como era habitual, e retirou um rolo de papel de cozinha que guardava algures atrás da secretária. Começou calmamente a limpá-la e deu a Patrik uma ordem que já se tinha tornado familiar:

– Senta-te!

Patrik obedeceu imediatamente, mas pensou que era um pouco injusto Annika não lhe ter atirado um biscoito como recompensa por ser tão obediente.

– Vamos começar? – Annika não esperou pela resposta de Patrik e começou a ler no ecrã do computador.

– Bem, vejamos. Comecei pela data da morte de Alex e fui recuando no tempo. Tudo parece bater certo durante a altura em que viveu em Gotemburgo. Abriu a galeria de arte juntamente com a amiga em 1989.

Antes disso frequentou a universidade durante cinco anos, em França, e licenciou-se em História da Arte. Recebi hoje por fax o certificado de habilitações dela. Fez os exames nas datas certas e passou a tudo. Fez o liceu no instituto Hvitfeldtska, em Gotemburgo. Também tenho as notas do liceu. Não era uma aluna brilhante, mas também não era nenhuma preguiçosa. Foi sempre uma aluna mediana.

Fez uma pausa e olhou para Patrik, que estava inclinado para a frente a tentar ler no ecrã dela. Annika virou um pouco o ecrã para que Patrik não

conseguisse ler de imediato a informação que descobrira.

– Antes do liceu frequentou um internato na Suíça. Foi para uma escola internacional, l'École de Chevalier, onde se paga uma fortuna – Annika colocou grande ênfase na última frase:

– De acordo com as informações que obtive quando telefonei para lá, custa cerca de cem mil coroas por semestre, sem contar com o quarto, as refeições, o vestuário e os livros. E eu verifiquei, os preços já eram elevados quando Alexandra Wijkner frequentou a escola.

Patrik absorvia pensativamente as palavras de Annika e pensava em voz alta:

– Então, a questão é: como podia a família Carlgren financiar a estada de Alex nessa escola? Pelo que soube, Birgit sempre foi uma dona de casa, e teria sido impossível a Karl-Erik ganhar dinheiro suficiente para cobrir tais despesas. Verificaste se...

Annika interrompeu-o:

– Sim, perguntei quem era responsável pelos custos da educação de Alexandra, mas eles não revelam esse tipo de informações. A única coisa que poderia fazer com que colaborassem mais seria uma ordem da polícia suíça, mas com a burocracia envolvida demoraríamos pelo menos seis meses a obter a informação. Em vez disso, comecei pela outra ponta e investiguei as finanças da família Carlgren ao longo dos anos. Talvez tenham herdado algum dinheiro, quem sabe? Estou à espera de um relatório do banco, mas isso vai demorar alguns dias a obter. Mas – outra pausa retórica –, isso nem é o mais interessante. De acordo com as declarações da família Carlgren, Alex começou a frequentar o internato durante o semestre da Primavera de 1977. E, segundo o registo da escola, Alex apenas começou na Primavera de 1978.

Annika recostou-se triunfantemente na cadeira e cruzou os braços.

– Tens a certeza? – Patrik mal conseguia controlar o seu entusiasmo.

– Verifiquei e voltei a verificar, e até verifiquei uma terceira vez. O ano entre a Primavera de 77 e a Primavera de 78 desapareceu da vida de Alex.

Não fazemos ideia de onde esteve. A família mudou-se daqui em Março de 1977, e depois não resta nada, nem uma única informação até Alex ter começado a escola na Suíça. Ao mesmo tempo, os pais aparecem em Gotemburgo. Compram uma casa, e Karl-Erik começa a trabalhar como director de uma empresa de comércio grossista de média dimensão.

– Portanto, também não sabemos onde estiveram os pais durante esse período?

– Não, ainda não. Mas eu continuo à procura. A única coisa que sabemos é que não há quaisquer dados que indiquem que os pais de Alex estivessem na Suécia durante esse ano.

Patrik contou pelos dedos.

– Alex nasceu em 1965, por isso tinha, deixa ver, doze anos em 1977.

Annika verificou novamente no ecrã.

– Alex nasceu no dia 3 de Janeiro, por isso está certo, tinha doze anos quando a família se mudou.

Patrik assentiu, pensativamente. Annika tinha conseguido desenterrar uma informação valiosa, mas por enquanto apenas dava azo a mais interrogações. Onde esteve a família Carlgren entre 1977 e 1978? Uma família inteira não podia pura e simplesmente desaparecer. Devem ter deixado uma espécie de rasto; tratava-se apenas de o descobrir. Ao mesmo tempo, tinha de haver algo mais. E se Alex tivera um filho? Esta possibilidade deixava Patrik absolutamente atordoado.

– Não descobriste mais nenhuma falha na história dela? Por exemplo, será que alguém fez os testes por ela na universidade? Ou será que a colega dela geriu sozinha a galeria durante algum tempo? Não é que não acredite no que descobriste; mas talvez devesse voltar a verificar os factos. E

verifica os registos hospitalares para ver se alguma Alexandra Carlgren ou Wijkner deu à luz uma criança. Começa pelos hospitais de Gotemburgo e, se não descobrires nada, continua a tentar nos outros todos. Se for assim, deve existir algum registo do nascimento algures. Uma criança não pode pura e simplesmente esvair-se em fumo.

– Será que Alex teve um bebé no estrangeiro? Durante o tempo que passou no internato, por exemplo? Ou em França?

– Claro, como é que não pensei nisso? Vê se é possível obter algo através dos canais internacionais. E vê se consegues encontrar alguma forma de localizar onde foram os Carlgren. Passaportes, vistos, embaixadas. Deve existir algures um registo do destino deles.

Annika tomava notas como se corresse perigo de vida.

– Já agora, algum dos outros conseguiu encontrar alguma coisa de interesse?

– Ernst verificou o álibi de Bengt Larsson, que tem fundamento, por isso

podemos riscá-lo da lista. Martin falou com Henrik Wijkner ao

telefone, mas não conseguiu mais nada sobre a ligação entre Anders e Alex. Martin tenciona continuar a interrogar os companheiros de bebedeira de Anders sobre a possibilidade de este lhes ter dito algo sobre o assunto. E, Gösta...

Gösta está sentado no gabinete dele, mergulhado em autocomiseração, a tentar reunir a energia necessária para ir a Gotemburgo falar com os Carlgren. Aposto que não vai lá antes de segunda-feira, pelo menos.

Patrik suspirou. Se queriam resolver aquele caso, provavelmente, o melhor era não confiar nos colegas. Teria ele próprio de fazer o trabalho de campo.

– Não pensaste em perguntar directamente aos Carlgren? – perguntou Annika. – Talvez não haja nada de suspeito no comportamento deles.

– Talvez possa haver uma explicação razoável.

– Foram eles que nos forneceram as informações sobre Alex. Por algum motivo tentaram ocultar o que estiveram a fazer entre 77 e 78. Eu falo com eles, mas primeiro quero ter um pouco mais a que me agarrar. Não quero dar-lhes a oportunidade de se esquivarem.

Annika recostou-se e sorriu com malícia.

– Então, quando é que vamos ouvir os sinos do casamento?

Patrik percebeu que Annika não tencionava deixar cair aquele assunto sumarento tão depressa. Teria de se resignar a ser a fonte de entretenimento da esquadra durante algum tempo.

– Bem, talvez ainda seja um pouco cedo para isso. Provavelmente devíamos estar juntos pelo menos uma semana antes de reservarmos uma igreja.

– Com que então, estão juntos?

Patrik apercebeu-se de que acabara de ser apanhado na ratoeira.

– Não, quer dizer, sim, talvez estejamos... não sei ao certo, temo-nos dado bem até agora, mas é tudo terrivelmente novo, e talvez ela volte para Estocolmo em breve... olha, não sei. Tens de te contentar com isto por agora – Patrik contorcia-se na cadeira como uma minhoca.

– Certo, tudo bem, mas quero estar a par do que vai acontecendo, estás a ouvir? – Annika advertiu-o com o dedo.

Patrik assentiu, resignado:

– Está bem, manter-te-ei ao corrente. Prometo. Satisfeita?

– Bem, julgo que por agora terei de me contentar com isso.

Annika levantou-se, deu a volta à secretária e, antes de Patrik se aperceber, viu-se apertado num abraço de urso exuberante, esmagado contra o peito amplo de Annika.

– Fico tão feliz por ti. Não estragues as coisas, Patrik, promete-me. –

Annika apertou-o um pouco mais, o que fez com que as suas costelas protestassem. Como tinha ficado sem ar, Patrik não pôde responder, mas Annika parece ter tomado o silêncio dele como um sinal de aquiescência e libertou-o, mas só depois de ter completado o seu acesso maternal com um beliscão firme na bochecha dele. – Agora vai para casa e muda de roupa, estás a ouvir? Tresandas!

E, com esse comentário, Patrik encontrou-se no corredor, com uma bochecha e as costelas doridas. Apalpou cautelosamente a caixa torácica.

Gostava muito de Annika, mas às vezes preferia que ela fosse um pouco mais cuidadosa com um pobre tipo de trinta e cinco anos cujo físico estava em decadência.

Badholmen, a ilha dos banhos, parecia deserta e esquecida. No Verão, estava apinhada de banhistas alegres e de crianças ruidosas, mas agora o vento uivava desoladamente sobre a neve que caíra como um manto espesso durante a noite. Erica caminhou cuidadosamente sobre a neve que cobria as rochas. Sentira uma enorme vontade de apanhar um pouco de ar fresco, e dali, de Badholmen, tinha uma vista ininterrupta das ilhas e do gelo branco que parecia não ter fim. Ouviam-se carros à distância, mas de resto o lugar era misericordiosamente silencioso; Erica quase conseguia ouvir o seu próprio pensamento. A plataforma de mergulho agigantava-se junto dela.

Não era tão alta quanto julgara quando era pequena, nessa altura parecia chegar até ao céu, mas era suficientemente alta para que nunca se atrevesse a saltar da última prancha num dia quente de Verão.

Erica era capaz de ficar ali para sempre. Enrolada em peles, sentia o frio a tentar penetrar em vão nas suas roupas. No seu íntimo, sentia o gelo a derreter. Não tinha percebido como estivera só até a solidão ter

desaparecido. Mas o que lhes aconteceria, a ela e a Patrik, se tivesse de voltar a mudar-se para Estocolmo? Ficava a muitos quilómetros de distância, e Erica sentia-se demasiado velha para uma relação à distância.

Haveria alguma possibilidade de ficar ali se fosse obrigada a ir para a frente com a venda da casa? Não queria ir viver com Patrik antes de terem

testado a relação durante algum tempo. Por isso, a única alternativa era encontrar outro sítio para morar em Fjällbacka.

O problema era que mais nenhum lugar lhe agradava. Se vendessem a casa, preferia cortar todos os laços com Fjällbacka do que regressar à vila e ver estranhos a vagabundear pelo lar da sua infância. Muito menos conseguia imaginar-se a alugar um apartamento em Fjällbacka; isso seria uma situação muito estranha. Sentia a felicidade a desvanecer-se à medida que empilhava todos aqueles pensamentos negativos uns em cima dos outros. Claro que seria possível resolver aquele dilema, mas tinha de admitir que, embora não fosse propriamente uma idosa, tantos anos a viver sozinha, apenas a ter de se preocupar consigo, tinham deixado marcas, e já não se sentia muito flexível. Após muita deliberação, Erica decidiu que estava preparada para deixar a sua vida em Estocolmo, mas apenas se pudesse continuar a viver no cenário familiar do lar da sua infância. De outra forma, seriam demasiadas alterações ao mesmo tempo no seu universo. Não conseguiria enfrentá-las, apesar de estar tão apaixonada.

Talvez a morte dos pais também a tivesse tornado menos propensa a grandes alterações. Essa alteração era suficiente para muitos mais anos.

Nesse momento, Erica queria mergulhar numa vida protegida, segura e previsível. Antes, tivera medo de se comprometer. Agora, não queria mais nada a não ser incluir Patrik nessa vida segura e previsível. Queria poder planear todas as etapas habituais: viverem juntos, o noivado, o casamento, as crianças, e depois muitos dias normais, uns a seguir aos outros, até um dia poderem olhar um para o outro e descobrirem que tinham envelhecido juntos. Erica julgava que isso não era pedir demasiado.

Pela primeira vez, Erica sofreu uma pontada de mágoa quando pensou em Alex. Era como se só agora tivesse percebido que a vida de Alex estava irrevogavelmente terminada. Mesmo apesar dos seus caminhos não se terem cruzado durante muitos anos, Erica pensara nela de vez

em quando. E

sempre soubera que a vida de Alex corria paralela à sua. Agora, Erica era a única que tinha um futuro, a única que teria de viver todas as mágoas e alegrias que os anos vindouros trariam. Agora, sempre que pensava em Alex, e para o resto da vida, a imagem que lhe aparecia era a do cadáver pálido dela na banheira. O sangue nos ladrilhos e o cabelo que se assemelhava a um halo congelado. Talvez fosse esse o motivo pelo qual decidira começar a escrever um livro sobre Alex. Era uma forma de reviver

os anos em que tinham sido tão amigas, e ao mesmo tempo de conhecer a mulher que Alex se tornara depois de os seus caminhos se terem separado.

Nos últimos dias, Erica tinha andado preocupada por o material parecer demasiado monótono. Era como se estivesse a olhar para um modelo tridimensional apenas de um lado. As outras faces eram igualmente importantes se queria ter uma ideia de como era a figura, mas ainda não lhe tinha sido permitido vê-las. Decidiu que precisava de começar a observar melhor as pessoas em torno de Alex, não apenas os actores principais, mas todos os actores secundários que tinham feito parte da vida dela.

Anteriormente, os pensamentos de Erica tinham gravitado principalmente em redor do que tinha sentido e intuído enquanto criança, mas que nunca tinha compreendido claramente.

Algo acontecera no ano anterior a Alex se ter ido embora, e ninguém se dera nunca ao trabalho de explicar a Erica o que tinha sido. Os sussurros paravam sempre logo que Erica se aproximava; tinha sido escudada de algo que agora precisava desesperadamente de compreender. O problema era que não sabia por onde começar. A única coisa que recordava das suas tentativas de escutar às escondidas as conversas sussurradas dos adultos era de ter ouvido a palavra «escola» ser mencionada mais do que uma vez. Não era muito por onde pegar, mas era tudo o que tinha. Erica sabia que o professor que ambas tinham tido no ciclo preparatório ainda vivia em Fjällbacka. Provavelmente, era uma forma tão boa de começar como qualquer outra.

Tinha-se levantado vento e, apesar das espessas camadas de roupa, o frio começou a infiltrar-se lentamente. Erica sentiu que estava na hora de se ir embora. Olhou uma última vez de relance para Fjällbacka, aninhada na sua posição protegida, com a montanha a agigantar-se

por detrás. No Verão, a vila estava normalmente banhada em luz dourada, mas agora estava cinzenta e despida; contudo, Erica pensava que ainda era mais bela assim.

No Verão, a zona assemelhava-se mais a um formigueiro, com a sua actividade constante. Agora, uma paz tranquilizadora tinha-se instalado sobre a pequena vila, e Erica quase conseguia imaginá-la a hibernar. Ao mesmo tempo, sabia que a paz era ilusória. Sob a superfície havia tanta maldade como em qualquer lugar habitado por seres humanos. Erica vira bastante dessa maldade em Estocolmo, mas pensava que, ali, ainda era mais sinistra. Ódio, inveja, ganância e vingança, todos eles escondidos debaixo

de um enorme véu, forjado por sentimentos como: «O que iriam as pessoas dizer?» Toda a maldade, mesquinhez e malícia eram silenciosamente deixadas fermentar debaixo de uma superfície que devia parecer sempre imaculadamente limpa e pura. Agora que Erica estava de pé sobre as rochas de Badholmen, e olhava para trás, para a pequena vila coberta de neve, questionou-se em silêncio sobre que segredos guardaria.

Estremeceu, enfiou as mãos bem dentro dos bolsos e tomou o caminho de regresso à vila.

A vida tornara-se cada vez mais ameaçadora a cada ano que passava.

Axel Wennerström estava sempre a descobrir novos perigos. Tudo começara quando tinha tomado consciência dos biliões e triliões de bacilos e bactérias a redemoinhar em torno dele. Ter de tocar em alguma coisa tornara-se um desafio; se fosse obrigado a fazê-lo, via exércitos de bactérias a precipitarem-se sobre ele. A ameaçar trazer com eles uma miríade de doenças conhecidas e desconhecidas que iriam certamente provocar-lhe uma morte lenta e dolorosa. Depois, as suas próprias cercanias tornaram-se uma ameaça. As grandes superfícies apresentavam determinados perigos, as pequenas, outros. Ver-se envolvido numa multidão fazia com que o suor gotejasse de todos os poros do seu corpo, e a sua respiração acelerava-se e tornava-se difícil. O único ambiente que Axel conseguia em parte controlar era a sua própria casa. Depressa se apercebeu de que podia realmente fazer a sua vida sem nunca ter de pôr novamente os pés fora da porta.

A última vez que Axel saíra de casa fora há oito anos. Tinha reprimido tão eficazmente qualquer possível desejo de se aventurar no exterior que já não sabia se o resto do mundo estava lá ou não. Sentia-se satisfeito com a sua vida e não via motivo para alterar o que quer que

fosse.

Axel Wennerström passava os dias a seguir uma rotina que agora já estava bem treinada. Seguia todos os dias o mesmo horário, e aquele dia não foi diferente. Levantou-se às sete da manhã e tomou o pequeno-almoço.

Depois, limpou toda a cozinha com produtos de limpeza abrasivos, para erradicar todas as bactérias possíveis que os alimentos que comera pudessem ter espalhado após terem sido retirados do frigorífico. Passou as horas seguintes a limpar o pó, a esfregar e a pôr em ordem o resto da casa.

Apenas pôde permitir-se fazer uma pausa à uma da tarde, e sentou-se com o seu jornal na varanda. Segundo um acordo especial com Signe, o carteiro,

recebia todas as manhãs o jornal embrulhado num saco de plástico. Isso permitia-lhe reprimir, pelo menos parcialmente, a imagem de todas as nojentas mãos humanas que mexiam no jornal antes de este ir parar à sua caixa de correio.

Uma batida na porta fez com que a sua adrenalina disparasse como um foguetão. Não estava previsto que aparecesse ninguém àquela hora. A pessoa que entregava a comida aparecia normalmente à sexta-feira, de manhã cedo. Era a única visita que costumava ter.

Laboriosamente, Axel percorreu o caminho até à porta, centímetro a centímetro. As batidas soaram outra vez, insistentemente. Estendeu uma mão trémula em direcção à fechadura de cima e destrancou-a. Quem lhe dera ter um orifício para espreitar, do tipo que normalmente se encontrava nas portas dos apartamentos mais modernos, mas no seu prédio antigo nem sequer havia uma janela ao pé da porta, pela qual pudesse ver o intruso. Destrancou igualmente a fechadura de baixo e, com o coração a martelar, abriu a porta.

Teve de controlar um desejo de fechar os olhos, de impedir a entrada de quem quer que fosse a repugnante e inominável criatura que o esperava do lado de fora.

– Senhor Axel? Axel Wennerström?

Acalmou-se. As mulheres eram sempre menos ameaçadoras do que os homens. Por cautela, não retirou a corrente de segurança da porta.

– Sim, o que quer?

Tentou soar o mais desencorajador possível. Só queria que aquela pessoa, quem quer que fosse, desaparecesse e o deixasse em paz.

– Olá, senhor Axel, talvez não se recorde de mim, mas eu fui sua aluna na escola. Erica Falck.

Axel esquadrinhou a memória. Aquilo tinha sido há tantos anos, e tivera tantos alunos. Desmaiada, a imagem de uma rapariguinha loura começou a aparecer. Era isso, era a filha de Tore.

– Será que posso dar-lhe uma palavrinha?

Erica dirigiu-lhe um olhar urgente através da fresta na porta. Axel suspirou profundamente, retirou a corrente de segurança da porta e deixou-a entrar. Tentou não pensar na quantidade de organismos desconhecidos que ela trazia para a sua casa imaculada. Apontou para uma sapateira para indicar que Erica devia tirar os sapatos. Esta obedeceu educadamente e pendurou igualmente o casaco e o cachecol. Para evitar que a mulher

espalhasse a sua sujidade pelo resto da casa, Axel conduziu-a até aos móveis de vime da varanda. Erica sentou-se no sofá, e Axel anotou mentalmente que tinha de lavar as almofadas logo que a visitante se fosse embora.

– Foi realmente há muito tempo.

– Sim, deve ter sido minha aluna há vinte e cinco anos, se os meus cálculos estiverem correctos.

– Sim, é isso mesmo. Os anos passam tão depressa.

Axel achava a conversa de circunstância frustrante, mas deixou-se relutantemente embrenhar nela. Gostava que Erica fosse directa ao assunto e lhe revelasse o motivo por que tinha ido ali. Depois ir-se-ia embora, e Axel podia ficar novamente com a casa só para si. Por mais que tentasse, não conseguia perceber o que ela queria dele. Os antigos alunos tinham aparecido e desaparecido às centenas ao longo dos anos; até àquele momento, Axel tinha conseguido ser poupado de ver algum deles em pessoa. Mas agora Erica Falck estava ali sentada à sua frente. Sentiu alfinetadas quando se sentou na cadeira de braços de vime a olhar para ela.

Estava tão ansioso por se livrar dela. Os olhos de Axel continuaram a olhar para a almofada debaixo dela, e conseguia literalmente ver todas as bactérias que a mulher trouxera a descerem e a rastejarem do sofá, e a espalharem-se por todo o chão. Talvez não bastasse lavar a almofada; teria de limpar e desinfectar toda a casa depois de Erica partir.

– Deve estar a interrogar-se qual o motivo da minha presença aqui.

Axel limitou-se a assentir em resposta.

– Deve ter ouvido que Alexandra Wijkner foi assassinada?

Axel soubera, e isso mexera em coisas que passara parte da vida a tentar reprimir. Agora desejava mais do que nunca que Erica Falck se levantasse e saísse porta fora. Mas ela ainda estava ali sentada, e Axel teve de combater um impulso infantil de pôr as mãos sobre os ouvidos e começar a cantarolar alto para calar todas as palavras que sabia que iriam surgir.

– Tenho os meus próprios motivos para investigar uma série de coisas relacionadas com Alex e com a morte dela e gostaria de lhe fazer algumas perguntas, se não se importar.

Axel fechou os olhos. Soubera que aquele dia acabaria por chegar.

– Com certeza, não há problema.

Axel não queria questioná-la sobre os seus motivos para fazer perguntas

acerca de Alex. Podia mantê-los para si, se quisesse; Axel não estava

interessado em sabê-los. Erica podia fazer as perguntas dela, mas não havia nada que o obrigasse a responder. Ao mesmo tempo, sentiu, para seu espanto, uma forte vontade de contar tudo à rapariga loura sentada à sua frente. De descarregar em alguém, quem quer que fosse, tudo o que contivera durante vinte e cinco anos. Aquilo tinha-lhe envenenado a vida.

Tinha crescido bem fundo na sua consciência como uma semente, e depois tinha-se alastrado lentamente como um veneno pelo corpo e pela mente.

Nos seus momentos de maior lucidez, Axel sabia que aquilo estava na raiz da sua mania das limpezas e do seu terror crescente em relação a tudo o que pudesse pôr em perigo o controlo que detinha sobre o ambiente à sua volta.

Erica Falck podia perguntar o que quisesse, mas Axel daria o seu melhor para controlar qualquer impulso de responder. Axel sabia que, se comesse a perder o controlo, as barragens rebentariam e ameaçariam destruir o escudo que tão cuidadosamente tinha construído. Isso não poderia acontecer.

– Lembra-se de Alex?

Axel sorriu amargamente. A maioria das crianças que tivera na escola apenas tinha deixado para trás memórias desmaiadas e sombreadas, mas Alexandra ainda era tão especial para ele como o fora há vinte e cinco anos.

Apesar de Axel dificilmente poder dizê-lo em voz alta.

– Sim, recordo-me de Alexandra. Embora como Alexandra Carlgren, não como Alexandra Wijkner, claro.

– Sim, é óbvio. De que se lembra em relação a ela na escola?

– Falava pouco. Era um pouco reservada, parecia muito mais velha do que era.

Reparou que Erica estava frustrada com a breve resposta dele, mas Axel estava a fazer uma tentativa consciente para dizer o mínimo possível, como se as palavras pudessem assumir o comando e começar a fluir por sua conta, se deixasse escapar muitas.

– Alex era boa aluna?

– Bem, não particularmente. Não era uma das alunas mais ambiciosas de que me recordo, mas era inteligente, sem fazer grandes ondas. Era uma aluna mediana.

Erica hesitou por um momento e Axel deu-se conta de que estavam agora a aproximar-se da pergunta que Erica queria realmente fazer. Até agora, as

perguntas tinham sido um período de aquecimento para Erica.

– Mas a família mudou-se para longe a meio do período. Recorda-se dos motivos que os pais de Alex alegaram para a mudança?

Axel fingiu ponderar sobre a pergunta, juntando as pontas dos dedos e descansando o queixo nelas, num gesto fingido de tentativa de recordação.

Viu que Erica se mexeu um pouco para a frente no sofá, mostrando a sua ânsia por ouvir a resposta à pergunta. Axel teria de desapontá-la. A única coisa que lhe podia dizer era a verdade.

– Sim, julgo que o pai conseguiu um emprego noutra cidade. Para ser franco, não me recordo ao certo, mas lembro-me vagamente de que foi algo assim.

Erica não conseguiu esconder o desapontamento. Uma vez mais, Axel sentiu a ânsia de abrir o peito com um rasgão e revelar o que ali tinha estado a esconder durante todos aqueles anos. Para limpar a consciência, libertando a verdade nua e crua. Mas inspirou profundamente e voltou a engolir o que ameaçava derramar-se.

Erica prosseguiu, teimosamente:

– Mas a decisão foi um pouco precipitada, pelo que sei. Já tinha ouvido alguma coisa sobre isso anteriormente? Alex fez alguma referência à mudança iminente?

– Bem, não me parece que fosse assim tão estranho. Claro que realmente foi tudo muito precipitado, como diz, se é que me estou a lembrar bem das suas palavras. Mas estas coisas podem acontecer rapidamente. Talvez o pai tenha recebido uma oferta de trabalho repentina, como poderei sabê-lo?

Axel afastou os braços num gesto que dizia que o palpite de Erica era tão bom como o dele, e a testa dela franziu-se ainda mais. Não era aquela a resposta que desejava. Mas teria de contentar-se com ela.

– Sim, mas depois houve outra coisa – prosseguiu Erica. – Lembro-me vagamente desses tempos em que as pessoas falavam de algo relacionado com Alex. Também me recorro de ouvir os adultos mencionarem algo a respeito da escola. Tem conhecimento do que poderia ser? Apenas tenho memórias vagas, como disse, mas era algo que sussurravam quando as crianças estavam por perto.

Axel sentiu todas as articulações do seu corpo enrijecerem. Esperava que a sua consternação não parecesse tão evidente como ele a sentia. Claro que sabia que devia ter havido rumores, havia sempre. Era impossível manter o

que quer que fosse em segredo; no entanto, Axel acreditava que os danos tinham sido limitados. Ele próprio tinha ajudado a minimizá-los; isso era uma parte do que o estava a devorar por dentro. Erica esperava uma resposta.

– Não, não estou a ver o que possa ter acontecido. Mas há sempre tanta conversa, sabe como as pessoas são. A maioria dos rumores não tem qualquer fundamento. Se fosse a si, não daria qualquer importância a isso.

O desapontamento estava escrito por todo o rosto de Erica. Não descobrira nada do que tinha ido ali procurar, pelo que Axel conseguia perceber. Mas não tinha escolha. Era como uma panela de pressão. Se abrisse a tampa, por pouco que fosse, explodiria. Ao mesmo tempo, algo continuava a insistir para sair. Era como se alguém se tivesse apoderado do seu corpo. Sentiu a boca abrir-se e a língua começar a dar forma às palavras, palavras que nunca deviam ser ditas. Para seu alívio, Erica levantou-se, e o momento passou. Vestiu o casaco, calçou as botas e estendeu-lhe a mão. Olhou para a mão dela e engoliu em seco algumas vezes antes de a apertar. Teve de controlar um impulso de fazer uma careta.

O contacto com a pele de outra pessoa enojava-o de forma indescritível.

Erica saiu finalmente de casa de Axel, mas virou-se mesmo quando este estava prestes a fechar a porta.

– Desculpe, já agora, só mais uma pergunta: Nils Lorentz tinha alguma ligação com Alex, ou com a escola, da qual esteja a par?

Axel hesitou, mas depois tomou uma decisão. Erica acabaria por descobri-lo, mais cedo ou mais tarde. Se não fosse por ele, seria por outra pessoa qualquer.

– Não se lembra? Ele foi professor substituto do ciclo preparatório durante um semestre.

Depois, Axel fechou a porta, trancou a fechadura de segurança dupla, voltou a colocar a corrente, encostou-se à porta e fechou os olhos.

Foi buscar rapidamente os utensílios e produtos de limpeza e removeu todos os vestígios da visitante indesejada. Só então voltou a sentir o seu mundo em segurança.

O final da tarde tinha começado mal. Lucas estava com uma disposição terrível quando chegou a casa, e Anna foi tentando manter-se um passo à frente dele para não lhe dar motivos adicionais para se irritar. Anna sabia

que, numa dessas situações, quando Lucas chegava a casa mal-humorado, iria procurar uma desculpa para descarregar a sua raiva.

Anna teve todos os cuidados e mais alguns na preparação do jantar. Fez o prato preferido de Lucas e pôs a mesa na perfeição. Teve de manter as crianças afastadas, por isso pôs *O Rei Leão* no vídeo do quarto de Emma e deu o biberão a Adrian para que ele adormecesse. Colocou o CD preferido de Lucas, um de Chet Baker³¹, e, por fim, arranjou-se um pouco e esforçou-se mais com o seu penteado e com a maquilhagem. Mas logo se apercebeu de que, nessa noite, o que quer que fizesse não valeria de nada. Lucas tinha tido claramente um mau dia no emprego, e a raiva que estava a crescer dentro dele tinha de transbordar. Anna viu a faísca nos olhos dele; era como andar por aí à espera de que uma bomba explodisse.

O primeiro golpe veio sem aviso. Um estalo vindo da direita, que fez a cabeça dela ressoar. Levou a mão à face e ergueu os olhos para Lucas, como se ainda esperasse que alguma coisa dentro dele mostrasse piedade perante a visão das marcas que lhe fizera. Em vez disso, o desamparo de Anna despertou nele um desejo de lhe fazer ainda mais mal. Anna demorara muito tempo a perceber e aceitar que Lucas gostava realmente de a magoar.

Durante muitos anos, Anna acreditara em Lucas, quando este lhe garantia que bater-lhe o magoava tanto como a ela, mas agora já não. Já vira o monstro dentro dele anteriormente; um monstro que se tornara bastante familiar.

Anna enroscou-se instintivamente para se proteger dos golpes que sabia virem a caminho. Quando começaram a cair-lhe em cima, tentou concentrar-se num ponto dentro dela, um lugar onde Lucas não

conseguia chegar. Era uma defesa que Anna tinha aperfeiçoado ao longo dos anos.

Mesmo apesar de estar consciente da dor, conseguia distanciar-se dela a maioria das vezes. Era como se estivesse a flutuar no tecto e a olhar para baixo, para si própria, enquanto estava enroscada no chão e Lucas descarregava nela a sua ira.

Um som fê-la voltar rapidamente à realidade e deslizar novamente para dentro do seu corpo. Emma estava parada à entrada do quarto com o polegar na boca e a manta nos braços. Anna tinha conseguido que Emma deixasse de chuchar no polegar há mais de um ano, mas agora, a menina estava a sugá-lo energicamente para se reconfortar. Lucas ainda não tinha reparado nela, porque estava de costas para o quarto de Emma, mas virou-

se quando reparou que os olhos de Anna estavam fixos em algo por detrás dele.

Com ligeireza, antes de Anna o conseguir deter, Lucas dirigiu-se à filha, ergueu-a e abanou-a com tanta força que Anna podia ouvir os dentes de Emma a bater uns contra os outros. Anna começou a levantar-se do chão, mas tudo parecia estar a acontecer em câmara lenta. Sabia que aquela cena iria ficar para sempre gravada na sua memória, Lucas a abanar Emma, que, com os olhos muito abertos e plenos de incompreensão, olhava para o seu querido papá, que de repente se tinha transformado num estranho aterrorizador.

Anna atirou-se a Lucas para proteger Emma. Mas, antes de conseguir alcançá-lo, observou, apavorada, Lucas a atirar a criança contra a parede.

Anna ouviu um som terrível de trituração, e soube que nesse momento a sua vida tinha mudado de forma irreversível. Os olhos de Lucas estavam cobertos por uma película brilhante. Parecia não compreender enquanto olhava para a criança nas suas mãos antes de a ter cuidadosa e ternamente colocado no chão. Depois voltou a erguê-la e segurou-a nos braços, desta vez como se Emma fosse um bebezinho, e olhou para Anna com os olhos brilhantes, como os de um robô.

– Temos de a levar ao hospital. Ela caiu das escadas e magoou-se. Temos de lhes explicar isso. Emma caiu das escadas.

Lucas estava a falar incoerentemente e a dirigir-se para a entrada sem ver se Anna o acompanhava. Anna estava em estado de choque e seguiu-o de forma vaga. Parecia estar a mover-se num sonho, mas

podia acordar a qualquer momento.

Lucas não parava de repetir:

– Ela caiu das escadas. Eles têm de acreditar em nós, desde que ambos contemos a mesma história, Anna. Porque nós vamos contar os dois a mesma história, Anna. Ela caiu das escadas, não foi?

Lucas não parava de dizer a mesma coisa, mas tudo o que Anna conseguia fazer era assentir. Queria arrancar Emma, que agora chorava histericamente, confusa e com dores, dos braços de Lucas, mas não se atreveu. No último segundo, quando já estavam todos na escadaria, Anna acordou da sua névoa e lembrou-se de que Adrian ainda estava no interior do apartamento. Correu lá para dentro para o trazer e embalou-o de forma protectora nos seus braços durante todo o caminho até às Urgências, à

medida que o nó que tinha no estômago se apertava cada vez mais.

– Queres vir cá a casa almoçar comigo?

– Claro, terei muito gosto. A que horas?

– Consigo preparar qualquer coisa numa hora. Achas que tens tempo?

– Sim, perfeito. Assim tenho tempo para tomar banho, e isso. Até daqui a uma hora – houve uma pequena pausa, e depois, Patrik disse hesitantemente: – Beijinhos, até já.

Erica sentiu-se corar ligeiramente de alegria por aquela primeira, pequena mas significativa, forma de carinho utilizada na relação deles. Erica respondeu com a mesma frase e desligaram.

Enquanto preparava o almoço, Erica sentiu-se um pouco envergonhada com o que tinha planeado. Ao mesmo tempo, sentiu que não podia fazer outra coisa. Quando a campainha tocou uma hora mais tarde, Erica inspirou profundamente e foi abrir a porta. Era Patrik, que teve uma recepção apaixonada, interrompida à pressa por Erica quando o temporizador em forma de ovo soou, assinalando que o esparguete estava pronto.

– O que é o almoço? – Patrik deu uma pancadinha na barriga para mostrar o seu apetite.

– Esparguete à bolonhesa.

– Ena, isso parece-me bem. Mulher, tu és o sonho de qualquer homem, sabias?

Patrik aproximou-se silenciosamente por detrás de Erica, pôs os braços em torno dela e começou a acariciar-lhe o pescoço com o nariz.

– És *sexy*, inteligente, fantástica na cama, mas acima de tudo, o mais importante de tudo, é que tens talento para a cozinha. Que mais podia um homem desejar...?

A campainha soou. Patrik olhou para Erica interrogativamente. Esta evitou o olhar dele e foi abrir a porta, não sem antes limpar as mãos à toalha de cozinha. Do lado de fora estava Dan. Parecia perturbado e acabado.

Tinha o corpo todo encolhido e os olhos mortiços. Erica ficou chocada ao vê-lo, mas recompôs-se e tentou não mostrar o seu choque.

Quando Dan entrou na cozinha, Patrik olhou inquisitoriamente para Erica, que aclarou a garganta e os apresentou.

– Patrik Hedström, este é Dan Karlsson. Dan quer contar-te uma coisa.

Mas primeiro vamos sentar-nos.

Erica levou a caçarola com o molho de carne para a sala de jantar. Todos se sentaram para almoçar, mas o ambiente era opressivo. Erica sentia-se angustiada com a situação, mas sabia que aquilo era necessário. Telefonara a Dan de manhã e convencera-o de que tinha de contar à polícia a relação com Alex. E tinha proposto que o fizesse em casa dela, o que, esperava, facilitaria aquela tarefa penosa.

Erica ignorou o olhar surpreso de Patrik e começou as explicações:

– Patrik, Dan está aqui hoje para te contar uma coisa, na tua qualidade de polícia.

Erica acenou com a cabeça a Dan para o convidar a começar. Este estava de olhos postos no prato, e não tinha tocado na comida. Após mais um momento de silêncio embaraçoso, começou a falar:

– Eu sou o homem com quem Alex se encontrava. Sou o pai da criança da qual estava grávida.

OuvIU-se um chocalhar quando Patrik deixou cair o garfo no prato. Erica pôs-lhe a mão no braço e explicou:

– Dan é um dos meus amigos mais antigos e mais queridos, Patrik. Soube ontem que Dan era o homem com quem Alex se encontrava aqui em Fjällbacka. Convidei-vos ambos para almoçar porque pensei que seria mais fácil falar sobre este assunto neste ambiente do que numa esquadra.

Erica podia ver que Patrik não estava contente por ela se ter intrometido daquela forma, mas teria de lidar com isso mais tarde. Dan era um bom amigo, e Erica tencionava fazer tudo o que pudesse para que a situação não piorasse ainda mais. Quando falou com Dan ao telefone, este disse-lhe que Pernilla tinha levado as crianças e que tinha ido para casa da irmã, em Munkedal. Precisava de tempo para pensar, dissera Pernilla. Não sabia o que iria acontecer e não podia prometer nada. Dan viu toda a sua vida a desmoronar-se à volta dele. De certa forma, seria um alívio contar à polícia.

As últimas semanas tinham sido tão difíceis. Ao mesmo tempo, tinha-se visto forçado a sofrer pela morte de Alex em segredo, tinha saltado de cada vez que o telefone tocava ou que alguém batia à porta, convencido de que a polícia tinha descoberto que era ele o homem com quem Alex se andava a encontrar. Agora que Pernilla sabia, Dan já não tinha medo de contar à polícia. Nada podia ser pior do que já era. Não se importava com o que lhe acontecesse, desde que não perdesse a família.

– Dan não tem nada a ver com o homicídio, Patrik. Vai contar-te tudo o

que quiseses saber sobre ele e Alex, mas jura que nunca a maltratou de forma alguma, e eu acredito nele. Espero que a polícia possa tentar manter este assunto confidencial. Sabes como as pessoas falam, e a família de Dan já sofreu o suficiente. E, aliás, Dan também. Cometeu um erro e, acredita em mim, está a pagar muito caro por ele.

Patrik continuava a não parecer particularmente satisfeito, mas assentiu, para assinalar que estava a ouvir o que Erica tinha para dizer.

– Gostava de falar com Dan a sós, Erica.

Erica não se opôs, levantou-se cortesmente e foi para a cozinha lavar a louça. Da cozinha, conseguia ouvir as vozes deles a aumentar e a diminuir de tom. A voz sombria e profunda de Dan e a voz algo mais suave de Patrik. De vez em quando, a conversa tornava-se mais acalorada, mas quando entraram na cozinha, quase meia hora depois,

Dan parecia aliviado.

Patrik ainda parecia carrancudo. Antes de sair, Dan abraçou Erica e apertou a mão a Patrik.

– Depois informo-o se tivermos mais perguntas – disse Patrik. – Talvez também tenha de ir à esquadra prestar depoimento por escrito.

Dan apenas assentiu em silêncio, e partiu, depois de um último aceno a ambos.

O olhar de Patrik não anunciava nada de bom.

– Nunca, mas nunca mais vezes a fazer isto, Erica. Estamos a investigar um homicídio e temos de fazer as coisas como deve ser.

Patrik esfregava a testa quando estava zangado, e Erica teve de conter um impulso de o beijar para lhe apagar as rugas.

– Eu sei, Patrik. Mas tiveste o pai da criança bem no topo da lista dos suspeitos. Eu sabia que se Dan fosse à esquadra o porias numa sala de interrogatório e talvez começasses a ser duro com ele. Dan não conseguiria aguentá-lo neste momento. A mulher dele levou os filhos e deixou-o, e Dan não sabe se alguma vez irão voltar. Além disso, Dan perdeu alguém que significava muito para ele, independentemente do que possas pensar. Dan perdeu Alex. E não pôde partilhar a dor dele com ninguém, nem contar a ninguém o que aconteceu. Foi por isso que pensei que podíamos começar por uma conversa aqui, num ambiente neutro e sem mais polícias envolvidos. Compreendo que tenhas de o interrogar um pouco mais, mas agora o pior já passou. Por favor, perdoa-me por te ter enganado, Patrik.

Achas que alguma vez me vais conseguir perdoar?

Erica fez beicinho da maneira mais sedutora que pôde e chegou-se a Patrik. Pegou-lhe nos braços e pô-los em torno da sua cintura e depois ficou em bicos de pés para poder alcançar os lábios dele com os seus. Mostrou tentadoramente a ponta da língua, e não foram precisos mais do que uns segundos para senti-lo responder. Patrik afastou-a passado um momento e olhou-a fixamente nos olhos.

– Desta vez estás perdoada, mas nunca mais vezes a fazer isto, estás a ouvir? Agora acho que devíamos aquecer o resto do almoço no microondas e tratar deste meu estômago barulhento.

Erica assentiu e, de braço dado, regressaram à sala de jantar, onde o

almoço ainda permanecia praticamente intocado nos pratos.

Quando Patrik teve de regressar à esquadra e estava a caminho da porta, Erica lembrou-se da outra coisa que lhe queria contar.

– Sabes, eu disse-te que tinha uma vaga memória de haver conversas sobre algo relacionado com Alex pouco tempo antes de a família se mudar, e de que era algo que tinha a ver com a escola. Tentei investigar o assunto, mas não descobri grande coisa. Mas recordaram-me que houve outro elo de ligação entre Alex e Nils, além do facto de Karl-Erik ter trabalhado na fábrica de conservas. Nils foi professor substituto do ciclo preparatório durante um semestre. Nunca foi meu professor, mas sei que dava aulas à turma de Alex de vez em quando. Não sei se isto tem alguma importância, mas de qualquer forma achei por bem contar-to.

– Com que então, Nils foi professor de Alex – Patrik parou no alpendre para pensar.

– Como tu dizes, talvez não seja importante, mas neste momento todas as ligações entre Nils Lorentz e Alex têm interesse. Não temos muito mais por onde pegar – Patrik olhou para Erica com seriedade. – Houve uma coisa que Dan disse que realmente me ficou na memória. Dan disse que, nos últimos tempos, Alex tinha falado muito sobre ter de resolver o seu passado. Que era importante arriscar-se a resolver coisas que eram difíceis, para que pudesse continuar com a sua vida. Pergunto-me se isso poderá ter alguma ligação com o que estás a dizer, Erica. – Patrik permaneceu em silêncio por um momento; depois regressou repentinamente ao presente: –

Não posso descartar Dan como suspeito, espero que compreendas isso.

– Sim, compreendo, Patrik, mas tem calma com Dan, se puderes.

Apareces hoje à noite?

– Sim, só tenho de ir a casa buscar uma muda de roupa e umas coisas.

Mas estarei aqui por volta das sete.

Deram um beijo de despedida. Patrik regressou ao carro. Erica permaneceu nos degraus a observá-lo até o ter perdido de vista.

Patrik não foi directamente para o local de trabalho. Sem saber bem porquê, trouxera a chave do apartamento de Anders quando estava a sair da esquadra. Decidiu passar por lá para dar uma vista de olhos em

paz e sossego. Do que precisava agora era de alguma coisa, qualquer coisa que lhe pudesse dar alguma pista. Sentia-se como se estivesse a deparar-se com becos sem saída para onde quer que se voltasse, e como se nunca fossem descobrir o assassino, ou assassinos, quem quer que fossem. O amante secreto de Alex, tal como Erica dissera, tinha estado no topo da lista dos suspeitos, mas agora Patrik já não tinha a certeza. Não estava preparado para riscar completamente Dan da lista, mas tinha de admitir que a pista já não parecia tão quente.

O ambiente no apartamento de Anders era assustador. Na sua mente, Patrik ainda conseguia ver a imagem de Anders a oscilar lentamente para trás e para a frente na corda, mesmo apesar de o corpo já ter sido retirado quando Patrik o viu. Não sabia do que estava à procura, mas colocou umas luvas para não contaminar nenhuma prova. Pôs-se mesmo por debaixo do gancho no tecto onde o nó corrediço fora atado e tentou perceber como tudo acontecera. Como tinha sido Anders içado? Era completamente incompreensível. O tecto era alto e o nó corrediço fora atado logo por baixo do gancho. Deve ter sido preciso bastante força para erguer o corpo de Anders até lá acima. Claro que Anders estava muito magro, mas, dada a altura dele, devia mesmo assim pesar bastante. Patrik anotou mentalmente que não podia esquecer-se de verificar a altura de Anders quando chegasse o relatório da autópsia. A única explicação que conseguia encontrar era que várias pessoas o tinham erguido juntas até lá acima. Mas porque é que não havia marcas no corpo de Anders? Mesmo que, de alguma forma, Anders tivesse sido sedado, erguer o corpo até ali devia ter deixado algumas marcas. Decididamente, havia algo que não batia certo.

Patrik embrenhou-se mais no apartamento e verificou tudo cuidadosamente. Como não havia muitas mobílias além do colchão na sala de estar e de uma mesa com duas cadeiras na cozinha, não havia muito para

examinar. Patrik reparou que as únicas coisas que proporcionavam espaço para arrumação eram os armários da cozinha, por isso inspeccionou-os um a um. Já tinham sido verificados uma vez, mas apesar disso, Patrik queria ter a certeza de que nada tinha escapado.

Na quarta gaveta que inspeccionou, Patrik encontrou um bloco-notas, que retirou e colocou sobre a mesa da cozinha para uma observação mais pormenorizada. Segurou o bloco perpendicularmente em relação à janela, para ver se havia algumas impressões digitais. Viu quase imediatamente que o que fora escrito na primeira página deixara uma marca na folha seguinte, e utilizou um velho truque comprovado para

tentar perceber alguma coisa do texto. Com um lápis que encontrara na mesma gaveta, Patrik esfregou ao de leve a página, colocando a ponta do lápis de lado. Apenas conseguia perceber partes do texto, mas era suficiente para lhe dizer qual era o conteúdo da mensagem. Patrik assobiou baixinho. Aquilo era interessante, muito interessante. Aquilo pôs todas as suas engrenagens em movimento.

Colocou cuidadosamente o bloco num dos sacos de plástico que trouxera do carro.

Patrik continuou a sua busca nas gavetas. A maioria do conteúdo era apenas tralha, mas na última que inspeccionou conseguiu encontrar algo interessante. Olhou para o pedaço de couro que estava a segurar entre os dedos. Era exactamente igual ao que encontrara em casa de Alex quando estivera lá com Erica. Estava sobre a mesa-de-cabeceira dela, e Patrik tinha lido precisamente a mesma inscrição gravada que lia agora: «O.T.M. 1976.»

Quando virou o objecto, reparou que, tal como no que estava em casa de Alex, havia algumas manchas de sangue esbatidas na parte de trás. O facto de haver uma ligação ainda incompreensível entre Alex e Anders não era novidade. Mas o que o intrigava mesmo era a sensação perturbante que teve quando olhou para o pedaço de couro.

Algo no seu subconsciente estava a exigir atenção. Alguma coisa estava a tentar dizer-lhe que o pequeno pedaço era, de alguma forma, importante.

Era óbvio que Patrik estava a deixar escapar alguma coisa; só não conseguia perceber o que era. Mas sabia que o pedaço de couro lhe dizia que a ligação entre Alex e Anders era bastante antiga. Remontava pelo menos a 1976. O ano antes de Alex e a sua família se terem mudado de Fjällbacka e terem desaparecido sem deixar rasto durante doze meses. Um ano antes de Nils Lorentz ter desaparecido de vez. Nils, que, segundo Erica,

tinha sido professor na escola que Alex e Anders tinham frequentado.

Patrik apercebeu-se de que precisava de falar com os pais de Alex. Se as suspeitas que estavam a começar a ganhar forma na sua mente se confirmassem, eram eles os detentores das respostas finais, as respostas que podiam juntar as peças que Patrik julgava já conseguir ver.

Pegou no bloco-notas e no pedaço de couro, encerrados nos seus sacos de plástico, e olhou uma vez mais de relance a sala de estar antes de

sair. Na sua mente, visualizou uma vez mais a imagem do corpo pálido, muito magro e oscilante de Anders. Prometeu chegar ao fundo daquilo, descobrir por que tinha Anders terminado a sua triste vida num nó correção. Se os palpites que tinha tido até agora estivessem correctos, tratava-se de uma tragédia que desafiava toda a compreensão. Esperava sinceramente estar errado.

*

Patrik encontrou o nome de Gösta na lista telefónica e marcou o número da extensão dele na esquadra. Iria provavelmente interromper-lhe um jogo de solitário.

– Olá, Gösta. Sou eu, Patrik.

– Olá, Patrik – a voz de Gösta soou do outro lado, tão cansada como sempre. O tédio e o desânimo tinham-no cansado interior e exteriormente.

– Ouve, já marcaste a visita aos Carlgren em Gotemburgo?

– Não, ainda não tive tempo de tratar disso. Tive de resolver uma série de outras coisas.

Gösta parecia estar à defesa. A pergunta de Patrik pusera-o em guarda; estava nervoso por poderem criticá-lo por ainda não ter levado a cabo a sua missão. Mas, pura e simplesmente, não conseguia sequer pensar em fazê-lo.

Pegar num telefone e fazer uma chamada parecia uma coisa impossível; entrar no carro e conduzir até Gotemburgo era algo insuperável.

– Terias alguma objecção se eu fizesse a visita no teu lugar?

Patrik sabia que aquela era apenas uma pergunta retórica. Estava farto de saber que Gösta ficaria radiante por se safar daquilo. Como Patrik pensara, Gösta respondeu com uma alegria renascida na voz:

– Não, de forma alguma. Se achas que queres pegar nisso, força. De qualquer forma, tenho tantas outras coisas para fazer que não saberia como

encaixar essa.

Ambos estavam cientes de estarem a fazer um jogo, mas os papéis

deles tinham sido estabelecidos há muitos anos, e funcionavam bem para os dois.

Patrik podia fazer o que quisesse, e Gösta, certo de que o trabalho estava a ser feito, podia regressar ao seu jogo de computador.

– Se me pudesses encontrar o número deles, telefone-lhes imediatamente.

– Sim, claro. Tenho-o mesmo aqui. Deixa ver... – Gösta ditou-lhe o número.

Patrik anotou-o no bloco que trazia sempre preso ao tabliê do carro.

Agradeceu a Gösta e desligou para poder telefonar aos Carlgren. Fez figas para que estivessem em casa. Estava com sorte. Karl-Erik atendeu ao terceiro toque. Quando Patrik explicou o que queria, Karl-Erik pareceu hesitante, a princípio, mas depois concordou que Patrik podia aparecer para fazer umas perguntas. Karl-Erik tentou descobrir de que tipo de perguntas se tratava, mas Patrik disse apenas que havia uns pontos nebulosos que esperava que eles pudessem clarificar.

Fez marcha-atrás no parque de estacionamento em frente do bloco de apartamentos e virou primeiro à direita e depois à esquerda no cruzamento seguinte, na direcção da auto-estrada para Gotemburgo. A primeira parte da viagem era lenta, com estradas secundárias serpenteantes através da floresta, mas assim que chegou à auto-estrada foi tudo muito mais rápido.

Passou por Dingle, depois por Munkedal, e quando chegou a Uddevalla sabia que estava a meio do caminho. Como sempre, quando ia a conduzir, pôs a música no máximo. Achava que conduzir um carro era muito relaxante. Ficou sentado no carro durante um momento junto à grande vivenda azul-clara em Kålltorp, a recuperar as forças. Se o seu palpite estivesse certo, estava prestes a estilhaçar inexoravelmente o idílio daquela família. Mas, às vezes, era esse o trabalho dele.

Um carro subiu a rampa de acesso. Erica não o viu, mas ouviu o som que fez na gravilha. Abriu a porta e espreitou lá para fora. Ficou de queixo caído quando viu quem estava a sair do carro. Anna acenou-lhe, cansada, e depois abriu as portas traseiras para tirar as crianças das suas cadeiras para automóvel. Erica calçou uns tamancos e foi ajudá-la. Anna não dissera nada sobre ir visitá-la, e Erica perguntou a si própria o que se estaria a passar.

Anna parecia pálida no seu casaco preto. Cuidadosamente, ergueu Emma

e pô-la no chão, e Erica desapertou o cinto da cadeira de Adrian, e ergueu-o e tomou-o nos braços. Recebeu um grande sorriso desdentado de agradecimento e sentiu um sorriso de resposta espalhar-se pelo seu próprio rosto. Depois, dirigiu um olhar interrogativo à irmã, mas esta apenas abanou a cabeça, como que a dizer: «Nem perguntes.» Erica conhecia suficientemente a irmã para saber que Anna lhe contaria tudo quando estivesse preparada. Antes disso, seria impossível obrigá-la a falar.

– Vejam lá as visitas maravilhosas que eu tenho hoje. Que bom terem todos vindo visitar a tiazinha.

Erica tagarelava e sorria para o bebé que segurava nos braços, e depois olhou para baixo para também dizer olá a Emma. Erica sempre fora uma das pessoas preferidas de Emma, mas dessa vez a rapariguinha não lhe devolveu o sorriso. Em vez disso, agarrava firmemente o casaco e olhava com desconfiança para Erica.

Erica foi à frente com Adrian em direcção a casa. Anna seguiu-a de perto, com Emma segura numa mão e um pequeno saco na outra. Erica viu, para seu espanto, que a bagageira do monovolume estava apinhada, mas fez um esforço supremo para não fazer quaisquer perguntas.

Com mãos desajeitadas e sem prática, Erica despiu o casaco a Adrian enquanto Anna ajudava Emma a tirar o dela, apesar de o fazer com bastante mais habilidade. Só então é que Erica viu que um dos braços de Emma estava engessado até ao cotovelo. Olhou chocada para Anna, que abanou novamente a cabeça de forma quase imperceptível. Emma continuava a olhar para Erica com os olhos muito abertos e sérios, e mantinha-se junto da mãe o tempo todo. Tinha posto o polegar na boca; um gesto que também disse a Erica que alguma coisa grave se tinha passado. Há um ano, Anna anunciara que finalmente Emma tinha conseguido deixar de chuchar no dedo.

Com o corpo morno de bebé de Adrian solidamente ancorado nos braços, Erica foi para a sala de estar e sentou-se no sofá com a criança no colo.

Adrian olhava para Erica fascinado. Breves sorrisos adejavam-lhe pelo rosto, como se não conseguisse decidir se queria ou não sorrir. Era tão querido que Erica quase teve vontade de o comer.

– Fizeram boa viagem? – Erica não sabia ao certo o que dizer, mas a conversa de circunstância teria de servir até que Anna decidisse contar-lhe o que se passava.

– Sim, ainda é uma viagem razoável. Fomos por Dalsland. Emma enjoou nas curvas da estrada que atravessa a floresta, por isso tivemos de parar várias vezes no caminho para ela apanhar ar puro.

– Não deve ter sido lá muito divertido, Emma, pois não? – Erica fez uma tentativa para estabelecer contacto com Emma. A rapariga abanou a cabeça, mas continuava a espreitar por debaixo da franja e a agarrar-se à mãe.

– Acho que talvez queiras dormir uma sesta agora, Emma – disse Anna. –

Achas que pode ser? Não dormiste nada durante toda a viagem, por isso deves estar muito cansada.

Emma assentiu em concordância e, como se lhe tivesse sido pedido, começou a esfregar os olhos com a mão sã.

– Posso ir deitá-los lá em cima, Erica?

– Claro que sim, deita-os no quarto da mamã e do papá. Tenho dormido lá agora, por isso as camas estão feitas.

Anna pegou em Adrian que, para deleite de Erica, resmungou de protesto ao ser retirado dos braços aconchegantes da sua tia.

– A mantinha, mamã – Emma lembrou-a quando já tinham subido metade dos degraus, e Anna voltou a descer para ir buscar o saco que deixara no vestíbulo.

– Queres ajuda?

Erica pensou que parecia um pouco difícil a Anna carregar Adrian num braço e transportar o saco no outro, enquanto Emma teimosamente se recusava a largar-lhe a mão.

– Não. Obrigada, estou habituada a isto.

Anna fez-lhe um sorriso retorcido e amargo que Erica teve dificuldade em interpretar.

Enquanto Anna deitava as crianças, Erica atarefou-se a fazer café fresco.

Questionava-se quantas canecas bebera nos últimos tempos. O seu estômago não tardaria a começar a protestar. Estacou a meio da tarefa de colocar uma medida de café no filtro. Bolas. As roupas de Patrik estavam espalhadas por todo o quarto, e Anna teria de ser uma idiota para não juntar dois e dois. O sorriso trocista dela quando desceu as escadas, pouco tempo depois, foi confirmação suficiente.

– Ora, ora, mana. O que foi que não me contaste? Quem é o homem que tem tanta dificuldade em pendurar a suas roupas como deve ser?

Erica sentiu-se corar.

– Bem... é que aconteceu tudo muito depressa, estás a ver – Erica deu por si a gaguejar, e Anna ainda ficou mais divertida. As rugas de cansaço no rosto dela suavizaram-se, e Erica captou vislumbres de como era a irmã antes de ter conhecido Lucas.

– Sim, sim. Quem é ele? Pára de gaguejar e conta à tua irmãzinha os pormenores saborosos. Podes começar pelo nome dele, por exemplo. É alguém que eu conheça?

– Sim, na verdade, é. Não sei se te lembras de Patrik Hedström?

Anna assobiou e deu uma palmada no joelho.

– Patrik! Claro que me lembro de Patrik! Costumava andar atrás de ti para todo o lado como um cachorrinho com a língua de fora. Com que então, finalmente conseguisti...

– Sim, quer dizer, eu sabia que Patrik tinha uma ligeira paixão por mim quando éramos mais novos. Mas não fazia ideia do que ele realmente sentia...

– Meu Deus, devias estar cega! Estava completamente apaixonado por ti.

Meu Deus, que romântico. Ele para ali a consumir-se por tua causa durante estes anos todos, e finalmente tu olha-lo bem nos olhos e descobres o grande amor da tua vida.

Anna pôs as mãos dramaticamente sobre o coração, e Erica não pôde evitar uma gargalhada. Aquela era a irmã que conhecia e amava.

– Bem, não foi exactamente assim. Entretanto, Patrik já foi casado, mas a mulher deixou-o há uns anos, e agora estão divorciados e ele

vive em Tanumshede.

– Então, e que faz ele? Não me digas, não passa de um carpinteiro. Ia ficar tão ciumenta, sempre sonhei em fazer sexo desenfreado com um carpinteiro.

Erica mostrou infantilmente a língua a Anna, que lhe devolveu o gesto.

– Não, não é carpinteiro. É polícia, se queres mesmo saber.

– Um polícia, Deus meu. Por outras palavras, um homem com um cassetete. Bem, também não é má ideia...

Erica já quase esquecera como a irmã conseguia ser provocadora.

Limitou-se a abanar a cabeça enquanto deitava café em duas chávenas.

Anna, sentindo-se em casa, foi ao frigorífico, retirou o leite e deitou um pouco na sua chávena e na de Erica. O sorriso provocador desapareceu do rosto dela, e Erica percebeu que agora iria saber o motivo pelo qual Anna e

as crianças tinham aparecido subitamente em Fjällbacka.

– Bem, a minha história de amor acabou. E de vez. Julgo que já tinha acabado há muitos anos, mas só agora é que me apercebi.

Anna ficou silenciosa e olhou fixamente para a sua chávena de café.

– Sei que nunca gostaste de Lucas, mas eu amava-o muito. De alguma forma, conseguia encontrar um motivo racional para as tarefas dele. Lucas pedia sempre perdão e jurava que me amava, pelo menos era o que costumava fazer. De alguma forma, consegui convencer-me de que a culpa era toda minha. Se ao menos eu conseguisse ser uma esposa melhor, melhor amante e melhor mãe, então, Lucas não teria motivos para me bater – Anna estava a responder às perguntas silenciosas de Erica. – Sim, eu sei como parece absurdo, mas eu era incrivelmente boa a enganar-me a mim própria.

Como Lucas era bom pai para Emma e Adrian, isso servia de desculpa para muita coisa. Não lhes queria tirar o seu papá.

– Mas aconteceu alguma coisa?

Erica estava a espicaçar Anna. Consequia ver como lhe era difícil falar

sobre aquilo. O orgulho dela estava ferido, e Anna sempre fora uma pessoa incrivelmente orgulhosa que apenas relutantemente admitia quando estava errada.

– Sim, aconteceu uma coisa. A noite passada, atirou-se a mim como costuma fazer. Na verdade, cada vez com mais frequência. Mas ontem...

A voz dela falhou, e Anna engoliu algumas vezes em seco para reprimir as lágrimas.

– Ontem à noite, Lucas atirou-se a Emma. Estava tão furioso, e no meio daquilo tudo, Emma foi até à sala e Lucas não se conteve – Anna voltou a engolir as lágrimas. – Levámo-la às Urgências, e eles confirmaram-nos que ela tinha uma fractura no braço.

– Presumo que tenhas denunciado Lucas à polícia?

Erica sentiu a raiva formar um nó intrincado no seu estômago, um nó que estava a apertar-se.

– Não – a palavra soou quase inaudível e as lágrimas começaram a rolar pelas faces pálidas dela. – Dissemos-lhes que Emma tinha caído das escadas.

– Oh, Meu Deus, e eles acreditaram nisso?

Anna fez um sorriso retorcido a Erica.

– Sabes quão encantador Lucas consegue ser. Fez completamente as cabeças do médico e das enfermeiras, e eles quase sentiram tanta pena dele como de Emma.

– Mas, Anna, tu tens de o denunciar à polícia. Não podes querer que Lucas se safes disto, pois não?

Erica olhou para a irmã chorosa. A compaixão estava a competir com a fúria. Anna estava a encolher perante os seus olhos.

– Nunca mais vai acontecer, tenciono fazer com que não volte a acontecer. Fingi que estava a ouvir as desculpas de Lucas e depois fiz as malas, coloquei-as no carro e pus-me a andar logo que ele foi trabalhar.

Nunca mais tenciono voltar para Lucas; ele nunca mais vai ter oportunidade de fazer mal aos meus filhos. Se eu o tivesse denunciado

à polícia, teriam chamado a Segurança Social, e depois eles poderiam tirar-nos as crianças a ambos.

– Mas Lucas nunca vai aceitar que lhe tires as crianças, Anna. Sem um relatório policial e uma investigação, como é que vais provar que deves ter a custódia das crianças?

– Não sei, não sei, Erica. Não consigo pensar nisso agora, apenas tinha de me afastar dele. O resto terá de ser resolvido mais tarde. Por favor, não ralhes comigo!

Erica pousou a chávena na mesa, levantou-se da cadeira e colocou os braços em torno da irmã. Acariciou-lhe o cabelo e sussurrou-lhe palavras de consolo. Deixou Anna chorar no ombro dela e sentiu a sua camisola a ficar cada vez mais molhada. Ao mesmo tempo, o ódio que nutria por Lucas cresceu. Só queria poder esmurrar aquele cabrão.

Birgit olhou para a rua, escondida por detrás da cortina. Karl-Erik podia ver pelos ombros arqueados da mulher como ela estava tensa. Tinha estado a andar ansiosamente de um lado para o outro em silêncio desde o telefonema da polícia. Pela primeira vez em décadas, Karl-Erik sentiu-se completamente calmo por dentro. Karl-Erik tencionava dar todas as respostas ao agente, desde que este fizesse as perguntas certas.

Os segredos andavam a queimá-lo por dentro há tantos anos. De certa forma, tinha sido mais fácil para Birgit. A forma de ela lidar com a situação fora negar que aquilo alguma vez tivesse acontecido. Recusava-se a falar sobre o assunto e flutuava pela vida como se nada tivesse acontecido. Mas acontecera. Não passara um dia em que Karl-Erik não pensasse naquilo e,

de cada vez, o fardo parecia mais difícil de carregar. Sabia que, visto de fora, parecia que Birgit era a mais forte dos dois; em todos os eventos sociais, Birgit rebrilhava como uma estrela, enquanto ele era o homem cinzento, invisível, a seu lado. Birgit usava as suas roupas maravilhosas, as suas jóias caras e a sua maquilhagem como uma armadura.

Sempre que regressavam a casa depois de mais uma noite deslumbrante e excitante, Birgit despia a armadura e parecia desmoronar-se no vácuo. Tudo o que restava era uma criança agitada e insegura que se agarrava a Karl-Erik em busca de apoio. Durante todos aqueles anos de casamento, Karl-Erik fora atormentado por sentimentos contraditórios pela mulher. A beleza e a fragilidade dela

despertavam ternura e um instinto protector que o faziam sentir-se homem. Mas a relutância dela em enfrentar os aspectos mais difíceis da vida punha-o, por vezes, à beira da loucura. O que o enfurecia mais era o facto de saber que Birgit não era estúpida, mas a sua formação ensinara-lhe que uma mulher devia, a qualquer custo, ocultar o facto de possuir algum tipo de inteligência. Em vez disso, deveria concentrar toda a sua energia em ser bela e indefesa. E em agradar aos outros. Quando eram recém-casados, Karl-Erik não encarara isso como uma coisa estranha; era o espírito dos tempos, naquela época. Mas os tempos tinham mudado, colocando responsabilidades completamente diferentes tanto nas mulheres como nos homens. Karl-Erik adaptara-se, mas a sua mulher nunca o fizera. Por isso, aquele dia iria ser bastante difícil para Birgit. Karl-Erik acreditava que, bem no fundo, Birgit sabia o que ele tencionava fazer. Era por isso que tinha andado a caminhar de um lado para o outro da sala durante quase duas horas. Mas Karl-Erik também sabia que Birgit não o deixaria revelar segredos familiares a terceiros sem dar luta.

– Porque tem Henrik de estar presente? – Birgit virou-se para Karl-Erik, a apertar ansiosamente as mãos.

– A polícia quer falar com a família, e Henrik faz parte da família, não faz?

– Sim, mas julgo que é desnecessário envolvê-lo nisto. Provavelmente, a polícia vai apenas fazer algumas perguntas gerais. Temos mesmo que o arrastar de tão longe até aqui para isso? Não, parece-me desnecessário.

A voz dela subia e descia de tom, plena de perguntas implícitas.

Conhecia-a tão bem.

– Aí vem ele.

Birgit afastou-se rapidamente da janela. Demorou algum tempo até a campainha tocar.

– Boa tarde, sou Patrik Hedström.

– Karl-Erik Carlgren. Como está? – Apertaram cortesmente as mãos.

Karl-Erik calculou que o agente deveria ter aproximadamente a mesma idade de Alex. Actualmente, Karl-Erik fazia muito isso: pensar nas outras pessoas em relação a Alex. – Entre. Pensei que poderíamos sentar-nos na sala de estar para conversarmos.

Patrik foi apanhado um pouco de surpresa quando viu Henrik, mas recuperou rapidamente, e cumprimentou cortesmente Birgit e Henrik.

Sentaram-se todos em torno da mesa de café e houve um longo momento de silêncio opressivo. Por fim, Patrik falou:

– Bem, calculo que isto tenha sido um pouco inesperado, mas agradeço que me tenham recebido com tão pouco tempo de aviso.

– Estávamos mesmo agora a questionar-nos se teria acontecido alguma coisa. Descobriram alguma coisa nova? Não temos notícias vossas há algum tempo... – a frase extinguiu-se e Birgit olhou esperançosamente para Patrik.

– A investigação está a decorrer de forma lenta, mas está bem encaminhada, e isto é tudo o que posso dizer de momento. O homicídio de Anders Nilsson também trouxe alguns novos desenvolvimentos ao caso.

– Sim, isso é óbvio, mas já determinaram se a pessoa que assassinou Anders é a mesma que assassinou a nossa filha?

A tagarelice de Birgit tinha um tom frenético que fez com que Karl-Erik controlasse um impulso de se inclinar para a frente e pôr uma mão consoladora sobre a dela. Naquele dia, Karl-Erik tinha de se abster de assumir o papel protector para o qual estava tão bem treinado.

Durante um momento, Karl-Erik deixou que a sua mente divagasse, para longe do presente, para um passado que agora lhe parecia tão distante.

Olhou em redor da sala de visitas sentindo algo parecido a aversão. Tinham caído tão facilmente na tentação, que quase se conseguia cheirar o dinheiro do resgate. A casa em Källstorp era mais do que alguma vez se tinham atrevido a imaginar quando as crianças eram pequenas. Era grande e arejada, com os belos pormenores dos anos 30 conservados, apesar de, ao mesmo tempo, se terem permitido usufruir de todos os confortos das criaturas modernas. Com o ordenado do seu emprego em Gotemburgo, o

casal podia finalmente adquirir tudo aquilo. A sala onde se sentavam era a maior divisão da casa. Demasiado mobilada para o seu gosto, mas Birgit tinha uma atracção por objectos lustrosos e brilhantes, e tudo estava como se fosse novinho em folha. Mais ou menos de três em três anos, Birgit começava a queixar-se de que tudo parecia muito

gasto. Dir-lhe-ia como estava entediada de tudo naquela casa e, depois de algumas semanas dos seus olhares implorantes, Karl-Erik costumava desistir e puxava os cordões à bolsa. Era como se estivesse continuamente a reinventar-se a si própria e à sua vida ao substituir tudo. Actualmente, estava num período Laura

Ashley³², e a sala estava tão cheia de padrões e de folhos cor-de-rosa que se tornava sufocantemente feminina. Karl-Erik sabia que não teria de tolerar aquilo por mais de um ano, no máximo. Se tivesse sorte, na próxima remodelação, Birgit tenderia para poltronas *Chesterfield* e motivos de caça ingleses. Por outro lado, se tivesse azar, da próxima vez ver-se-ia rodeado de riscas de tigre.

Patrik aclarou a garganta.

– Tenho uma série de perguntas e gostaria que me ajudassem a esclarecer algumas dúvidas. – Ninguém disse nada, e Patrik prosseguiu: – Fazem alguma ideia de como Alex e Anders Nilsson se conheceram?

Henrik parecia chocado, e Karl-Erik disse que não fazia qualquer ideia.

Custou-lhe dizê-lo, mas não pôde evitá-lo.

– Eles estavam na mesma turma, mas isso já foi há tantos anos.

Birgit mexia-se nervosamente, sentada no sofá junto do genro.

Henrik disse:

– Reconheço o nome. Alex não tinha algumas pinturas dele à venda na galeria? – Patrik assentiu, e Henrik prosseguiu: – Não compreendo, deveria existir mais alguma ligação entre eles? Que motivo poderia haver para alguém assassinar a minha mulher e um dos artistas que ela expunha?

– Isso é exactamente o que eu estou a tentar perceber – Patrik fez uma pausa antes de continuar: – Infelizmente, pudemos igualmente confirmar que Alexandra e Anders tinham uma relação íntima.

No silêncio que se seguiu, Karl-Erik viu muitas emoções competirem nos rostos das duas pessoas sentadas à sua frente, Birgit e Henrik. Ele próprio apenas estava levemente surpreendido, Mas a surpresa depressa cedeu à aceitação. O que o agente dissera devia ser verdade. Era mais que natural, de acordo com as circunstâncias.

Birgit manteve a mão sobre a boca, com uma expressão horrorizada, e o rosto de Henrik depressa perdeu toda a cor. Karl-Erik reparou que Patrik não estava a apreciar o seu papel de portador de más notícias.

– Não pode ser verdade – confusa, Birgit olhou para os outros, mas não encontrou qualquer apoio. – Como é que Alex teria um relacionamento com alguém como aquilo? – olhou para Karl-Erik ansiosa, mas este recusou-se a encará-la e, em vez disso, olhou para baixo, para as mãos. Henrik nada disse; parecia que se tinha desmoronado.

– Não sabem se eles mantiveram o contacto depois de se terem mudado?

– perguntou Patrik.

– Não, não consigo imaginar que o tenham feito. Alex cortou todos os laços quando nos mudámos de Fjällbacka – fora novamente Birgit a falar, enquanto Henrik e Karl-Erik permaneciam sentados em silêncio.

– Há outra pergunta que gostaria de vos fazer. Mudaram-se para Gotemburgo a meio do período escolar, quando Alex estava no segundo ano do ciclo. Porque o fizeram? A mudança parece ter sido algo repentina.

– Não houve nada de estranho em relação a isso. Karl-Erik conseguiu uma oferta de emprego fantástica que simplesmente não podia recusar. Teve de decidir rapidamente; eles precisavam de alguém imediatamente.

Portanto, foi por isso que tudo aconteceu tão depressa – Birgit torcia incessantemente as mãos enquanto falava.

– Mas não registaram Alex em nenhuma escola em Gotemburgo, pois não? Em vez disso, Alex começou a frequentar um internato na Suíça. Por que motivo?

– Com o novo emprego de Karl-Erik, a nossa situação financeira melhorou consideravelmente, e apenas quisemos dar a Alex as melhores oportunidades que pudéssemos – afirmou Birgit.

– Mas não havia boas escolas em Gotemburgo? – Patrik continuava a martelar implacavelmente com as perguntas. Karl-Erik não conseguiu deixar de admirar o empenho dele. Outrora, também fora assim, jovem e entusiástico. Agora, estava apenas cansado.

Birgit respondeu:

– Claro que havia, mas imagine só a rede de conhecimentos que Alex poderia adquirir ao ir para um internato como aquele. A escola até era frequentada por uns príncipes. Imagine só o que uns contactos desses podiam proporcionar a uma rapariga.

– Foi até à Suíça com Alex?

– Naturalmente que fomos lá para a registar na escola, se é a isso que se está a referir.

– Bem, não foi bem isso que quis dizer – Patrik procurou no seu bloco-notas, para refrescar a memória.

– Alexandra saiu daqui a meio do terceiro período, na Primavera de 1977.

Foi registada no internato na Primavera de 1978, e foi também nessa altura que Karl-Erik começou a trabalhar aqui, em Gotemburgo. Portanto, a minha pergunta é, onde estiveram durante esse ano?

Tinha-se formado um sulco entre as sobrancelhas de Henrik, e o marido de Alex olhava alternadamente para Birgit e Karl-Erik. Ambos estavam a evitar o olhar dele. Karl-Erik sentiu uma dor opressiva a irradiar desde a zona do coração e a aumentar lentamente de intensidade.

– Não compreendo aonde quer chegar com todas essas perguntas. Que importa se nos mudámos em 77 ou em 78? A nossa filha está morta e o senhor vem aqui fazer-nos perguntas como se fôssemos nós os culpados.

Deve ter ocorrido um erro, algures. Alguém deve ter-se enganado em algum registo, deve ter sido isso que aconteceu. Nós mudámo-nos para cá na Primavera de 77, e foi nessa altura que Alexandra começou a frequentar a escola na Suíça.

Patrik olhou para Birgit de forma apologética, à medida que esta ficava cada vez mais perturbada.

– Peço desculpa por estar a causar-lhe este incómodo, senhora Carlgren.

Sei que estão a passar um momento difícil, mas eu tenho de fazer estas perguntas. E a minha informação está correcta. Os senhores apenas se

mudaram na Primavera de 1978, e durante um ano inteiro antes dessa data não há nada que prove que tenham sequer estado na Suécia. Por isso, tenho de perguntar mais uma vez: Onde estiveram entre a Primavera de 77 e a Primavera de 78?

Com o desespero estampado nos olhos, Birgit virou-se para Karl-Erik num pedido de socorro, mas este sabia que já não lhe podia dar o tipo de ajuda que ela pretendia. Karl-Erik acreditava que estava a fazer aquilo para o bem da família a longo prazo; também sabia que, a curto prazo, aquilo poderia aniquilar Birgit. Mas não lhe restava outra opção. Olhou para a mulher com ar triste e depois aclarou a garganta.

– Estivemos na Suíça. Alex, a minha mulher e eu.

– Cala-te, Karl-Erik, não digas mais nada!

Karl-Erik ignorou-a.

– Estivemos na Suíça porque a nossa filha de doze anos estava grávida.

Não ficou surpreendido ao ver Patrik deixar cair a caneta, consternado com o que ele acabara de dizer. O que quer que o agente tivesse calculado ou suspeitado, ouvi-lo em voz alta era algo completamente diferente. Como poderia alguém ter imaginado algo tão terrível?

– A minha filha foi molestada, violada. Era apenas uma criança – Karl-Erik sentiu a voz quebrar e pressionou com força o punho contra os lábios para tentar recompor-se. Após um momento, conseguiu prosseguir. Birgit recusava-se a olhar para o marido, mas agora não havia volta a dar.

– Percebemos que havia algo errado, mas não sabíamos o que era. Alex parecera sempre feliz e segura. Algures no início do segundo ano do ciclo, a minha filha começou a mudar. Tornou-se calada e pouco comunicativa. Já nenhum dos amigos dela ia lá a casa, e às vezes não aparecia durante muitas horas. Nós não sabíamos onde ela estava. Não levámos aquilo muito a sério, pensámos que estava apenas a atravessar uma fase. Talvez um estado preliminar dos seus anos de adolescência, não sei.

Karl-Erik teve de aclarar a garganta novamente. A dor que sentia no peito estava a aumentar.

– Foi apenas quando Alex estava no quarto mês que descobrimos que estava grávida. Devíamos ter reparado nos sinais antes, mas quem poderia desconfiar... Nós nem conseguíamos imaginar...

– Por favor, Karl-Erik – o rosto de Birgit era como uma máscara cinzenta.

Henrik parecia paralisado, como se não conseguisse acreditar no que estava a ouvir, o que provavelmente era verdade. Até Karl-Erik percebia quão incrível aquilo soava aos seus próprios ouvidos, quando o dizia em voz alta.

Durante vinte e cinco anos, as palavras tinham-lhe estado a corroer as entranhas. Por consideração para com Birgit, reprimira a sua necessidade de contar a verdade, mas agora as palavras não paravam de sair e Karl-Erik não as conseguia conter.

– Não podíamos pensar num aborto. Não naquelas condições. Nem demos a Alex qualquer oportunidade de escolha, mesmo que ela o quisesse fazer. Nunca lhe perguntámos como se sentia ou o que queria fazer. Em vez disso, silenciámos completamente o assunto. Tirámo-la da escola, fomos para o estrangeiro e ficámos lá até Alex ter dado à luz a criança. Ninguém

podia saber nada sobre o assunto. Porque senão, o que iriam as pessoas dizer?

Karl-Erik sentiu quão desagradável soara aquela última frase. Nada fora mais importante do que isso. Tinha-se sobreposto à felicidade e ao bem-estar da própria filha deles. Nem sequer podia atribuir toda a culpa a Birgit por ter tomado aquela decisão. Nunca fora Birgit quem mais se preocupara com as aparências. Após anos de auto-análise, Karl-Erik tinha sido forçado a admitir para si próprio que tinha deixado Birgit fazer as coisas à maneira dela baseado no seu próprio desejo de manter uma aparência irrepreensível.

Sentia a azia a subir-lhe à garganta. Engoliu com desgosto e prosseguiu:

– Depois de Alex ter tido o bebé, inscrevemo-la no internato, regressámos a Gotemburgo e continuámos a fazer a nossa vida.

Cada palavra gotejava com amargura e autocomiseração. Os olhos de Birgit estavam plenos de fúria, talvez também de ódio. Olhava para Karl-Erik de forma intensa como que para utilizar o puro poder da vontade para o fazer parar. Mas Karl-Erik sabia que o processo começara no preciso momento em que Alex fora encontrada morta na banheira. Sabia que a polícia arrancaria todas as raízes, voltaria cada pedra e faria sair para a luz do Sol tudo o que rastejasse. Era melhor contarem a verdade pelas palavras deles. Ou pelas palavras dele, como

acabou por acontecer. Talvez o devesse ter feito antes, mas precisara de tempo para ganhar a coragem necessária. O

telefonema de Patrik Hedström fora o último empurrão.

Karl-Erik sabia que deixara bastante por contar, mas o cansaço abatera-se sobre ele como um cobertor, por isso deixou que Patrik retomasse o fio à meada e fizesse as perguntas que iriam preencher os espaços. Recostou-se na cadeira e agarrou os apoios para os braços com força.

Henrik foi o primeiro a falar. A voz dele tremia de forma perceptível:

– Porque não contaram a ninguém? Porque não disse Alex nada? Eu sabia que ela me estava a esconder algo, mas não isto.

Karl-Erik abriu os braços num gesto resignado. Que mais podia dizer ao marido de Alex?

Patrik lutara esforçadamente para manter o profissionalismo, mas era óbvio que estava abalado. Apanhou a caneta que deixara cair ao chão e tentou concentrar-se no bloco-notas à sua frente.

– Quem abusou de Alex? Foi alguém da escola?

Karl-Erik limitou-se a assentir.

– Foi... – Patrik hesitou – ... foi Nils Lorentz?

– Quem é Nils Lorentz? – perguntou Henrik.

Birgit respondeu-lhe, com a voz carregada de fel:

– Era professor substituto na escola. É filho de Nelly Lorentz.

– Mas onde está ele agora? Deve ter sido preso pelo que fez a Alex, não é verdade? – Henrik parecia estar a lutar arduamente para tentar compreender o que Karl-Erik dissera.

– Desapareceu há vinte e cinco anos – explicou Patrik. – Nunca mais foi visto desde então. Mas também quero saber porque nunca foi redigido nenhum relatório policial. Procurei nos nossos arquivos e nunca foi apresentada à polícia nenhuma queixa contra Nils.

Karl-Erik fechou os olhos. Patrik não estava a fazer a pergunta de forma acusatória, mas era assim que soava. Cada palavra era como uma agulha a perfurar-lhe a pele, a lembrá-lo do terrível erro que

tinham cometido há vinte e cinco anos.

– Nunca apresentámos queixa. Quando percebemos que Alex estava grávida, e ela nos disse o que acontecera, eu irrompi pela casa de Nelly e disse-lhe o que o filho dela tinha feito. Claro que tencionara denunciá-lo à polícia, e disse-o a Nelly, mas...

– Mas Nelly veio ter connosco e falou comigo a sugerir que podíamos resolver o assunto sem envolver a polícia – disse Birgit sentada no sofá com a cabeça direita como uma vara. – Nelly disse que não havia necessidade de humilhar ainda mais Alex ao fazer com que toda a vila sussurrasse sobre o que tinha acontecido. Não podíamos fazer mais do que concordar, e decidimos que podíamos lidar com o assunto no seio da família. Nelly prometeu que se encarregaria de Nils de forma adequada.

– Nelly também me conseguiu um emprego muito bem pago, aqui em Gotemburgo – disse Karl-Erik. – Julgo que não fomos diferentes da maioria das pessoas, ofuscados pela promessa de ouro – Karl-Erik estava a ser brutalmente franco consigo próprio. O tempo da negação tinha passado.

– Isso não teve nada que ver com o assunto. Como podes dizer uma coisa dessas, Karl-Erik? Apenas pensámos no que era melhor para Alex. De que lhe serviria se toda a gente tivesse sabido? Demos-lhe uma grande oportunidade de andar com a vida para a frente.

– Não, Birgit, demo-nos a nós próprios uma grande oportunidade de andarmos com as *nossas* vidas para a frente. Alex perdeu essa oportunidade

quando decidimos abafar as coisas.

Olharam-se fixamente sobre a mesa de café, e Karl-Erik soube que algumas coisas nunca mais poderiam ser reparadas. Birgit nunca compreenderia.

– E o bebé? O que aconteceu ao bebé? Foi entregue para adopção? – perguntou Patrik.

Silêncio. Depois, ouviu-se uma voz vinda da entrada:

– Não, o bebé não foi entregue para adopção. Eles decidiram ficar com a bebé e mentir-lhe sobre a sua identidade.

– Julia! Pensei que estavas lá em cima, no teu quarto!

Karl-Erik virou-se para ver Julia parada à entrada. Devia ter descido as escadas em bicos de pés, porque ninguém a tinha ouvido chegar. Patrik perguntou a si próprio há quanto tempo estaria Julia ali espedada.

Julia estava encostada à maçaneta da porta, de braços cruzados. Todo o seu corpo informe irradiava maldade. Apesar de serem quatro da tarde, ainda estava de pijama. Parecia não tomar banho há pelo menos uma semana. Karl-Erik sentiu a compaixão misturar-se com a dor no peito. O

seu pobre, pobrezinho patinho feio.

– Se não tivesse sido por causa de Nelly, ou antes, da «avó», vocês nunca teriam dito nada, pois não? Nunca teriam sido convencidos a dizer-me que a minha mãe não é a minha mãe, mas a minha avó, e que o papá não é o papá, mas o meu avô e, acima de tudo, que a minha irmã não é a minha irmã, mas a minha mãe. Está a acompanhar tudo ou quer que repita? É um pouco complicado.

O comentário sarcástico dirigia-se a Patrik. Quase parecia que Julia gostava de ver a expressão consternada no rosto dele.

– É perverso, não é? – Julia baixou a voz para um sussurro teatral e pôs o dedo sobre os lábios. – Mas, cuidado, não deve contar a ninguém. Porque senão, o que iriam as pessoas dizer? Imagine se comessem a coscuvilhar sobre a próspera família Carlgren. – Julia subiu novamente o tom de voz: –

Mas graças a Deus que Nelly me contou tudo no Verão passado, quando eu estava a trabalhar na fábrica de conservas. Contou-me aquilo que eu tinha o direito de saber. Quem realmente sou. Toda a minha vida me senti uma estranha, senti que não fazia parte desta família. Ter uma irmã mais velha como Alex não era de todo fácil, mas eu venerava-a. Era tudo o que eu queria ser, tudo o que eu não era. Eu via como vocês olhavam para ela e

como olhavam para mim. E Alex nunca pareceu interessar-se muito por mim, o que fazia com que a venerasse ainda mais. Agora compreendo porquê. Provavelmente, Alex mal conseguia olhar para mim. A filha bastarda que nascera de uma violação. E vocês obrigaram-na a recordar-se disso sempre que olhava para mim. Será que não vêem como isso era cruel?

Karl-Erik encolheu-se perante as palavras dela como se tivesse sido esbofeteado. Sabia que Julia tinha razão. Tinha sido horrivelmente cruel manter Julia, e dessa forma obrigar Alex a reviver vezes sem conta o acontecimento monstruoso que pusera fim à sua juventude. Nem tinha sido justo para Julia. Karl-Erik e Birgit nunca se esqueceriam da forma como fora concebida. Aparentemente, Julia sentira-o logo desde o início, porque viera ao mundo a guinchar. Tinha continuado a gritar e a lutar contra o mundo durante toda a sua infância. Julia nunca perdera uma oportunidade para se portar mal, e Karl-Erik e Birgit eram demasiado velhos para lidar com uma criança, sobretudo uma criança tão exigente como Julia.

De certa forma, fora um alívio quando Julia regressara a casa no Verão passado, a transpirar raiva por todos os poros, e os confrontou. Não ficaram surpreendidos por Nelly ter contado a verdade a Julia de moto próprio.

Nelly era uma mulher execrável, que apenas se preocupava com os seus próprios interesses. Se o facto de dizer a Julia a beneficiasse de alguma forma, então, fá-lo-ia. Fora por isso que Birgit e Karl-Erik tinham tentado que Julia recusasse a oferta do emprego de Verão, mas Julia, como sempre, defendera teimosamente a sua bandeira.

Quando Nelly contou a Julia a verdadeira história, todo um novo mundo se abriu para a rapariga. Pela primeira vez havia alguém que realmente a queria, alguém a quem pertencia. Apesar do facto de Nelly ter Jan, para Nelly, o que contava eram os laços do sangue. Nelly dissera a Julia que, quando fosse chegada a altura, tencionava deixar-lhe a sua fortuna. Karl-Erik compreendera bem de que forma tudo aquilo afectara Julia. Estava cheia de raiva em relação às pessoas que tinha julgado serem os pais dela, e venerava Nelly com a mesma intensidade que outrora tinha devotado a Alex. Tudo isto passou rapidamente pela mente de Karl-Erik quando a viu especada à entrada da sala, recortada pela luz suave vinda da cozinha. O

mais triste era que, mesmo que fosse verdade terem muitas vezes olhado para Julia e recordado o horror do passado, esta nunca compreenderia quanto ambos a amavam. Mas Julia fora como uma estranha em casa deles,

e eles tinham-se sentido desajeitados e impotentes perante ela. Ainda se sentiam assim. Agora, ver-se-iam provavelmente forçados a aceitar que a tinham perdido para sempre. Julia ainda estava a viver fisicamente em casa deles, mas mentalmente já os tinha deixado para trás.

Henrik parecia mal conseguir respirar. Inclinou a cabeça para a frente, para o colo, e fechou os olhos. Por um momento, Karl-Erik perguntou a si próprio se teria sido correcto ter convidado Henrik para casa deles para participar naquilo. Tinha-o convidado porque pensava que Henrik merecia saber a verdade. Também ele amara Alex.

– Mas, Julia... – Birgit estendeu os braços para a rapariga num gesto de ternura desajeitado. Julia limitou-se a voltar-lhe as costas com desprezo, e ouviram-na a subir apressadamente as escadas.

– Lamento imenso – disse Patrik, e abriu os braços num gesto de resignação. – Eu sabia que havia alguma coisa errada, mas nunca teria imaginado uma coisa destas. Não sei o que dizer.

– Nós próprios também não sabemos o que dizer. Sobretudo, uns aos outros – Karl-Erik olhou para a mulher.

– Durante quanto tempo se arrastaram os abusos? Sabem?

– Não temos bem a certeza. Alex não queria falar sobre isso.

Provavelmente, pelo menos durante uns quantos meses, talvez mesmo um ano. – Karl-Erik hesitou. – E aqui tem a resposta à sua pergunta anterior.

– A qual delas se refere? – perguntou Patrik.

– Aquela sobre a ligação entre Alex e Anders. Anders também foi uma vítima. No dia anterior à mudança, encontrámos um bilhete que Alex tinha escrito a Anders. Parece que ele também tinha sido molestado por Nils. Era óbvio que tinham compreendido, ou descoberto, que estavam na mesma situação... de que forma, não sei. E viraram-se um para o outro em busca de conforto. Levei a nota a Vera Nilsson. Conte-lhe o que tinha acontecido a Alex e o que provavelmente tinha acontecido a Anders. Foi uma das coisas mais difíceis que alguma vez fiz. Anders é... ou era – Karl-Erik corrigiu-se rapidamente –, tudo o que Alex tinha. Julgo que esperava que ela pudesse fazer o que nós não tínhamos tido a coragem de fazer: denunciar Nils e responsabilizá-lo pelo que tinha feito. Mas nada aconteceu; por isso, presumo que Vera se sentiu tão impotente como nós.

Inconscientemente, Karl-Erik começara a massajar o peito com o punho.

A dor continuava a aumentar de intensidade. Tinha começado a irradiar

para os dedos.

– E não fazem ideia do destino de Nils?

– Não, nenhuma. Mas onde quer que esteja, espero que esteja a sofrer, esse diabo.

A dor era agora como um desabamento de terras. Os dedos começaram a ficar dormentes, e Karl-Erik soube que algo estava mal. Muito mal. A dor fez com que o seu campo de visão se contraísse e, apesar de conseguir ver as bocas dos outros mexerem-se, era como se todas as imagens e todos os sons lhe chegassem em câmara lenta. A princípio sentiu-se feliz por a raiva se ter extinguido dos olhos de Birgit, mas quando viu que fora substituída pela preocupação, compreendeu que estava a acontecer algo muito grave.

Depois, a escuridão inundou-o.

A seguir à apavorante viagem de ambulância até ao Hospital de Sahlgrenska, Patrik sentou-se no seu carro e tentou recuperar o fôlego.

Tinha seguido a ambulância no seu próprio carro, e ficou com Birgit e Henrik até terem recebido a notícia de que, apesar de o ataque cardíaco de Karl-Erik ser grave, a fase mais crítica tinha passado.

Aquele dia fora um dos mais perturbantes da sua vida. Tinha visto muita desgraça nos seus anos na polícia, mas nunca ouvira uma história tão trágica e de partir o coração como a que Karl-Erik tinha contado nessa tarde.

Mesmo apesar de Patrik reconhecer a verdade quando a ouvia, ainda tinha grande dificuldade em aceitar o que tinha ouvido. Como podia alguém continuar a sua vida depois de ter passado pelo que Alex suportara? Alex não fora apenas abusada sexualmente e privada da sua juventude. Tinha igualmente sido obrigada a viver o resto da vida com uma lembrança constante do que acontecera. Por mais que Patrik tentasse, não conseguia compreender a atitude dos pais dela. Não conseguia imaginar deixar o criminoso escapar se abusassem de um filho seu, nem conseguia imaginar-se a preferir tentar abafar o assunto. Como é que manter as aparências podia ser mais importante do que a vida e a saúde da própria filha? Era isso que lhe era terrivelmente difícil de entender.

Sentou-se no carro de olhos fechados, recostado com a cabeça no apoio.

O crepúsculo estava a cair, e Patrik devia estar a começar a viagem em direcção a casa, mas sentia-se fraco e apático. Nem sequer o pensamento de

que Erica estava à espera dele o conseguia convencer a conduzir até casa. A atitude positiva que Patrik tinha perante a vida fora abalada até à medula.

Pela primeira vez sentiu-se duvidar de que a bondade dos seres humanos fosse realmente maior do que a maldade.

A um outro nível, também se sentia um pouco culpado. A história chocante tocara-o profundamente, mas ao mesmo tempo sentira uma satisfação profissional quando as peças do *puzzle* começaram a encaixar-se no seu lugar, uma a uma. Tantas perguntas tinham sido respondidas nessa tarde. Contudo, Patrik ainda se sentia mais frustrado do que antes.

Descobrira a explicação para muita coisa, mas ainda estava às apalpadelas no escuro quanto ao assassino de Alex e Anders. Talvez o motivo estivesse oculto no passado, ou talvez não tivesse nada que ver com o passado, apesar de Patrik ter dificuldade em acreditar nisso. Apesar de tudo, aquele era o único elo de ligação que tinha descoberto entre Alex e Anders.

Mas porque queria alguém assassiná-los por causa de abusos sexuais, ocorridos há mais de vinte e cinco anos? Se fosse esse o motivo, porque não teria agido até agora? O que teria posto em movimento algo que permanecera adormecido durante tantos anos e depois tinha provocado dois homicídios no espaço de umas semanas? O mais frustrante era que Patrik não fazia qualquer ideia do caminho a tomar agora.

Aquela tarde significara um grande passo em frente na investigação, mas ao mesmo tempo tinha conduzido a um beco sem saída. Patrik reviu na sua mente o que fizera e ouvira durante o dia e ocorreu-lhe que tinha consigo uma pista concreta no carro. Algo que tinha esquecido por causa das ondas de choque da visita aos Carlgren e do tumulto que se seguiu ao dramático ataque cardíaco de Karl-Erik. Uma vez mais, Patrik sentiu o mesmo entusiasmo que tinha sentido de manhã. Apercebeu-se de que tinha uma oportunidade única de seguir aquela pista mais de perto. Apenas precisava de alguma sorte.

Ligou o telemóvel, ignorou as três mensagens que tinha no gravador de chamadas e telefonou para as informações para obter o número do

Hospital de Sahlgrenska. A telefonista atendeu e Patrik pediu a ligação.

– Hospital de Sahlgrenska.

– Sim, boa tarde, o meu nome é Patrik Hedström. Será que Robert Ek trabalha aí, no serviço de medicina forense?

– Um momento, vou verificar.

Patrik conteve a respiração. Robert era um antigo colega da Academia de Polícia que continuara os estudos para se tornar técnico forense. Tinham convivido durante o curso, mas depois perderam o contacto. Patrik julgava ter ouvido através de mexericos que Robert estava agora a trabalhar em Sahlgrenska, e fez figas para que fosse verdade.

– Deixe-me ver. Sim, Robert Ek trabalha nesse serviço. Deseja que lhe passe a chamada?

Patrik comemorou em silêncio.

– Sim, por favor.

Depois de alguns toques, Patrik ouviu a voz familiar de Robert.

– Robert Ek, Medicina forense.

– Olá, Robban, sabes quem fala?

Fez-se silêncio durante uns segundos. Patrik pensava que Robert não iria reconhecer a sua voz, e estava prestes a dar-lhe uma ajuda. Mas então ouviu um uivo vindo do telefone.

– Patrik Hedström, seu grande rafeiro! É pá, há quanto tempo! Estás a telefonar-me porquê? Quer dizer, não deve ser propriamente por causa de um assunto trivial.

Robert estava a provocá-lo, e Patrik sentiu-se um pouco envergonhado.

Sabia que era uma desgraça a manter-se em contacto com as pessoas.

Robert fora bastante mais empenhado, mas desistira algum tempo depois, uma vez que Patrik nunca respondia às suas chamadas. Patrik ainda se sentiu mais envergonhado porque, agora que finalmente lhe telefonava, era para lhe pedir um favor. Mas dificilmente poderia recuar.

- Não, eu sei, sou uma desgraça a manter o contacto. Mas, neste preciso momento estou aqui, no parque de estacionamento do hospital, e lembrei-me de ter ouvido algures que estavas a trabalhar aqui. Pensei em verificar se estavas por aí para te cumprimentar.
- Claro que sim, pá. Aparece, não há problema.
- Como é que te encontro? Onde é o teu gabinete?
- Nós estamos na cave. Passas a entrada principal, desces no elevador, viras à direita e segues até ao fim do corredor. Há uma porta ao fundo, e é aí que nós estamos. Toca à campainha e eu abro-te a porta. Vai ser fixe voltar a ver-te.
- Igualmente. Então, encontramo-nos daqui a uns minutos.

Patrik sentiu-se, mais uma vez, envergonhado por estar prestes a explorar

um velho amigo. Por outro lado, Robert devia-lhe muitos favores. Na Academia, Robert era colega de quarto de Patrik. Estava noivo de uma rapariga chamada Susanne, mas ao mesmo tempo tinha um caso escaldante com uma das colegas de turma, Marie, que também estava comprometida.

Aquilo continuou durante quase dois anos, e Patrik já não conseguia contar as vezes que salvara a pele de Robert. Providenciara numerosos álibis, demonstrando a sua imaginação fértil, quando Susanne telefonava a perguntar se Patrik sabia onde estava Robert.

Depois daquilo ter acontecido, Patrik achava que não fora um comportamento lá muito honroso, tanto da sua parte como de Robert. Mas eram tão novos e imaturos naquela altura. Para ser franco, Patrik até achava aquilo muito fixe, e tivera mesmo alguma inveja de Robert, metido com duas raparigas ao mesmo tempo. Claro que a bolha acabou por rebentar, e Robert acabou por ficar sem o apartamento e sem a namorada. Mas, sendo um conquistador nato, Robert não precisou de dormir no sofá de Patrik durante muitas semanas, pois encontrou facilmente uma nova namorada e foi morar com ela.

Na altura em que Patrik soube que Robert estava a trabalhar em Sahlgrenska, também ouvira que agora estava casado e tinha filhos, o que lhe custou bastante a imaginar. Patrik tencionava descobrir se isso era ou não verdade.

Seguiu o seu caminho pelos corredores do hospital que pareciam não

ter fim. Apesar de ter parecido simples quando Robert lhe deu as indicações, Patrik conseguiu perder-se duas vezes antes de finalmente estar à frente da porta ao fundo do corredor. Tocou à campainha e esperou. A porta abriu-se de rompante.

– Olá!

Abraçaram-se com entusiasmo e depois deram um passo atrás para observar as marcas que o tempo deixara em cada um deles. Patrik viu que os anos tinham sido bondosos para Robert; esperava que Robert pensasse o mesmo em relação a ele. Pelo sim, pelo não, encolheu a barriga e encheu um pouco mais o peito de ar.

– Entra, entra.

Robert conduziu-o ao seu gabinete, que era minúsculo e mal tinha espaço para uma pessoa, quanto mais para duas. Patrik estudou Robert mais de perto enquanto se sentava numa cadeira virada para ele do outro lado da

secretária. O cabelo louro de Robert estava tão bem penteado como quando eram mais novos e, debaixo da bata, as roupas estavam igualmente tão bem engomadas como dantes. Patrik sempre pensara que a necessidade de asseio de Robert funcionava como contrapeso para o caos que sempre tendia a criar na sua vida privada. Os olhos de Patrik foram atraídos para uma fotografia colocada numa prateleira atrás da secretária.

– É a tua família? – Patrik não conseguiu ocultar completamente o espanto na sua voz.

Robert sorriu com orgulho e retirou a fotografia da prateleira.

– Exacto, esta é a minha mulher, Carina, e estes são os meus dois filhos, Oscar e Maja.

– Que idade têm?

– Oscar tem dois anos, e Maja seis meses.

– Isso é fantástico. Há quanto tempo estão casados?

– Há três anos. Aposto que nunca irias acreditar que alguém conseguisse fazer de mim pai.

Patrik deu uma gargalhada.

– É verdade, tenho de admitir que, quanto a isso, as probabilidades não eram muito altas.

– Bem, sabes, quando o diabo envelhece, torna-se religioso. Então e tu?

Se calhar já tens um rebanho?

– Não, as coisas não se encaminharam para esse lado. Na verdade, divorciei-me. Não tenho filhos, o que, dadas as circunstâncias, é provavelmente uma sorte.

– Lamento ouvir isso.

– Não é assim tão mau. Tenho saído com uma pessoa, e as coisas parecem prometedoras; por isso, vamos ver no que dá.

– E então como é que, depois destes anos todos, apareces aqui como um daqueles bonecos que saltam das caixas?

Patrik contorceu-se um pouco. Lembrou-se novamente de como se sentia envergonhado por, depois de tanto tempo sem dar notícias, aparecer ali a pedir um favor.

– Vim por causa de uma investigação, porque ouvi dizer que trabalhavas aqui, na medicina forense. Estou a trabalhar num caso em que precisava da tua ajuda, e pura e simplesmente não tenho tempo para seguir pelos canais habituais. Teria de esperar semanas para obter uma resposta, e eu não tenho

mesmo tempo nem paciência para isso.

Parecia que a curiosidade de Robert tinha sido despertada. Juntou as pontas dos dedos e esperou que Patrik prosseguisse.

Patrik inclinou-se e retirou da pasta um pedaço de papel embrulhado num saco de plástico. Entregou-o a Robert, que o segurou contra a luz brilhante do candeeiro de secretária para ver melhor o que era.

– Este papel estava num bloco em casa de uma vítima de homicídio.

Consigo ver que há impressões de algo que foi escrito na folha por cima desta, mas estão demasiado esbatidas para que consiga decifrar mais do que fragmentos. Vocês devem ter aqui o equipamento adequado para aumentar este tipo de impressões, não têm?

– Sim... por acaso temos mesmo.

A resposta de Robert foi um pouco hesitante, enquanto continuava a estudar o pedaço de papel à luz do seu candeeiro.

– Mas, como tu dizes, há regras bastante rígidas sobre a forma como os pedidos devem ser tratados, e sobre a ordem pela qual isso deve ser feito.

Temos montes de coisas empilhadas em lista de espera.

– Claro, eu sei. Mas pensei que isto não demoraria muito, e que seria fácil de verificar. Pensei que se te pedisse para dares uma olhadela e para me dizeres se é possível retirar algo da folha, talvez tu...

Robert franziu a testa enquanto reflectia sobre o que Patrik tinha dito.

Depois fez-lhe um sorriso manhoso e levantou-se da cadeira.

– Está bem, acho que não vale a pena ser tão burocrático. Vai demorar apenas uns minutos. Vem comigo.

Robert conduziu Patrik para o corredor, e depois passaram a porta directamente em frente ao seu gabinete. A sala onde entraram era grande, bem iluminada e repleta de todo o tipo de equipamentos esquisitos. Estava tão limpa que se sentia o cheiro a desinfectante, e tinha um aspecto clínico por causa das paredes brancas e de todas as bancadas de trabalho e armários cromados reluzentes. O aparelho de que Robert precisava estava ao fundo da sala. Com o maior dos cuidados, Robert retirou o papel do plástico e colocou-o sobre uma lamela. Carregou no botão «ligar» e uma luz azulada materializou-se. As palavras no papel apareceram distintamente tal como desejado.

– Dá uma olhadela. Era disto que estavas à procura?

Patrik leu rapidamente o texto.

– Era exactamente isto que eu esperava encontrar. Podes deixá-lo aqui durante um minuto para eu anotar o texto?

Robert sorriu.

– Posso fazer melhor do que isso. Com esta máquina posso fotografar o texto e tu podes levá-lo contigo.

Um sorriso amplo espalhou-se pelo rosto de Patrik.

– Excelente! Isso seria perfeito. Muito obrigado!

Meia hora mais tarde, Patrik saiu do hospital com uma fotocópia da folha de papel do bloco-notas de Anders. Deixara a promessa solene de entrar em contacto com Robert mais frequentemente, e esperava ser capaz de a manter. Infelizmente, conhecia-se demasiado bem para acreditar que isso acontecesse.

Patrik pensou bastante durante a viagem para casa. Adorava conduzir no escuro. A quietude, enquanto a noite de veludo negro o envolvia, quebrada apenas pelos faróis de carros ocasionais que vinham no sentido inverso, fazia-o pensar com mais clareza. Linha a linha, Patrik acrescentava o que já sabia ao que tinha acabado de ler no pedaço de papel. Quando parou no acesso para carros do seu prédio em Tanumshede, tinha a certeza de ter resolvido pelo menos um dos enigmas que o estavam a atormentar.

Era estranho ir deitar-se sem Erica. Era curioso como uma pessoa se habituava tão rapidamente a algo, desde que fosse uma coisa agradável.

Patrik descobriu que agora tinha dificuldade em dormir sozinho. Ficara surpreendido pelo desapontamento que sentira quando Erica lhe ligara para o telemóvel durante a viagem para casa para lhe dizer que a irmã tinha aparecido inesperadamente para a visitar. Erica achava que seria melhor que Patrik dormisse em casa dele. Quisera saber mais, mas notou pelo tom de voz de Erica que ela não podia explicar; por isso, contentou-se em dizer que lhe telefonaria no dia seguinte e que tinha saudades dela.

Agora, o sono de Patrik estava repleto de imagens de Erica, assim como de pensamentos sobre o que teria de fazer de manhã. Foi uma noite muito longa para ele.

*

Quando por fim as crianças adormeceram, Erica e Anna tiveram então tempo para conversar. Erica tinha descongelado à pressa algumas refeições

pré-preparadas, uma vez que Anna parecia estar a precisar de pôr alguma coisa no estômago. Erica também se tinha esquecido de comer, e agora o estômago dela estava a resmungar.

Anna pouco mais fazia do que espetar a comida com o garfo, e Erica teve uma sensação familiar de ansiedade em relação à irmã mais nova.

Exactamente como quando eram pequenas. Queria abraçá-la, embalá-

la e dizer-lhe que tudo se iria compor, beijar a ferida para a fazer desaparecer.

Mas agora eram adultas, e os problemas de Anna eram muitíssimo maiores do que um joelho esfolado. Confrontada com aquele problema, sentiu-se desarmada e impotente. Pela primeira vez na vida, a sua irmãzinha parecia-lhe uma estranha, e Erica sentiu-se desajeitada e insegura quanto à forma de falar com Anna. Por isso, sentou-se em silêncio, à espera de que ela indicasse o caminho. Após uma longa espera, Anna pô-lo finalmente.

– Não sei o que fazer, Erica. Que nos vai acontecer, a mim e às crianças?

Para onde havemos de ir? Como é que poderei sustentar-nos? Sou dona de casa há tanto tempo que já não sei fazer mais nada.

Erica viu os nós dos dedos de Anna ficarem brancos quando agarrou a mesa, como se isso lhe permitisse manter o controlo da situação.

– Chiu, não penses nisso agora. Tudo se vai resolver. Só precisas de viver um dia de cada vez, e podes ficar aqui com as crianças o tempo que quiseres. A casa também te pertence, lembras-te?

Erica permitiu-se fazer um sorriso travesso e viu com satisfação que Anna respondeu da mesma forma. Limpou o nariz com as costas da mão e pegou distraidamente na toalha de mesa.

– Só não consigo perdoar-me por ter deixado chegar as coisas tão longe.

Lucas magoou Emma. Como pude deixá-lo magoar Emma?

O nariz começou novamente a pingar, e Anna utilizou um lenço de papel, em vez da mão.

– Como o deixei magoar Emma? Será que eu não sabia, bem cá dentro, que isto acabaria por acontecer um dia? Será que decidi fechar os olhos em troca do meu próprio conforto?

– Anna, se há alguma coisa de que tenho a certeza absoluta é que nunca serias conscientemente capaz de deixar que ninguém maltratasse os teus filhos – Erica esticou-se sobre a mesa e tomou a mão de Anna na sua.

Estava chocantemente magra. Os ossos pareciam os de um pássaro,

como se fossem partir-se se Erica apertasse a mão com demasiada força.

– O que ainda não consigo perceber é porque é que, apesar do que Lucas fez, ainda há uma parte de mim que o ama. Amei Lucas durante tanto tempo que o amor ficou impregnado em mim, é uma parte do que sou.

Apesar do que ele fez, não me consigo libertar dessa parte. Gostava de poder ter uma faca para o arrancar fisicamente de mim. Sinto-me enojada e suja.

Com uma mão trémula, tocou no peito, como que para mostrar onde estava o mal.

– Isso não é nada de extraordinário, Anna. Não tens de te sentir envergonhada. Agora só tens de te concentrar em voltar a sentir-te bem –

Erica fez uma pausa. – Mas tens mesmo de denunciar Lucas à polícia.

– Não, Erica, não posso.

As lágrimas correram pelas faces de Anna e algumas gotas penderam-lhe do queixo antes de caírem e deixarem marcas húmidas na toalha.

– Sim, Anna, tu tens de o fazer. Não podes deixar que Lucas fique impune. Não me digas que consegues viver contigo própria depois de ele ter praticamente partido o braço da tua filha sem que o faças sofrer as consequências!

– Não, quer dizer, sim, não sei, Erica. Não consigo raciocinar, é como se toda a minha cabeça estivesse cheia de algodão. Neste momento não consigo pensar nisso, talvez mais tarde.

– Não, Anna, mais tarde não. Depois será tarde de mais. Tens de o fazer agora! Amanhã vou contigo à esquadra, mas tu tens de o fazer, não apenas para o bem das crianças, mas também para o teu próprio bem.

– Só não sei se tenho a força necessária para o fazer.

– Eu sei que tens. Ao contrário de nós duas, Emma e Adrian têm uma mãe que os ama, uma mãe que está pronta para fazer tudo por eles.

Erica não conseguiu evitar que a amargura penetrasse na sua voz.

Anna suspirou.

– Tens de esquecer isso, Erica. Eu há muito que aceitei o facto de o pai ter sido o único dos pais que realmente tivemos. Também me deixei de preocupar sobre o motivo por que assim foi. Que sei eu? Talvez a mamã nunca tivesse querido ter filhos. Talvez não tenhamos sido as filhas que desejara. Agora nunca o saberemos, e não vale a pena pensar nisso. Apesar de que, de nós as duas, eu fui provavelmente a mais sortuda. Porque também te tinha a ti. Talvez nunca te tenha dito isto, mas eu sei tudo quanto

fizeste por mim. Sei o que significaste para mim quando estávamos a crescer. Tu não tinhas ninguém, Erica, ninguém para tomar conta de ti além da mamã. Mas não deves ser amarga, promete-mo. Pensas que eu não vi já como te afastas quando encontras alguém e as coisas parecem começar a tornar-se sérias? Tu afastas-te antes de te arriscares a ser magoada. Tens de aprender a libertar-te do passado, Erica. Espero que não voltes a afastar-te desta vez. Eu quero mesmo ser tia, um dia destes.

Ambas começaram a rir-se por entre as lágrimas, e foi a vez de Erica limpar o nariz com um guardanapo de papel. O ar da sala parecia completamente saturado com toda aquela emoção, mas ao mesmo tempo parecia que estavam a fazer uma limpeza profunda à alma. Houvera tanto que ficara por dizer, tanta poeira nos cantos, e ambas sentiam que era tempo de ir buscar a vassoura.

Falaram durante a noite inteira, até a escuridão nocturna começar a ser substituída por uma neblina cinzenta matinal. As crianças dormiram mais tempo do que era habitual, e quando Adrian anunciou finalmente, com um guincho estridente, que estava acordado, Erica ofereceu-se para tomar conta das crianças para que Anna pudesse dormir umas horas.

Erica sentia uma leveza como nunca se lembrara de ter sentido. Claro quer ainda estava furiosa com o que sucedera a Emma, mas Erica e Anna tinham dito muita coisa durante a noite que devia ter sido dita há muito tempo. Algumas verdades, embora necessárias, tinham sido desagradáveis de ouvir, e Erica ficou surpreendida com a facilidade com que a irmã conseguia ver através dela. Tinha de admitir para si própria que talvez tivesse subestimado a irmã. Talvez tivesse sido um pouco condescendente e apenas a tivesse visto como uma criança grande e irresponsável. Ela era muito mais do que isso, e Erica ficou feliz por ter finalmente conseguido ver a verdadeira Anna.

Também tinham falado bastante de Patrik e, com Adrian no braço, Erica telefonou-lhe. Patrik não atendeu de casa; por isso, Erica tentou o telemóvel. Fazer uma chamada acabou por se revelar um desafio maior do que aqueles a que estava habituada, pois Adrian estava radiante com o brinquedo maravilhoso que Erica segurava, e tentava desesperadamente apoderar-se dele. Quando Patrik atendeu o telemóvel logo depois do primeiro toque, todo o cansaço da noite anterior se desvaneceu como por magia.

– Olá, querida.

– Hum, adoro quando me chamas isso – disse Erica.

– Como estão as coisas?

– Tudo bem, obrigada. Temos aqui uma crise familiar. Depois conto-te tudo quando te vir. Aconteceu muita coisa, e Anna e eu ficamos acordadas toda a noite a conversar. Neste momento, estou a tomar conta das crianças para ela poder dormir um pouco.

Patrik ouviu-a conter um bocejo.

– Parece cansada.

– Eu *estou* cansada. Prestes a cair para o lado. Mas Anna precisa mais de dormir do que eu, por isso tenho de ficar acordada mais umas horas. As crianças ainda não têm idade suficiente para tomar conta delas próprias.

Adrian tagarelou em concordância.

Patrik tomou uma decisão repentina.

– Há outra solução para o problema.

– Ah, sim, e qual é? Achas que os amarre ao corrimão durante umas horas? – Erica deu uma gargalhada.

– Eu vou aí tomar conta deles.

Erica deu uma risada trocista de incredulidade.

– Tu? A tomar conta das crianças?

Patrik fez a voz mais ofendida que conseguiu:

– Estás a insinuar que eu possa não ser suficientemente homem para a

tarefa? Se sou capaz de derrubar dois ladrões sozinho, certamente que consigo lidar com dois seres humanos extremamente pequenos. Ou não confias em mim?

Fez uma pausa para dar ênfase ao assunto, e Erica suspirou teatralmente do outro lado da linha.

– Acredito que sejas capaz de lidar com a situação. Mas aviso-te já, estes são mesmo pequenos animais selvagens. Tens mesmo a certeza de que consegues acompanhar o ritmo deles, quer dizer, com a tua idade?

– Vou tentar. Se calhar levo os medicamentos para o coração, para o caso de dar para o torto.

– Certo, aceito a oferta. A que horas podes cá estar?

– Agora mesmo, por acaso. Já estava a caminho de Fjällbacka por causa de outro assunto, e acabei de passar pelo campo de minigolfe. Por isso, vemo-nos daqui a uns cinco minutos.

Erica estava à entrada, à espera de que Patrik saísse do carro. Num dos braços carregava um rapaz com as bochechas gorduchas e os braços a abanar. Por detrás de Erica, quase sem se ver, estava uma rapariguinha com o polegar na boca e o outro braço engessado e preso por uma funda. Patrik ainda não sabia porque tinha Anna surgido inesperadamente, mas pelo que Erica lhe contara sobre o cunhado, e depois de ver a rapariguinha com o braço engessado, assomou-lhe à mente uma suspeita desagradável. Não perguntou nada. Erica contar-lhe-ia o que acontecera quando tivesse oportunidade.

Patrik cumprimentou cada um deles. Erica recebeu um beijo na boca, Adrian uma palmadinha na face, e depois Patrik agachou-se para cumprimentar uma Emma solene.

– Olá, eu sou o Patrik. E tu, como te chamas?

A resposta veio após uma longa pausa:

– Emma – e, depois, a rapariguinha voltou a enfiar o polegar na boca.

– Ela vai acabar por superar isto – disse Erica quando entregou Adrian a Patrik e se virou para Emma:

– A mamã e a tiazinha têm de dormir um pouquinho, por isso Patrik veio cá para tomar conta de vocês por um bocadinho. Pode ser? Ele é

meu amigo e é muito, mas muito simpático. E se fores muito, mas muito simpática para Patrik, talvez ele te dê um gelado que está no frigorífico.

Emma olhou desconfiada para Erica, mas a hipótese de um gelado tinha um poder de atracção irresistível, e ela assentiu com relutância.

– Então deixo-os ao teu cuidado e já volto. Tenta fazer com que estejam inteiros quando eu acordar, se conseguires.

Erica subiu as escadas e desapareceu.

Patrik virou-se para Emma, que ainda estava a olhá-lo com desconfiança.

– Então, que dizes? Vamos jogar uma partida de xadrez? Não? E que tal um pouco de gelado para o lanche? Achas bem? Certo. O último a chegar ao frigorífico só leva uma cenoura.

Lentamente, Anna debateu-se para regressar à consciência. Parecia que tinha dormido durante cem anos, como a Bela Adormecida. A princípio, quando abriu os olhos, teve bastante dificuldade em orientar-se. Então, reconheceu o papel de parede do seu quarto de criança e a realidade caiu-lhe em cima como uma tonelada de tijolos. Sentou-se de repente. As

crianças! Depois ouviu os guinchos de felicidade de Emma vindos do andar de baixo e lembrou-se de que Erica estava a tomar conta delas. Voltou a deitar-se e decidiu dormir durante mais uns minutos na cama morna. Logo que se levantasse, teria de tratar de tudo; mas assim, durante mais uns minutos, poderia desfrutar da fuga à realidade.

Lentamente, o seu cérebro percebeu que não era a voz de Erica que lhe chegava do rés-do-chão, misturada com as risadas de Emma e Adrian.

Durante um momento gelado pensou que Lucas estava lá, mas depois apercebeu-se de que Erica mais facilmente lhe daria um tiro do que o deixaria entrar. Teve um palpite de quem podia ser o visitante e, cheia de curiosidade, dirigiu-se sorrateiramente para o patamar e olhou por entre as barras do corrimão. Lá em baixo, na sala de estar, parecia ter explodido uma bomba. As almofadas do sofá, juntamente com quatro cadeiras da sala de jantar e um cobertor, tinham-se tornado um forte, e havia cubos de Adrian por todo o chão. Sobre a mesa de apoio estavam espalhadas tantas embalagens de gelado que Anna esperou

que Patrik fosse um grande apreciador de gelados. Com um suspiro, apercebeu-se de que provavelmente seria muito difícil fazer com que a filha lanchasse ou jantasse. A filha em questão estava às cavalitas de um homem de cabelo escuro com um rosto agradável e olhos castanhos calorosos. Emma ria-se tanto que quase se engasgava. Adrian parecia estar a partilhar o júbilo da irmã, sentado num cobertor no chão e vestindo apenas uma fralda. Mas quem parecia estar a divertir-se mais era Patrik, e foi nesse momento que ele ganhou para sempre um lugar no coração de Anna.

Anna levantou-se e aclarou a garganta para chamar a atenção dos três companheiros de brincadeira.

– Olha, mamã, tenho um cavalinho.

Emma demonstrou o seu poder total sobre o «cavalinho» ao puxar-lhe o cabelo com força, mas os protestos de Patrik foram demasiado brandos para que a pequena tirana se importasse.

– Emma, tens de ser boazinha para o cavalo. Senão podes não conseguir andar mais nele.

Aquele comentário despertou uma certa cautela na amazona. Pelo sim, pelo não, Emma deu umas palmadinhas na crina de Patrik com a sua mão sã, para se assegurar de que não perdia os seus privilégios de cavaleira.

– Olá, Anna, há quanto tempo.

– É verdade. Espero que eles não te tenham deixado exausto.

– Não, divertimo-nos bastante. – De repente, Patrik pareceu um pouco preocupado. – Tive muito cuidado com o braço dela

– Acredito. Parecem estar a dar-se bastante bem. Erica está a dormir?

– Sim, parecia tão cansada quando falámos ao telefone esta manhã que me ofereci para intervir.

– E com gosto, obviamente.

– Sim, embora tenha ficado tudo um bocado desarrumado. Espero que Erica não fique zangada quando acordar e vir como sabotámos completamente a sala de estar.

Anna achou a preocupação dele encantadora. Parecia que Erica já o

tinha dominado.

– Vou ajudar-te a limpar tudo. Mas, primeiro, acho que preciso de uma chávena de café. Queres um?

Tomaram o café e conversaram como velhos amigos. O caminho para o coração de Anna passava pelos filhos, e a adoração nos olhos de Emma não deixava lugar para dúvidas, quando trepou por Patrik acima. Este limitou-se a afastar com um aceno as tentativas de Anna para dizer à filha que o deixasse em paz durante um momento. Quando, uma hora mais tarde, Erica desceu com olhos sonolentos, Anna tinha feito um interrogatório completo a Patrik, desde o número que calçava até ao motivo por que se tinha divorciado. Quando, por fim, Patrik disse que tinha de se ir embora, todas as raparigas protestaram, e até o próprio Adrian o teria feito se não estivesse a fazer a sua sesta da tarde.

Logo que ouviram o carro de Patrik afastar-se, Anna virou-se para Erica com os olhos muito abertos.

– Meu Deus, ele é o sonho de qualquer sogra. Por acaso Patrik não tem irmãos mais novos?

Erica respondeu apenas com uma gargalhada de felicidade.

*

Patrik tinha conseguido uma trégua de umas horas antes da tarefa com a qual sabia que tinha de lidar, algo que o tinha feito dar voltas na cama durante toda a noite. Raramente temera tanto alguma coisa como temia aquela, mas sabia que era uma parte inevitável da profissão que tinha

escolhido. Patrik tinha agora a solução de um dos dois homicídios, mas isso não lhe trazia felicidade.

Patrik conduziu devagar desde Sälvik até ao centro da vila. Queria protelar o assunto tanto quanto possível, mas o seu destino não ficava longe, e chegou lá mais cedo do que desejara. Estacionou o carro no parque do supermercado de Eva e percorreu o resto do caminho a pé. A casa ficava no cimo de uma das ruas inclinadas que se precipitavam na direcção das cabanas dos pescadores ao longo da linha de água. Era uma bela casa antiga, mas parecia ter sido negligenciada durante muitos anos. Patrik respirou profundamente antes de bater à porta, mas logo que os nós dos seus dedos tocaram na madeira voltara a ser o profissional perfeito. Não podia deixar que os seus sentimentos

personais se envolvessem. Era um polícia e, como tal, estava obrigado a fazer o seu trabalho, não importava o que Patrik, o cidadão, pudesse sentir acerca da tarefa.

Vera abriu a porta quase imediatamente. Olhou-o inquisitoriamente, mas desviou-se logo quando Patrik lhe pediu licença para entrar. Seguiu à frente dele até à cozinha e sentaram-se à mesa. Patrik ficou surpreendido pelo facto de Vera não lhe ter perguntado o que queria e, por um momento, pensou que ela talvez já soubesse. Independentemente do motivo, Patrik tinha, de algum modo, de apresentar o que tinha para dizer da forma mais ponderada possível.

Vera olhou-o calmamente, mas Patrik viu-lhe círculos negros debaixo dos olhos, um sinal da sua dor, após a morte do filho. Sobre a mesa estava um velho álbum de fotografias, e Patrik adivinhou que, se o abrisse, veria fotografias da infância de Anders. Era difícil para Patrik estar ali, a visitar uma mãe de luto por um filho que apenas tinha morrido há poucos dias.

Mas, mais uma vez, Patrik tinha de pôr de lado os seus instintos protectores naturais e, em vez disso, concentrar-se na tarefa que ali tinha ido cumprir.

Descobrir a verdade sobre a morte de Anders.

– Vera, a última vez que nos encontrámos foi em circunstâncias muito tristes, e quero começar por dizer que lamento profundamente a morte do seu filho.

Vera apenas assentiu em resposta, e depois esperou que Patrik prosseguisse.

– Mas, embora eu compreenda quão difícil isto é para si, é meu dever investigar o que aconteceu a Anders. Espero que compreenda.

Patrik falou devagar e com clareza, como se falasse com uma criança.

Não sabia explicar o motivo por que o fazia, mas sentia que era importante para ele que Vera compreendesse realmente o que estava a dizer.

– Nós investigámos a morte de Anders como um homicídio, e procurámos igualmente relacioná-la com o assassinio de Alexandra Wijkner com quem sabemos que Anders tinha um relacionamento. Não encontrámos quaisquer vestígios de um possível assassino, nem descobrimos provas de como o homicídio foi cometido. Para ser

franco, isto colocou-nos realmente num dilema. Ninguém foi ainda capaz de encontrar uma explicação verdadeiramente aceitável para a forma como se terão desenrolado os acontecimentos. Mas depois eu encontrei isto no apartamento de Anders.

Patrik colocou a fotocópia do papel em cima da mesa da cozinha, à frente de Vera, com o texto virado para ela. Uma expressão de espanto perpassou-lhe pelo rosto, e Vera olhou várias vezes do papel para o rosto de Patrik.

Vera pegou no papel e voltou-o. Passou os dedos pelas letras e depois tornou a colocá-lo sobre a mesa, ainda com uma expressão chocada no rosto.

– Onde encontrou isto? – a voz de Vera estava rouca de emoção.

– Na casa de Anders. A senhora está surpreendida porque pensava que tinha a única cópia da carta dele, não é verdade?

Vera assentiu.

Patrik prosseguiu:

– A senhora ficou realmente com a carta, mas eu encontrei o bloco-notas onde Anders a escreveu, e quando ele pressionou a caneta contra o papel, também deixou uma impressão na folha de baixo. Foi assim que conseguimos recuperar a mensagem.

Vera fez-lhe um sorriso amargo.

– Evidentemente que eu nem sequer pensei nisso. Foi inteligente da sua parte tê-lo feito.

– Julgo saber mais ou menos o que aconteceu, mas gostaria realmente de a ouvir contá-lo pelas suas próprias palavras.

Vera tateou o papel durante um momento, sentindo as palavras com as pontas dos dedos como se estivesse a ler Braille. Soltou um profundo suspiro, e depois acedeu ao pedido amigável, mas firme, de Patrik.

– Fui ao apartamento de Anders para levar comida. A porta estava destrancada, mas estava-o quase sempre, por isso limitei-me a chamar por

ele e entrei. Estava tudo calmo, completamente sossegado. Vi-o

imediatamente. Senti que o meu coração tinha parado naquele instante. Foi exactamente o que senti. Como se o meu coração tivesse parado de bater e houvesse apenas silêncio dentro do meu peito. Anders estava a balançar um pouco. Para a frente e para trás. Como se houvesse uma brisa dentro da sala, o que eu sabia evidentemente ser impossível.

– Porque não chamou a polícia? Ou uma ambulância?

Vera encolheu os ombros.

– Não sei. O meu primeiro instinto foi correr até lá acima e tirá-lo dali, não sei como, mas quando entrei na sala de estar vi que era tarde de mais. O

meu rapaz estava morto.

Pela primeira vez desde que Vera começara a falar, Patrik ouviu um ligeiro tremor na sua voz, mas depois a mulher engoliu em seco e, com uma calma estranha, forçou-se a prosseguir:

– Encontrei esta carta na cozinha. Já a leu, sabe o que diz. Que Anders não conseguia mais viver. Que a vida era um longo tormento para ele e que já não conseguia enfrentá-la. Todos os motivos que lhe restavam para seguir em frente tinham desaparecido. Devo ter ficado sentada na cozinha durante uma ou duas horas, realmente não sei. De repente, guardei a carta na minha mala de mão, e depois só tive de tirar a cadeira que Anders utilizou para subir até ao nó correção e pô-la de novo no seu lugar, na cozinha.

– Mas porquê, Vera? Porquê? De que adiantou isso?

O olhar de Vera estava parado, mas Patrik podia ver pelas suas mãos trémulas que a calma era simulada. Nem podia imaginar o horror que devia ter sido ver o filho pendurado no tecto, com a língua grossa e azulada e os olhos esbugalhados. Já tinha sido tão difícil para Patrik olhar para Anders, e agora a mãe dele teria de viver para o resto da vida com aquela imagem na mente.

– Queria poupá-lo a mais humilhações. Durante todos estes anos, as pessoas olharam para Anders com desprezo. Apontavam para ele e riam-se.

Passavam por ele de nariz empinado, cheios de superioridade. O que diriam as pessoas se soubessem que Anders se tinha enforcado? Queria poupá-lo a essa vergonha, e fi-lo da única forma que me ocorreu.

– Mas eu ainda não compreendo. Porque seria pior se Anders tirasse a sua própria vida do que se tivesse sido assassinado?

– Você é demasiado novo para compreender. O desprezo das pessoas pelos suicídios é ainda profundo nestas regiões costeiras. Não queria que as pessoas falassem mais do meu filhinho. Já disseram porcaria suficiente sobre Anders estes anos todos.

Havia um travo a fel na voz de Vera. Durante aqueles anos todos, dedicara-se a proteger e ajudar o filho e, embora Patrik ainda não compreendesse o motivo de Vera, era de certo modo natural que continuasse a protegê-lo mesmo depois da sua morte.

Vera pegou no álbum de fotografias que estava sobre a mesa e abriu-o para que ambos pudessem ver. A julgar pelas roupas, as fotos deviam ser dos anos 70. O rosto de Anders sorria-lhe, aberto e despreocupado, de todas as fotografias que amareleciam ligeiramente.

– Era bem bonito, o meu Anders.

A voz de Vera era sonhadora, e ela passou um dedo pelas fotografias.

– Foi sempre tão bom rapaz. Nunca causava quaisquer problemas.

Patrik olhou com interesse para as fotografias. Era incrível que aquela fosse a mesma pessoa que Patrik apenas tinha conhecido como um destroço. Felizmente, o rapaz das fotografias não sabia que destino o esperava. Uma das fotografias despertou ainda mais o interesse de Patrik.

Havia uma rapariga magra e loura junto de Anders, que estava sentado numa bicicleta com um selim «banana» e guiadores curvos. A rapariga denotava apenas o esboço de um sorriso, enquanto espreitava timidamente por debaixo da sua franja.

– Esta deve ser Alex, não é?

– Sim – o tom de Vera foi seco.

– Eles brincavam muito quando eram pequenos?

– Não muitas vezes. Mas brincavam de vez em quando, claro. Afinal, andavam na mesma turma.

Patrik entrou cautelosamente numa área sensível. Mentalmente, testou a água com os dedos dos pés antes de cada passo.

– Julgo saber que ambos tiveram Nils Lorentz como professor durante algum tempo...

Vera olhou-o interrogativamente.

– Sim, é possível. Foi há muitos anos.

– Pelo que ouvi, houve algum falatório sobre Nils Lorentz. Sobretudo desde que, mais tarde, ele pura e simplesmente desapareceu.

– As pessoas falam sobre todo o tipo de coisas, aqui em Fjällbacka.

Portanto, provavelmente também falaram de Nils Lorentz.

Era óbvio que Patrik estava agora a pôr o dedo numa ferida purulenta, mas tinha de continuar, e de sondar ainda mais fundo.

– Falei com os pais de Alex, que fizeram certas alegações acerca de Nils Lorentz. Alegações que também afectavam Anders.

– Compreendo – Vera não ia obviamente tornar-lhe a tarefa fácil.

– De acordo com os pais de Alex, Nils Lorenz abusou sexualmente de Alex, e eles alegam que Anders também foi molestado.

Vera sentou-se rígida como uma vara na beira da cadeira da cozinha e não respondeu à frase que Patrik formulara como uma pergunta. Patrik decidiu esperar e, após um momento de luta interior, Vera fechou vagarosamente o álbum de fotografias e levantou-se.

– Não quero falar de histórias antigas. Agora peço-lhe que saia. Se quer acusar-me pelo que fiz quando descobri Anders, sabe onde encontrar-me.

Mas não tenciono ajudá-lo a revolver coisas que seria melhor deixar ficar enterradas.

– Só uma pergunta: alguma vez falou com Alexandra acerca disto? Pelo que compreendi, ela tinha decidido lidar com o que aconteceu, e seria natural que também tivesse falado consigo.

– Sim, Alex falou comigo. Estive sentada em casa dela, cerca de uma semana antes de ela morrer, a escutar as ideias ingénuas dela sobre resolver o passado, acerca de tirar todos os velhos esqueletos do armário, e por aí fora. Modernices. Conversa fiada, na minha opinião. Hoje em dia toda a gente parece estar obcecada em lavar a sua roupa suja em público, afirmando que é muito saudável revelar todos os seus

segredos e pecados.

Mas certas coisas devem manter-se privadas. Eu também lhe disse isso. Não sei se Alex me ouviu, mas espero que sim. Senão o incômodo de estar lá sentada na casa gelada dela apenas me rendeu uma inflamação na garganta que teima em não passar.

E, com aquilo, Vera assinalou que a conversa estava terminada, e encaminhou-se para a entrada. Abriu a porta a Patrik e disse-lhe um adeus muito circunspecto.

Quando Patrik se encontrou novamente ao frio, com o boné enterrado sobre as orelhas e as mitenes calçadas, não sabia literalmente em que pé se apoiar. Saltitou algumas vezes para se aquecer e depois dirigiu-se apressadamente para o carro.

Vera era uma mulher complicada, tinha-se apercebido disso pela conversa que tinham tido. Pertencia a uma geração completamente diferente, mas em muitos aspectos estava em conflito com os valores dessa geração. Durante a infância do filho tinha-o criado à custa do seu próprio trabalho, e mesmo depois de Anders ter atingido a maturidade e dever ter sido capaz de cuidar de si próprio, Vera continuou a mantê-lo debaixo da asa dela. À sua maneira, era uma mulher independente que, durante todos aqueles anos, tinha conseguido sobreviver sem a ajuda de um homem. Ao mesmo tempo, Vera estava presa às regras que existiam para as mulheres, e igualmente para os homens, da sua geração. Patrik não podia deixar de sentir uma certa admiração relutante por Vera. Era uma mulher forte. Uma mulher complexa, que suportara mais do que alguma pessoa devia ter de suportar numa vida.

Patrik não sabia quais poderiam ser as consequências para Vera quando se soubesse que tinha interferido para fazer o suicídio de Anders parecer um homicídio. Tinha definitivamente de fornecer essa informação à esquadra, mas não fazia ideia do que iria acontecer depois disso. Se fosse Patrik a tomar a decisão, preferiria fechar os olhos, mas não podia prometer que era isso que aconteceria. De um ponto de vista puramente jurídico, era possível acusá-la por obstrução a uma investigação, por exemplo, mas Patrik esperava sinceramente que tal não viesse a acontecer. Gostava de Vera, disso não podia fugir. Era uma lutadora, e não havia muitas como ela.

Quando entrou no carro e abriu a tampa do telemóvel, descobriu uma mensagem à sua espera. Era de Erica. Relatava que havia três senhoras e um cavalheiro muito, mas muito pequeno que esperavam que Patrik

jantasse com eles nessa noite. Olhou de relance para o relógio. Eram já cinco horas, por isso decidiu, sem grande debate interno, que era provavelmente muito tarde para ir para a esquadra. E, que tinha Patrik para fazer em casa? Antes de ligar o carro, telefonou a Annika, para a esquadra, e fez-lhe um breve relatório do que tinha conseguido, mas deixou de fora os pormenores, uma vez que queria fazer um relatório de toda a situação quando estivesse frente a frente com Mellberg. Queria a todo o custo evitar que a situação fosse mal interpretada, e evitar que Mellberg mobilizasse alguma operação em grande apenas para sua própria diversão.

Enquanto Patrik conduzia novamente para casa de Erica, os pensamentos sobre o homicídio de Alex continuavam a retornar à sua mente. Sentia-se

frustrado por ter ido novamente parar a um beco sem saída. Dois homicídios significavam duas hipóteses de o assassino ter cometido um erro. Agora, estava de novo no princípio e, pela primeira vez, pensou que poderia nunca encontrar a pessoa que assassinara Alex. Aquilo fê-lo sentir-se estranhamente infeliz. De algum modo, sentia que conhecia Alex melhor do que qualquer outra pessoa. O que tinha descoberto acerca da sua infância e da vida dela depois dos abusos comovera-o profundamente. Queria encontrar o assassino de Alex mais do que qualquer outra coisa que desejara em toda a sua vida.

Mas tinha de aceitar a situação. Tinha agora chegado a outro beco sem saída, e não sabia aonde ir a partir dali, ou para onde olhar. Patrik obrigou-se a deixar as coisas como estavam, por enquanto. Naquele momento, ia encontrar-se com Erica, com a irmã dela e, sobretudo, com as crianças, e era exactamente disso que precisava nessa tarde. Tanta desgraça tinha-o desgastado por dentro.

Mellberg tamborilava impacientemente com os dedos no topo da secretária. Onde diabo estava aquele jovem arrogante? Pensaria que aquilo era uma espécie de maldito centro de dia? Que podia entrar e sair conforme lhe apetecesse? Claro que era sábado, mas quem quer que pensasse que podia tirar um dia de folga antes daquilo estar tudo terminado estava seriamente enganado. Naquela esquadra, o que contava eram as regras rigorosas e a disciplina total. Uma liderança firme e justa. Era a palavra de ordem destes tempos, e se alguém alguma vez tivesse nascido com qualidades de liderança, então, ele era essa pessoa. A mãe sempre dissera que ele iria tornar-se alguém importante. Mesmo que tivesse de admitir que isso talvez estivesse a demorar um pouco mais do que ambos tinham esperado, Mellberg nunca duvidara de que as suas excelentes qualificações acabariam por

compensar mais cedo ou mais tarde.

Por isso é que era tão frustrante que parecessem estar atolados naquelas investigações. Mellberg sentia que a sua grande oportunidade estava tão perto que a conseguia provar. Mas, se a sua miserável equipa não comesse a entregar resultados rapidamente, bem podia desistir de qualquer esperança de ser promovido e de regressar a Gotemburgo.

Mandriões, era isso que eram, polícias de aldeia que mal conseguiam encontrar o seu próprio rabo com ambas as mãos e uma lanterna de bolso.

Tinha tido alguma esperança no jovem Hedström, mas parecia que também ele o iria desapontar. Patrik ainda não lhe tinha relatado os resultados da sua viagem a Gotemburgo; portanto, esta poderia acabar por revelar-se em nada mais do que uma entrada no lado das despesas do livro de contabilidade.

Eram nove e dez e ainda não vira qualquer vestígio dele.

– Annika! – Mellberg berrou em direcção à porta aberta e sentiu a sua irritação aumentar ainda mais por ter demorado mais de um minuto até Annika se ter dignado a responder à sua chamada.

– Sim, o que deseja?

– Sabe alguma coisa do Hedström? Ainda está a dormir na cama quentinha dele, ou quê?

– Teria muitas dúvidas. Ele telefonou a dizer que teve alguma dificuldade em fazer com que o carro pegasse, há pouco, mas que estava a caminho –

Annika consultou o relógio. – Deve chegar dentro de um quarto de hora, mais coisa menos coisa.

– Que diabo, ele podia vir a pé até aqui, se quisesse.

Annika hesitou e, para seu espanto, Mellberg viu um pequeno sorriso a brincar nas comissuras dos lábios dela.

– Bem, acho que ele não estava em casa.

– Então, onde diabo estava ele?

– Terá de perguntá-lo a Patrik – disse Annika, voltando-se para

regressar ao seu gabinete.

Por algum motivo, o facto de Patrik parecer ter uma boa desculpa para chegar tarde ainda deixou Mellberg mais irritado. Será que ele não podia ter previsto que poderia ter problemas com o carro e sair com alguma antecedência?

Quinze minutos depois, Patrik bateu discretamente na porta aberta e entrou. Parecia estar sem fôlego, tinha as faces rosadas e parecia imperturbavelmente feliz e activo, embora tivesse feito o chefe esperar quase meia hora.

– Pensa que isto aqui é um trabalho a meio tempo, ou quê? E onde diabo se meteu você ontem? Não foi há dois dias que estive em Gotemburgo?

Patrik sentou-se na cadeira reservada às visitas, do outro lado da secretária, e respondeu calmamente à torrente de perguntas de Mellberg:

– Peço desculpa por ter chegado tarde. Esta manhã, o carro não pegou, e demorei meia hora para o pôr a trabalhar. Sim, foi anteontem que estive em

Gotemburgo, e tinha pensado fazer primeiro o relatório dessa visita, antes de lhe contar o que fiz ontem.

Mellberg rosnou um acordo relutante. Patrik contou-lhe o que descobrira sobre a infância de Alex. Incluiu todos os pormenores desagradáveis.

Perante a notícia de que Julia era filha de Alex, Mellberg sentiu o queixo cair na direcção do peito. Nunca tinha ouvido nada assim. Patrik prosseguiu, e contou-lhe a viagem de emergência de Karl-Erik ao hospital e como tinha conseguido que uma folha que encontrara no apartamento de Anders fosse analisada lá. Explicou-lhe que a folha se revelara uma carta de suicídio, e depois relatou-lhe o que fizera no dia anterior e porquê. Então, Patrik resumiu aquilo tudo a um Mellberg invulgarmente calmo.

– Então, um dos assassínios acabou por revelar-se um suicídio, e quanto ao outro, ainda não fazemos ideia de quem o praticou e porquê. Tenho a sensação de que a resposta tem que ver com algo que os pais de Alexandra me disseram, mas não tenho qualquer prova ou factos objectivos que apoiem essa teoria. Portanto, agora, o superintendente está ao corrente de tudo o que eu sei. Tem alguma

ideia de como devemos proceder?

Após outro momento de silêncio, Mellberg conseguiu recuperar a compostura.

– Bem, esta é certamente uma história incrível. Teria apostado naquele tipo com quem ela ia para a cama mais do que numa variação de um incidente passado há vinte e cinco anos. Sugiro que fale com o amante de Alex e que desta vez lhe aperte os calos um pouco mais. Tenho a certeza de que isso se revelará um melhor aproveitamento dos nossos recursos.

Assim que Patrik revelara quem era o pai da criança, Mellberg tinha puxado Dan para o topo da lista de suspeitos.

Patrik assentiu, com um pouco de voluntarismo a mais segundo a mente desconfiada de Mellberg, levantou-se e preparou-se para sair.

– Ah, é verdade, bom trabalho, Hedström – disse relutantemente Mellberg. – Vai então seguir essa linha de investigação?

– Com certeza, chefe, é como se já estivesse feito.

Mellberg pensou se não teria detectado ali uma ponta de sarcasmo. Mas Patrik olhou-o com uma expressão inocente, e Mellberg afastou a desconfiança. Provavelmente, o tipo tinha dedos de testa suficientes para reconhecer a voz da experiência quando a ouvia.

O objectivo de um bocejo era levar mais oxigénio ao cérebro. Patrik tinha muitas dúvidas se isso lhe estava a fazer algum bem. O cansaço da noite que passara em casa às voltas na cama apanhara-o, e dormir com Erica tinha sido vetado por maioria absoluta. Olhou penosamente para as já familiares pilhas de papéis sobre a sua secretária e teve de resistir ao impulso de pegar em todos os documentos e atirá-los para o caixote do lixo.

Estava completamente farto de toda aquela investigação. Parecia que tinham passado meses, apesar de, na realidade, não terem sido mais de quatro semanas. Tanta coisa acontecera e, contudo, Patrik não fizera qualquer progresso. Annika passou pelo gabinete dele e viu-o a esfregar os olhos. Regressou com uma muito necessária chávena de café e colocou-a à frente de Patrik.

– Sentes-te atolado?

– Sim, tenho de admitir que as coisas não estão a correr lá muito bem.

que tenho de fazer é começar do início. A resposta está algures nestas pilhas de papéis, tenho a certeza. Apenas preciso de uma pequeníssima pista que me terá escapado anteriormente – Patrik atirou o lápis para cima das pilhas de documentos, resignado.

– Mais alguma coisa?

– O quê?

– Quer dizer, como vai a vida, além do emprego? Tu sabes a que me refiro.

– Sim, Annika, eu sei exactamente a que te referes. Que queres saber?

– Continua a ser bingo?

Patrik não sabia ao certo o que Annika queria dizer, mas apesar de saber que era preferível não o fazer, perguntou:

– Bingo?

– Sim, tu sabes. Cinco seguidas... – depois, Annika saiu, fechando a porta com um sorriso malicioso nos lábios.

Patrik sorriu para si próprio. Sim, se calhar podes chamar-lhe isso.

Forçou os pensamentos a regressarem à tarefa que tinha em mãos e coçou pensativamente a cabeça com um lápis. Havia algo que não encaixava. Algo que Vera tinha dito que parecia não bater certo. Pegou no bloco-notas onde estivera a escrever durante a conversa com Vera e reviu as notas metodicamente, palavra por palavra. Uma ideia começava lentamente a ganhar forma. Era apenas um pormenor, mas talvez pudesse ser importante.

Retirou uma folha de papel de uma das pilhas sobre a secretária. O caos aparente era enganador. Patrik sabia exactamente onde estava tudo.

Releu aquela folha com grande meticulosidade e circunspecção, e depois pegou no telefone.

– Estou? Olá, Patrik Hedström, da esquadra de Tanumshede. Será que vai estar por casa? Tenho algumas perguntas para lhe fazer. Vai? Óptimo. Então passo aí dentro de vinte minutos. Qual é exactamente a sua morada? Mesmo à entrada de Fjällbacka. Virar à direita logo a

seguir à colina inclinada e é a terceira casa à esquerda. Uma casa vermelha debruada a branco? Certo, devo conseguir encontrá-la. Senão, volto a telefonar-lhe. Até já.

Cerca de vinte minutos mais tarde, Patrik estava à porta da casa. Não tivera dificuldade em encontrar a pequena casa, onde calculava que Eilert vivia com a família há muitos, muitos anos. Quando bateu à porta, esta foi aberta quase imediatamente por uma mulher com um rosto franzido.

Apresentou-se como Svea Berg, esposa de Eilert, e conduziu-o até uma pequena sala de estar. Patrik observou que o seu telefonema tinha provocado uma actividade fervilhante. O melhor serviço de porcelana do casal estava sobre a mesa da sala de jantar, e sete variedades de bolos empilhavam-se num prato com três andares. Patrik suspirou e pensou para si próprio que aquele caso ia valer-lhe um verdadeiro pneu sobressalente quando estivesse terminado.

Apesar de instintivamente não ter gostado de Svea Berg, Patrik gostou logo do marido quando encontrou um par de olhos azul-claros e cheios de vida e um aperto de mão firme. A sua mão sentiu os calos na mão de Eilert, e Patrik soube que aquele era um homem que trabalhara duramente durante toda a vida.

A capa do sofá parecia enrugada quando Eilert se levantou com a testa profundamente franzida, mas lá estava Svea para a alisar, lançando um ar de reprovação ao marido. Toda a casa estava imaculadamente limpa, sem um vinco, e era difícil acreditar que alguém conseguisse realmente viver naquele sítio. Patrik sentiu pena de Eilert. Parecia perdido na sua própria casa.

O efeito era quase cómico, pois Svea alternava rapidamente entre o sorriso lisonjeiro quando estava voltada para Patrik e a careta de reprovação quando se virava para o marido. Patrik questionou-se sobre o que fizera o marido para ser alvo de tanta reprovação. Suspeitava de que a mera

presença de Eilert era uma fonte de irritação para Svea.

– Bem, senhor agente, sente-se e aceite um café e uns bolos.

Patrik sentou-se obedientemente na cadeira virada para a janela, e Eilert fez um movimento para se sentar na cadeira virada para ele.

– Aí não, Eilert, já sabes isso. Senta-te ali – Svea apontou ditatorialmente para a cadeira no topo da mesa, e Eilert obedeceu

educadamente. Patrik olhou em redor, enquanto Svea andava de um lado para o outro como uma alma penada, a deitar café nas chávenas enquanto, ao mesmo tempo, alisava vincos invisíveis na toalha de mesa e nas cortinas. A casa fora aparentemente decorada por alguém que queria aparentar uma prosperidade que não existia. Tudo era uma má cópia dos objectos verdadeiros, desde as cortinas que eram supostamente de seda, com bastantes folhos e rosetas, num *design* «progressivo», até ao excesso de bugigangas a imitar ouro e prata. Eilert parecia um peixe fora de água no meio de toda aquela pompa simulada.

Para frustração de Patrik, demorou algum tempo até conseguir abordar o verdadeiro assunto que o levava ali. Svea tagarelava incessantemente, enquanto sorvia ruidosamente o seu café.

– Este serviço de café, está a ver, foi-me enviado pela minha irmã que está na América. Casou por lá com um homem rico, e está sempre a enviar-me este tipo de presentes finos. É muito caro, este serviço.

Svea ergueu a sua chávena de café elegantemente decorada com grande ostentação. Patrik estava algo céptico quanto ao valor do serviço, mas sabiamente preferiu não comentar.

– Sim, eu também teria ido para a América, se não andasse sempre tão doente. Se não fosse por isso, talvez também tivesse por lá casado com um homem rico, em vez de ficar sentada nesta barraca durante cinquenta anos.

Svea lançou um olhar acusador a Eilert, que deixou calmamente passar o comentário. Era, sem dúvida, algo que já ouvira muitas vezes.

– É gota, o senhor agente deve saber. As minhas articulações estão todas gastas, e tenho dores de manhã à noite. É uma sorte não ser pessoa para me queixar. E, com as minhas terríveis enxaquecas, também não faltariam motivos para me queixar, mas não faz parte da minha natureza queixar-me, compreende? Uma pessoa deve suportar as suas aflições com serenidade, como se costuma dizer. Não sei quantas vezes já terei ouvido: «Como és forte, Svea, fazes a tua vida como se nada fosse, apesar das tuas

enfermidades.» Mas eu sou assim.

Svea semicerrou modestamente os olhos enquanto fazia um grande espectáculo a retorcer as mãos, que, perante o olhar de leigo de Patrik, pareciam tudo menos afectadas pela gota. Que maldita harpia, pensou.

Pintada e embonecada com demasiados acessórios de pechisbeque e uma camada espessa de maquilhagem. A única coisa positiva que Patrik conseguia encontrar na aparência dela era que, pelo menos, condizia com a decoração. Como era possível que um casal tão mal-amanhado como Svea e Eilert tivesse conseguido permanecer casado durante cinquenta anos? Mas Patrik assumiu que era um facto geracional. A geração deles só se divorciava por motivos consideravelmente mais graves do que diferenças mútuas. Mas era uma pena. Eilert não parecia ter tido uma vida muito divertida.

Patrik aclarou a garganta para interromper a torrente de palavras de Svea.

Svea calou-se obedientemente, e os seus olhos ficaram pendurados nos lábios de Patrik, para ouvir as notícias excitantes que o polícia poderia trazer. A coscuvilhice ia começar mal ele saísse porta fora.

– Bem, tenho algumas perguntas sobre os dias anteriores à sua descoberta do corpo de Alexandra Wijkner. Quando estive lá a tomar conta da casa.

Patrik parou de falar e olhou para Eilert à espera de ouvir o que este iria dizer. Mas Svea antecipou-se.

– Sim, foi uma surpresa. Quem diria que uma coisa daquelas ia acontecer aqui. E que seria o meu Eilert a descobrir o corpo. Ninguém tem falado noutra coisa nas últimas semanas.

As faces dela estavam inflamadas de excitação, e Patrik teve de se conter para não retorquir com um comentário afiado. Em vez disso, fez-lhe um sorriso manhoso e disse:

– Queira desculpar-me, mas seria possível que eu e o seu marido falássemos sem sermos perturbados durante algum tempo? O protocolo habitual na polícia é que apenas ouçamos declarações de testemunhas quando não estejam presentes pessoas não directamente envolvidas.

Era uma perfeita mentira, mas, para sua satisfação, Patrik viu que Svea, apesar da grande contrariedade de ter sido excluída do centro de toda a excitação, aceitou a sua autoridade no assunto e se levantou relutantemente da mesa. Patrik foi imediatamente recompensado com uma olhadela agradecida e divertida de Eilert, que mal conseguia esconder o seu júbilo ao

ver Svea tão ignominiosamente privada das suas migalhas de

coscuvilhice.

Quando a mulher se arrastou com relutância para fora da cozinha, Patrik prosseguiu:

– Ora bem, onde é que nós íamos? Sim, o senhor ia começar por me falar da semana anterior, quando estive em casa de Alexandra Wijkner.

– Isso é importante por que motivo?

– Ainda não tenho a certeza. Mas pode ser importante. Por isso, tente recordar-se da maior parte de pormenores que conseguir.

Eilert pensou durante um momento, aproveitando o tempo para encher cuidadosamente o seu cachimbo com tabaco de um pacote cuja marca ostentava três âncoras. Eilert apenas falou depois de acender o pequeno cachimbo e de ter dado umas baforadas.

– Ora, vejamos. Encontrei-a na sexta-feira. Eu costumava ir lá sempre às sextas-feiras para verificar tudo antes de ela chegar, à noite. Portanto, a última vez que lá estive foi na sexta-feira anterior a essa. Não, na verdade tivemos de sair, para ir à festa do quadragésimo aniversário do nosso filho mais novo, na sexta-feira; portanto, em vez disso, eu fui a casa dela na noite de quinta-feira.

– Como estava a casa nessa altura? Reparou em alguma coisa fora do normal? – Patrik mal conseguia esconder a sua ânsia.

– Algo fora do normal? – Eilert dava pequenas baforadas no seu cachimbo enquanto pensava. – Não, estava tudo bem. Fiz uma ronda pela casa e pela adega, mas parecia estar tudo em ordem. Tranquei a casa cuidadosamente quando saí, como sempre. Ela tinha-me dado uma chave.

Patrik sentiu-se tentado a fazer de uma vez a pergunta que estava a roê-lo por dentro.

– E a caldeira? Estava a funcionar? A casa estava aquecida?

– Oh, sim, com certeza. Não havia qualquer problema com a caldeira.

Deve ter-se avariado algum tempo depois de eu lá ter estado. Não compreendo que importância possa ter isso. Quando se avariou a caldeira?

- Eilert tirou temporariamente o cachimbo da boca.
- Para ser franco, não sei se é importante ou não. Mas agradeço a sua ajuda. Talvez seja um pormenor importante.
- Só por curiosidade, não me poderia ter perguntado isso por telefone?

Patrik sorriu.

- Julgo que sou um pouco antiquado. Acho que, cara a cara, se conseguem mais informações do que com um telefonema. Às vezes pergunto-me se não deveria antes ter nascido há cem anos, antes de todas estas invenções modernas.
- Que disparate, rapaz. Não acredite nessas parvoíces todas de que era tudo melhor nos velhos tempos. Ser pobre, ter frio, e trabalhar das oito da manhã até o Sol se pôr não faz inveja a ninguém. Não, eu utilizo todas as comodidades modernas que posso. Até tenho um computador, ligado à Internet. Aposto que não acreditava que um velho como eu conseguisse trabalhar com essas coisas – Eilert apontou intencionalmente para Patrik com o seu cachimbo.
- Na verdade, não posso dizer que tenha ficado surpreendido. Bem, tenho de ir andando.
- Espero ter sido útil. Era uma pena ter guiado até aqui para nada.
- De forma alguma, consegui exactamente a informação que procurava.

Além disso, pude provar os excelentes bolos da sua mulher.

Eilert resfolegou relutantemente.

- Sim, lá fazer bolos sabe ela, disso não me posso queixar – depois, Eilert afundou-se num silêncio que parecia abarcar cinquenta anos de adversidade.

Svea, que sem sombra de dúvida tinha estado de ouvido colado à porta, não aguentou mais e entrou na sala.

- Então, encontrou tudo o que precisava?
- Sim, obrigado. O seu marido foi muito prestável. E eu quero aproveitar para lhe agradecer o café e os excelentes bolos.

– Não tem de quê. Ainda bem que gostou. Então, Eilert, se começares a limpar a mesa, eu acompanho o senhor agente à porta.

Obedientemente, Eilert começou a recolher as chávenas de café e os pratos, enquanto Svea acompanhava Patrik à porta sob constante verborreia.

– Feche a porta com força depois de sair, não suporto as correntes de ar.

Patrik suspirou de alívio quando a porta se fechou atrás dele. Que mulher assustadora. Mas obtivera a confirmação que procurava. Agora, tinha quase a certeza de quem tinha assassinado Alexandra Wijkner.

No funeral de Anders, o tempo não estava tão bom como no de Alex. O

vento fustigava a pele exposta e fazia com que as faces dos presentes ficassem coradas com o frio. Patrik vestira-se da forma mais quente que

conseguira, mas não era suficiente contra o frio implacável. Tremia junto da sepultura aberta, enquanto o caixão era descido lentamente. A própria cerimónia fora curta e sombria. Apenas algumas pessoas tinham aparecido na igreja, e Patrik sentara-se discretamente no banco mais afastado do altar.

Apenas Vera estava sentada à frente.

Patrik tinha tido dúvidas se devia ou não aparecer no funeral, mas decidiu no último segundo que era o mínimo que podia fazer por Anders. Vera não mudara de expressão durante todo o tempo em que Patrik a observou, mas não pensou que a dor dela fosse menor por causa disso. Era simplesmente uma pessoa que não gostava de mostrar os seus sentimentos em público.

Patrik conseguia compreendê-la e sentir compaixão por tal atitude. De certa forma, admirava-a. Era realmente uma mulher muito forte.

Depois de a cerimónia ter terminado, os poucos convidados presentes afastaram-se e seguiram caminhos separados. Com a cabeça inclinada para a frente, Vera caminhava lentamente pelo trilho de gralha acima, na direcção da igreja. O vento frio soprava com força, e Vera amarrara o seu cachecol sobre a cabeça, como um lenço. Patrik hesitou durante um momento. Depois de uma luta interior, que

aumentou à medida que se distanciava mais de Vera, decidiu-se e apressou-se para conseguir alcançá-la.

– Bonita cerimónia.

Vera sorriu amargamente.

– Sabe tão bem como eu que o funeral de Anders foi tão patético como a maior parte da vida dele. De qualquer forma, obrigada. Foi simpático da sua parte dizê-lo.

A voz dela carregava a marca de muitos anos de cansaço.

– Na verdade, devia sentir-me agradecida. Há poucos anos, nem sequer teria sido permitido enterrar Anders no cemitério. Ter-lhe-ia sido atribuída uma porção de terra fora do terreno santificado, um lugar especialmente reservado para os suicidas. Ainda há muitas pessoas da velha-guarda que acreditam que os suicidas não vão para o céu. – Vera fez uma pausa. Patrik esperou que a mulher prosseguisse. – Haverá consequências legais em relação ao que eu fiz para encobrir o suicídio de Anders?

– Não. Posso garantir que isso não vai acontecer. Foi lamentável a senhora ter feito o que fez, e é claro que há leis em relação a essas situações, mas não, julgo que não haverá quaisquer consequências.

Passaram pela casa paroquial e caminharam lentamente em direcção à casa de Vera, que ficava apenas a escassas centenas de metros da igreja.

Patrik preocupara-se a noite inteira sobre a forma de continuar, e tinha chegado a uma solução cruel, mas que esperava viesse a ser bem-sucedida.

De forma despreocupada, disse:

– O que eu acho mais trágico em toda esta história em relação às mortes de Anders e de Alex é o facto de também ter tido que morrer uma criança.

Vera virou-se bruscamente para Patrik. Parou e agarrou a manga dele.

– Que criança? Que quer dizer com isso?

Patrik sentiu-se agradecido por, contra todas as probabilidades, aquela informação em particular não ter transpirado cá para fora.

– A criança de Alexandra. Ela estava grávida quando foi assassinada. De três meses.

– O marido dela...

Vera gaguejou, mas Patrik prosseguiu com frieza forçada:

– O marido dela não tem nada que ver com isso. É claro que eles não tinham relações há muitos anos. Não, o pai parece ser alguém com quem Alex se costumava encontrar aqui em Fjällbacka.

Vera estava a agarrar-se com tanta força à manga de Patrik que os nós dos dedos ficaram brancos.

– Meu Deus. Oh, meu Deus.

– Sim, é realmente cruel. Matar uma criança por nascer. Segundo o relatório da autópsia, parece que era um rapazinho.

Patrik estava a contorcer-se por dentro, mas obrigou-se a não dizer mais nada. Em vez disso, aguardou pela reacção que esperava.

Estavam parados sob o grande castanheiro, a cinquenta metros da casa de Vera. Quando a mulher desatou a correr de repente, Patrik foi apanhado de surpresa. Vera corria surpreendentemente depressa para a sua idade, e foram precisos alguns segundos para Patrik conseguir recuperar do choque e correr atrás dela. Quando alcançou a casa de Vera, a porta estava escancarada, e Patrik entrou cautelosamente. Da casa de banho, ao fundo do corredor, ouvia-se soluçar, e depois Patrik ouviu-a vomitar violentamente.

Não parecia correcto estar ali no vestíbulo à espera, de boné na mão, a ouvi-la vomitar; por isso, Patrik descalçou os sapatos molhados, pendurou o casaco e dirigiu-se à cozinha. Quando Vera lá chegou, uns minutos depois, a máquina de café estava a borbulhar e havia duas chávenas sobre a mesa da

cozinha. Vera estava pálida e, pela primeira vez, Patrik viu-lhe lágrimas nos olhos. Apenas um vestígio, um brilho ao canto do olho, mas era suficiente.

Vera sentou-se rigidamente numa das cadeiras da cozinha.

Em poucos minutos envelhecera muitos anos, e movia-se devagar, como uma mulher muito mais velha. Patrik deu-lhe mais alguns minutos de trégua enquanto Vera deitava o café para ambos. Mas, no

momento em que se sentou, com um olhar sério, Patrik fez com que ela soubesse que o momento da verdade tinha chegado. Vera sabia que Patrik sabia, e não havia volta a dar.

– Portanto, eu matei o meu neto?

Patrik encarou aquilo como uma pergunta retórica e não respondeu. Se o tivesse feito, teria sido obrigado a mentir. Uma vez que tinha chegado tão longe, Patrik não podia recuar. A seu tempo, Vera conheceria a verdade.

Mas primeiro era a vez de Patrik.

– Soube que foi a senhora quem assassinou Alex quando mentiu sobre ter estado lá na semana anterior à morte dela. A senhora disse que ficou sentada na casa gelada de Alex, mas a caldeira apenas deixou de funcionar na semana seguinte, na semana em que Alex morreu.

Vera olhava fixamente para o vazio e parecia nem sequer ter ouvido o que Patrik tinha dito.

– É estranho. Só agora compreendo realmente que tirei a vida de outra pessoa. A morte de Alexandra nunca foi muito real para mim, mas o filho de Anders... quase o consigo ver à minha frente...

– Porque teve Alex de morrer?

Vera ergueu a mão. Contar-lhe-ia tudo, mas ao seu próprio ritmo.

– Teria havido um escândalo. Toda a gente lhe apontaria o dedo e falaria dele. Fiz o que julguei ser acertado. Eu não sabia que, mesmo assim, Anders seria ridicularizado por todos. Que o meu silêncio o iria devorar por dentro e despi-lo de tudo o que tinha valor. Era tão simples. Karl-Erik veio ter comigo e contou-me o que tinha acontecido. Falara com Nelly antes, e tinham chegado a um acordo. Não haveria qualquer vantagem que toda a vila soubesse o que tinha acontecido. Seria o nosso segredo, e se eu soubesse o que era melhor para Anders, manteria o bico calado. Por isso, calei-me. Mantive-me em silêncio estes anos todos. Mas cada ano consumia Anders mais do que o anterior. De ano para ano, Anders ia-se arruinando no seu próprio inferno privado, e eu escolhi fechar os olhos sobre o meu papel

naquilo tudo. Limpava a sujidade que Anders deixava para trás e apoiava-o o melhor que podia, mas a única coisa que eu não conseguia era fazer desaparecer o que tinha acontecido. O mal provocado pelo

silêncio não pode ser reparado.

Vera bebera o seu café nuns quantos goles ávidos e ergueu a chávena na direcção de Patrik. Este levantou-se, alcançou a cafeteira e deitou mais café na chávena de Vera. Era como se o hábito de beber café fosse o que a ajudava a manter o controlo sobre a realidade.

– Por vezes penso que o silêncio foi pior que os abusos. Nós nunca falávamos acerca disso, nem mesmo dentro destas quatro paredes, e só agora compreendo o mal que lhe devo ter feito. Talvez Anders interpretasse o meu silêncio como uma repreensão. Essa é a única coisa que não consigo suportar. Que Anders possa ter pensado que eu o estava a culpar pelo que tinha acontecido. Eu nunca pensei assim, nem por um segundo, mas agora nunca saberei se Anders compreendia isso.

Durante um segundo, parecia que a fachada ia ruir, mas então Vera endireitou-se e obrigou-se a prosseguir. Patrik apenas podia imaginar o esforço que aquilo implicava.

– Ao longo dos anos, encontrámos uma espécie de equilíbrio. Mesmo apesar de a vida ser miserável para ambos, sabíamos o que tínhamos e qual era a nossa posição em relação um ao outro. Claro que eu sabia que Anders ainda via Alex ocasionalmente, e que tinham uma espécie de estranha atracção um pelo outro, mas ainda acreditava que podíamos continuar como sempre o fizéramos. Depois, Anders contou-me que Alex queria tornar público o que lhes tinha acontecido. Alex queria limpar todos os velhos esqueletos do armário, acho que foi assim que Anders disse. Parecia quase indiferente quando o referiu, mas para mim foi como levar um choque eléctrico. Aquilo mudaria tudo. Nada voltaria a ser o mesmo se Alex mexesse em segredos antigos passado tantos anos. De que adiantaria? E o que diriam as pessoas? Além disso, mesmo que Anders tentasse fingir que aquilo não o tinha afectado, eu sabia muito bem que não era assim. Acredito que Anders, como eu, não queria que Alex tornasse o assunto público. Eu conheço, conhecia o meu filho.

– Portanto, foi visitá-la?

– Sim. Fui lá naquela sexta-feira à noite na esperança de a chamar à razão. De fazer com que compreendesse que não podia, por si só, tomar

uma decisão que nos afectaria a todos nós.

– Mas Alex não compreendeu.

Vera fez um sorriso amargo.

– Não, não compreendeu.

Terminara a sua segunda chávena de café antes de Patrik ter tido tempo para beber metade da sua primeira, mas agora pusera a chávena de lado e entrelaçou os dedos sobre a mesa.

– Eu tentei falar-lhe ao coração. Expliquei-lhe como seria difícil para Anders se ela tornasse público o que tinha acontecido, mas Alex olhou-me directamente nos olhos e afirmou que eu estava apenas a pensar em mim, não em Anders. Ele ficaria contente se as coisas finalmente se soubessem, disse Alex. Anders nunca nos tinha pedido para ficarmos calados, e Alex também me disse que eu, Nelly, Karl-Erik e Birgit não tínhamos tido consideração por eles quando decidimos manter o assunto em segredo.

Apenas estávamos interessados em manter as nossas próprias reputações imaculadas. Consegue imaginar tal atrevimento!

A raiva que se tinha atizado nos olhos de Vera um momento antes extinguiu-se tão depressa como apareceu e foi substituída por um olhar indiferente e mortiço. Ela prosseguiu, em tom monótono:

– Algo rebentou dentro de mim quando a ouvi fazer aquela afirmação tão ofensiva. Depois de eu ter feito tudo apenas a pensar no melhor para Anders. Quase consegui ouvir a minha cabeça a estalar, e simplesmente agi sem pensar. Tinha os meus comprimidos para dormir na minha mala de mão e, quando Alex foi à cozinha, deitei alguns deles no copo de sidra dela. À

chegada a casa dela, Alex tinha-me preparado um copo de vinho. Quando regressou da cozinha, fingi aceitar os argumentos dela e propus um brinde para que continuássemos amigas como sempre. Alex parece ter ficado grata com o gesto e bebeu a sidra para me fazer companhia. Passado algum tempo, Alex adormeceu no sofá. Na verdade, eu não tinha pensado no que fazer a seguir. Os comprimidos para dormir foram um impulso momentâneo, mas então tive a ideia de fazer com que aquilo parecesse um suicídio. Não tinha comprimidos para dormir suficientes para a obrigar a tomar uma dose fatal. A única coisa em que consegui pensar foi cortar-lhe os pulsos. Sabia que muitas pessoas o faziam na banheira, por isso pareceu-me uma ideia viável.

A voz de Vera era monocórdica. Parecia estar a relatar um acontecimento

absolutamente normal do dia-a-dia, não um homicídio.

– Despi-a toda. Julguei que talvez a conseguisse carregar, pois os meus braços são fortes por causa de todos os anos que passei a fazer limpezas, mas era impossível. Em vez disso tive de a arrastar até à casa de banho e erguê-la para dentro da banheira. Então, cortei-lhe as artérias de ambos os braços com uma lâmina de barbear que encontrei no armário dos medicamentos. Depois de ter limpo a casa uma vez por semana durante vários anos, conhecia-lhe todos os cantos. Lavei o copo pelo qual tinha bebido, desliguei as luzes, tranquei a porta e coloquei a chave de reserva no sítio do costume.

Patrik estava abalado, mas forçou a sua voz a manter-se calma.

– A senhora compreende que agora tem de vir comigo, não é verdade?

Não vou precisar de chamar reforços, pois não?

– Não, não precisa de o fazer. Será que posso apenas juntar umas coisas para levar comigo?

Patrik assentiu.

– Sim, não há problema.

Vera levantou-se. À entrada da sala, voltou-se.

– Como é que eu poderia saber que Alex estava grávida? Claro que ela não bebeu vinho, eu reparei nisso, mas não fazia ideia de que era por essa razão. Talvez Alex apenas bebesse com moderação, ou tivesse de conduzir para algum lado. Como poderia saber? Era impossível que eu soubesse, não acha?

A voz de Vera era implorante, e Patrik apenas conseguiu assentir em silêncio. A seu tempo, dir-lhe-ia que a criança não era de Anders, mas por enquanto não queria perturbar o equilíbrio de confiança que tinham estabelecido. Havia várias outras pessoas a quem teria de contar a sua história antes de poderem encerrar de vez o caso sobre Alexandra Wijkner.

Mas alguma coisa perturbava Patrik. A sua intuição dizia-lhe que Vera ainda não lhe tinha contado tudo.

Mais tarde, quando entrou no carro, Patrik pegou na cópia da carta que Anders deixara como a sua última mensagem para o mundo. Lentamente, leu o que Anders tinha escrito e, uma vez mais, Patrik

sentiu como era intensa a dor que estava por detrás daquelas palavras.

24 Em francês no original. Molho que se prepara com natas batidas, sumo de limão, sal e pimenta.

(N. do T.)

25 Sobremesa com várias versões, uma das quais é preparada com amoras, framboesas e mirtilos

gratinados no forno com chocolate branco e coco ralado. (N. do T.)

26 Na Suécia, o Estado detém o monopólio da venda de bebidas alcoólicas para minimizar os

problemas relacionados com o álcool. (N. do T.)

27 Passo em falso. Em francês no original. (N. do T.)

28 Tipo de bebida alcoólica destilada. A palavra « *schnapps* » pode no entanto referir-se a qualquer bebida alcoólica forte. (N. do T.)

29 Atlantic Records. Editora norte-americana na qual Aretha Franklin conseguiu alguns dos seus

maiores sucessos, como «Respect », de 1967. (N. do T.)

30 « *Drag racing* » no original. Provas de aceleração em carros modificados cujo objectivo é fazer o melhor tempo possível numa distância de 402 metros. (N. do T.)

31 Chet Baker (1929-1988), trompetista de jazz norte-americano. (N. do T.)

32 Laura Ashley (1926-1985), estilista e desenhadora britânica que se celebrou pelos tecidos

estampados com desenhos. (N. do T.)

6

A IRONIA DA MINHA VIDA ATINGIU-ME MUITAS VEZES. COMO
CONSIGO EU

CRIAR BELEZA COM OS MEUS DEDOS E OS MEUS OLHOS,
ENQUANTO EM TUDO

O RESTO APENAS CONSIGO CRIAR FEALDADE E DESTRUÇÃO. É POR ESTE

MOTIVO QUE A ÚLTIMA COISA QUE VOU FAZER É DESTRUIR AS MINHAS

PINTURAS. PARA OBTER UMA CERTA CONSISTÊNCIA NA MINHA VIDA. É

MELHOR SER CONSISTENTE E DEIXAR APENAS MERDA ATRÁS DE MIM DO QUE

PARECER UMA PESSOA MAIS COMPLEXA DO QUE MEREÇO.

NA VERDADE, EU SOU MUITO SIMPLES. A ÚNICA COISA QUE REALMENTE

SEMPRE QUIS FAZER FOI APAGAR ALGUNS MESES E ACONTECIMENTOS DA MINHA VIDA. PENSO QUE NÃO TERIA SIDO PEDIR MUITO. MAS TALVEZ TENHA MERECIDO O QUE A VIDA ME DEU. TALVEZ TENHA FEITO ALGUMA COISA TERRÍVEL NUMA VIDA ANTERIOR QUE ME FEZ TER DE PAGAR O PREÇO NESTA.

NÃO É QUE ISSO FAÇA REALMENTE QUALQUER DIFERENÇA. MAS, SE FOR O

CASO, AO MENOS TERIA SIDO AGRADÁVEL SABER AQUILO PELO QUE ESTAVA A PAGAR.

PORQUE ESCOLHO EU AGORA ESTE MOMENTO EM ESPECIAL PARA DEIXAR

UMA VIDA QUE TEM SIDO SEM SENTIDO HÁ TANTO TEMPO, PODERÁS

PERGUNTAR? VÁ, PODES DIZÊ-LO. PORQUE É QUE ALGUÉM FAZ ALGUMA COISA NUM DETERMINADO MOMENTO DA VIDA? SERÁ QUE EU AMAVA TANTO

ALEX QUE A VIDA PERDEU TODO E QUALQUER SENTIDO? ESSA É

PROVAVELMENTE UMA DAS EXPLICAÇÕES QUE ESTARÁS ANSIOSA POR OBTER.

REALMENTE NÃO SEI SE ISSO SERIA INTEIRAMENTE VERDADEIRO. A MORTE

TEM SIDO UMA AMIGA COM QUEM CONVIVI DURANTE MUITO TEMPO, MAS SÓ

AGORA SINTO ESTAR REALMENTE PREPARADO. TALVEZ TENHA SIDO

PRECISAMENTE O FACTO DE ALEX TER MORRIDO QUE TORNOU A MINHA PRÓPRIA LIBERDADE POSSÍVEL. ELA ERA SEMPRE A INATINGÍVEL. ERA IMPOSSÍVEL FAZER A MAIS PEQUENA MOSSA NA CONCHA DELA. O FACTO DE

ELA TER PODIDO MORRER DE REPENTE ABRIU-ME INTEIRAMENTE A POSSIBILIDADE DE PODER PARTIR DA MESMA FORMA. HÁ MUITO QUE FIZ AS

MALAS E QUE ESTOU PRONTO, APENAS ME FALTA EMBARCAR.

PERDOA-ME, MAMÃ.

ANDERS

NUNCA SE TINHA CONSEGUIDO DESABITUAR de acordar cedo ou, como alguns poderiam dizer, a meio da noite. Um hábito que naquele caso se revelou útil. Svea não reagiu quando ele se levantou às quatro da manhã, mas, por segurança, Eilert desceu cautelosamente pelas escadas abaixo com as roupas na mão. Vestiu-se em silêncio na sala de estar e depois foi buscar a mala que tinha cuidadosamente escondido bem ao fundo da despensa. Tinha planeado aquilo durante meses e nada fora deixado ao acaso. Aquele era o primeiro dia do resto da sua vida.

O carro pegou à primeira tentativa apesar do frio e, às quatro e vinte, Eilert deixou para trás a casa onde tinha vivido durante os últimos cinquenta anos. Conduziu por uma Fjällbacka adormecida e não carregou muito no acelerador antes de ter passado o velho moinho e virado em direcção a Dingle. Eram uns bons 200 quilómetros até Gotemburgo, e ao Aeroporto de Landvetter, mas Eilert não precisava de se apressar. O avião para Espanha só partia por volta das oito da manhã.

Eilert ia finalmente viver a sua vida como a queria viver.

Tinha planeado aquilo durante muito tempo, durante muitos anos. Os achaques e as dores pioravam a cada ano que passava, assim como a frustração da sua vida com Svea. Eilert pensava que merecia melhor. Na Internet, encontrara uma pensão numa vila da Costa del Sol. Era

um pouco afastada das praias e dos turistas, por isso o preço era razoável. Enviara *e-mails* e verificara que podia lá viver durante o ano inteiro se quisesse. De facto, se a sua estada fosse prolongada, a senhoria ainda lhe faria um desconto. Tinha demorado muito tempo a poupar o dinheiro sob o olhar vigilante de Svea, que observava tudo o que Eilert fazia, mas finalmente conseguira. Eilert calculou que poderia manter-se durante cerca de dois anos com o que conseguira poupar se vivesse modestamente e, depois disso, teria simplesmente de encontrar uma saída. Naquele momento, nada conseguia refrear o seu entusiasmo.

Pela primeira vez, em cinquenta anos, Eilert sentia-se livre, e deu por si a acelerar um pouco mais no seu velho *Volvo* por pura alegria. Deixaria o carro no estacionamento de longa duração. Svea encontrá-lo-ia facilmente.

Não que isso interessasse. Svea nunca tinha tirado a carta, antes utilizando Eilert como motorista sempre que precisava de se deslocar de carro a algum lado. As crianças eram a única coisa que pesava um pouco na sua consciência. Por outro lado, eles tinham sido sempre mais os filhos de Svea do que os seus, e, para seu desgosto, tinham-se tornado tão mesquinhos e de vistas curtas como ela. Eilert tinha sem dúvida a sua quota-parte de culpa, uma vez que trabalhava durante bastantes horas e depois encontrava todo o tipo de desculpas para se manter afastado de casa tanto tempo quanto fosse possível. Mesmo assim, tinha decidido enviar-lhes um postal de Landvetter para lhes dizer que partira de livre vontade, e que não tinham de se preocupar. Também não queria que levassem a polícia a lançar-se numa caça ao homem.

As estradas estavam vazias enquanto conduzia no escuro, e Eilert nem sequer ligou o rádio. Queria antes desfrutar do silêncio. Agora que a sua vida estava a começar.

– Custa-me bastante a compreender o que aconteceu. Não consigo acreditar que Vera tivesse assassinado Alex para que esta não pudesse falar sobre os abusos sexuais de que ela e Anders foram alvo, e que aconteceram há mais de vinte e cinco anos.

Erica redemoinhou o seu copo de vinho pensativamente.

– Nunca debes subestimar a necessidade que uma vila pequena tem de fazer ondas – disse Patrik. – Se a velha história dos abusos viesse à tona, as pessoas teriam um novo motivo para apontar o dedo. Por outro lado, não acredito em Vera quando diz que o fez pelo bem de

Anders. Talvez tenha razão quanto ao facto de Anders não querer que toda a gente soubesse o que lhes tinha acontecido. Mas julgo que é principalmente Vera quem não consegue suportar o que as pessoas teriam sussurrado nas costas dela.

Sobretudo se viesse a lume que, mais do que Anders ter sido vítima de abuso sexual enquanto criança, a sua mãe não tinha feito nada quanto a isso; de facto, Vera ajudou a encobrir tudo. Acho que era a vergonha o que ela não conseguia suportar. Vera matou Alex num impulso momentâneo, quando compreendeu que ela não ia mudar de ideia. Vera teve um impulso, que levou a cabo de forma metódica e a sangue-frio.

– Como está Vera a reagir a tudo isto? Quer dizer, por se ter descoberto o que fez?

– Está surpreendentemente calma. Julgo que ficou extremamente aliviada quando lhe dissemos que Anders não era o pai da criança, por saber que, afinal, não tinha assassinado o seu neto que estava para nascer. Agora não parece importar-se com o que lhe vai acontecer. E porque o estaria? O filho está morto, Vera não tem amigos, não tem vida própria. Tudo foi revelado, e Vera não tem mais nada a perder. Apenas a sua liberdade, e essa não significa muito para ela de momento, ou assim parece.

Estavam sentados no apartamento de Patrik, a partilhar uma garrafa de vinho depois de terem jantado juntos. Erica apreciava a paz e o sossego.

Adorava que Anna e as crianças estivessem a morar com ela, mas por vezes era demasiado, e aquele fora um desses dias. Patrik tinha estado amarrado ao interrogatório todo o dia, mas, quando terminou, foi a casa dela e levou-a, juntamente com a pequena mala de fim-de-semana dela. Agora estavam enroscados no sofá, como um vulgar casal de idade.

Erica fechou os olhos. O momento era maravilhoso e assustador ao mesmo tempo. Tudo tão perfeito, e contudo, Erica não conseguia deixar de pensar que isso podia significar que, a partir dali, seria sempre a descer.

Nem queria sequer pensar no que aconteceria se regressasse a Estocolmo.

Ela e Anna tinham evitado a questão da casa durante vários dias; como que por acordo tácito, tinham decidido não tratar ainda do

assunto. E Erica acreditava que Anna não estava em estado de tomar decisões importantes; por isso, deixara tudo como estava.

Mas nessa noite Erica não queria pensar no futuro. Era preferível não pensar de todo no amanhã e, em vez disso, tentar apreciar o momento tanto quanto pudesse. Afastou todos os pensamentos deprimentes.

– Hoje falei com a editora – disse Erica a Patrik. – Mencionei o livro sobre Alex.

– Então, que te disseram? – o olhar ansioso de Patrik agradeu-lhe.

– Acharam que a ideia parecia brilhante e querem que lhes envie imediatamente o material que já tenho. Ainda tenho de terminar o livro sobre Selma Lagerlöf, mas deram-me mais um mês, por isso agora prometi ter a biografia pronta em Setembro. Na verdade, acho que consigo trabalhar nos dois ao mesmo tempo. Até agora tem corrido bastante bem.

– Que disse a tua editora sobre o aspecto jurídico? Acham que há o risco de a família de Alex interpor uma acção?

– A lei da liberdade de imprensa é muito clara. Tenho o direito de escrever sobre Alex, mesmo sem o consentimento deles. Mas, claro que espero que a família de Alex me apoie, depois de eu ter a oportunidade de explicar-lhes o projecto e a minha visão do livro. Não quero de todo escrever uma história sensacionalista, desprovida de substância. Quero escrever sobre o que aconteceu exactamente e sobre quem Alex era na verdade.

– Então e o mercado? A editora acha que os leitores se interessarão por um livro desse género?

Os olhos dele cintilavam. Erica estava contente por Patrik estar tão entusiasmado por ela. Patrik sabia quanto aquele livro significava para Erica e queria partilhar o seu interesse.

– Ambos pensamos que haverá bastante interesse. Nos Estados Unidos, a procura de livros sobre crimes reais é enorme. A maior autora do género, Ann Rule, vende milhões de exemplares. Aqui, na Suécia, o fenómeno é relativamente recente. Há alguns livros deste tipo, como é o caso daquele que foi escrito há uns anos sobre o caso do médico e do patologista, mas nada que seja verdadeiramente sobre crimes reais. Tal como Ann Rule, gostaria de me empenhar muito a pesquisar. Verificar factos, entrevistar todas as pessoas envolvidas e, então,

escrever um livro tão verdadeiro quanto possível em relação ao que realmente aconteceu.

– Achas que a família de Alex vai concordar em ser entrevistada?

– Não sei – Erica enrolou um caracol de cabelo à volta do dedo. – Não sei mesmo. Mas tenciono perguntar-lhes, e se eles não quiserem participar, terei de encontrar uma forma qualquer de contornar o assunto. Eu tenho uma vantagem enorme, porque já sei muito sobre eles. Devo dizer que estou um pouco hesitante quanto a perguntar-lhes, mas terei de lidar com isso. Se este livro vender bem, não teria nada contra continuar a escrever sobre casos interessantes, e depois teria de me habituar a ser um pouco intrometida em relação aos familiares. Faz parte deste tipo de trabalho.

Também acho que as pessoas têm necessidade de falar sobre o que sabem, de contar a sua história. Tanto do ponto de vista da vítima como do criminoso.

– Por outras palavras, também vais tentar falar com Vera?

– Sim, absolutamente. Não faço ideia se concordará em fazê-lo, mas de qualquer forma tenciono tentar. Talvez fale, talvez não. Não a posso obrigar.

Erica encolheu os ombros num gesto de indiferença, mas o livro seria

claramente melhor se pudesse contar com a participação de Vera. O que escrevera até ao momento era apenas uma série de tópicos; agora, Erica tinha de se atarefar a colocar alguma carne nos ossos.

– Então e tu? – Erica virou-se um pouco no sofá e colocou as pernas no colo de Patrik, que pegou na deixa e lhe começou obedientemente a massajar os pés.

– Como foi o teu dia? Já és o grande herói da esquadra?

O suspiro profundo de Patrik indicava que não era esse o caso.

– Não, não pensas que Mellberg iria reconhecer o que merecia ser reconhecido, pois não? Tem andado num vaivém entre a sala de interrogatórios e várias conferências de imprensa. O pronome que utiliza mais frequentemente nas conversas com os repórteres é «eu». Ficaria surpreendido se tivesse chegado a mencionar o meu nome. Mas, que se lixe! De qualquer modo, quem quer ver o nome escrito nos jornais? Prendi uma assassina ontem, e para mim isso é suficiente.

– Estás mesmo a ser muito nobre em relação a tudo isso – Erica acotovelou-o no braço por brincadeira. – Admite que terias gostado de estar lá, à frente do microfone, numa grande conferência de imprensa, a encher o peito de ar e a relatar-lhes quão brilhantemente conseguiste descobrir quem era o assassino.

– Tudo bem, de certo modo teria sido fixe ter pelo menos uma pequena referência no jornal local. Mas isso não vai acontecer. Mellberg vai roubar toda a glória para si próprio, e eu não posso fazer nada acerca disso, raios.

– Achas que Mellberg vai conseguir essa transferência que tanto deseja?

– Quem dera que conseguisse. Mas suspeito de que os chefes em Gotemburgo estão bastante satisfeitos por tê-lo onde está. Receio que o mais provável é termos de o suportar até se reformar. E esse dia parece muito distante, por enquanto.

– Pobre Patrik – Erica afagou-lhe o cabelo, e Patrik interpretou o gesto como um sinal para saltar sobre ela e imobilizou-a no sofá.

O vinho tornara-lhe os membros pesados, e o calor do corpo de Patrik espalhou-se lentamente pelo de Erica. A respiração de Patrik mudou; agora estava a respirar mais profundamente. Mas Erica ainda tinha mais perguntas para lhe fazer. Debateu-se até conseguir ficar sentada e, com alguma força, empurrou-o de volta para o canto dele.

– Mas tu estás satisfeito com tudo isto? Então e o desaparecimento de Nils, por exemplo? A Vera disse-te mais sobre isso?

– Não, ela alega nada saber acerca disso. Infelizmente, não acredito nela.

Julgo que Vera tinha um motivo ainda mais forte para proteger Anders do que o facto de as pessoas poderem descobrir que Nils tinha abusado sexualmente dele. Acho que Vera sabia exactamente o que aconteceu a Nils, e que esse segredo tinha de ser guardado a qualquer custo. Mas tenho de admitir que me incomoda que isso ainda não passe de especulação da minha parte. As pessoas não se esfumam pura e simplesmente. Nils está por aí, em algum lugar, e há alguém que sabe onde é. Mas, por acaso, tenho uma teoria.

Patrik passou então em revista passo a passo o decurso dos acontecimentos, e explicou as circunstâncias que sustentavam a sua

teoria.

Erica reparou que Patrik estava a tremer, apesar do calor que fazia na sala.

Parecia inacreditável, e contudo estranhamente plausível. Erica também compreendeu que Patrik nunca conseguiria provar nada do que estava a dizer. E, mesmo que conseguisse, era provável que não adiantasse nada.

Tinham passado tantos anos. Tantas vidas tinham já sido destruídas. Não parecia haver necessidade de destruir mais uma.

– Eu sei que isto nunca levará a lado nenhum. Mas, apesar disso, eu quero saber, por interesse próprio. Tenho vivido com este caso já vai para várias semanas, e quero encontrar alguma espécie de resolução.

– Então, que vais fazer? Aliás, que podes tu fazer?

Patrik suspirou.

– Vou simplesmente pedir algumas respostas. Quem não arrisca, não petisca, certo?

Erica olhou-o brevemente de modo interrogativo.

– Não me parece muito boa ideia, mas tenho a certeza de que tu sabes melhor do que eu.

– Espero que sim. E se puséssemos de parte a morte e o sofrimento durante o resto da noite e nos concentrássemos antes um no outro?

– Parece-me uma ideia brilhante.

Patrik rastejou novamente para cima dela, e desta vez ninguém o afastou.

Quando Patrik saiu de casa, Erica ainda estava na cama. Não tinha tido coragem para acordá-la; por isso, levantou-se silenciosamente, vestiu-se e saiu de carro.

Tinha sentido uma certa surpresa, mas também uma expectativa cautelosa quando marcou aquela reunião. A condição fora que se encontrassem discretamente, e Patrik não teve qualquer problema em concordar. Era por isso que estava agora levantado às sete da manhã de uma segunda-feira.

Enquanto conduzia no escuro em direcção a Fjällbacka, passou apenas por alguns carros que vinham no sentido inverso. Virou no sinal que indicava Vädö e conduziu um pouco mais até parar o carro no estacionamento.

Estava deserto, à excepção do seu carro. Depois, Patrik esperou. Dez minutos mais tarde, outro carro virou na direcção do estacionamento e parou ao lado do seu. O condutor saiu, abriu a porta do carro de Patrik e sentou-se no lugar do passageiro. Patrik deixara o carro a trabalhar, para que o ar condicionado ficasse ligado; de outro modo, não tardaria que ambos estivessem completamente congelados.

– Parece bastante excitante, encontrarmo-nos assim em segredo, a coberto da escuridão. A minha única pergunta é, porquê? – Jan estava completamente calmo, mas trazia um olhar de surpresa no rosto. – Pensei que a investigação estava terminada. Já apanharam a assassina de Alex, não é?

– Sim, é verdade. Mas há ainda algumas peças que não encaixam muito bem, e isso preocupa-me.

– Compreendo. O que é que não encaixa, exactamente?

O rosto de Jan não traía quaisquer emoções. Patrik perguntava a si próprio se afinal se tinha levantado àquela hora infeliz para nada. Mas, agora que Jan estava ali, mais valia acabar o que tinha começado.

– Como deve ter ouvido, Alexandra e Anders foram sexualmente abusados pelo seu meio-irmão, Nils.

– Sim, eu ouvi isso. Uma coisa terrível. Sobretudo por causa da mãe.

– Embora isso não fosse novidade para ela. Nelly já sabia o que tinha acontecido.

– Claro que sim. Lidou com a situação da única forma que sabia. Com a maior discrição possível. O nome da família tinha de ser protegido, como é óbvio. Tudo o resto era secundário.

– E como se sente em relação a isso? Sobre o facto de o seu irmão ter sido um pedófilo e de a sua mãe saber disso e tê-lo protegido?

Jan não deixou que a pergunta o perturbasse. Sacudiu alguns grãos de poeira da lapela. Depois, limitou-se a erguer uma sobrancelha, quando

respondeu após ter pensado durante uns segundos.

– Naturalmente que compreendo a mãe. Ela agiu apenas do modo que sabia, e o mal já tinha sido feito, não é?

– Sim, suponho que se pode ter essa perspectiva. Mas a pergunta é: Para onde foi Nils depois disso? Alguém da família ouviu falar dele depois?

– Quanto a isso, como bons cidadãos, informámos a polícia naturalmente

– a ironia estava tão habilmente misturada no tom de voz de Jan que mal se notava. – Mas eu compreendo porque preferiu Nils desaparecer. Que lhe restava aqui? A mãe já tinha percebido que tipo de pessoa ele era, e ele não podia continuar a trabalhar na escola. A mãe teria tratado disso. Por isso, Nils arrancou. Deve estar a viver num belo país quente com acesso fácil a rapariguinhas e rapazinhos.

– Não me parece.

– Ah, não? Então? Encontrou algures o proverbial esqueleto no armário?

Patrik ignorou o seu tom de voz jocoso.

– Não, não encontrámos. Mas eu tenho uma teoria, sabe...

– Que excitante.

– Não creio que Nils tenha abusado sexualmente apenas de Alex e de Anders. Penso que a primeira vítima foi alguém que Nils tinha facilmente ao seu alcance. Alguém que era facilmente acessível. Enfim, acho que Nils também abusou de si.

Pela primeira vez, Patrik pensou ter visto uma brecha na fachada brilhante e polida, mas no segundo seguinte Jan já se tinha controlado, pelo menos assim parecia.

– É uma teoria interessante. Em que se baseia para a propor?

– Em pouca coisa, devo admiti-lo. Mas descobri um elo comum entre vocês os três. Na vossa infância. Vi um pequeno pedaço de couro no seu gabinete quando o visitei. Presumo que seja bastante importante para si, não é? Simboliza algo. Um pacto, uma solidariedade, um juramento de sangue.

Conservou-o durante mais de vinte e cinco anos. Anders e Alex também conservaram os deles. No verso de todos eles há uma impressão digital esborratada feita com sangue, e é por isso que julgo que os três fizeram um juramento de sangue à maneira melodramática das crianças. Depois foram impressas três letras na parte da frente do pedaço de couro: «O.T.M.» Não consegui decifrar essa sigla. Talvez você me possa ajudar neste ponto?

Patrik conseguia perceber como duas forças conflituantes estavam quase

literalmente a lutar dentro de Jan. Por um lado, o senso comum dizia-lhe para não revelar nada de nada; por outro, o desejo de partilhar um segredo não era de subestimar, a ânsia de confiar em alguém. Patrik confiava no ego de Jan, e apostou no facto de que seria irresistível para ele abrir o coração a alguém que o ouvisse com interesse. Patrik decidiu tentar facilitar a decisão de Jan.

– Tudo o que dissermos aqui hoje permanecerá entre nós. Não tenho nem a energia nem os recursos necessários para acompanhar algo que aconteceu há vinte e cinco anos. E penso que dificilmente conseguiria encontrar qualquer prova se tentasse. Isto é uma coisa pessoal. Eu tenho de saber.

A tentação era demasiada para Jan.

– «Os Três Mosqueteiros». É o que significa «O.T.M.». Estupidamente ridículo e romântico, mas era como nós nos víamos a nós próprios. Éramos nós contra o mundo. Quando estávamos juntos, podíamos esquecer o que nos tinha acontecido. Nunca falámos sobre isso uns com os outros, mas não precisávamos de o fazer. Nós compreendíamos sem falarmos. Fizemos um pacto em como seríamos sempre leais uns aos outros. Com um pedaço de vidro partido, cada um de nós fez um corte num dedo. Misturámos o nosso sangue e estampámos os emblemas com ele.

«Eu era o mais forte dos três. Era forçoso que o fosse. Os outros, pelo menos, podiam sentir-se seguros nas suas casas, mas eu estava sempre a olhar por cima do ombro. À noite, deitava-me com as cobertas puxadas até ao queixo e ficava a escutar os passos que sabia estarem a caminho, primeiro pelo corredor e depois cada vez mais próximos.

Era como se uma barragem tivesse rebentado. Jan falava numa cadência furiosa, e Patrik manteve-se calado, para não interromper as palavras que jorravam da sua boca.

Jan acendeu um cigarro, abriu um pouco a janela do carro para deixar sair o fumo e prosseguiu:

– Vivíamos os três no nosso próprio mundo. Encontrávamo-nos quando mais ninguém nos estava a ver, e procurávamos conforto e consolo uns nos outros. O estranho é que, embora na realidade pudéssemos ter-nos visto uns aos outros como uma recordação do mal, era apenas quando estávamos juntos que conseguíamos escapar por um momento. Nem sequer sei como soubemos. Ou porque começámos a procurar a companhia uns dos outros.

Mas, de algum modo, nós sabíamos. Era inevitável que nos procurássemos

uns aos outros. Fui eu quem decidiu que devíamos resolver o problema à nossa maneira. A princípio, Alex e Anders encaravam tudo como um jogo, mas eu sabia que aquilo teria de tornar-se sério. Não havia outra saída.

«Num dia frio e claro de Inverno, fomos até ao gelo, eu e o meu meio-irmão. Não foi difícil atraí-lo a ir. Nils estava radiante por eu ter tomado a iniciativa, e estava ansioso por participar na nossa pequena expedição. Eu passara muitas horas no gelo naquele Inverno, e sabia exactamente aonde o levar. Anders e Alex estavam lá à espera. Nils ficou surpreendido quando os viu, mas era tão arrogante que nunca nos encarava como uma ameaça.

Afinal, nós não passávamos de crianças. O resto foi fácil. Um furo no gelo, um empurrão, e lá foi ele.

«A princípio ficámos tão aliviados. Os primeiros dias foram maravilhosos. Nelly estava fora de si, preocupada por não saber onde Nils tinha ido. Nils desaparecera, mas naquela noite eu deitei-me na minha cama e sorri. Estava à escuta da ausência de passos. Depois, foi o fim do mundo.

Os pais de Alex tinham sabido o que acontecera, não sei como, e foram procurar Nelly. É provável que Alex tenha cedido perante toda a pressão e as perguntas e lhes tenha contado tudo, tanto sobre mim como sobre Anders. Não sobre o que fizemos a Nils, mas acerca de tudo o que acontecera antes. Se eu alguma vez pudesse pensar que encontraria compaixão por parte da minha mãe adoptiva, aprendi logo ali a lição. Nelly nunca mais me voltou a olhar nos olhos. Nunca voltou a perguntar onde estava Nils. Por vezes interrogo-me se Nelly suspeita de algo.

– E Vera também foi informada dos abusos.

– Sim, mas a mãe foi esperta. Jogou com a necessidade de Vera proteger Anders e manter as aparências. Nem sequer teve de a subornar, ou aliciá-la com um bom emprego para a manter calada.

– Acha que Vera também descobriu, mais cedo ou mais tarde, o que aconteceu a Nils?

– Estou completamente convencido disso. Não me parece que Anders tenha conseguido esconder-lhe uma coisa destas durante todos aqueles anos.

Patrik estava a pensar em voz alta:

– Portanto, presumivelmente, Vera assassinou Alex não apenas para a manter calada sobre os abusos, mas por ter receio que Anders pudesse ser indiciado por homicídio.

O sorriso de Jan era quase de felicidade.

– O que é quase cómico. Primeiro que tudo, o homicídio já prescreveu, e depois, ninguém se daria ao trabalho de nos indiciar agora, passado tanto tempo, dadas as circunstâncias, e o facto de naquela altura sermos apenas crianças.

Relutantemente, Patrik foi obrigado a concordar com Jan. Não teria havido quaisquer consequências se Alex tivesse ido à polícia contar tudo o que tinha acontecido. Mas, presumivelmente, Vera não via as coisas desse modo; acreditava que havia o perigo real de Anders ser condenado por homicídio.

– Mantiveram-se em contacto depois? Você, Alex e Anders?

– Não. Alex mudou-se quase imediatamente e Anders retirou-se para o seu próprio pequeno mundo. Claro que nos víamos ocasionalmente, mas nunca falámos durante vinte e cinco anos, até Anders me ter telefonado depois da morte de Alex, a chorar e a berrar que tinha sido eu quem a tinha morto. Eu neguei, naturalmente. Não tinha tido nada a ver com a morte dela, mas ele não desistia.

– Não sabia que Alex tinha pensado ir à Polícia contar o que sabia acerca da morte de Nils?

– Não, antes de Alex morrer não sabia. Foi Anders que mo contou depois

– Jan soprou despreocupadamente alguns anéis de fumo dentro do carro.

– O que teria acontecido se você tivesse sabido?

– Creio que nunca o saberemos, não acha? – virou-se para Patrik e olhou-o com os seus frios olhos azuis. Patrik estremeceu. De facto, seria sempre um mistério.

«Como eu disse, ninguém se teria alguma vez dado ao trabalho de nos mandar para a prisão pelo que fizemos. Mas é claro que eu sou o primeiro a admitir que isto complicou um pouco o meu relacionamento com a minha mãe.

Depois, Jan mudou abruptamente de assunto:

– Pelo que ouvi, eles iam para a cama um com o outro, Anders e Alex.

Tal e qual a Bela e o Monstro. Talvez eu próprio devesse ter experimentado, pelos bons velhos tempos...

Patrik não sentia qualquer compaixão pelo homem sentado ao lado dele.

É verdade que passara pelo inferno quando era criança, mas havia algo mais do que isso em Jan. Alguma coisa maléfica e podre que lhe escorria pelos poros. Por puro impulso, Patrik disse:

– Os seus pais morreram em circunstâncias trágicas. Sabe mais alguma coisa sobre o que aconteceu, além do que se soube através da investigação?

Um sorriso brincava nas comissuras dos lábios de Jan. Abriu um pouco mais a janela e sacudiu a beata.

– Um acidente pode acontecer tão facilmente, não acha? Um candeeiro que tomba, uma cortina a esvoaçar. Pequenos incidentes que, juntos, provocam um grande acontecimento. Por outro lado, pode afirmar-se que é por pura vontade divina que os acidentes acontecem às pessoas que os merecem.

– Porque concordou em encontrar-se comigo? Porque me está a contar tudo isto?

– Na verdade, também eu próprio fiquei surpreendido. Não tencionava aparecer, mas a curiosidade levou a melhor, julgo eu. E todos nós

temos necessidade de contar a alguém o que fizemos. Sobretudo quando essa pessoa não pode fazer nada quanto ao que lhe é contado. A morte de Nils está lá longe, num tempo muito distante, é a minha palavra contra a sua, e ninguém acreditaria em si, lamento.

Jan saiu do carro, mas voltou-se e inclinou-se para o interior.

– Eu acredito realmente que o crime compensa, para algumas pessoas.

Um dia vou herdar uma fortuna considerável. Se Nils tivesse continuado vivo, duvido de que estivesse nesta situação.

Jan fez alegremente continência a Patrik, juntando dois dedos e erguendo-os até à sobancelha, fechou a porta e afastou-se na direcção do seu próprio carro. Patrik sentiu um sorriso malicioso espalhar-se pelo rosto de Jan. Era óbvio que Jan não sabia da relação de Julia com Nelly, ou sobre o papel que aquela iria desempenhar no dia em que fosse lido o testamento. Os desígnios de Deus eram, sem dúvida, impenetráveis.

A brisa morna acariciou-lhe o rosto enrugado quando se sentou na pequena varanda. O sol aquecia e curava as suas articulações doridas; Eilert caminhava com mais facilidade a cada dia que passava. Todos os dias ia para o emprego no mercado de peixe, onde ajudava a vender o pescado que chegava de manhã cedo nos barcos de pesca.

Ali não havia ninguém a tentar tirar aos mais velhos o direito de serem úteis. Em vez disso, Eilert sentiu-se mais respeitado e estimado do que nunca e, de forma lenta mas segura, tinha começado a fazer amigos na

pequena vila. É verdade que havia uma certa dificuldade com a língua, mas Eilert sabia que se estava a safar bem através de gestos e de boas intenções, mas o seu vocabulário ia aumentando de dia para dia. Um copo ou dois depois de um bom dia de trabalho também ajudava a soltar os laços da timidez; para sua surpresa, Eilert descobriu que começava a tornar-se uma espécie de tagarela.

Enquanto estava ali sentado na varanda, a olhar sobre a vegetação luxuriante que se fundia com a água mais azul que alguma vez vira, Eilert sentiu que nunca estaria mais perto do paraíso do que naquele lugar.

A sua vida adquiria um tom mais picante através do namorico diário com Rosa, a proprietária de seios grandes da pensão. Ocasionalmente, Eilert permitia-se a si próprio brincar com a ideia de que, com o

tempo, aquilo até poderia converter-se em algo mais do que um namoro travesso. A atracção estava lá, disso não tinha dúvidas, e as pessoas não foram feitas para viverem sozinhas.

Por um momento, deu por si a pensar em Svea, em casa, na Suécia. Mas depois, afastou o pensamento desagradável, fechou os olhos e desfrutou de uma bem merecida *siesta*.

Document Outline

- [Ficha Técnica](#)
- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)